

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação

**Atuação profissional e participação no desenvolvimento
do campo científico em Ciência da Informação: estudo
dos egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência
da Informação da UFMG, 1992-2005.**

Joéffisson Saldanha dos Santos
joefisson@yahoo.com.br

Belo Horizonte/MG
Escola de Ciência da Informação da UFMG
Maio de 2006
Brasil

Joéffisson Saldanha dos Santos

**Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico
em Ciência da Informação: estudo dos egressos do Programa de Pós-
graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005.**

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alcenir Soares dos Reis.

Belo Horizonte
Escola de Ciência da Informação da UFMG
Maio de 2006

Santos, Joéffisson Saldanha dos.

S237a

Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico em Ciência da Informação [manuscrito] : estudo dos egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005 / Joéffisson Saldanha dos Santos. - 2006.

270 f. : il.

Orientadora: Alcenir Soares dos Reis
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Escola de Ciência da Informação.

Bibliografia: f. 220-226.

Anexos: f. 227-270.

1. Ciência da Informação – Teses 2. Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG – Teses 3. Estudo de egressos – Teses 4. Atuação profissional - Teses 5. Campo científico - Teses.

I. Título II. Reis, Alcenir Soares dos. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação.

CDU : 02:378.22

À Wal e ao Luís Otávio,
mulher e filho,
pela possibilidade de sonharmos juntos
e vivermos juntos e visualizarmos a dura realidade de que
uma árvore nunca pode, de fato, enxergar a outra.

“Sonho que se sonha só é sonho que se sonha só,
sonho que se sonha junto é realidade”

AGRADECIMENTOS

Certamente que o conhecimento é algo pessoal, é construído a partir de uma vivência, de sabores e dissabores. Entretanto, não se pode perder de vista que o mesmo não é uma dádiva, é construído historicamente através das relações sociais e, ainda, de nossa interação com a natureza. A ciência, enquanto uma das possibilidades de leitura do real, lança mão de métodos e técnicas variadas que possibilitam ler e interpretar o mundo que nos cerca. Uma pesquisa, seja científica ou não, só deveria existir, se tivesse como norte a preocupação com os sujeitos sociais, já que é a partir destes, para estes e com estes que se caminha.

Ao longo da trajetória do mestrado, experienciei diversas inquietações que, a meu ver, fazem parte do processo do conhecimento. Mas me considero mesmo um sujeito de sorte, pois no caminho encontrei com diversos outros sujeitos, também inquietos, mas solidários, possivelmente por saberem que o conhecimento é construído a partir da pesquisa, do diálogo, das discordâncias, objeções, do amor e do ódio.

Quero citar alguns dos sujeitos que participaram dessa trajetória. Primeiramente, agradeço à Prof^a Alcenir Soares, mestra que sabe que só das inquietações da pergunta pode-se apreender melhores respostas e por aceitar o desafio da convivência com um orientando inquieto e ‘inovador’. Aos vários colegas da pós-graduação que através de críticas, sugestões e acima de tudo, solidariedade, me ajudaram a trilhar o caminho das pedras obrigado: Silvia Menezes, Rosângela Leal, Ivone Job, Leonardo Moraes, Wilson Martins, Delfim Afonso Jr., Joana Ziller, Enilda Coelho, Andréa Lara, Frederico Mafra, José de Alimatéia, Leonardo Renault, André de Souza e demais.

Especialmente aos que moram no coração: Waldete, Luís Otávio, Rosa, José e Jefersom (mulher, filho, mãe, pai e irmão), amo a todos.

À Prof^a Helena Crivellari, por sua disponibilidade quando da leitura e sugestões na primeira versão do pré-projeto, o que foi fundamental no meu ingresso, e ainda, pelos diálogos posteriores, muito obrigado !

Ao amigo e compadre André de Souza, por compartilharmos inquietações e aventuras na

busca pelo conhecimento e por trilharmos caminhos tão próximos sempre um sustentando o outro. Um grande amigo!

Ao amigo filósofo Rogério Ferreira, pelos momentos de reflexão e de partilha das angústias. Um irmão de fé. Agradeço-lhe ainda, pela disponibilidade e atenção nos ajustes da versão final.

A Leda Rodrigues pelo diálogo e importantes sugestões na pesquisa. Valeu!

Aos demais professores que contribuíram no processo de formação, seja através das aulas, seja através do diálogo e/ou sugestões, principalmente: Maria Eugênia, Marlene de Oliveira e Marta Aun.

Ao pessoal da biblioteca da ECI/UFMG pela atenção e disponibilidade, principalmente as bibliotecárias Eliane Lopes e Nádia Pires.

Às colegas Viviany Braga e Goreth Maciel, ex-secretárias do PPGCI/UFMG. Vocês foram fundamentais na pesquisa.

A bibliotecária Mary Dantas (Faculdade de Educação/UFMG) por participar de minha trajetória na Universidade, acreditar e orientar quanto a questões cruciais na pesquisa. Obrigado, querida!

A João Girardi (NESCON/FM/UFMG), companheiro de outros tempos, mas que sempre se faz presente em importantes momentos.

Aos demais colegas da biblioteca da FaE/UFMG, bibliotecários Carlos Alberto, Ricardo Miranda, Regiane Domingos e Marli Araújo. Também acompanharam minha trajetória. Ao grande colega, Sérgio Lisboa. Obrigado companheiros!

Enfim, àquelas pessoas que cruzaram o caminho, pessoas que talvez eu nem saiba o nome, mas que estiveram auxiliando, fazendo as engrenagens da vida social funcionarem.

1 Junto aos rios de Babilônia, ali nos assentamos e nos pusemos a chorar, recordando-nos de Sião.

2 Nos salgueiros que há no meio dela penduramos as nossas harpas,

3 pois ali aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções; e os que nos atormentavam, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos de Sião.

4 Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estrangeira?

5 Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha destra da sua destreza.

6 Apegue-se-me a língua ao céu da boca, se não me lembrar de ti, se eu não preferir Jerusalém à minha maior alegria.

7 Lembra-te, Senhor, contra os edomitas, do dia de Jerusalém, porque eles diziam: Arrasai-a, arrasai-a até os seus alicerces.

8 Ah! filha de Babilônia, devastadora; feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós;

9 feliz aquele que pegar em teus pequeninos e der com eles nas pedras.

RESUMO

A pesquisa investiga a atuação profissional e a contribuição para o campo científico da ciência da informação por parte dos egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG (PPGCI/UFMG), que defenderam suas teses/dissertações no período de 1992-2005. Foram utilizadas as modalidades quantitativa e qualitativa, na perspectiva de melhor aproximação ao objeto. Foi enviado questionário a toda a população da pesquisa, constituída por 183 sujeitos, entre mestres e doutores, que defenderam suas teses/dissertações no referido período. A taxa de resposta do questionário foi de 24,6%, o que corresponde a 45 (quarenta e cinco) questionários. Foram realizadas entrevistas com 4 (quatro) professores que coordenaram o Programa no referido período, de forma a obter a perspectiva de análise da ótica institucional em relação aos egressos. Realizou-se ainda estudo documental, a fim de levantar a participação dos sujeitos na publicação de artigos nas principais revistas da área de ciência da informação do país. Efetivou-se também o levantamento nos anais dos ENANCIB's (I ao VI) e ainda na Plataforma Lattes, no intuito de verificar qual a porcentagem dos egressos que tinham seus currículos naquela base do CNPq. Em relação aos cursos de graduação dos egressos constantes na amostra (45 questionários), percebeu-se grande variedade, entretanto os que demonstraram maior percentual foram os de: biblioteconomia, 22,2%; engenharia, 15,5%; psicologia, 8,9%; ciência da computação, 6,7% e história, 6,7%. Se analisado a graduação dos egressos constantes do universo como um todo (183 sujeitos), os cursos que mais se destacaram foram: biblioteconomia, 19,7%; engenharia, 11,5%; administração, 10,4%; ciência da computação, 10,4% e comunicação social, 9,8%. Em relação à inserção dos egressos na área de ciência da informação antes do ingresso no PPGCI/UFMG, 73,3% dos mesmos disseram já ter algum contato com a área. Os resultados da pesquisa demonstraram que, do ponto de análise da atuação profissional, houve uma maior concentração dos sujeitos após a titulação no cargo/função de professor no nível superior; enquanto que da análise da contribuição dos mesmos para o desenvolvimento do campo científico da ciência da informação, os percentuais mostraram uma participação com índices muito baixos. O levantamento documental realizado confirmou a pouca participação dos egressos para o avanço da área. Entretanto, se os percentuais, no que se referem ao avanço do campo científico, não se mostraram condizentes com o esperado pela ótica institucional, os mesmos vêm relativamente aumentando a cada ano.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Pós-graduação em Ciência da Informação; Estudo de egressos; Atuação profissional; Campo científico.

ABSTRACT

It investigates the professional participation and its contributions to the scientific field of Information Science both run by researchers from *Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG (PPGCI/UFMG)*. Such students defended their thesis/dissertations between 1992-2005. The research adopted both the qualitative and the quantitative modality right due to come closer to the object. A questionnaire has been sent to the whole research group formed by 183 researchers (masters and doctors) who defended their thesis/dissertation over the period mentioned above. The questionnaire's answering rated 24,6% of the total, which means that 45 (forty-five) questionnaires had been answered. Four professors heading the Program were interviewed in the same period (1992-2005) in order to come out with the perspective of analysis used by the Institutional view concerning graduate students. Documentary Studies had been done due to rate the researchers' participation in the publishing of articles in the main Information Science's magazines all over the country. Another study stood for an analysis on the origins of ENANCIB's (I to VI) and also on the Lattes Platform, both studies aiming to check the rate of graduate students with their curricula in that CNPq's base. A large variety had been found in what concerns the graduate students' academic course seen in the sample (45 questionnaires). The highest percentages were at: Library Science, 22,2%; Engineering, 15,5%; Psychology, 8,9%; Computer Science, 6,7% and History, 6,7%. However, if the object analysed is the graduation of graduate students as in its whole (183 researchers), the most remarkable courses, then, were: Library Science, 19,7%; Engineering, 11,5%; Management, 10,4%; Computer Science, 10,4% and Communication, 9,8%. As far as it concerns the participation of graduate students in the field of Information Science before joining PPGCI/UFMG, 73% of them said they were already familiar with the field. From the perspective of professional participation, the research showed the existence of a higher concentration of researchers right after obtaining either a master or a doctor's degree. On the other hand, the percentages of participation were too low when the analysis made was on the contributions given to develop the scientific field of Information Science. The documentary study made sure of graduate students' insufficient participation for the development of the field. However, if the percentages concerning the advance of the scientific field are not in agreement with what has been expected by the Institutional view, it has been growing relatively yearly.

Key words: Information Science, Information Science Graduate School, Graduate students Study, Professional participation, scientific field

LISTA DE SIGLAS

ABECIN	- Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ANCIB	- Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	- Ciência da Informação
CNPq	- Conselho Nacional de Pesquisa
COPPE /UFRJ	- Comissão Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro
CPG/EB	- Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia da UFMG
ENANCIB	- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
UFF	- Universidade Federal Fluminense
GIC	- Gestão da Informação e do Conhecimento
IBBD	- Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ICS	- Informação Cultura e Sociedade
ITA	- Instituto Tecnológico da Aeronáutica
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OUI	- Organização e Uso da Informação
PPGCI/UFMG	- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais
PUCCAMP	- Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUCMINAS	- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SM	- Salário Mínimo
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	- Universidade Federal da Paraíba
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	- Universidade de Brasília
UNESP	- Universidade Estadual Paulista
USP	- Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

1 – Relação sexo x intervalo de idade dos respondentes.....	107
2 – Período de vigência da bolsa de pesquisa	108
3 – Tempo de duração do curso de mestrado	108
4 – Tempo de duração do curso de doutorado	109
5 – Curso de graduação dos egressos do PPGCI/UFMG respondentes.....	110
6 – Curso de graduação relativo ao universo dos egressos do PPGCI/UFMG, nível mestrado.....	111
7 – Cursos de graduação de todo o universo da pesquisa, divididos por sexo, incluindo mestres e doutores	114
8 – Cursos de pós-graduação realizados pelos egressos no momento da pesquisa	121
9 – Renda mensal dos egressos individualmente e familiar.....	124
10 – Relação entre titulação e renda mensal individual.....	124
11 – Relação entre linha de pesquisa do egresso e renda mensal individual.....	125
12 – Forma de inserção na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG.....	129
13 – Motivação à realização da pós-graduação no PPGCI/UFMG	133
14 – Disposição à realização do doutorado no PPGCI/UFMG.....	134
15 – Permanência na mesma linha de pesquisa no doutorado, caso o realizasse no PPGCI/UFMG.....	134
16 – Motivação para a não realização do doutorado no PPGCI/UFMG.....	135
17 – Motivação à realização do curso de doutorado no PPGCI/UFMG	135
18 – Motivação dos que realizaram conjuntamente o mestrado e o doutorado (ou esteja realizando) no PPGCI/UFMG	136
19 – Conceito em relação à formação no PPGCI/UFMG.....	137
20 – Relação entre linha de pesquisa e conceito quanto a formação recebida no PPGCI/UFMG.....	137
21 – Características mais positivas na formação.....	138

22 – Possibilidades de melhoria na formação oferecida pelo PPGCI/UFMG.....	138
23 – Conceito quanto a relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos	139
24 – Sugestões para a melhoria na relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos	140
25 – Setor de atividade antes do ingresso no PPGCI/UFMG.....	146
26 – Principais atividades desenvolvidas antes do ingresso no PPGCI/UFMG.....	148
27 – Motivo que leva a atividade desenvolvida antes do ingresso no PPGCI/UFMG estar ligada à CI	149
28 – Atividade profissional durante o PPGCI/UFMG	150
29 – Setor de atividade durante o PPGCI/UFMG.....	150
30 – Cargo/Função durante o PPGCI/UFMG.....	151
31 – Relação entre os bolsistas e o desenvolvimento de atividade profissional na área de CI no momento	152
32 – Relação entre os que estavam inseridos na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG e o exercício de atividade profissional ligado à área no momento da pesquisa	153
33 – Relação entre os que fariam ou não o doutorado e o exercício de atividade profissional na área de CI	153
34 – Setor de atividade dos egressos no momento da pesquisa.....	154
35 – Relação entre o setor de atividade dos egressos que desenvolvem atividade profissional em CI no momento da pesquisa e a renda mensal individual	155
36 – Cargo/função dos egressos no momento da pesquisa	155
37 – Principais atividades desenvolvidas pelos egressos no momento da pesquisa.....	156
38 – Motivo que leva a atividade desenvolvida no momento da pesquisa estar ligada à área de CI	156
39 – Contribuição da formação em CI para o desenvolvimento de alguma atividade profissional.	157
40 – Sugestões dos egressos para uma maior inserção dos profissionais de CI no mercado de trabalho.....	158
41 – Cursos a qual são (foram) ministradas disciplinas pelos egressos.....	164

42 – Relação entre exercício de docência na área de CI e renda mensal individual.....	165
43 – Relação entre aqueles que receberam bolsa de pesquisa e docência na área de CI.....	166
44 – Relação entre o exercício de docência com a linha de pesquisa dos egressos.....	167
45 – Relação entre curso de graduação dos egressos e participação em eventos científicos/profissionais em CI.....	178
46 – Relação entre aqueles que participam de eventos na área de CI e linha de pesquisa.....	179
47 – Relação entre participação em encontros na área de CI e publicação na área de CI.....	179
48 – Relação entre a participação em eventos correlatos à CI e linha de pesquisa dos egressos.....	183
49 – Relação entre o desenvolvimento de pesquisa e docência na área de CI.....	189
50 – Relação entre os que estavam inseridos na área de CI antes da realização do curso no PPGCI/UFMG e publicação de artigos da temática de CI.....	195

LISTA DE GRÁFICOS

1 – Faixa etária dos egressos à época da titulação.....	106
2 – Distribuição dos cursos de graduação relativo ao universo dos doutores egressos do PPGCI/UFMG.....	112
3 – Cursos de mestrado dos egressos do doutorado.....	113
4 – Cargo/Função dos egressos antes do ingresso no PPGCI/UFMG.....	147
5 – Disciplinas na área de CI ministradas pelos egressos distribuídas por áreas do conhecimento.....	164
6 - Áreas da CI em que os eventos que houveram participação dos egressos estão mais vinculados	175
7 – Tipos de apresentação nos eventos em CI.....	177
8 – Eventos em áreas correlatas agrupados por áreas do conhecimento	180
9 – Tipo de apresentação de trabalhos em eventos correlatos à CI	181
10 – Cursos de graduação dos egressos que publicaram no periódico Ciência da Informação.....	197

LISTA DE QUADROS

1 – Atuação profissional dos egressos antes da entrada no PPGCI/UFMG	131
2 – Sugestões dos egressos em relação a uma melhor inserção dos profissionais em CI no mercado de trabalho	159
3 – Listagem de periódicos onde houve publicação de egressos e respectivo conceito Qualis.....	194
4 – Periódicos em CI analisados no levantamento documental.....	196
5 – Análise do periódico Ciência da Informação	196
6 – Análise do periódico Datagramazero	198
7 – Análise do periódico Encontros Bibli	199
8 – Análise do periódico Informação e Sociedade.....	199
9 – Análise do periódico Perspectivas em Ciência da Informação	200
10 – Análise do periódico Transinformação	201
11 – Sugestões dos egressos para o desenvolvimento do campo da Ciência da Informação..	203

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
Metodologia.....	22
Tipo de pesquisa	23
Universo e amostra da pesquisa	25
Instrumentos de pesquisa.....	26
Estratégias de coleta de dados	27
Levantamento documental.....	28
Consolidação dos dados	30
Disposição dos capítulos	31
CAPÍTULO 1 - A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	34
1.1. Ciência da Informação: origem e historicidade.....	35
1.2. Delimitação do campo e relação interdisciplinar	43
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS DA PÓS-GRADUAÇÃO.....	62
2.1. Fundamentos histórico-educacionais da Pós-graduação	63
2.1.1 Dinâmica e questões atuais da pós-graduação.....	69
2.2. Fundamentos educacionais da Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil....	77
2.2.1 Pós-graduação em Ciência da Informação na UFMG: histórico do PPGCI.....	83
CAPÍTULO 3 – EGRESSOS COMO CATEGORIA DE ANÁLISE	91
3.1. Fundamentos educacionais da avaliação de egressos.....	92
3.2. Perfil dos egressos do PPGCI/UFMG	104
CAPÍTULO 4 - FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	128
4.1. Egressos do PPGCI/UFMG: aspectos da formação	129
4.2. Atuação profissional dos egressos.....	146
4.2.1. Docência	162
CAPÍTULO 5 - DESENVOLVIMENTO DO CAMPO CIENTÍFICO.....	171
5.1. Eventos científicos.....	174
5.2. Pesquisas e listas de discussão	189
5.3. Publicações	192
5.4. Egressos: sugestões para o desenvolvimento da área.....	202
CONCLUSÃO	206
Conclusões.....	207
Recomendações e pesquisas futuras	217
BIBLIOGRAFIA	220
APÊNDICES.....	227
APÊNDICE A - Pós-graduações em Ciência da Informação no Brasil	228
APÊNDICE B – Questionário enviado aos egressos	230
APÊNDICE C - Tabulação dos dados do questionário	239
APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com docentes que exerceram cargo de coordenação do PPGCI/UFMG	270

A educação é considerada como um dos pilares da sociedade. Cada vez mais, as pessoas têm procurado ampliar sua formação educacional, normalmente visando obter melhores colocações no mercado de trabalho, ou mesmo, melhor compreensão das questões que perpassam um entendimento do homem e do mundo. Certamente que esta busca vem se tornando concorrida, principalmente num momento histórico em que se considera a informação e o conhecimento como a base tanto para uma maior igualdade social, quanto para um maior acúmulo de riquezas. Diante destas questões, acredita-se ser de fundamental importância pesquisas que venham a contribuir para o entendimento dos caminhos percorridos por aqueles que, em um determinado momento, procuram por uma formação educacional que supostamente os colocaria em consonância com as possibilidades de respostas às demandas colocadas pelo contexto social.

De acordo com dispositivo legal – Lei 9394/96, a educação brasileira encontra-se estruturada em níveis, que vão da educação pré-escolar a pós-graduação.

Privilegiou-se, na presente pesquisa, o estudo daqueles que realizaram um curso de pós-graduação *strictu sensu*, ou seja, mestrado e/ou doutorado. Dessa forma, a pesquisa investigou qual a contribuição dos mestres e dos doutores (pós-graduados pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – PPGCI/UFMG), no tocante ao desenvolvimento do campo científico da área de Ciência da Informação e, ainda, como tem se dado a atuação profissional desses sujeitos, face ao curso realizado.

Diante da questão acima, observou-se que a pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG vem se dedicando a formação pós-graduada desde 1977. Inicialmente, o curso tinha o

seu foco de formação na área de Biblioteconomia e a área de concentração do programa era a Administração de Bibliotecas. Esse curso durou até 1990, e a partir de 1991, após uma série de estudos e discussões, o mesmo passou a denominar-se Curso de mestrado em Ciência da Informação, cuja linha de concentração passou a ser *Produção, Organização e Utilização da Informação*. A primeira turma, neste novo formato, se deu com a seleção de alunos em 1990, e início em 1991. Assim, de 1992-2005, período contemplado pela pesquisa, foram titulados 157 alunos, que defenderam suas dissertações junto a uma das três linhas de pesquisa, a saber: *Tratamento da Informação e Bibliometria*, atual *Organização e Uso da Informação*; *Informação Tecnológica e Gerencial*, atual *Gestão da Informação e do Conhecimento* e ainda, *Informação e Sociedade*, atual *Informação, Cultura e Sociedade*. O doutorado teve início em 1997. Desde então, o curso passou a denominar-se Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, e conta com 26 teses defendidas, referente ao período 1997-2005.

É importante apontar que apesar do longo período de existência do Programa ainda não se tem pesquisas no sentido de análise/mapeamento dos egressos. Acredita-se ser esta uma lacuna a ser preenchida pela presente pesquisa, haja vista, a importância deste tipo de análise. Dessa forma, o problema de pesquisa colocado se propôs a investigar: *Qual é a relação existente entre a formação recebida pelos egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, e a contribuição dos mesmos para a área de Ciência da Informação, em termos do desenvolvimento do campo científico e de sua atuação profissional após a titulação ?* Diante desse problema, estabeleceu-se os objetivos - geral e específicos.

Procurou-se, em relação ao objetivo geral da pesquisa, *Investigar como se relaciona a contribuição dos egressos do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG em termos do desenvolvimento do campo científico da Ciência da Informação, e de*

sua atuação profissional. Os objetivos específicos foram formulados nos termos apresentados a seguir. São eles: Identificar qual a relação que os egressos do PPGCI/UFMG mantêm atualmente com a área de Ciência da Informação; Verificar qual a contribuição que os mesmos têm dado para o avanço do campo científico da Ciência da Informação; Identificar a relação entre as ocupações profissionais dos egressos com a área de Ciência da Informação; Apreender facilidades/dificuldades para o estabelecimento de vínculos entre formação e área de atuação e Obter subsídios para o estabelecimento de políticas de formação que possam vir a contribuir para o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG.

As hipóteses que nortearam esta pesquisa foram assim colocadas: Há pouca vinculação dos egressos com a área de Ciência da Informação, em relação a pesquisas, participação em eventos, fóruns de discussão, publicação de artigos, livros e outras manifestações pertinentes à área, o que parece indicar pouca contribuição desses egressos para o desenvolvimento do campo científico da Ciência da Informação; As ocupações profissionais dos egressos continuam centradas em suas áreas de origem, mesmo após a pós-graduação em Ciência da Informação. Assim, a formação em Ciência da Informação os capacitou a um olhar diferenciado sobre a questão da informação em nossa sociedade, mas as atividades exercidas continuam centradas na formação inicial.

Face às questões colocadas, o estudo se fundamentou, com a utilização de metodologia quantitativa e qualitativa, através de instrumentos de coleta de dados tais como o questionário e entrevistas, além de levantamento documental. A metodologia utilizada na realização da pesquisa é detalhada a seguir.

Metodologia

Uma das principais características de um trabalho científico reside na busca de apreensão do real, tendo como suporte os parâmetros do método científico. Assim, a observância de rigor científico é de fundamental importância para que a pesquisa se desenvolva de forma a que seus resultados possam ser validados e submetidos à comprovação, através da possibilidade da reprodução de estudo do fenômeno, utilizando-se da mesma metodologia. Em Babbie,

Basicamente, toda ciência pretende entender o mundo ao redor. Três componentes principais constituem esta atividade: descrição, a descoberta de regularidades e a formulação de teorias e leis. Primeiro, cientistas observam e descrevem objetos e eventos que aparecem no mundo. (...) Segundo, cientistas procuram descobrir regularidades e ordem no caos por vezes alucinante e estonteante da experiência. (...) Terceiro, cientistas tentam formalizar e generalizar as regularidades descobertas em teorias e leis. (BABBIE, 2005, p. 43-44)

O processo de investigação de determinado fenômeno se dá através de pesquisa. Para Gil

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso de conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. (GIL, 1996, p. 19)

Como já mencionado, a metodologia do estudo é de grande importância, e assim, os métodos e técnicas empregados na pesquisa. Nesta fase da dissertação acredita-se ser fundamental o detalhamento do percurso metodológico que orientou e sustentou a mesma.

Tipo de pesquisa

A presente pesquisa lida com a situação de determinado grupo social, no caso, os egressos do PPGCI/UFMG. Em tal estudo, privilegiou-se uma pesquisa descritiva. Sabe-se que “*As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. (...) Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação*”. (GIL, 1995, p. 45) e ainda “*As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações como instituições escolares (...)*.” (GIL, 1995, p. 46)

Optou-se num primeiro momento, por adotar uma perspectiva de natureza quantitativa utilizando-se de um *survey*. Em relação a este tipo de pesquisa é importante frisar que “*Surveys são freqüentemente realizados para permitir enunciados descritivos sobre alguma população, isto é, descobrir a distribuição de certos traços e atributos. Nestes, o pesquisador não se preocupa com o porquê da distribuição observada existir, mas como ela é*.” (BABBIE, 2005, p. 96). Ressalta-se que o estudo de *survey* utilizado é do tipo interseccional. “*Num survey interseccional, dados são colhidos, num certo momento, de uma amostra selecionada para descrever alguma população maior na mesma ocasião*.” E ainda, “*Tal survey pode ser usado não só para descrever, mas também para determinar relações ente variáveis na época do estudo*.” (BABBIE, 2005, p. 101). Normalmente o tipo interseccional é o mais utilizado.

A etapa da coleta dos dados quantitativos da pesquisa se deu através da elaboração e envio de um questionário (apêndice B) a toda a população do estudo. Note-se que o questionário enviado continha além das questões fechadas, questões abertas, o que permite realizar uma

análise mais qualitativa dessas respostas.

Foram realizadas, num segundo momento, entrevistas semi-estruturadas com professores que já atuaram como coordenadores do PPGCI/UFMG, o que foi importante, pois permitiu uma análise da questão dos egressos também sob a ótica institucional.

É válido observar que as modalidades utilizadas - quantitativa e qualitativa -, por vezes, são tomadas como formas completamente diferentes de apreensão de dado fenômeno. Em relação a algumas diferenças básicas sobre as mesmas, temos que:

A pesquisa quantitativa lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados, e é considerada pesquisa *hard*. O protótipo mais conhecido é a pesquisa de levantamento de opinião. Em contraste, a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade. (BAUER; GASKELL, 2004, p. 22-23)

Pode-se perceber, entretanto, que apesar das diferenças, é possível e mesmo desejável trabalhar numa perspectiva de integração e mesmo complementaridade de uma à outra. *“Formulações mais recentes consideram a pesquisa qualitativa como igualmente importante depois do levantamento, para guiar a análise dos dados levantados, ou para fundamentar a interpretação com observações mais detalhadas (pós-delineamento).”* (BAUER; GASKELL, 2004, p. 26). No tocante às ciências sociais e mais especificamente à ciência da informação que pode ser considerada uma ciência ainda em construção, a articulação dos dois tipos de pesquisa pode ser algo bastante positivo.

A insistência nos círculos acadêmicos em contrapor de modo dicotômico os enfoques qualitativo e quantitativo em relação às trajetórias metodológicas possíveis nas ciências sociais deve ser superada, especialmente nas ciências da informação, cujo caráter interdisciplinar permite uma postura mais inclinada à diversidade de enfoques na pesquisa científica. (BUFREM, 2001, p. 54)

Foi realizada, também, uma pesquisa documental no que concerne a alguns pontos específicos em relação aos egressos. Este levantamento será detalhado posteriormente.

Universo e amostra da pesquisa

O universo da pesquisa se constituiu dos egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, no período de 1992-2005 (que defenderam até o mês de Agosto), perfazendo um total de 183 (cento e oitenta e três) sujeitos. Destes, 157 (cento e cinquenta e sete) são egressos do mestrado e 26 (vinte e seis) egressos do doutorado, enquanto que 4 (quatro) obtiveram titulação de Mestre e Doutor no Programa e encontram-se incorporados no universo dos doutores. A opção pelo período compreendido entre 1992-2005 se dá, primeiramente, pelo motivo de que o curso de pós-graduação da Escola de Biblioteconomia da UFMG, atual Escola de Ciência da Informação da UFMG, vinha titulando mestres em Administração de Bibliotecas desde a década de 1970, só início da década de 1990, o mesmo tem sua estrutura e denominação modificadas, passando assim, a titular mestres com o título em Ciência da Informação, e nessa nova configuração, a primeira dissertação a ser defendida com o título de mestre em Ciência da Informação data de 1992. No outro ponto, o ano de 2005 foi escolhido face a preocupação de englobar todo o período do Programa em questão. É importante citar que foram considerados, no universo de pesquisa, os egressos que defenderam suas teses e dissertações até o mês de Agosto de 2005, já que a coleta de dados se iniciou em Setembro de 2005. Outro fato digno de nota refere-se aos egressos do mestrado. O ano de 1992, como já mencionado, foi o que apresentou as primeiras dissertações defendidas no Programa com o título de mestre em Ciência da Informação, entretanto, com a transição do nome do curso, alguns sujeitos, mesmo defendendo após esta data, obtiveram seus títulos com a antiga denominação, ou seja, mestre em Administração de Bibliotecas. Assim sendo, foi realizado levantamento a partir das dissertações e observado na folha de aprovação ou de

rosto, a denominação que a mesma trazia, e a partir daí, os egressos cujas dissertações especificavam que o título era em Administração de Bibliotecas foram desconsiderados do universo da pesquisa.

Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram o questionário e a entrevista. O questionário (apêndice B), contendo questões fechadas e abertas, foi utilizado especificamente para o levantamento de dados junto aos egressos. Foi construído durante os meses de Julho e Agosto de 2005. O questionário teve o propósito de abarcar o máximo de questões possíveis, e foi estruturado contemplando os seguintes tópicos: perfil, formação, ocupação profissional, docência e desenvolvimento do campo científico. As questões abertas foram elaboradas com o propósito de apreender questões de caráter mais amplo e como oportunidade para explicitação de pontos de vista de caráter pessoal.

Foi realizado um pré-teste no mês de Agosto de 2005 com 4 (quatro) sujeitos que eram de um grupo similar ao do universo. O pré-teste trouxe contribuições tanto no que concerne a elaboração do questionário quanto de entendimento futuro para a análise do mesmo.

Fizeram-se 4 (quatro) entrevistas, todas com docentes que no período contemplado pela pesquisa estiveram como coordenadores do PPGCI/UFMG.

A entrevista se efetivou a partir de um roteiro de questões semi-estruturadas (apêndice D). O roteiro foi elaborado no mês de Fevereiro de 2006 e o pré-teste foi realizado no mês de Março de 2006, o que muito contribuiu para o refinamento das questões colocadas. Vale a pena ressaltar que o pré-teste foi realizado com um docente que já havia ocupado o cargo de vice-

coordenador do Programa. As entrevistas com os coordenadores se deram também no mês de Março de 2006.

Estratégias de coleta de dados

A coleta de dados foi feita, primeiro momento, junto à secretaria do PPGCI/UFMG, visando identificar os egressos e os respectivos contatos. Pelo que se percebeu, os contatos da maioria dos egressos já se encontravam desatualizados, sendo: endereço, telefone e e-mail. A partir daí procedeu-se algumas estratégias como, contatos pessoais, busca do currículo pela Plataforma Lattes do CNPq (<http://lattes.cnpq.br>), em arquivos inativos da secretaria do PPGCI/UFMG e procura em motores de busca na Internet. Quanto às estratégias utilizadas para envio do questionário, a primeira opção foi enviá-los para os e-mail's disponíveis. Desses, cerca de 50% retornaram por motivos variados, como caixa de e-mail cheia, endereço inexistente, servidor com problemas, provedor inoperante. Quanto aos que possivelmente receberam o e-mail, os contatos de retorno foram também bastante pequenos. Numa segunda estratégia, lançou-se mão de carta simples enviada para o grupo de egressos que os e-mail's e/ou telefone estavam desatualizados, contendo uma apresentação da pesquisa e a senha e login de um e-mail na Internet, onde os mesmos entrariam e responderiam o questionário e reenviariam para o pesquisador. Infelizmente esta estratégia, apesar de considerada bem simples e de baixo custo, teve uma taxa de resposta de apenas 2 (dois) sujeitos. Assim nova busca de contatos se deu, através, principalmente, da Internet e de rede social. Alguns questionários foram enviados várias vezes com solicitação de resposta, entretanto, em muitos dos casos não se registrou nenhum tipo de retorno.

Uma terceira alternativa utilizada foi a de entrega dos questionários pessoalmente ou através de contatos pessoais. Ressalta-se que mesmo daqueles questionários entregues pessoalmente,

houve casos em que não se teve retorno, apesar do empenho do pesquisador. Não obstante, esta alternativa foi a que apresentou a melhor taxa de respostas.

A coleta de dados via questionário ocorreu durante os meses de Setembro e Outubro de 2005, e teve uma taxa de resposta de 24,8% (39 questionários) do mestrado e 23,1% (6 questionários) do doutorado; no geral a taxa de retorno dos questionários foi de 24,6% (quarenta e cinco questionários).

Levantamento documental

O levantamento documental, uma das etapas da presente pesquisa, efetivou-se dado a compreensão de que ao lado do questionário enviado aos egressos, outras formas poderiam ser utilizadas na tentativa de maior aproximação de respostas ao problema de pesquisa. Em relação à pesquisa documental nos diz Gil, que:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 1995, p. 73)

Somando-se aos elementos antecedentes vale esclarecer que procedeu-se também a análise de três fontes documentais que ajudaram a compor o perfil e a subsidiar a análise sobre a contribuição para o desenvolvimento do campo científico por parte dos egressos.

Ressalta-se que neste capítulo, descrever-se-á os aspectos metodológicos mais gerais em relação aos levantamentos documentais, entretanto, os mesmos serão melhor detalhados

quando da descrição de cada um em específico, o que, acredita-se, dará um melhor entendimento dos procedimentos realizados em conjunto com as análises.

A primeira análise se deu junto a Plataforma Lattes, procedendo-se a verificação se os sujeitos pesquisados (183) tinham seus currículos naquela base. A Plataforma do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), sustenta o Currículo Lattes, instrumento este, cada vez mais utilizado no meio acadêmico. Através do Lattes, o pesquisador expõe os principais pontos de sua vida acadêmica, como participações em bancas, orientações de trabalhos, publicação de livros, artigos e outros, instituição a que está vinculado, grau acadêmico e outros dados. Certamente que o Currículo Lattes não é um instrumento obrigatório, entretanto, é uma ferramenta bastante interessante e válida no meio científico. A busca na base (<http://lattes.cnpq.br>) ocorreu no mês de Fevereiro de 2006.

Outro levantamento realizado foi o de verificar a existência de publicação, por parte dos egressos, de artigos nos periódicos da área de Ciência da Informação do Brasil. Para tal, utilizou-se como parâmetro de qualidade dos periódicos a listagem Qualis. Esta por sua vez, é editada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e traz o ranking dos periódicos e suas respectivas notas e níveis de atuação. Este trabalho privilegiou os periódicos da área de ciência da informação (CI) cujas notas eram “A” e nível “nacional”. Dessa forma, os periódicos selecionados foram: Ciência da Informação, Datagramazero, Perspectivas em Ciência da Informação, Encontros Bibli, Transinformação e Informação e Sociedade. O período analisado foi o de 1992-2005. Alguns periódicos, porém, tiveram seus anos de publicação posterior ao de 1992, neste caso, foi analisado a partir do primeiro número publicado. O levantamento nos periódicos se deu no mês de dezembro de 2005.

O terceiro levantamento que se procedeu foi em relação a publicação de trabalho por parte dos egressos no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). A análise se deu nos 6 (seis) ENANCIB's realizados (1994 – 2005) pois ele é considerado o principal encontro científico da área de ciência da informação no Brasil.

Partindo da análise documental realizada, tornou-se possível um melhor mapeamento das fontes e, com base nas mesmas, obter uma melhor compreensão das possibilidades de contribuição por parte dos egressos no desenvolvimento do campo científico no que se refere a área de ciência da informação.

Consolidação dos dados

Utilizaram-se, para a tabulação de dados, os softwares Excel da Microsoft, versão 2000, e mais precisamente o software Sphinx Léxica, versão 2.09 profissional, da ERGOLE Informatique, distribuído pela Sphinx Consultoria. Este software é específico para análise de dados estatísticos, podendo ser utilizado tanto para questões fechadas, quanto abertas. A tabulação dos dados se deu durante os meses de Dezembro/2005 e Janeiro/2006.

Conforme exposto ao longo do item de metodologia, uma das marcas distintivas da ciência consiste justamente no rigor e exposição de seu método. Assim, acredita-se que a descrição de todo o percurso metodológico utilizado na presente pesquisa contribua para o entendimento da mesma, bem como dos resultados apresentados.

Disposição dos capítulos

A pesquisa realizada tem seus resultados apresentados na presente dissertação que está dividida em alguns capítulos, a saber:

Introdução: apresentação da pesquisa e descrição da metodologia utilizada destacando-se o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos bem como as hipóteses norteadoras. Descreve-se todos os passos da metodologia utilizada, detalhando o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, as estratégias utilizadas e a consolidação dos dados.

Capítulo 1: A Ciência da Informação: descreve a origem e o desenvolvimento do campo científico da ciência da informação, evidenciando os possíveis nascedouros desse campo do conhecimento. São discutidos ainda aspectos da relação da ciência da informação com outros campos do conhecimento bem como possibilidades e limites dessa interdisciplinaridade com a área.

Capítulo 2 - Fundamentos educacionais da pós-graduação: descreve-se o desenvolvimento da pós-graduação no Brasil, com destaque em relação a área da ciência da informação, passando por sua origem, desenvolvimento e ainda configuração atual. Discute-se ainda, neste capítulo, aspectos relacionados a formatação das linhas de pesquisa e áreas de concentração dos cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil, evidenciando a enorme profusão de temáticas abordadas nestes, trazendo à tona, aspectos da constituição desta área no país.

Capítulo 3 - Egressos como categoria de análise: discute-se a importância dos estudos de egressos e apresenta-se também o levantamento de alguns estudos realizados nessa área, o que

vem reforçar a necessidade desse tipo de trabalho. Ressalta-se que estudos que foram realizados a partir de egressos de outras áreas em muito reforçaram e mesmo trouxeram luz às questões metodológicas, o que evidencia a importância dos egressos enquanto categoria de análise. A partir desse capítulo os dados da presente pesquisa relativos ao perfil dos egressos são trazidos à discussão, através de gráficos, tabelas e informações textuais. Assim é possível conhecer os cursos de graduação dos egressos do PPGCI/UFMG, vinculação com a área antes do ingresso no Programa de Pós-graduação da Escola de Ciência da Informação, motivações à realização do curso e outras questões.

Capítulo 4 - Formação e atuação profissional em Ciência da Informação: são apresentados os dados da pesquisa no que se refere aos aspectos da formação e ainda da atuação profissional dos egressos. Neste capítulo questões como ocupações profissionais, vínculo dessas ocupações com a área de CI, faixa salarial individual e familiar dos egressos, cruzamentos entre faixa salarial e linhas de pesquisa, cursos de graduação dos egressos que realizaram o PPGCI/UFMG e vários outros dados são discutidos.

Capítulo 5 - Desenvolvimento do campo científico: descrevem os dados da pesquisa relativos às respostas dos egressos quanto à contribuição do campo científico. É analisado ainda, outras fontes como o Currículo Lattes, Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB's - e ainda os periódicos da área de Ciência da Informação no Brasil.

Conclusão: traz as conclusões e recomendações da pesquisa e ainda sugestões de pesquisas futuras que podem ser realizadas. Certamente que estas, poderão contribuir em muito para o entendimento de questões que perpassam os egressos dos cursos de pós-graduação em ciência

da informação no Brasil e ainda para se obter respostas quanto ao destino profissional e mesmo o avanço do campo científico a partir daqueles que procuram os cursos de pós-graduação na área.

Bibliografia

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAUER, Martins; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som: um manual prático*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BUFREM, Leilah Santiago. *Complementaridade qualitativo-quantitativa na pesquisa em informação*. *Transinformação*, v. 13, n. 1, p. 49-55, jan./ jun., 2001.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* São Paulo: Atlas, 1996.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1985.

CAPÍTULO 1 - A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Da larva, surge a lagarta, que após um longo período de gestação em seu casulo, dá corpo a uma bela borboleta. Eis a questão: a borboleta ainda é a lagarta? Ainda somos aquilo de onde viemos, ou ao nos transformar passamos a não ter mais nenhum vínculo com a origem ? Eis a questão.

1.1. Ciência da Informação: origem e historicidade

A origem e a historicidade de uma ciência nem sempre é tarefa das mais fáceis para se reconstituir. Isso ocorre, fundamentalmente, dado o fato de que nem sempre há um consenso em relação a esta história. Desse modo, olhares distintos sobre o mesmo objeto trazem explicações diversas e por vezes conflitantes. Percebe-se que com a Ciência da Informação (CI) a literatura também aponta diversos caminhos.

A literatura existente sobre a fundamentação teórica e origem da ciência da informação é vasta. Reflete as diversas e diferentes tentativas dos praticantes e pesquisadores da área de trazer à luz seus entendimentos sobre o que vem a ser ciência da informação, seu objeto de estudo (a informação), seus esforços na busca de identidade e suas relações com outras disciplinas. (OLIVEIRA, 1998, p. 19)

Isto posto, é importante ressaltar que ao se trabalhar neste capítulo com questões ligadas à origem, historicidade e mesmo interdisciplinaridade da área, que as visões expostas não se constituem num único olhar, mas sim, fazem parte de uma das formas de se contar a história, logo, de um determinado ponto de vista e de leitura da realidade.

Dada as explicações iniciais tem-se que historicamente, enquanto campo do conhecimento, a Ciência da Informação tem como marco de seu nascedouro o pós-segunda guerra mundial. Naquele momento, em razão das circunstâncias e do contexto histórico-político, as informações que circulavam entre os cientistas eram de volume muito maior do que o de outros tempos. Deu-se nesse momento um “boom” informacional. Os profissionais das diferentes áreas da ciência careciam de instrumentos capazes de melhor recuperação da informação. Os métodos, normalmente utilizados em bibliotecas se mostraram ineficientes nesse momento, tamanho era o volume de informações. Em decorrência deste quadro histórico, surge um campo de conhecimento denominado de Ciência da Informação, que se

constitui a partir da necessidade específica de tratamento da informação técnico-científica.

Em Borko:

Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e comportamento da informação, as forças que governam o fluxo de informação, e os meios de processar informação para otimizar uma acessibilidade e uso. Ela preocupa-se com um corpo de conhecimento relacionado com a origem, coleção, organização, estoque, recuperação, interpretação, transmissão, transformação, e utilização da informação. (BORKO, 1968, p. 3)

Quanto a esse *boom informacional* citado tem-se também, nos dias atuais, uma crescente massa de informações circulando, posto que o conhecimento é a cada dia expandido nos diversos campos e ciências.

(...) pode-se dizer que nenhuma época histórica produziu tanto conhecimento como o século XX: o número de cientistas gerado no século ultrapassa largamente sua soma ao longo de toda a história da humanidade; o número de publicações em livros e revistas especializadas não tem equivalente em outras épocas históricas; o acervo das bibliotecas aumentou em ritmo e em escala capazes de deixar os medievais envergonhados; o crescimento do conhecimento nos diferentes ramos da ciência atingiu taxas exponenciais, ao mesmo tempo que a obsolescência aumentou em ritmo crescente.” (DOMINGUES, 2005, p. 18)

Daí a necessidade premente de uma ciência que tenha como escopo se ocupar das questões do fluxo e fundamentalmente da organização da informação, já que esta é uma necessidade cada vez maior em nossa sociedade.

Há alguns anos na história, em 1945, o engenheiro Vannevar Bush do Massachusetts Institute of Technology (MIT) publica artigo intitulado “As we may think”, onde ele faz a proposta de criação de uma máquina para auxílio à memória, que foi denominada de Memex. A função da referida máquina seria a de armazenar e recuperar seletivamente livros, registros e comunicações, de maneira automática, com enorme velocidade e flexibilidade. Esta máquina

seria uma forma de suplementar e expandir a memória. Ainda nesse ano é publicado pelo mesmo Vannevar Bush o relatório ‘Office of Scientific and Research Development’ (OSRD). Tais documentos são considerados por alguns teóricos como o marco da criação da Ciência da Informação.

Do ponto de vista institucional, o ano de 1961-1962 é considerado como o nascedouro da Ciência da Informação, demarcado através de um ciclo de conferências realizadas no Georgia Institute of Technology. Inicialmente a Ciência da Informação foi considerada como a “ciência do armazenamento e recuperação da informação”. O conceito de Borko (1968) supracitado, é, segundo o próprio autor, uma síntese do exposto no trabalho de Robert S. Taylor (1966) e, segundo o próprio Taylor (1966) o mesmo foi uma definição do Georgia Institute Technology Conference 1961/1962. Tal constatação ainda é corroborada por Shera e Cleveland (1977).

As conferências do Georgia Institute Technology se deram com a preocupação de prover treinamento em informação científica. Participaram bibliotecários, cientistas, técnicos e outros interessados. Foram basicamente duas conferências, a primeira, realizada em março de 1961, e a segunda em abril de 1962. As discussões giraram basicamente em torno do desenvolvimento de treinamento em ciência para bibliotecários e de informação para cientistas, através de cursos de curta e de longa duração. As conferências realizadas no Georgia, tiveram as seguintes conclusões: 1) O crescimento da ciência da informação e a necessidade em quantidade e qualidade de profissionais da área; 2) o reconhecimento e distinção de três tipos de profissionais atuando no campo, a saber: bibliotecário de ciência, analista de literatura técnica e cientista da informação; 3) reconhecimento de que o pessoal necessita, para sua qualificação, dispor de programas variados, e que portanto os mesmos

devem ser formulados. (GARCIA, 2002). Como se percebe as conferências do Georgia Institute Technology foram de fundamental importância no desenvolvimento da área.

Ainda sobre o ciclo de conferências do Georgia, nos mostra Pinheiro e Loureiro,

Convém lembrar que, nos Estados Unidos, país no qual a Ciência da Informação emergiu cientificamente, em formulação conceitual, nas reuniões de 1961/1962, no Georgia Institute of Technology, este fato ocorreu muito em decorrência dos avanços e da geração de conhecimentos de Ciência & Tecnologia e Pesquisa & Desenvolvimento, relacionados aos esforços da 2ª Guerra Mundial e por seu caráter estratégico, além das novas tecnologias.” (PINHEIRO; LOUREIRO, 200?, p. 1)

Mesmo cientes da origem anglo-saxônica da CI, é interessante percebermos que como a mesma surgiu no pós-guerra, no bojo da chamada “guerra fria”, - onde o mundo era basicamente dividido entre EUA e URSS, os soviéticos tinham também iniciativas em relação ao desenvolvimento de pesquisas para lidarem com o “boom informacional” que assolava o mundo. A informação científica, evidentemente, era a grande preocupação dos soviéticos. Assim, no ano de 1966, aparece o termo ‘informatika’ que segundo os russos “(...) *é uma disciplina científica que estuda a estrutura e as propriedades gerais da informação científica, bem como as regularidades de todos os processos de comunicação científica.*” (MIKHAILOV; CHERNYI; GILYAREVSKYI; 1975, p. 72), de modo ainda que os pesquisadores a categorizaram como uma ciência social, já que o objeto de estudo da mesma centrava-se nos fenômenos e regularidades ligados apenas à sociedade humana. Certamente que os pesquisadores russos já tinham conhecimento da disciplina emergente denominada Ciência da Informação, mesmo assim, acreditavam que a disciplina denominada de Informática serviria mais aos propósitos daquele contexto científico. Como os autores argumentam “(...) *o termo anglo-americano “ciência da informação” pode levar alguém a*

interpretá-lo num amplo sentido , i.e., como uma ciência que trata de todos os tipos de informação, da informação em geral, achamos necessário enfatizar que a palavra “informação” aqui significa apenas informação científica.” (MIKHAILOV; CHERNYI; GILYAREVSKYI; 1975, p. 72).

É válido lembrar, que com o passar do tempo, a Ciência da Informação de fato não ficou restrita apenas à informação técnico-científica, e assim como já havia dito por Mikhailov, hoje a Ciência da Informação se estendeu ao estudo e propriedade da informação em diversos campos da vida social.

Shera e Cleveland (1977) em importante estudo sobre a história da área, mostram a ligação da CI com a Documentação. Para esses autores o primeiro marco a ser levado em conta na constituição da Ciência da Informação é o encontro entre Paul Otlet e La Fontaine, 1892, quando discutem a criação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) em 1895.

Há autores, entretanto, apontando que a CI surge da área de Recuperação da Informação (SARACEVIC, 1996), consta ainda, na perspectiva de outros, que a mesma é oriunda da Biblioteconomia (LE COADIC 1996).

De origem anglo-saxônica, a ciência da informação nasceu da biblioteconomia, tomando, portanto, como objeto de estudo a informação fornecida pelas bibliotecas, fossem elas públicas, universitárias, especializadas ou centros de documentação. A leitura pública e a história do livro constituíram então a matéria dos primeiros estudos que foram realizados. Mais tarde, a informação referente às ciências, às técnicas, às indústrias e ao Estado tomou a dianteira sobre esses assuntos, dinamizada pelo advento da tecnologia da informação e as necessidades crescentes de informação dos setores científicos, técnicos e industriais, bem como do grande público. A ciência da informação construiu-se, portanto, e se fundamenta atualmente, sobre essa base informacional. (LE COADIC, 1996, p. 2-3)

No tocante à Recuperação da informação (*information retrieval*) é importante ressaltar que o termo foi cunhado por Mooers (1951) com o objetivo de “*englobar os aspectos intelectuais da descrição de informações e suas especificidades para a busca, além de quaisquer sistemas, técnicas ou máquinas empregados para o desempenho da operação*” (Mooers *apud* Saracevic, 1996). Saracevic (1996) considera a recuperação da informação como a principal responsável pelo desenvolvimento da ciência da informação, através de seus componentes científicos e profissionais, de modo que a ciência da informação evoluiu, mas, no seu cerne, o principal problema ainda está ligado à recuperação da informação.

Segundo Oliveira e Araújo (2002) o termo Ciência da Informação passou a ser utilizado dada a ampliação das atividades informacionais além das bibliotecas. Para as autoras,

O paradigma da ciência da informação compõe-se de um grupo de idéias relativas ao processo que envolve o movimento da informação em um sistema de comunicação humana. Este paradigma surgiu nos anos 50 quando as idéias da engenharia de comunicações e teorias cibernéticas obtiveram êxito na representação das propriedades do sistema de transmissão de sinais em termos matemáticos. Tornou-se então a base das tentativas para caracterizar e modelar o processo de recuperação e de citação do documento. (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2002, p. 39)

Se pudermos traçar uma genealogia da área, é possível dizer que no início era a Biblioteconomia, e a informação era do campo da Biblioteconomia¹. Dessa surge a Bibliografia², que passa a arrolar listas de documentos produzidos em determinada área. Da primeira (a Biblioteconomia) surge uma cisão, e a informação – ou melhor dizendo, os

¹ Biblioteconomia: Entendo como o campo do conhecimento que estuda a organização e disseminação de registros de informação, através de técnicas de tratamento da informação, que visa sobretudo as necessidades de informação dos usuários, reais ou potenciais; sendo responsável ainda pela administração de recursos informacionais, tendo como *locus* laboral privilegiado as unidades de informação, sobretudo a biblioteca.

² Bibliografia: Técnica de construção de listas de documentos especializados em áreas do conhecimento.

registros de informação -, passam a ser divididos com a Documentação³. Esta por sua vez, trouxe para si os registros de informação (documentos) específicos de algumas áreas. Nesse ínterim, surgem prementes necessidades de análise de outro tipo de informação, a científica e tecnológica (Costa, 1990). Assim, no pós II guerra mundial, os cientistas acreditaram que a nem velha arte da biblioteconomia, nem simplesmente a documentação eram capazes de responder à demanda que estava bem direcionada à informação técnico-científica que naquele momento eram velozmente transmitidas através das redes de computadores. Aliada ao campo de estudo chamado de recuperação da informação, uma “outra” ciência/técnica, é designada para dar respostas a um contemporâneo que não se bastava com técnicas outrora utilizadas, necessitando de novas respostas para as questões de organização e uso da informação científica e tecnológica, surgindo assim a chamada ciência da informação.

Entretanto é importante perceber que ao longo desta evolução dos campos de pesquisa/atuação informacional, uma disciplina não necessariamente substituiu a outra; na realidade o surgimento das mesmas, ao longo do tempo, contribuiu no acréscimo de novos métodos no trato com a informação, sendo ainda, que o processo científico se dá em muito pela acumulação de saberes e não de exclusão (Fonseca, 1987). Ainda em relação às questões da informação, Saracevic (1996, p. 60) afirma que *“Certamente, a CI não é o único campo que se ocupa com estas questões. Ela não detém o seu monopólio, como também não o faz nenhum outro campo.”*. Para esse autor *“... não importa se a atividade que trata dessas questões seja chamada de CI, informática, ciências da informação, estudos de informação, ciências da computação e da informação (...), ou qualquer outra forma, desde que os problemas sejam enfocados em termos humanos e não tecnológicos.”* (SARACEVIC, 1996, p. 60)

³ Documentação: *“É um processo que permite reunir, classificar e difundir todos os documentos de toda espécie, relativos a todos os setores da atividade humana”* (Otlet, Paul *apud* Shera, 1980).

Hoje a ciência da informação evoluiu e não só a informação científica e tecnológica é de seu interesse, e sim, a informação num contexto mais geral, seja na indústria, no comércio, nas empresas, seja para a cidadania e outros. Podemos dizer que a mesma tem em suas raízes, de um lado a bibliografia/documentação e de outro lado, a recuperação da informação, de modo que na primeira os registros do conhecimento científico e a memória intelectual da civilização é central, enquanto que na segunda a centralidade está nas aplicações tecnológicas, através do uso de computadores (PINHEIRO, 1997).

É importante entendermos, em relação a esta genealogia que a Ciência da Informação busca tornar-se uma disciplina autônoma e independente, com métodos próprios de pesquisa e intervenção nas questões ligadas à informação. Entretanto, ela precisa avançar no sentido de firmar seus métodos de pesquisa, ou seja, formar um corpo próprio e interligado, dado o próprio fato de que o campo encontra-se ainda em construção.

Para Oliveira,

As teorias existentes na área, ou os construtos teóricos, são ainda tímidos para abarcar toda a extensão e complexidade das atividades de informação. Esses construtos são corpos teóricos mais ou menos estanques, que dizem respeito às temáticas mais desenvolvidas na ciência da informação. Por exemplo existe um construto para bibliometria, para redes e sistemas, outro para comunicação científica. Algumas dessas construções teóricas são geradas a partir de contribuições de outras áreas. (OLIVEIRA, 1998, p. 74)

Certamente que muitas de suas técnicas utilizadas hoje já eram utilizadas em outras áreas, como é o caso dos estudos de usuários⁴, bibliometria⁵, tratamento técnico da informação, e

⁴ Estudo de usuários: São investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou mesmo, para medir se as necessidades informacionais de um determinado grupo de usuários estão a contento.

⁵ Bibliometria: O termo aparece pela primeira vez na obra *Traité de Documentacion* de Paul Otlet e indica, segundo o autor, a parte definida da Bibliografia que se ocupa da medida ou da quantidade aplicada ao livro.

outras, entretanto é importante perceber que há esforços, através das pesquisas, e mesmo reflexões por parte de seus pesquisadores, na tentativa de sempre aperfeiçoar esses métodos, bem como de construir novos métodos.

A incorporação da área de ciência da informação, no Brasil, remonta aos anos de 1952 com a criação do antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD -, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT -, que iniciou naquela década um curso de Especialização em Documentação – CDC -; o curso teve uma longa história de 30 anos. Em 1972 é criado o mestrado em ciência da informação e este curso foi responsável pela formação de inúmeros pesquisadores e professores da área. Outros programas foram surgindo e hoje o país conta com estudos e pesquisas na área de grande relevância. É interessante notar que no Brasil a história da ciência da informação está diretamente ligada a história da pós-graduação na área, - discussão a ser apresentada no capítulo 3 – uma vez que a formação nessa área se dá basicamente em nível pós-graduado.

1.2. Delimitação do campo e relação interdisciplinar

São três, segundo Saracevic (1996,) os princípios que constituem a razão do existir e do desenvolvimento da Ciência da Informação, a saber: a) interdisciplinaridade, b) forte ligação com a tecnologia da informação; e c) CI é um campo diretamente ligado a evolução da sociedade da informação.

É necessário que se reflita sobre o que vem a ser interdisciplinaridade, o que remete a pensar, inicialmente, sobre alguns outros termos próximos como disciplinaridade,

Está ligada, sobretudo, a análise do conteúdo das citações. (Fonseca, E. N. da. Bibliometria: teoria e prática, 1986)

multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e ainda transdisciplinaridade. A efetividade destes termos ainda não encontra unanimidade. Entretanto, é necessário algumas reflexões de modo que os conceitos sejam melhor entendidos. Em Japiassu (1976) ‘disciplina’ tem o mesmo sentido que ciência e disciplinaridade significa a exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo. Ou seja, é uma prática da ciência. Multidisciplinar está ligado apenas a uma justaposição de disciplinas, num trabalho específico, sem que haja um trabalho de equipe e coordenado. Na multidisciplinaridade estuda-se um objeto de diversos pontos de vistas, mas normalmente os métodos/técnicas utilizados não são acordados previamente.

As principais características das experiências multidisciplinares são: a) aproximação de diferentes disciplinas para a solução de problemas específicos; b) diversidade de metodologias: cada disciplina fica com a sua metodologia; c) os campos disciplinares, embora cooperem, guardam suas fronteiras e ficam imunes ao contato. (DOMINGUES, 2005, p. 22)

O conceito de pluridisciplinar segundo Japiassu (1976) também se aproxima do de multidisciplinar; entretanto, é mais usado quando há a justaposição e ainda a ocorrência de um trabalho de cooperação, mas sem coordenação. O conceito de transdisciplinaridade, de acordo com Japiassu (1976), foi criado por Piaget e significa uma etapa superior a da interdisciplinaridade, onde as pesquisas estariam num plano de sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas. Japiassu (1976, p. 74) explica que “*a interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa.*”, e ainda que “*(...) o espaço do interdisciplinar, quer dizer, seu verdadeiro horizonte epistemológico, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento. Jamais esse espaço poderá ser constituído*

pela simples adição de todas as especialidades nem tampouco por uma síntese de ordem filosófica dos saberes especializados.”

As principais características da interdisciplinaridade são: a) aproximação de campos disciplinares diferentes para a solução de problemas específicos; b) compartilhamento de metodologia; c) após a cooperação, os campos disciplinares se fundem e geram uma disciplina nova. (DOMINGUES, 2005, p. 24)

Japiassu (1976) nos diz ainda que para haver uma relação interdisciplinar é necessário que os participantes tenham uma linguagem comum, o que somente se dará quando o objeto também for comum. São esboçadas, ainda, várias modalidades de interdisciplinaridade como: heterogênea, pseudo, auxiliar, compósita e a unificadora, que depois o autor reduz apenas a duas, sendo a linear ou “cruzada” e a “estrutural”. Para o escopo do presente trabalho, sobre uma ciência que tem como uma de suas marcas distintivas a interdisciplinaridade, é importante trazer à luz estas reflexões, na tentativa de elucidar os limites de conceitos centrais, como *inter*, *mult*, *pluri* e *trans*, disciplinaridade.

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados. Donde podemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos. (JAPIASSU, 1976, p.75)

No âmbito dessa discussão, outro conceito que emerge mais recentemente é o de transdisciplinaridade. Em Domingues (2005) algumas características são marcantes na

transdisciplinaridade, a saber: a) aproximação de diferentes disciplinas e áreas do conhecimento; b) compartilhamento de metodologias unificadoras; construídas mediante a articulação de métodos oriundos de várias áreas do conhecimento; c) ocupação das zonas de indefinição e dos domínios de ignorância de diferentes áreas do conhecimento: a ocupação poderá gerar novas disciplinas ou permanecer como zonas livres, circulando-se entre os interstícios disciplinares, de tal forma que a transdisciplinaridade ficará com o movimento, o indefinido e o inconcluso do conhecimento e da pesquisa. (DOMINGUES, 2005, p. 25).

Ainda para o autor:

A experiência da transdisciplinaridade exigirá a reinvenção das atividades científicas e intelectuais. Seu cultivo levará ao fim do especialista disciplinar, fundado no indivíduo (*expert*) que se basta a si mesmo, ficando em seu lugar a chamada inteligência coletiva, presente igualmente nas abordagens multi e interdisciplinar, que também remetem ao sujeito coletivo, porém por outras vias e modelando-o de uma outra maneira. (DOMINGUES, 2005, p. 27)

Ao voltar o olhar mais especificamente para a ciência da informação, percebe-se que a interdisciplinaridade e/ou multidisciplinaridade acompanham a área desde sua origem. Suas fronteiras são inúmeras e a ciência da informação utiliza-se com frequência de métodos, técnicas e teorias de várias outras disciplinas. Percebe-se que alguns campos estão mais próximos da CI, como é o caso da biblioteconomia, da comunicação, da ciência da computação, da administração e de alguns outros. Desta forma, crescentes são as pesquisas realizadas sobre a Gestão da informação e do conhecimento, o que a aproxima principalmente das áreas de administração e ciência da computação. Tem-se nos estudos de sistemas de informação informatizados grande interface com a área de computação. Em relação a estudos sobre mídias como a Internet, e outros, vemos uma grande ligação com a área de comunicação. Assim sucessivamente, poder-se-ia relatar inúmeros campos de intercessão, ou seja, diversos campos do conhecimento que fazem da ciência da informação uma ciência

interdisciplinar. É de suma importância suscitar que o chamado *core* da área, ou seja, o seu ‘núcleo duro’⁶ centra-se nas questões de tratamento da informação, o que muito a avizinha da velha arte da biblioteconomia, campo este, que conta com larga tradição no tocante às questões de organização e uso da informação.

Percebe-se, pelos argumentos acima indicados, que uma característica inegável neste campo de conhecimento, denominado de ciência da informação, é a interdisciplinaridade. A ciência da informação só é possível dada a convergência de diversas disciplinas. Para citar apenas um dos vários estudiosos da área, tem-se que diversas são as disciplinas que colaboram com a interdisciplinaridade da ciência da informação, principalmente a psicologia, lingüística, sociologia, matemática, filosofia, informática, lógica, estatística, eletrônica, economia, direito, política e telecomunicações (Le Coadic, 1996). O autor destaca ainda quatro disciplinas que ele considera mais atuantes na área de informação, que são a biblioteconomia, a museologia, documentação e o jornalismo. Em relação a esta interdisciplinaridade, Saracevic (1996) também aponta diversas disciplinas como a lingüística, a computação, biblioteconomia e outras, como fundamentais para a construção do campo.

Em momento bem anterior, Foskett (1980) deixava claro que,

Quando falo de “Ciência da Informação”, portanto, quero significar a disciplina que surge de uma “fertilização cruzada” de idéias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação, e aquelas ciências como psicologia e lingüística, que em suas formas modernas têm a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do pensamento organizado. (FOSKETT, 1980, p. 56)

⁶ Conjunto de saberes que constituem o cerne de uma área.

Em relação ao forte entrelaçamento entre a ciência da informação e a biblioteconomia, DIAS (2000, p. 79) nos diz que “*A ciência da informação, strictu sensu, é caudatária direta de uma longa tradição de tratamento da informação especializada, que começa na biblioteconomia com as bibliotecas especializadas, passa pelos centros de documentação e, hoje em dia, prefere a terminologia ciência da informação.*”, e ainda que é inegável haver um campo conhecido internacionalmente cuja denominação é de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Em Borko, (1968, p. 3) “*Biblioteconomia e Documentação são aspectos aplicados da ciência da informação. As técnicas e procedimentos usados pelos bibliotecários e documentalistas são, ou deveriam ser, baseados nas constatações teóricas da ciência da informação (...)*”. Deste modo, depreende-se que “*ciência da informação designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo de fenômenos ligados à produção, organização e difusão e utilização de informações em todos os campos do saber*” (OLIVEIRA, 1998,p. 25)

Sabe-se que, no Brasil, segundo relação da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação – ABECIN, o número de escolas de graduação em biblioteconomia são de 42 (ABECIN, 2005). Como graduação, tem-se apenas um curso em ciência da informação propriamente dito, que é o da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas. Os cursos de mestrado e doutorado em ciência da informação estão todos sediados em escolas cuja tradição de seus departamentos é da graduação no ensino da biblioteconomia, com exceção do curso do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que, historicamente, não estava sediado em escola com esta tradição. Entretanto, é importante levantar, que atualmente o mesmo encontra-se sediado na Universidade Federal Fluminense – UFF – escola essa que também tem tradição no ensino da biblioteconomia. Para Dias (2002)

Embora muitos pareçam não gostar, o fato é que há um vínculo essencial da ciência da informação com a biblioteconomia, evidente no fato de que a quase totalidade das instituições que hoje podem ser definidas como constituintes da primeira faziam parte desta última. Um dos exemplos mais notórios são as escolas de biblioteconomia que, mundo afora, vêm sendo renomeadas de escolas de ciência da informação ou, mais comumente, acrescentando ‘ciência da informação’ ao nome antigo. (DIAS, 2002, p. 94)

No que concerne a esta relação da ciência da informação com outras áreas, a partir de propostas de junção de nomes, temos que a denominação de Biblioteconomia e Ciência da Informação (B & CI) não é a única. Encontra-se também outras junções como a Ciência da Informação e Comunicação, o que chega a ser defendido como uma grande área, podendo ser chamada de ‘Ciências da Informação e da Comunicação’. Esta defesa pode ser observada no trabalho de Paiva (2002), quando o mesmo coloca que,

O campo transdisciplinar formado pelas Ciências da Informação e da Comunicação é resultado de uma conjunção entre os vários procedimentos metodológicos e diferentes enfoques epistemológicos, voltados para o conhecimento dos processos midiáticos e das práticas informacionais e comunicacionais. Tendo se esboçado passo a passo ao longo do século XX, este campo consiste num domínio que foi se definindo com mais clareza após a segunda guerra mundial e face à “explosão da informação”, no século XXI, tem experimentado o concurso de novos paradigmas de análise. (PAIVA, 2002, p. 166)

O referido autor faz ligação direta entre as duas ciências, principalmente sugerindo que seus nascimentos se deram em período comum, ou seja, no pós-segunda grande guerra mundial, momento do chamado “boom informacional”. Em sua análise, o autor ainda faz menção a esta área como altamente interdisciplinar e que congrega interesses muito próximos e comuns, seja na teoria quanto na prática.

O caráter interdisciplinar do trabalho do comunicólogo, do pesquisador da comunicação e do cientista da informação demonstra a natureza de sua contingência, ou seja, marcada pelo pluralismo das práticas e habilitações. Trata-se de uma experiência que se realiza no contato com os vários campos da ação pragmática (trabalho, vida, sociedade). Deste modo, é compreensível que o feixe de reflexões teóricas sobre a informação e a comunicação dificilmente se deixe apreender nos limites de um campo homogêneo; as chamadas “Ciências da Informação e da Comunicação” se definem antes enquanto um domínio do conhecimento que abrange diferentes enfoques. (PAIVA, 2002, p. 167)

É importante ressaltar, entretanto, que no tocante a esta relação com outras áreas, não existe consenso, sendo esta ligação direta, inclusive a junção de nomes criticada por outros autores, como é o caso de Pinheiro (1997),

Os equívocos iniciais com a Biblioteconomia e a Informática, denominação adotada na antiga União Soviética e nações do leste europeu e as diferentes nomenclaturas recebidas em países de culturas e tradição científica distintas, como Informação Científica, Biblioteconomia e Ciência da Informação, Ciência e Tecnologia da Informação, (...) até Ciência e Engenharia da Informação, estão devidamente esclarecidos e a denominação Ciência da Informação consolidada, embora algumas vezes ainda seja acoplada a alguma outra disciplina, em decorrência da ênfase de abordagem ou mesmo ausência de estudos teóricos que possam clarificar a questão. (PINHEIRO, 1997, p. 6)

Nota-se que a ciência da informação ainda é uma ciência relativamente “nova”, o que requer de seus pesquisadores investimento na dimensão teórico-epistemológica, na delimitação do seu campo bem como no delineamento de seu objeto, a fim de que a mesma possa avançar em sua consolidação enquanto campo científico.

Quanto ao cruzamento da ciência da informação com a tecnologia da informação, o que foi acentuado por Saracevic (1996), é fato de que o uso de computadores em nossa sociedade tornou-se amplamente difundido, e o uso destas máquinas tem sobretudo a função de otimizar

o processamento e transmissão de dados, levando naturalmente a maior possibilidade de uma atividade de análise e interpretação dessas funções, trazendo assim, maior quantidade de informação disponível e armazenada. Desta forma, é inegável a ligação da área de CI com o advento dos computadores, i.e., tanto em relação a sua origem, quanto no desenvolvimento e, sobretudo, como ferramenta de otimização dos fluxos informacionais, tanto nas organizações como na sociedade como um todo.

Para Oliveira (1998),

Desde os avanços da informática, nos anos 60, que estão sendo estimuladas as atividades de armazenamento e recuperação da informação. Recentemente, a utilização do computador conduziu a novas especialidades na ciência da informação, como por exemplo, a aplicação de sistemas especialistas para acesso à informação. Entretanto, o impacto dos computadores e telecomunicações no gerenciamento da informação foi tão grande, que hoje a ciência da informação e a tecnologia da informação estão freqüentemente juntas nessa discussão. (OLIVEIRA, 1998, p. 23)

A Ciência da Informação mesmo tendo uma forte ligação com a tecnologia da informação (TI), não pode ser confundida com a TI, já que sua preocupação está mais ligada ao fluxo de informação na sociedade. Sem dúvida alguma a tecnologia da informação tem estado na base de nossa vida social e ainda da ciência. A tecnologia da informação é uma ferramenta que traz muitos recursos e auxilia o trabalho nos mais diversos campos do conhecimento. No campo da ciência da informação mais especificamente, é inegável a contribuição e mesmo parceria da TI já que os fluxos de informação, seja no contexto da sociedade ou mesmo mais precisamente nas organizações, são altamente otimizados pelos recursos dessa ferramenta. Entretanto, pelo contrário, a mesma não deve ser entendida como o principal, mas apenas como uma aliada, de modo que a centralidade recaia sobre a informação e não simplesmente sobre a ferramenta.

Outra problemática presente no campo da ciência da informação trata do consenso sobre o que seria ‘informação’, já que normalmente cada autor apresenta um tipo de abordagem, e ainda, o termo ‘informação’ é entendido de formas diferentes em diversos outros campos de conhecimento. A informação já foi colocada até mesmo como sucedâneo da verdade (Fernandes, 2004). Definições não faltam. Em artigo no final da década de 1980, Yuxiao (1988) indica que existem mais de 400 definições de ‘informação’ apontadas em pesquisas de diferentes culturas, o que evidencia a importância da delimitação conceitual e sua especificidade na área de CI.

Em Araújo (2002) a informação é um conceito de difícil compreensão, pois pode ser analisada de várias formas. Visando a uma definição, a autora aponta para a possibilidade de que a “ (...) *informação é um recurso para a ação política do sujeito social que transforma estruturas mentais e sociais, pois possibilita aos sujeitos sociais a criação de novos estados de conhecimento, nos quais se dá o estabelecimento de uma consciência de si e do mundo.*” (ARAÚJO, 2002, p. 32).

Da complexidade sobre o que vem a ser ‘informação’ surge a dificuldade sobre o que é o objeto de estudo da ciência da informação. Para Oliveira (1998)

Desde o seu surgimento, a ciência da informação padece de dificuldades para isolar e entender seu objeto de pesquisa, como atestam muitas definições existentes para o termo. Essas conceituações não demonstram ser fruto de investigação, apenas carregam as diferentes visões dos autores sobre o que é um processo de informação. (OLIVEIRA, 1998, p. 26)

Para Dias (2002, p. 97) “*Se é possível identificar um consenso em torno do que seria o específico da ciência da informação, nas décadas mais recentes, teríamos que optar pelo*

acesso à informação como sendo o tema central de interesse do campo.” Certamente que poderíamos estender este ‘específico’ para a organização, visando melhor acesso, já que as técnicas de melhor acesso passam necessariamente pelas técnicas de melhor organização.

Em sentido mais geral, temos em Pinheiro, uma visão bem mais abrangente da questão.

O objeto de estudo da área, informação, é um campo vasto e complexo de pesquisas, tradicionalmente relacionado a documentos impressos e a bibliotecas, quando de fato a informação de que trata a Ciência da Informação, tanto pode estar num diálogo entre cientistas, em comunicação informal, numa inovação para o setor produtivo, em patente, numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados, ou numa biblioteca virtual ou repositório, na Internet. (PINHEIRO, 2002, p. 63)

Percebe-se que o objeto ‘informação’ e a própria ciência da informação ainda não estão bem delimitados. A discussão sobre o que é, e ainda, sobre o que não é informação e ciência da informação é uma constante na área. Porém, o termo informação mostra-se altamente dinâmico; em constante mudança; dependendo, sobretudo, da compreensão dos sujeitos, que fazem abstrações e logo dão significado ou não à informação. Dessa forma, a ciência que se ocupa desse tipo de objeto deve estar sempre adequando e mesmo inovando seus métodos para melhor apreensão dos problemas surgidos a partir do uso da informação.

É importante ressaltar que a ciência da informação é uma ciência social aplicada; e sua preocupação central são as relações que envolvem a informação, seja em contextos mais técnicos e/ou social. Para Le Coadic (1996, p. 21) “*A ciência da informação, com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, coloca-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e*

do cultural.” Para Borko (1968) a ciência da informação tem um aspecto de ciência pura quando questiona o assunto sem se preocupar com sua aplicação, e um aspecto de ciência aplicada quando desenvolve produtos e serviços.

Apoiando na terceira característica apontada por Saracevic (1996) uma das peculiaridades da área de CI é a ligação dela com a origem e evolução da Sociedade da Informação. O termo - ao lado de outros tantos como Sociedade do conhecimento, Pós-industrialismo, Pós-fordismo - é usado para designar o momento histórico no qual as sociedades avançadas estão imersas. O termo Sociedade da informação foi cunhado pelo sociólogo Daniel Bell na década de 1970 e tenta traduzir o impulso que a informação e o conhecimento têm dado na sociedade atual. (Kumar, 1997).

Vale lembrar que, desde a Segunda guerra mundial, com o advento da microeletrônica e de tecnologias conseqüentes, o uso constante de computadores, com capacidade de transmissão cada vez mais veloz, vem fazendo com que o tráfego de informação seja sem precedentes na história. A produção de conhecimento tem, também, crescido vertiginosamente, o que impulsiona cada vez mais as trocas de informações entre as sociedades.

Desse modo, acredita-se que cada vez mais a informação passa a ter importância central para a sociedade como um todo. A informação está na base da economia, política, negócios, tecnologias e outros, impulsionando e modificando as formas de convivência.

Assim, o termo Sociedade da Informação traz consigo a idéia de uma sociedade regida pela égide da informação enquanto base dos modos de produzir e mesmo de viver na modernidade. Sabe-se que a informação embasa um desenvolvimento jamais visto na história, dado

principalmente à velocidade com que ocorre tais processos. Entretanto, é de suma importância a percepção de que ela traz em seu bojo uma grande contradição, já que as formas de exclusão social aumentam.

Dessa forma, os excluídos passam a ficar cada vez mais à margem da sociedade, dado a falta de acesso e mesmo de treinamento que os capacitem a operacionalizar as novas tecnologias. Portanto, na sociedade da informação o grau de sofisticação e de transformação tecnológica é crescente, contudo, sem se disseminar universalmente. A existência dessa dualidade é questão que, certamente, interessa à ciência da informação; é um problema do qual ela não pode se eximir, já que ao lado técnico da informação soma-se uma função social que deveria, também, estar no centro das preocupações dessa ciência.

É notório que a ciência da informação se desenvolve como uma ciência impulsionada pela sociedade da informação, carregando assim, todas as suas contradições, limites e possibilidades. Desta forma, tem-se que o desenvolvimento da ciência da informação está intimamente ligado a resolução de problemas informacionais deste momento histórico, em que a informação e o conhecimento têm um papel central. Certamente que cabe ainda a esta ciência a incumbência de pensar e agir sobre o contraditório modo de produção contemporâneo, regido cada vez mais pelo capital; e ademais, criador de tecnologias informacionais que muitas vezes estão predominantemente a serviço da lógica do mercado.

Portanto, cabe à CI o papel não só da ciência da produção e uso da informação, como também, o papel de um campo de conhecimento crítico, que faz da ambivalência da informação a sua arena de atuação. Como nos diz Demo,

A inteligência está na habilidade de lidar com a ambivalência. Aprender é sobretudo saber pensar, para além da lógica retilínea e evidente, porque nem o conhecimento é reto, nem a vida é caminho linear. Saber criar depende, em grande parte, da capacidade de navegar em águas turvas, saltar onde menos se espera, vislumbrar para além do que é recorrente. A informação não pode ser receita pronta, mas o desafio é a criar, mudar, fazer. O risco de manipulação é intrínseco, mas é no risco que podemos reduzir a manipulação. A sociedade da informação informa bem menos do que se imagina, assim como a globalização engloba as pessoas e povos bem menos do que se pretende. (DEMO, 2000, p. 41)

Retomando as questões interdisciplinares da área de CI, é importante ter-se bem claro que a ligação com outros campos é uma constante. Constitui um consenso que a ciência da informação é uma área interdisciplinar por natureza. Não obstante, é de vital importância que, ao se embrenhar na interdisciplinaridade, a área não perca seu norte; não se perca no emaranhado das diversas possibilidades e consiga se situar como ciência que tem um objeto próprio, com métodos de pesquisa consolidados e bem delimitados.

Assim, a interdisciplinaridade excessiva e/ou mesmo mal entendida traz o perigo de perda de identidade, podendo chegar à falácia de que “tudo é ciência da informação”, donde se depreende o grande risco de assim o sendo não sabermos então “o que é ciência da informação” e ainda, o que difere esta de outras ciências.

Essas reflexões são das mais caras para a área, já que em muitas pesquisas, não se consegue focar claramente o que as diferem enquanto ciência da informação.

Para Domingues (2005) a multidisciplinaridade, interdisciplinaridade ou mesmo a transdisciplinaridade só faz sentido em contextos fortemente disciplinares. A similaridade com outros estudos realizados nas áreas ditas do ‘entorno interdisciplinar’, mais de perto a administração, ciência da computação, comunicação, e outras, chega a ser, como nos diz Smit,

“(...) reveladora, a nosso ver, de uma interdisciplinaridade formal, que não reflete uma interdisciplinaridade real, mas um “empréstimo” de termos de outras áreas sem que haja uma adaptação, ou customização, dos conceitos aos propósitos da área.” (SMIT, TÁLAMO; KOBASHI, 2002, p. 6).

Por outro lado, é comum identificar-se, ainda em pesquisas da área, grande dificuldade em centrar o fenômeno estudado à luz da ciência da informação, ficando o corpo da análise em outras ciências. É vital para a área que se delimite melhor seu objeto de estudo, seus métodos e técnicas, para que no movimento da interdisciplinaridade a CI não perca de vista sua disciplinaridade; que além de ‘tomar emprestados’ conceitos e teorias de outros campos, como já vem ocorrendo, possa, a partir desses conceitos, consolidar seu campo de atuação, bem como oferecer contribuições relevantes aos demais campos.

É importante questionar se a simples aplicação de conceitos de outras áreas define uma interdisciplinaridade ou uma multidisciplinaridade; tal problemática constitui uma reflexão importante para pesquisadores e docentes que integram o campo da CI.

É oportuno destacar, em pesquisa sobre questões epistemológicas e interdisciplinares da área de CI, o que nos diz Pinheiro (1997) sobre a questão do objeto e interfaces da área com outros campos científicos:

(...) a informação de que trata a ciência da informação, o processo de comunicação em diferentes contextos, a “universalidade dos processos de informação” (...) e, principalmente, os conteúdos disciplinares da Ciência da Informação, estão obscuros e flutuam em uma escala tão vasta que a área corre o risco de perder seus horizontes científicos, por mais que variações e diferentes correntes de pensamento sejam naturais nas ciências. (PINHEIRO, 1997, p. 6)

Em termos conclusivos têm-se que a ciência da informação, mesmo estando em aberto a discussão em relação à delimitação de seu objeto, tem avançado ao longo do tempo; mostrando que em seu epicentro encontra-se o homem, enquanto produtor e usuário de informação.

Ressalta-se, também, a importância de que ao lado do desenvolvimento científico, outras questões não sejam negligenciadas, como as que perpassam a informação enquanto produto acionador de uma sociedade avançada em termos de fluxos de informação, propiciados principalmente pelas novas tecnologias de informação e comunicação *vis-à-vis* o desnível e exclusão informacional que assola grande parte do mundo, e que encontra também na informação, campo propiciador.

Daí cabe à ciência da informação a importante tarefa de pensar o quanto seu objeto, a informação, serve ou não só como diminuidor de incertezas e/ou de elemento que embasa uma indústria e uma economia altamente desenvolvidas; de pensar como, através da própria CI, poder-se-ia encontrar subsídios para romper o pacto com o excludente. Há, contudo, confiança na perspectiva de que a interdisciplinaridade possa, de fato, construir um *core* de conhecimento e de intervenção no mundo do homem e para o homem, onde a informação não só afaste mas, sobretudo, aproxime as pessoas.

Dando continuidade às discussões teóricas que embasam a presente pesquisa, apresenta-se no capítulo subsequente, a análise sobre a pós-graduação no Brasil.

Bibliografia

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. O fenômeno informacional na Ciência da Informação: abordagem teórico-conceitual. In: CASTRO, César Augusto (org). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luís: EDFAMA/EDUFMA, 2002. Cap. 2, p. 11-34.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Escolas da área de CI. Disponível em: < <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm> > acessado em: 01 de Junho de 2005.

BORKO, H. Information science: what is it ? *American Documentation*. Maryland, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Monthly*, July, 1945.

COSTA, Antônio Felipe Corrêa da. Ciência da informação: o passado e a atualidade. *Ciência da Informação*, v.19, n. 2, p. 137-143, jul./dez., 1990.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DIAS, Eduardo Wense. *Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações*. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000

_____. O específico da Ciência da Informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 87-99

DOMINGUES, Ivan. Em busca do método. In: _____. (org.) *Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 17-40.

FONSECA, Edson Neri da. *Bibliometria: teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, 1986.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha (org.) *Ciência da Informação ou informática ?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 52-69.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação. *Informação e Sociedade: estudos*, v. 12, n. 1, 2002.
<http://www.nformacaoesociedade.ufpb.br>

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade pós-industrial à Pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica: a propósito do escopo da informática. In: GOMES, Hagar Espanha (org.) *Ciência da Informação ou informática ?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 70-89.

OLIVEIRA, Marlene. *A investigação científica na Ciência da Informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq*. Brasília: UnB, 1998. (Tese de doutorado em Ciência da Informação)

_____; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Os paradigmas da biblioteconomia e a ciência da informação e os novos contextos da informação. In: CASTRO, César Augusto (org). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luís: EDFAMA/EDUFMA, 2002. Cap. 2, p. 35-49.

PAIVA, Cláudio Cardoso. O campo híbrido da informação e da comunicação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 165-197.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 278p. (Tese de doutorado em Comunicação).

_____. *Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área*. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p 61-86.

_____; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Políticas públicas de C & T, ICT e de pós-graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. In: *Cinform*,

SARACEVIC, Tefko. *Ciência da informação: origem, evolução e relações*. Perspectivas em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996

SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. History and foundations of Informations Sciences. *Annual Review of Information Science and Technology*. New York, 12, p. 249-275, 1997.

SMIT, Johanna; TÁLAMO, M. F.; KOBASHI, Nair. A determinação do campo científico da ciência da informação: uma abordagem terminológica: In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 5., 10-14 nov. 2003. *Anais...* Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. (1 Cd-Rom)

TAYLOR, Robert S. *Professional aspects of information science and technology*. *Annual Review of Information Science and Technology*. American Documentation Institute, New York, v. 1, 1966, p. 15-40.

YUEXIAO, Zhang. Definitions and Sciences of Information. *Information Processing & Management*. New York, v. 24, n. 4, p. 479-491, 1988.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS DA PÓS-GRADUAÇÃO

2.1. Fundamentos histórico-educacionais da Pós-graduação

Segundo a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), os níveis de ensino no país são: o nível básico, compreendido pela educação infantil, fundamental e médio e ainda, o nível da educação superior, que compreende os cursos seqüenciais, graduação, pós-graduação, e ainda, os cursos em nível de extensão (BRASIL, 1996). Outros ainda devem ser levados em consideração como a educação de jovens e adultos, o ensino profissionalizante e os de formação de tecnólogos.

No que se refere à pós-graduação no Brasil, que data de meados da década de 1960, sua institucionalização ocorre com o Parecer 977/65, cujo relator foi o então senador Newton Sucupira. Desde então, muitas têm sido as modificações ocorridas nesse nível de ensino. Certamente a evolução andou a passos largos e o Brasil hoje pode ser considerado um país que, apesar dos vários problemas enfrentados, tem uma boa qualidade no nível de ensino pós-graduado. *“A pós-graduação nacional adquiriu uma dimensão significativa no conjunto do sistema de ensino superior do país e não seria incorreto afirmar que ela constitui atualmente o melhor capítulo da política de ensino superior nas últimas décadas.”* (NEVES, apud VELLOSO, 2002, p. 5).

A história da pós-graduação no Brasil remonta à década de 1930. Francisco Campos, no decreto 19.851 de 11 de Abril de 1931, cogitava uma pós-graduação no molde europeu e inclusive com cursos de doutorado a serem implantados na Universidade do Rio de Janeiro (Santos, 2002, 2003). No próprio ano de 1931 foi implantado o primeiro curso de doutorado em Direito na Universidade do Rio de Janeiro. Em 1939 com a instituição da Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, cria-se também um doutorado. Não obstante,

segundo Sucupira (1980) *“Tanto quanto saibamos, o primeiro documento legal a utilizar o termo pós-graduação para designar uma modalidade de cursos superiores foi o Decreto nº 21.231, de 18 de junho de 1946, que baixou o Estatuto da Universidade do Brasil.”* (1980, p. 6). Sucupira ainda nos relata sobre as modalidades de cursos expressos no Decreto. *“O artigo 71 do estatuto distinguia os seguintes cursos universitários: a) cursos de formação; b) cursos de aperfeiçoamento; c) cursos de especialização; d) cursos de extensão; e) cursos de pós-graduação; f) cursos de doutorado”* (SUCUPIRA, 1980, p. 6) Em 1952 foi firmado acordo de pesquisa entre Brasil e Estados Unidos, o que possibilitou que brasileiros iniciassem seus estudos de pós-graduação naquele país. Vieram também pesquisadores daquele país para o Brasil, com o propósito de ministrar aulas em cursos de pós-graduação. Na década de 1960 foram criados centros de excelência com pessoal qualificado que visava a pesquisa científica. Ainda em 1960 duas iniciativas foram muito importantes, uma na Comissão Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE) e a outra na área de Ciências Físicas e Biológicas, ambas na Universidade do Brasil. Em 1962 é iniciado o curso de mestrado em Matemática da Universidade de Brasília e o doutorado do Instituto de Matemática Pura e Aplicada. Foram criados ainda em 1963 cursos de pós-graduação na Universidade Rural do Rio de Janeiro. Ainda na década de 1960 foram implantados cursos de mestrado e doutorado na Escola Superior de Agricultura de Viçosa, no Instituto Tecnológico da Aeronáutica - ITA e na Universidade de Brasília - UnB (Santos, 2002, 2003).

Em relação à criação dos cursos de pós-graduação no Brasil, percebe-se duas correntes que marcadamente influenciaram as escolas, a corrente européia e a corrente norte-americana. A primeira influenciou os cursos da Universidade de São Paulo – USP, e a segunda os cursos do ITA, Universidade Federal de Viçosa (antiga Escola Superior de Agricultura de Viçosa) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (antiga Universidade do Brasil).

No Brasil, os cursos de pós-graduação já vinham se instalando desde a década de 1930, entretanto, somente em 1965 é que surgem no campo da legislação as primeiras regulamentações sobre a pós-graduação. A primeira lei foi a 4881-A de 06 de dezembro de 1965, que versava sobre o Estatuto do Magistério Superior, que dizia que o Conselho Federal de Educação, conceituaria os cursos de pós-graduação. Segundo Santos (2002, p. 481) *“Naquele ano já havia aproximadamente 30 cursos no país, entre mestrados e doutorados.”* Pouco antes havia sido aprovado o Parecer 977/65 de 03 de dezembro de 1965, cujo relator foi o senador Newton Sucupira. O referido Parecer foi o primeiro documento a regulamentar de fato a pós-graduação no país, tanto que o mesmo ainda é o que norteia a pós-graduação até os dias atuais.

Entretanto é importante esclarecer que o Parecer é elaborado tendo em vista evitar a imprecisão e interpretações equivocadas da Lei 4024/61, no seu artigo 69, letra b, que trata dos cursos de pós-graduação, e tem em vista ainda a regulamentação de cursos que se difundem em todo o mundo, de acordo com o relator *“...o sistema de pós-graduados hoje se impõe em todos os países, como a consequência natural do extraordinário progresso do saber em todos os setores, tornando impossível proporcionar treinamento completo e adequado para muitas carreiras nos limites dos cursos de graduação.”* (BRASIL, 1965, p. 2). Vale porém destacar que mesmo contando com certas imprecisões e interpretações equivocadas foi válida a iniciativa da Lei 4024/61 em disciplinar a Pós-graduação no país. Em Reis,

Assim, até mais ou menos 1961, há a persistência de uma certa fluidez tanto no que se refere à compreensão do sentido do que seja a Pós-Graduação, quanto em termos de seu disciplinamento. Essas definições só ocorrem após a regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB, que institui a Pós-Graduação como nível específico de ensino. (REIS, 1990, p. 26)

No Parecer 977/65 é definido os graus de mestre e doutor para a pós-graduação *stricto sensu*, sendo fixado o tempo mínimo de 1 e 2 anos respectivamente para a obtenção do título. No Parecer 977/65 é indicada claramente uma orientação norte-americana na formulação dos cursos de pós-graduação no Brasil, sendo inclusive os títulos de mestrado e doutorado espelhos do M. A. (*Master of Arts*) e Doctor. É válido acentuar que, conforme o Parecer, o título de mestre não é requisito obrigatório para o de doutor; mesmo os títulos se dando de forma hierarquizada, o mestrado pode ser entendido como etapa preparatória para o doutorado ou então como fase conclusiva para o pós-graduado. Para Velloso (2002, p. 35) “*O modelo seqüencial de pós-graduação brasileiro, no qual o mestrado habitualmente precede o doutorado, foi originalmente concebido tendo em vista, naquele nível, o aperfeiçoamento de quadros para o ensino superior e, neste, também a formação do pesquisador cientificamente independente.*”

É importante ainda enfatizar que a idéia da regulamentação da pós-graduação no país era o de modernização do ensino da universidade, modernização esta exigida em face das mudanças ocorridas com o pós-segunda guerra mundial (REIS, 1990). Em 1951 é criado no Brasil a CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior, e o CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa, órgãos ligados ao desenvolvimento científico e tecnológico, que certamente passavam pela formação de mão-de-obra qualificada de pesquisadores. No que se refere ao surgimento da pós-graduação no país é também importante ressaltar que a mesma surge com certo dualismo, ou seja, ao passo que visava uma modernização, com cursos que preparavam uma massa crítica de pesquisadores que certamente contribuem para o desenvolvimento do país, tem-se de outro lado uma certa dependência, ou seja, um atrelamento a outros países, fundamentalmente os Estados Unidos. A esse respeito nos diz Santos (2002)

A instalação da pós-graduação no Brasil tem que ser entendida no contexto maior de dependência em relação às nações centrais. Nunes afirma que o processo de estruturação da pós-graduação no Brasil foi contraditório e uma das razões principais desta contradição se deu por ter este desenvolvimento ocorrido no contexto de uma sociedade dependente. (SANTOS, 2002, p. 483)

Continua ainda a análise levantando que,

A dependência, contudo, é nociva sobretudo na área da pesquisa, uma vez que a compra de know-how estrangeiro é, via de regra, um mau negócio, pois normalmente aborta as iniciativas do desenvolvimento tecnológico do país importador, desestimulando, assim, a formação de cientistas e pesquisadores. Tal importação é, pois, esterilizante e prejudicial à produção de conhecimento nos países dependentes. (SANTOS, 2002, p. 483)

Essa relação pode ser facilmente observada pelo fato de que o modelo seguido de pós-graduação em nosso país foi o norte-americano e ainda, através de acordos mantidos pelo Brasil com os Estados Unidos, para onde normalmente, eram enviados muitos pesquisadores a fim de realizarem pesquisas de mestrado e/ou doutorado.

Atualmente, a pós-graduação no Brasil, vem a cada dia ganhando mais espaço. Na década de 1990 inclusive, houve grande abrangência e diversificação de cursos em diversas áreas do conhecimento. *“No ano 2000, os estudantes vinculados aos programas de mestrado e doutorado no país estavam chegando na casa dos 80 mil, com mais de 15 mil titulados no ano.”* (VELLOSO, 2002, p. 35). A proliferação tem abarcado a pós-graduação como um todo, expandindo tanto os cursos *lato sensu* quanto os *stricto sensu*, apesar de que esta proliferação é de certa forma contida e controlada, já que *“Concebem-se os cursos de mestrado e doutorado para uma elite pensante, para a formação dos pesquisadores por excelência e, por isso, sua expansão é tratada como devendo ser contida, e sua avaliação*

centralizada para melhor controle.” (GATTI, 2001, p. 110)

Em relação à pós-graduação é importante também apresentar a distinção entre os seus níveis. A mesma se estrutura basicamente entre os cursos *lato sensu* e *stricto sensu*. Pelo primeiro entende-se os cursos de especialização e aperfeiçoamento, que normalmente são cursos mais voltados para o mercado de trabalho, e que não oferecem ao término diploma, e sim, certificado. Nas palavras de Martins (1991, p. 9) “...*ainda que involuntariamente, cursos menos nobres e pouco valorizados no cartorial “mercado de títulos e certificados acadêmicos.”* Nos termos do Parecer 977/65, que foi o primeiro esforço legal para regulamentar a pós-graduação no Brasil, “*Normalmente os cursos de especialização e aperfeiçoamento tem objetivo técnico profissional específico sem abranger o campo total do saber que se insere a especialidade. São cursos destinados ao treinamento nas partes de que se compõe um ramo profissional ou científico.*” (BRASIL, 1965, p. 4)

Quanto ao segundo nível, tem-se os cursos de mestrado e doutorado. Estes se diferenciam basicamente dos primeiros por estarem comprometidos com a formação de pesquisadores. Ao término do curso o aluno deve apresentar dissertação ou tese, dependendo do grau, que seja resultado de pesquisa. No caso do mestrado, ao término do curso, o candidato deve apresentar uma dissertação, que será julgada por banca examinadora, onde o mesmo deverá demonstrar domínio do tema e sistematização de suas idéias, inserindo seu trabalho de acordo com a lógica de produção científica.

Porém, para o doutorado, exige-se do candidato que o mesmo ao término do curso apresente uma tese, que passará por uma banca examinadora, onde o candidato deve também demonstrar bom nível de conhecimento do tema, além de que seu trabalho deve conter um

ineditismo e ainda, contribuir, de fato, para a construção do conhecimento na referida área. No tocante a diferenciação entre os estudos *lato sensu* e *stricto sensu* nos alerta o Parecer 977/65.

Em resumo, a pós-graduação *sensu stricto* apresenta as seguintes características fundamentais: é de natureza acadêmica e de pesquisa e mesmo atuando em setores profissionais tem objetivo essencialmente científico, enquanto a especialização, via de regra, tem sentido eminentemente prático-profissional; confere grau acadêmico e a especialização concede certificado; finalmente a pós-graduação possui uma sistemática formando estrato essencial e superior na hierarquia dos cursos que constituem o complexo universitário. (BRASIL, 1965, p. 4)

2.1.1 Dinâmica e questões atuais da pós-graduação

Nos dias atuais a procura pela pós-graduação tem sido cada vez maior. Evidente que vários fatores contribuem para este aumento, que ganhou grande impulso principalmente na década de 1990. Dentre eles pode-se citar a consolidação de programas de grande qualidade no país, a necessidade legal exigida pela LDB de que pelo menos 1/3 dos docentes das universidades tenham mestrado ou doutorado a fim de reconhecimento dos cursos destas e ainda a expansão de instituições de ensino superior ocorrido no país no final dos anos 1990 e início dos 2000, ampliando o mercado de trabalho para professores de ensino superior, portadores de títulos de mestrado e/ou doutorado. Entretanto, dado o número de mestres e doutores formados, quase que em massa, aliado aos cortes em pesquisa por parte do Estado e, em termos de investimento privado, cada vez mais localizado, o número de mestres e doutores tenderá a ser maior do que a demanda, o que provavelmente restringirá as oportunidades dos profissionais, que terão um mercado que não os comporta.

Em relação ao desenvolvimento da política de pós-graduação no Brasil, é indiscutível a necessidade de se recuperar um pouco da história dos Planos Nacionais de Pós-Graduação - PNPGE's. *“Se a Lei 5.540/68 e os Pareceres 977/65 e 77/69, do antigo Conselho Federal de Educação, tiveram muita importância na definição conceitual e na moldura legal da pós-graduação, os Planos Nacionais de Pós-Graduação constituíram-se em outro elemento essencial na construção e desenvolvimento desse sistema.”* (CAPES, 2004, p. 18)

Foram cinco os PNPGE's promulgados de 1975 a 2004. O I PNPGE (1975-1979) partiu do pressuposto de que a expansão da pós-graduação deveria ser, daquele momento em diante, cada vez mais objeto de planejamento do Estado, levando-se em conta que a mesma seria um subsistema do sistema universitário e este, por sua vez, do sistema educacional. As principais diretrizes desse plano eram: a) Institucionalizar o sistema, consolidando-o como atividade regular no âmbito das universidades e garantindo-lhe financiamento estável; b) elevar os atuais padrões de desempenho e racionalizar a utilização de recursos; c) planejar a sua expansão, tendo em vista uma estrutura mais equilibrada entre áreas e regiões. Observa-se ainda neste plano a importância dada às ciências básicas e a necessidade de se evitar disparidades regionais. (CAPES, 2004)

O II PNPGE (1982-1985) teve como meta principal a formação de recursos humanos para as atividades docentes, de pesquisa e técnica, visando o atendimento dos setores público e privado. Tem ainda nas diretrizes, grande foco na qualidade do ensino. O III PNPGE (1986-1989) já tinha como marco a questão da autonomia nacional, buscando o maior desenvolvimento de pesquisas no país de modo a tornar o mesmo mais independente. A pesquisa teria como espaço de produção privilegiado a universidade; deste modo a pós-graduação passava a se integrar ao sistema de ciência e tecnologia. Destaca-se ainda que este

plano teve também, preocupação com a estrutura da universidade como a atualização de bibliotecas e de informações científicas e de laboratórios. No tocante ao IV PNPG, pode-se dizer que o mesmo não chegou a se efetivar, em decorrência de restrições orçamentárias e falta de articulação entre os diferentes atores. Várias foram as discussões, mas infelizmente o plano não foi decretado. (CAPES, 2004)

O V PNPG (2005-2010) tem como um dos objetivos centrais a expansão do sistema de pós-graduação, levando a um aumento considerável no número de pós-graduandos, visando a uma melhor qualificação do ensino superior, do sistema de ciência e tecnologia e ainda, do setor empresarial. Segundo os dados do Plano, previa-se para 2005, a titulação de cerca de 27.000 mestres e 8.000 doutores; em 2010 a meta é de mais de 45.000 mestres e mais de 16.000 doutores a serem titulados. Como se pode perceber a meta é quase que dobrar o número de titulados. (CAPES, 2004)

Não obstante à história do desenvolvimento da pós-graduação no país, com dados sobre surgimento de programas e legislação, é de suma importância refletirmos sobre o contexto em que esta modalidade de ensino vem à tona. Em análise sobre a pós-graduação, Reis nos diz que,

É possível dizer, com base na literatura, que a instituição desse nível de ensino, de forma explicitamente regulamentada e como processo acionador do desenvolvimento, se vinculou às necessidades econômicas que resultaram do modelo nacional-desenvolvimentista e de internacionalização do mercado, em face da relevância conferida à educação nas diferentes conjunturas. (REIS, 1990, p. 25)

Percebe-se todo um momento histórico propício para o desenvolvimento da pós-graduação no Brasil, a ideologia de desenvolvimento vincula-se diretamente ao seu surgimento, com a

possibilidade de estar o país à frente na produção do conhecimento.

(...) as novas configurações econômicas mundiais e, particularmente no Brasil, o projeto de transformação do país em “nação-potência” como pretendia a elite governante, estavam a exigir, de alguns setores educacionais uma atuação mais qualificada e compatível com essas realidades emergentes e em rápida mudança. O país necessitava de cientistas e técnicos de alto nível, mas em quantidade compatível com a demanda real; urgia a instauração de um sistema consistente e duradouro de pesquisa. Cabia à universidade, ou melhor, a algumas das mais vigorosas instituições universitárias, formar essa “massa crítica” e criar as bases e a cultura da pesquisa sistemática. Nesse terreno é que começou a vicejar e desenvolver-se a pós-graduação no Brasil, enquanto nível formal e organizado. (DIAS SOBRINHO, 1994, p. 93)

É válido lembrar que no Brasil a pesquisa científica está ligada diretamente às universidades federais e a algumas estaduais e a raras instituições privadas. Poucos são os centros que também desenvolvem pesquisa, sendo ainda, a maioria desses vinculados ao Estado.

Por outro lado, a universidade, na sua missão de fomentar o ensino, a pesquisa e a extensão, sempre esteve diretamente ligada à pós-graduação. Assim, percebe-se que a relação entre pesquisa, pós-graduação e universidade é uma constante nos nossos tempos. Entretanto, em relação a esse movimento de pós-graduação e pesquisa, é válido lembrar que:

Mestrado e doutorados em nosso país originaram-se então, não do desenvolvimento da pesquisa científica nas universidades ou outras instituições, mas de uma política deliberada de organismos estatais, no final da década de 1960 e inícios de 1970. No ensino superior, à época, pouca pesquisa se desenvolvia, vez que sua vocação era dirigida sobretudo à formação de profissionais liberais. (GATTI, 2001, p. 109)

É sabido, ainda, que nas universidades a pesquisa não se dá unicamente na pós-graduação. Entretanto, esta é responsável por grande parte das pesquisas realizadas nas universidades brasileiras.

Outra questão de fundo em relação à pós-graduação é pensar o quanto ela está ligada a uma elite sócio-econômica – fato presumível; considerando-se que a sua finalidade era, e continua sendo, a formação de estratos superiores visando à pesquisa e a formação de “massa crítica”, bem como a formação de professores para o magistério superior. Entretanto não se pode perder de vista a função social que também norteia a universidade. Nessa perspectiva de análise nos diz Gatti (2001).

Superar essas condições é desafio. Reconhecer suas raízes pode ajudar nesse processo de transformação. Estas raízes estão vinculadas às origens de vocação elitista de nosso ensino superior, transferida à pós-graduação, que é tomada como último reduto da qualidade, por certos grupos que confundem boa qualidade com grau de exclusão. A manutenção desta postura vem desfavorecendo variados contingentes sociais quanto às possibilidades de aprofundamento de sua formação. Os setores envolvidos com mestrados e doutorados precisam ampliar suas perspectivas sociais, sem perder a ciência como referencial. Devem reconhecer, no entanto, que, como processos educativos, com objetivos também diferenciados, mestrados e doutorados são meios de fazer ascender a padrões culturais diferentes segmentos sociais, à altura das conquistas humanas em conhecimentos. Passa também por este nível formativo a socialização dos conhecimentos acumulados pelo esforço e contribuição de todos os cidadãos que, em última instância, fornecem o dinheiro necessário ao financiamento de cursos e pesquisas, por meio de impostos. Portanto, o papel social desse segmento educativo é também do interesse público. (GATTI, 2001, p. 114)

Como acentuado pela pesquisadora, a pós-graduação sempre foi um nível de ensino altamente elitizado, sendo tal fato perfeitamente percebido quando se admite que: se o acesso ao nível superior de ensino faz parte da realidade de poucos no Brasil, a pós-graduação mais ainda. Mesmo o número de cursos de pós-graduação tendo avançado em termos quantitativos, ainda precisa, em muito, melhorar o acesso e a qualidade, - criando-se estratégias para que uma coisa não seja exclusão da outra.

De acordo com a perspectiva acima o V PNPG reafirma: “(...) o sistema nacional de pós-graduação, enquanto eixo estratégico do desenvolvimento científico, cultural, tecnológico e

social do país, deve procurar atender às necessidades nacionais e regionais e continuar contando com políticas públicas que o façam crescer com qualidade e relevância.” (CAPES, 2004, p.). Assim, espera-se que os dizeres *qualidade e relevância*, não se coadunem simplesmente com *exclusão e manutenção do status quo* de uma dada elite.

Acrescentando-se aos elementos antecedentes e sob um viés mais crítico, é importante analisar que a universidade vem há alguns séculos ocupando-se com a formação de estratos superiores, principalmente no que tange a pesquisa e a pós-graduação, tendo papel fundamental na manutenção e/ou subversão da ideologia dominante. Se como nos mostra o Parecer 977/65, a função da pós-graduação *stricto sensu* é a formação de uma massa crítica, de professores de ensino superior e de pesquisadores, é de grande relevância refletir sobre a formação dos pós-graduados na universidade.

Assim, cabe à universidade pensar sobre *‘ensinar o quê para quem, e ainda ensinar com vistas a quê’*. Se um programa de pós-graduação restringe-se meramente ao desenvolvimento da pesquisa e do avanço científico de determinada área do conhecimento, sua prática se mostra por demais alienante; assim, como não pensar que os pós-graduandos que ali estivessem, apenas receberiam dado conteúdo e produziriam suas pesquisas de maneira acrítica e demasiadamente inocente. Na realidade, é patente que os educandos, no processo ensino-aprendizagem, apreendem mais do que a ciência *stricto sensu*; estão sim, internalizando toda uma prática que se efetiva através de um discurso, que será o mesmo enunciado pela universidade, a saber: que não está alheia às questões político-ideológicas que perpassam o processo de formação e desenvolvimento científico. Reafirmando as questões acima explicitadas, Gutiérrez apresenta a seguinte visão: *“Um educador conscientizado procura uma forma de desmascarar a ideologia dominante e de criar em seus alunos uma*

atitude crítica. Em síntese, um educador que alimenta sua ação com a necessidade de formar um determinado tipo de homem e de sociedade fará de sua profissão uma práxis política explícita e consciente.” (GUTIÉRREZ, 1988, p. 45)

Portanto, no contexto da sociedade capitalista, é mais que necessário ter em mente o quanto a educação está ligada a determinadas classes, o quanto ela serve para reproduzir a ordem vigente dos dominadores em detrimento da tomada de consciência dos dominados. Assim, uma das grandes funções da educação em uma sociedade de classes é o de fazer com que os indivíduos tomem consciência do processo em que estão envolvidos, e pensem que tipo de formação melhor se adequa aos anseios de sua classe e de seus interesses.

Assim, não é preciso fazer muito esforço para percebermos o quanto a educação serve para a manutenção do *status quo*, através de vários mecanismos, começando pela forma de sua organização, que é altamente excludente, servindo-se de um sistema meritocrático que tem como discurso a igualdade de acesso, mas sem levar em conta a igualdade de oportunidades. Num sistema meritocrático um dos grandes problemas é basear-se numa dúvida ‘seleção natural’, como se esperasse que os considerados melhores cheguem ao podium e os piores fiquem para trás. Esta reflexão é bastante válida já que por sua natureza, a pós-graduação tem ajudado na manutenção de uma elite.

Deste modo, pensar a educação, no nível de pós-graduação, como forma de tomada de consciência e de liberdade em um sistema excludente, é de suma importância, haja vista, a natureza formativa de autonomia intelectual de seus pós-graduados.

Portanto, mesmo considerando a impossibilidade de uma educação neutra, deve-se trabalhar

por uma educação desmistificadora de sua prática, de fazer desalienado e engajado, sobretudo na mudança para uma sociedade mais igualitária e libertadora dos homens das amarras da alienação e do conformismo. A educação sempre trabalha com uma relação dicotômica, pois ao passo que está ligada à manutenção também é vista como uma alternativa de desalienação.

A universidade, e principalmente a pós-graduação, na missão de formar cientistas/pesquisadores aptos ao desenvolvimento da ciência, e ainda, da transformação social, deve sobretudo conscientizar-se da importância de seu papel no bojo da sociedade. Assim, refletir sobre a pós-graduação e ainda, sobre os sujeitos formados por esta é papel bastante importante para a universidade, como nos diz Hoyos,

Quem pensa que quem credencia uma boa universidade são seus “campi”, seus edifícios, laboratórios, e até mesmo sua biblioteca, está equivocada. Nem sequer são seus professores e os alunos. O que credencia um boa universidade é o produto, a ciência, os egressos. Se existem excelentes egressos, existe uma excelente Universidade. Se eles são ruins e medíocres, a Universidade é ruim e medíocre, não vale a pena fazer um tremendo esforço para sustenta-la. Se não somos capazes de melhora-la, fechamo-la com honradez e façamos coisas mais sérias. (HOYOS, 1998 *apud* MIRANDA, 2001, p. 37)

Nessa perspectiva histórica e contraditória é importante situar a constituição dos cursos de pós-graduação em ciência da informação, já que a mesma não esteve alheia a todo este movimento, conforme se evidencia na discussão a seguir que trata da pós-graduação em CI no Brasil.

O desenvolvimento da CI no nosso país teve impulso dado a exigência de uma mão-de-obra especializada na área de bibliotecas e informação que respondesse, à altura, às necessidades de todo um grupo de pesquisadores que se desenvolvia; e ainda, visando à construção de uma

liderança nacional das áreas de informação que acompanhasse a evolução da área como um todo, sobretudo às tendências de outros países, em destaque dos Estados Unidos da América.

Dessa forma, a origem da pós-graduação em ciência da informação no Brasil iniciou-se na década de 1970 no antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) – atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT -, e posteriormente, ainda na mesma década, outros cursos surgiram, como é o caso dos cursos da UFMG, UFPB, UnB e PUCCAMP. Posteriormente outros vieram como o da USP, UFBA e mais recentemente da UNESP e UFSC. Estes cursos têm de uma maneira geral, a incumbência de titular profissionais em nível de mestrado e/ou doutorado, capacitando-os para a pesquisa e, sobretudo, formando uma massa crítica na área de ciência da informação que atenda às exigências de preparação de quadros de profissionais aptos a docência em cursos de graduação e pós-graduação na referida área. Desta forma, o país conta com cerca de mais de três décadas de pesquisas na área de ciência da informação. Certamente um número expressivo de alunos já passou por estes programas, e o número de mestres e doutores se ainda não é suficiente, ao menos tem crescido a cada dia.

2.2. Fundamentos educacionais da Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil

Dada a breve explanação histórica da pós-graduação no Brasil, e ainda, sobre questões históricas e teóricas do campo de conhecimento da ciência da informação (cap.1), é de suma importância que se levante a história da pós-graduação nessa área especificamente, pois é neste cenário que a presente pesquisa foi efetivada.

Revedo o processo de desenvolvimento da pós-graduação no país principalmente nas

décadas de 1950 e 1960, verifica-se que houve uma necessidade de profissionais da área de informação mais bem qualificados, que contassem ainda com técnicas e estudos mais eficientes de atendimento a uma demanda que surgia. Havia a necessidade expressa de um serviço de biblioteca e informação que acompanhasse, dando suporte ao desenvolvimento da pesquisa que ora se instalava (Vieira, 1990). Assim, foram criados na década de 1970 cinco cursos de pós-graduação em Biblioteconomia ou Ciência da Informação. O primeiro a ser criado foi o curso do IBBD (Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação), atual IBICT. O curso foi criado no nível de mestrado, e intitulado de mestrado em Ciência da Informação. Este curso foi responsável pela qualificação de inúmeros pesquisadores no Brasil desde então, e atualmente funciona em nível de mestrado e doutorado. O curso de doutorado do IBICT teve início em 1992. É importante ressaltar que o ensino de pós-graduação no antigo IBBD data de 1956, com a criação de um Curso de Especialização de Pesquisas Bibliográficas para a área de ciências médicas, posteriormente oferecido para a área de extensão agrícola. O curso se transformou no Curso de Documentação Científica que foi oferecido por cerca de 35 anos sem interrupção, formando, nesse período, cerca de 600 (seiscentos) especialistas no nível de pós-graduação lato sensu (IBICT, 2005). O IBBD foi em 1976 transformado em IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.

Posteriormente, outros cursos também foram criados, como é o caso do curso da USP, UFMG, PUCCAMP, UFPB⁷, UnB.

O curso da USP – Universidade de São Paulo - teve início em 1970, mestrado e 1980 o doutorado. O da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais - , teve o mestrado iniciado em 1976 e o doutorado em 1997; o da PUCCAMP – Pontifícia Universidade Católica de

⁷ Atualmente o curso da UFPB encontra-se descredenciado

Campinas - , conta apenas com o nível de mestrado e as atividades iniciaram se em 1977, assim como o curso de mestrado da UFPB – Universidade Federal da Paraíba, que iniciou também em 1977. A UnB - Universidade de Brasília -, iniciou em 1978 o nível de mestrado e 1992 o doutorado. Mais recentemente outros cursos de pós-graduação em Ciência da Informação surgiram, é o caso da UFBA – Universidade Federal da Bahia - e da UNESP – Universidade Estadual de São Paulo -, que iniciaram seus cursos de mestrado em 1998, sendo que a UNESP implantou em 2004 um curso de doutorado. Mais recentemente foi instalado ainda um curso de mestrado na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, datado de 2003.

No que concerne a pós-graduação em CI é importante refletirmos sobre a sua existência enquanto fórum de discussão e desenvolvimento de pesquisas na área. Na visão de Barreto (2005),

Entendo a pós-graduação em informação como um processo de reflexão sobre o papel da informação, um fenômeno das relações da informação com o conhecimento. Pensar a informação no estágio anterior ao processo de geração de conhecimento é, no meu entender, a essência de um reflexão correta que permite a existência de uma pós-graduação. Não creio que somente a soma dos processos técnicos utilizados para a organização e o controle da informação justifiquem uma reflexão em nível de um curso de mestrado ou doutorado, mesmo na novidade profissionalizante sugerida pela Capes. (BARRETO, 2005, p. 1)

O autor nos traz a idéia do caráter de pesquisa a ser implementado na pós-graduação aliada sobretudo ao pensar crítico, desenvolvimento de teorias e aprofundamento epistemológico; perspectiva evidentemente relevante. Entretanto, é importante pensar que se a CI está ligada tanto a teoria quanto a prática, então refletir sobre o desenvolvimento de tecnologias/ferramentas ligadas sobretudo ao tratamento/organização/uso da informação,

encontra no ambiente de pós-graduação terreno profícuo para a geração de novos meios.

Acrescentando-se à visão acima, há também quem defenda a instauração de mestrados profissionalizante⁸ na área de CI: *“Dado o caráter aplicado de muitos procedimentos da Ciência da Informação, o mestrado profissionalizante parece ser muito pertinente, vindo complementar o mestrado stricto sensu na formação de recursos humanos mas permitindo, ao mesmo tempo, sua distinção. (SMIT, 1999, p. 389)*

Vale ainda apontar que a pós-graduação em CI carrega uma dualidade à medida que os diversos cursos/programas na área têm uma variedade significativa em termos de suas linhas de pesquisa e mesmo área de concentração. Assim, na expectativa de análise da pesquisa e pós-graduação na área, analisar-se-á as linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. Nesta análise evidencia-se a contradição anteriormente indicada em relação ao caráter tanto prático como teórico. Isso se deve, talvez, pelo fato de a ciência da informação ser considerada uma disciplina que congrega aspectos tanto práticos quanto teóricos, ou seja, um quê de ciência aplicada e outro de ciência pura (Borko, 1968). A seguir serão descritas as áreas de concentração e as respectivas linhas de pesquisa nos cursos de pós-graduação em CI atualmente no Brasil. Para realizar a análise, as áreas de concentração e as linhas de pesquisa foram distribuídas a seguir em ordem alfabética, sem menção do programa que as abriga. Para relação detalhada sobre os programas e as respectivas áreas de concentração e linhas de pesquisa, ver o apêndice A: Pós-graduações em Ciência da Informação no Brasil.

⁸ Por mestrado profissionalizante entende-se cursos stricto sensu que constam com características similares aos de mestrados acadêmicos, mas que tem como foco central, a atenção às questões prático-profissionais.

Porém, é importante levantar que o exercício de descrição e análise das linhas de pesquisa dos cursos de pós-graduação em CI no Brasil deve-se à necessidade de mapeamento de como a área tem configurado sua pesquisa, o que certamente liga-se ao presente projeto, já que como se perceberá adiante as linhas congregam inúmeras possibilidades fato que se reflete diretamente nos trabalhos de tese/dissertação. Estes apresentam-se também variados bem como a formação daqueles que procuram os cursos de pós-graduação da área, haja vista que na análise dos egressos do PPGCI/UFMG torna-se evidente que a constituição dos participantes apresenta-se extremamente diversificada.

Em relação às áreas de concentração das pós-graduações em CI, temos: Administração da informação; Cultura e informação; Gestão da informação; Informação e conhecimento na sociedade contemporânea; Informação, tecnologia e conhecimento; O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento; Planejamento e gerência de unidades de informação; Produção, organização e utilização da informação; Transferência da informação.

Em relação às Linhas de Pesquisa temos: Acesso à informação; Arquitetura da informação; Comunicação da informação ; Fluxo da informação; Profissionais da informação ; Gestão da informação; Gestão da informação e do conhecimento; Informação e conhecimento em ambientes organizacionais; Informação e contextos sócio-econômicos; Informação e tecnologia; Informação para o desenvolvimento regional; Informação, conhecimento e sociedade; Informação, cultura e sociedade; Mediação e ação cultural; Organização da informação ; Organização e uso da informação; Produção e disseminação da informação; Representação, gestão e tecnologia da informação; Teoria, epistemologia, interdisciplinaridade e ciência da informação.

Tanto as áreas de concentração quanto as linhas de pesquisa fazem parte do rol de cursos de mestrado e/ou doutorado em CI no Brasil. A intenção em agregar nesse formato as áreas e linhas é o de possibilitar uma análise em relação aos principais termos utilizados. No caso das áreas de concentração os termos mais significativos são: administração, cultura, gestão, conhecimento, tecnologia, planejamento, produção, organização, utilização, transferência.

Quanto a análise das linhas de pesquisa, pode-se elencar os seguintes termos-chave: arquitetura, comunicação, fluxo, profissionais, gestão, conhecimento, contextos sócio-econômicos, tecnologia, desenvolvimento regional, mediação, ação cultural, organização, uso, produção, disseminação, representação, teoria, epistemologia, interdisciplinaridade.

Em relação aos termos levantados, tanto das áreas quanto das linhas, percebe-se grande diversidade, com termos que vão de administração a cultura, tecnologia a epistemologia, arquitetura a contextos sócio-econômicos, enfim, termos que variam sobremaneira, indo de um extremo ao outro. Essa marca demonstra fluidez e interdisciplinaridade na pesquisa em ciência da informação. Como se percebeu as temáticas que perpassam a área são variadas e bastante significativas, espelhando assim, a complexidade do objeto informação na sociedade atual.

Com se nota os principais termos retirados dos diversos programas, sejam das linhas de pesquisa ou das áreas de concentração, guardam grande similaridade com as atuais linhas do PPGCI/UFMG, (*Gestão da Informação e do Conhecimento; Organização e Uso da Informação e Informação, Cultura e Sociedade*) ou seja, este mostra-se como um programa diversificado e que pelo que se percebe extremamente representativo no tocante a um espelho das demais linhas de todos os outros programas da área no Brasil. Desse modo, analisar os

destinos e contribuições dos egressos de um programa que, de certa forma, tem uma pesquisa vasta e representativa da área no país pode constituir-se, para o campo, numa significativa contribuição.

2.2.1 Pós-graduação em Ciência da Informação na UFMG: histórico do PPGCI

Realizada a explanação sobre a pós-graduação em CI como um todo no Brasil, é importante centrar-se, daqui em diante, na análise do curso da UFMG, já que o mesmo tem nesta pesquisa foco privilegiado. Este foi criado em 1975, tendo iniciado suas atividades em 1976, e contou com o projeto inicial das professoras Etelvina Lima e Anna da Soledade Vieira, e ainda com a consultoria do Professor Peter Havard-Williams, - na época consultor da CAPES para a área de Biblioteconomia. O curso foi criado com duas linhas de pesquisa, “Biblioteca e Educação” e “Biblioteca e Informação Especializada”. O CPG/EB – Curso de Pós-Graduação da Escola de Biblioteconomia - tinha o nome de Administração de Bibliotecas. É válido destacar que a criação do curso tinha em seu projeto inicial os seguintes objetivos:

Capacitar profissionalmente, segundo as exigências da Reforma Universitária, os professores da Escola de Biblioteconomia da UFMG, colaborando também com as demais Escolas de Biblioteconomia do País; formar liderança nacional capaz de formular políticas na área de ensino de Biblioteconomia; formar profissionais qualificados para as funções de administração de bibliotecas; formar profissionais capazes de participarem efetivamente dos programas de alfabetização e educação continuada do povo; preparar recursos humanos necessários para a implantação dos subsistemas regionais do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica (SNICT), previsto no Programa de Metas e Bases para a Ação do Governo Federal; desenvolver programas de pesquisa que propiciem a formação de uma infra-estrutura de informação no Estado e no país, dentro da linha de vinculação da Universidade às metas do Governo e às necessidades da comunidade. (VIEIRA; LIMA, 1977, p. 8)

O CPG/EB foi credenciado pela CAPES em 1980 e passou por recredenciamento em 1986 (VIEIRA, 1990; PAIM, 2000). De 1984 a 1986 o curso inicia um processo de avaliação formal, realizado por comissão do próprio curso. Em 1988 com a coordenação do curso a cargo da professora Anna Soledade Vieira, o colegiado resolve como plano estratégico para 1988-1990, a redefinição do curso de mestrado e a diversificação dos níveis e áreas de atuação do mesmo (VIEIRA, 2000). Segundo Paim (2000, p. 105) “*a reestruturação propõe mudanças básicas. Uma delas refere-se à ênfase atribuída à informação enquanto objeto de investigação e estudo, em substituição à ênfase anteriormente atribuída à instituição biblioteca.*” A partir desta reestruturação o curso teve modificado seu nome, que passa de Curso em Administração de Bibliotecas, nível mestrado, para curso em Ciência da Informação, nível mestrado. Do período de sua criação em 1976 até 1992, ano que se deu a última defesa com o título de mestre em administração de bibliotecas, o curso titulou 46 pessoas, sendo 42 (91,30%) do gênero feminino e apenas 4 (8,69%) do gênero masculino. Em relação à reestruturação nos aponta Paim que,

A opção norteadora do projeto de reestruturação centra-se pois na informação, enquanto bem e direitos sociais, instrumento de poder e de estratégias, e enquanto bem de produção, criando espaço para que se estudem variados tipos de informação e os contextos de sua ocorrência. Há que se ressaltar, também, que a ênfase no fenômeno informação implica que a multidisciplinaridade se constitua na característica marcante do mestrado. Acrescente-se ainda que os desafios, próprios da dinâmica da sociedade contemporânea, da complexidade do uso da tecnologia, e das diferentes interfaces que a questão da informação propõe, evidenciam a necessidade de mudança do antigo nome do curso de pós-graduação, com vistas a incorporar a pretendida ampliação de seu escopo. Dessa forma, propõe-se a denominação Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação – nível mestrado – CPGCI, visando a garantir o caráter multidisciplinar inerentes às especificidades do mesmo. Assim, o nome do curso passa a refletir a abrangência e a complexidade implícitas na feição que se deseja imprimir ao novo mestrado, que passa a contar com maior número de candidatos oriundos de diversificadas áreas do conhecimento. (PAIM, 2000, p. 106)

É importante perceber que o projeto do novo curso instalado teve a preocupação com a

informação e os processos que a permeiam, como o seu fluxo na sociedade, levando o aluno a uma consciência crítica dos processos que perpassam a informação na atualidade.

A filosofia do mestrado na EB/UFMG orienta-se pela preocupação em se repensar criticamente, em abordagem interdisciplinar, a informação, enquanto saber específico dos profissionais da área. Assim, este projeto de curso de mestrado pretende privilegiar a geração do conhecimento na área da Ciência da Informação. Essa perspectiva propicia a crítica de teorias e práticas já consagradas e a conseqüente adoção de inovações desejadas. Nessa ótica, o curso contempla questões fundamentais da realidade brasileira e possibilita ao docente e ao profissional da informação, voltados para a pesquisa, a oportunidade de trabalhar a organização da informação na sua dinâmica e em profundidade. (PROJETO de reestruturação..., 1990, p. 19-20)

Em 1997 se instala o curso de doutorado e o CPGCI da então Escola de Biblioteconomia, passa a denominar-se Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, PPGCI. Em seu projeto, o curso é concebido na estratégia de compartilhar as mesmas linhas de pesquisa até então estruturadas para o mestrado, a saber: informação gerencial, informação científica e tecnológica, informação social e informação histórica. No que tange a percepção do projeto tem-se que

(...) a presente proposta baseia-se na compreensão de que um programa de doutorado deve propiciar tanto o aprofundamento conceitual quanto a ampliação do horizonte teórico, garantidos pelo estudo minucioso e detalhado de conceitos importantes que se localizam no bojo das teorias, as quais procuram explicar a realidade, compondo a universalidade a partir da particularidade. Somente assim será possível identificar a Ciência da Informação em suas especificidades, destacadas do conjunto de outros ramos do saber e contribuir efetivamente para sua consolidação. (PROPOSTA de criação..., 1997, p. 40)

Desde a reestruturação do curso de mestrado e a implantação do doutorado, o Programa já titulóu 157 mestres e 26 doutores. Esses dados se referem ao período de 1992 – ano da primeira defesa cujo título foi em Ciência da Informação até o fim do mês de Agosto de 2005, período este (1992-2005) compreendido pela pesquisa. É interessante perceber que ao longo destes 13 anos o PPGCI/UFMG titulóu 183 pessoas, o que dá uma média de 14,07 defesas por

ano, sendo 12,07 defesas anuais de mestrado e 5,2 defesas anuais de doutorado (como já exposto anteriormente, o período do doutorado é o de 1997 a agosto/2005), entretanto a primeira tese de doutorado defendida data do ano de 2000.

É de suma importância analisar as avaliações mantidas pela CAPES. Estas avaliações têm se dado a cada três anos, e tem como objetivo principal a avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* das escolas brasileiras. O relatório de avaliação da CAPES se pauta em diversos quesitos⁹. Em relação às avaliações do PPGCI/UFMG destaque-se alguns pontos analisados pela CAPES, no triênio 2001/2003. É válido ressaltar que esta foi a última avaliação disponibilizada pela agência, já que a próxima possivelmente compreenderá o período de 2004-2007. Nesta última avaliação 2001/2003, o PPGCI/UFMG foi avaliado com nota 5, demonstrando assim, ser um programa de ótima qualidade. De acordo com a avaliação da CAPES a nota 5 representa um curso de elevada qualidade nacional, sendo que as notas vão de 1 a 7, de modo que o nível 6 e 7 representam qualidade internacional. O curso da UFMG conta atualmente com a melhor pontuação dentre os cursos de pós-graduação em CI no Brasil, estando apenas o curso da UnB com nota igual (CAPES, 2005). Em relação ao conceito obtido, a justificativa do relatório da CAPES ressalta:

Tendo sido considerado curso 5 na avaliação passada, conservou as suas características positivas e ainda melhorou em aspectos fundamentais, como em publicação e em intercâmbios científicos. Tem, portanto, um nível de desempenho compatível com o patamar de excelência adotado pela área no Brasil, devendo, agora, desenvolver iniciativas para alcançar o melhor padrão internacional da área. (CAPES, 2004, p. 11)

A avaliação da CAPES analisada no período de 1992-1993, a primeira do curso após a reestruturação para mestrado em Ciência da Informação, mostra-se bastante positiva.

⁹ Os quesitos de avaliação da CAPES são em número de 7, a saber: Proposta do Programa, Corpo Docente, Atividade de Pesquisa, Atividade de Formação, Corpo Discente, Teses e Dissertações e Produção intelectual. O quesito Proposta do Programa se desdobra em 6 itens, enquanto que os demais se desdobram em 4 itens cada um.

“O conceito A foi atribuído uma vez que o curso, na opinião da comissão, apresentou condições satisfatórias quanto aos itens analisados.” (CAPES,1994, p. 6) O relatório do referido ano ainda destaca questões relativas à reestruturação do curso; e um fato que chamou atenção foi em relação ao item “Fluxo do corpo discente”, onde se registra: *“Cumpre destacar o grande número de alunos jubilados (25). Este fato indica uma “limpeza” da casa e aponta para necessidade de uma maior atenção na solução. O grande número de dissertações aprovadas nesses dois anos é fruto da mesma política.”* (CAPES, 1994, 5). Naquele biênio o número de dissertações defendidas foi de seis (1992) e sete (1993). A simples análise dos dois relatórios, em específico, se deu para que se pudesse perceber os dois extremos, ou seja, a primeira e a última avaliação do curso. Desse modo tem-se que as avaliações foram muito positivas, inclusive pela pontuação na primeira avaliação com nota A e na última com nota 5.

Ao longo destes 13 anos (1992-2005) o PPGCI/UFMG titulóu 183 pessoas com títulos de mestre e/ou doutor em CI, sendo que discentes das mais variadas áreas e com distintos interesses passaram pelo programa. Cada um com percepções distintas em relação à sua formação, e ainda, com diferentes graus de envolvimento com o desenvolvimento da área de ciência da informação, além de atuações profissionais também diversas. Sendo assim, acredita-se ser, a análise do perfil dos egressos, matéria importantíssima, primeiramente pela percepção do quanto a área de CI tem-se desenvolvido a partir da titulação desse número de pessoas, bem como para perceber-se qual tem sido o papel dessa formação na vida desses sujeitos no que se refere às atividades profissionais e, por último, mas não menos importante, como subsídios para que o próprio PPGCI/UFMG reflita sobre os destinos dos pós-graduados formados pelo mesmo.

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3 ed. Lisboa: Presença, 1980.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. *Programas de pós-graduação*. Disponível em <<http://www.ancib.org.br>> Acessado em: 17 de Maio de 2005.

BARRETO, Aldo. *O penúltimo trem já partiu e não embarcamos*. Datagramazero, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>> Acessado em Julho de 2005.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer 977/65*. 1965.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Plano Nacional de Pós-Graduação 2005-2010*. Brasília, 2004.

DEMO, Pedro. *Ambivalências da sociedade da informação*. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

DIAS SOBRINHO, José. Pós-graduação, escola de formação para magistério superior. *Universidade e Sociedade*. São Paulo, v. 4, n. 7, Junho, 1994, p. 92-97.

GATTI, Bernadete Angelina. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 18, Set/Nov, 2001, p. 108-116

GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*. São Paulo: Summus, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). *Histórico: Ensino e Pesquisa no IBICT*. Disponível em <<http://www.ibict.br/>> acessado em 17 de Maio de 2005.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Ideologia, p. 126; Política, p. 178.

MACHADO, Antônio de Souza. *Acompanhamento de egressos: caso CEFET-PR – unidade de Curitiba*. Florianópolis: UFSC, 2001. 146f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.146f.

MARTINS, Ricardo C. de Rezende. *A pós-graduação no Brasil: uma análise do período 1970-90*. Educação Brasileira, Brasília, v. 13, n. 27, 1991, p. 93-119.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *Educação e política no Brasil de hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.

PAIM, Isis. *A Ciência da Informação na UFMG: a trajetória do programa de Pós-Graduação. Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 5, n. especial, Jan/Jun, 2000, p. 105-110

_____. *O curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UFMG: análise e perspectivas*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, março 1985, p. 146-153.

_____ et al. *Avaliação do curso de pós-graduação em Biblioteconomia da UFMG: a realidade em aberto*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1988.

PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, v. 1.

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2. ed. rev. atual. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

REIS, Alcenir Soares dos. *A história da pós-graduação em biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto*. 1990. 208 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Bibliotecas) - Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, 1990. 208f.

_____; REIS, Andréa Hollerbach Siqueira. *Análise do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da UFMG: a ótica discente*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, março 1985, p. 123-145.

SANTOS, Cássio Miranda dos. *Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. Ensaio: avaliação, políticas públicas e educação*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, out/dez, 2002, p. 479-492.

_____. *Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 83, agosto 2003, p. 627-641.

SUCUPIRA, Newton. *Antecedentes e primórdios da pós-graduação*. Fórum educacional, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, out/dez, 1980, p. 3-18.

VELLOSO, Jacques (org.) *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: CAPES, 2002. v. 1

VIEIRA, Ana da Soledade Vieira. *A Pós-Graduação na EB/UFMG: memória e perspectivas*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v. 19, n. especial, março 1990, p. 68-76.

_____; LIMA, E. *A pós-graduação em biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, setembro 1977, p. 125-135.

CAPÍTULO 3 – EGRESSOS COMO CATEGORIA DE ANÁLISE

3.1. Fundamentos educacionais da avaliação de egressos

O presente capítulo tem como centro de sua discussão a questão do egresso como categoria de análise, motivo pelo qual foram trazidos à tona, estudos que têm os *egressos* como categoria central. Espera-se que esse olhar de apreensão, com fundamentos em outros estudos, possa contribuir para a compreensão do papel da pós-graduação e, de forma específica, do Programa de Pós-graduação da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

É sabido que no Brasil, “*As primeiras iniciativas de estudos de acompanhamento de egressos foram do Departamento Regional de São Paulo do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-DR/SP) e datam de 1977.*” (SOUZA JÚNIOR, 2000, p. 14). Isto leva a entender o quanto este tipo de trabalho tem importância para a educação profissional. Não obstante, tem-se consciência, no âmbito da presente pesquisa, que a mesma não consta especificamente de um estudo de educação profissional, ao menos, ao modo de estudos realizados pelo SENAI e outros órgãos que lidam diretamente com formação profissional. Como discutido em outros momentos, a pós-graduação é o nível de ensino central nesta pesquisa.

Isto posto, é importante ressaltar que no presente item, privilegiou-se a análise de estudos sobre egressos que não fossem diretamente aqueles realizados por órgãos de formação técnica especificamente, como o SENAI/SENAC/SESI, mas sim, estudos realizados no âmbito da pós-graduação. Dentre estes destacam-se estudos referentes ao nível de mestrado que privilegiaram análise dos egressos de cursos técnicos como os de Cunha (1990), Oliveira (2004) e Machado (2001) que analisaram respectivamente o caso de formação do SENAI e casos dos Centro Federal de Ensino Técnico -CEFET. Outros estudos ainda foram analisados,

estudos estes realizados sobre pós-graduação, e que de certa forma, guardam mais similaridade com a presente pesquisa, já que analisam egressos desse nível de ensino, como pode ser percebido em Spagnolo & Günther (1986), Barbosa (1997), Viana (2000) e Velloso (2002). Estudo bastante válido ainda para a presente pesquisa é o de Araújo (1982), que analisou a atuação profissional dos egressos do curso de mestrado em Ciência da Informação do IBICT. Em relação a esse estudo especificamente retornar-se-á mais adiante.

No tocante aos estudos sobre egressos é válido também acentuar que os mesmos se centram basicamente em dois tipos, o primeiro seria o chamado ‘acompanhamento de egressos’ que é um estudo que se dá através de um acompanhamento de um determinado grupo ao longo de um dado período. O outro tipo é um estudo mais centrado no momento atual, ou seja, não um acompanhamento ao longo de determinado tempo, e sim, quase que uma fotografia do momento atual daqueles egressos. Na presente pesquisa o levantamento privilegiou não um acompanhamento no sentido de levantamentos ao longo do tempo, mas sim, analisar como se deu ao longo de um dado período, as modificações ocorridas com os referidos sujeitos face a formação no PPGCI/UFMG.

Em relação aos estudos sobre egressos, fundamentalmente sobre o acompanhamento dos mesmos, nos diz Souza Júnior (2000)

O ‘acompanhamento de egressos’ é uma análise e avaliação de impactos ou de resultados de atividades desenvolvidas. Qualquer que seja seu foco e corte teórico e metodológico, estes são sempre inspirados na crença de que seus resultados, de uma maneira ou de outra, serão úteis na reorientação de políticas e práticas institucionais ou sociais de modo a tornar mais eficiente, mais relevante e mais conseqüente o conjunto dos trabalhos desenvolvidos por uma organização burocrática ou social. (SOUZA JÚNIOR, 2000, p. 14)

Extremamente oportuna a colocação do pesquisador, já que como percebe-se no capítulo de

introdução da presente dissertação, um dos objetivos específicos da mesma é o de obter subsídios que possam vir a colaborar com a análise e planejamento da política educacional do próprio PPGCI/UFMG.

Em relação aos estudos de egressos citados, acredita-se ser interessante ater-se em alguns pontos mais específicos dos mesmos, sobretudo, as metodologias de estudo. Evidente que cada pesquisa tem suas particularidades, e logo, um método empregado que, segundo o pesquisador, teria condições de melhor apreensão do real naquele momento.

Em relação ao estudo de Cunha (1990), sobre os egressos do SENAI/BA, aponta o autor que,

(...) a amostra é constituída de trezentos e dezoito operários selecionados aleatoriamente de treze firmas, também escolhidas aleatoriamente no Centro Industrial de Aratu. Os sujeitos representaram três ocupações – eletricidade, mecânica e soldagem – e três níveis – mestre, qualificado e semiquualificado. Cada elemento foi entrevistado através de um instrumento tipo “história de vida”. Os dados foram analisados através de estatística univariada e multivariada. (CUNHA, 1990, p. 11)

O estudo de Cunha (1990) procurou avaliar o impacto dos cursos do SENAI, em relação ao nível salarial e de ocupação. No universo de pesquisa contou com trabalhadores egressos e não egressos do SENAI, na tentativa de um estudo comparativo entre aqueles e esses. O estudo foi bastante válido na medida em que pode perceber um melhor destaque profissional dos sujeitos egressos do SENAI.

Outros estudos que focam ainda sua atenção em egressos de nível médio são, como já citados, os de Machado (2001) e Oliveira (2004), que fizeram cada um dentro de sua perspectiva teórica e metodológica, estudos sobre egressos do Centro Federal de Educação Tecnológica,

referente as unidades do Paraná e Minas Gerais, respectivamente. O estudo de Machado (2001) se constituiu num acompanhamento de egressos, ao passo que o de Oliveira (2004) refere-se ao estudo de percepção dos mesmos em relação à sua formação.

No estudo de Machado (2001) o acompanhamento de egressos se dá pela ótica da interação Escola x Empresa, na tentativa de evidenciar os esforços da Escola no acompanhamento dos egressos dentro das empresas, na tentativa constante de avaliação e aprimoramento de sua formação. Ponto importante da análise do autor é o de evidenciar o egresso como fonte de informação para a escola, de forma que foi criado pelo autor um Sistema de Acompanhamento de Egressos. Na perspectiva do egresso enquanto fonte de informação, nos diz o pesquisador que

Cabe à empresa, à sociedade e especialmente aos egressos, realimentarem a escola com as informações necessárias para análise dos currículos, tendências do mercado, desenvolvimento de tecnologia, métodos e processos de trabalho, novos equipamentos, etc., de modo a facultar à Instituição Escolar o pleno atendimento das necessidades desse importante segmento da sociedade. (MACHADO, 2001, p. 37)

Em relação à pesquisa de Oliveira (2004), a mesma desenvolveu-se metodologicamente a partir de uma análise documental e posteriormente entrevistas. Como nos é relatado,

Em termos de procedimentos de coleta de dados, optou-se pela entrevista semi-estruturada, buscando identificar percepções, sentimentos e atitudes dos egressos sobre a sua formação no ensino técnico do CEFET-MG (...) e apreendendo suas concepções sobre as contribuições dessa formação para a sua trajetória educacional e profissional. (OLIVEIRA, 2004, p. 21)

O estudo aponta que as hipóteses propostas pela pesquisa foram confirmadas, sendo que na percepção dos egressos da instituição estudada, o ensino técnico da instituição é de grande

qualidade.

Quanto às pesquisas que estudaram especificamente egressos de cursos de pós-graduação temos como grande esforço o trabalho realizado na década de 1980 por Spagnolo & Günther (1986). Este estudo faz um balanço dos pós-graduados no país ao longo daqueles últimos 20 anos. A pergunta central do estudo era: “o que fazem os pós-graduados hoje?” O estudo analisou a resposta de 12.650 mestres e doutores, que realizaram a pós-graduação no país ou no exterior. Em relação ao desenvolvimento da pesquisa nos diz os autores que

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, entre 1981 e 1984. O primeiro levantamento foi dirigido a profissionais das áreas de ciências agroindustriais, economia e física. Contou-se com um total de 3.440 respostas. O segundo, realizado em 1983, incluiu as profissões da saúde (medicina, farmácia, enfermagem, odontologia), bem como engenharia, antropologia, ciências políticas e sociologia, com um total de 5.382 respondentes. A terceira etapa, em 1984, contemplou as áreas de informática, geociências, química, ciências biológicas, educação, psicologia, administração e educação física, resultando em 3.828 respostas. (SPAGNOLO; GÜNTHER, 1986, p. 1645)

Como se percebe o estudo mostrou-se bastante rico em relação às áreas estudadas. É evidente que não contemplou todos os cursos, entretanto, trouxe grande representatividade em relação aos programas de estudo pós-graduados daquele momento.

Guardadas as devidas particularidades, tem-se que quanto ao percentual de respostas e ainda quanto ao tamanho do questionário aplicado no estudo de Spagnolo & Günther (1986), percebe-se bastante similaridade com a presente pesquisa, já que como nos mostra os autores “(...) o número de respostas obtidas, 12.650, é bastante respeitável, representando mais de um quarto do total de pós-graduados no país” (SPAGNOLO; GÜNTHER, 1986, p. 1646). Na presente pesquisa, como já apontado em outro momento, a taxa de resposta do questionário

ficou em 24,6%, ou seja, praticamente um quarto da população. Em relação à coleta de dados os referidos autores dizem que:

O instrumento de coleta era constituído por um questionário auto-aplicável, composto de 58 perguntas fechadas, que indagavam sobre vários aspectos da vida profissional, tais como tipo de atividades desenvolvidas, grau de satisfação, dificuldades encontradas, produção científica etc., além do histórico escolar e dados pessoais. (SPAGNOLO; GÜNTHER, 1986, p. 1646)

Como pode ser analisado no apêndice B, o questionário da presente pesquisa também guarda certas similaridades com o instrumento de coleta de dados exposto acima, já que ambos contemplam questões que têm certa similaridade, como: dados pessoais, produção científica, algumas percepções sobre a formação e aspectos profissionais.

Outro estudo mais recente é o organizado por Velloso (2002), que mapeou o destino profissional de cerca de 3.600 mestres e 1.800 doutores formados no país, a partir da década de 1990. O estudo abrangeu nove áreas do conhecimento, a saber: Administração, Agronomia, Bioquímica, Clínica Médica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Física, Química e Sociologia. Uma outra parte da pesquisa contará com uma amostra de 3.300 egressos, sendo mestres e doutores nas seguintes áreas: Direito, Economia, Engenharia Mecânica, Geociências, Odontologia e Psicologia. Certamente esse estudo pode ser considerado como um dos maiores esforços de análise de egressos de pós-graduação no país. A iniciativa do estudo sob a organização de Velloso (2002) é de extrema importância dado sobretudo a preocupação de saber qual o destino profissional de mestres e doutores no Brasil. Segundo o autor, a investigação teve como preocupações principais saber: a) *Quem são os mestres e doutores*, b) *Por que fizeram o curso?* c) *Trajetória: de onde vieram e para onde foram os mestres e doutores ?* d) *Quanto ganham os mestres e doutores ?* e) *Para que serviu*

o curso ? (Velloso, 2004). Como se pode perceber questões práticas e objetivas que são de suma importância para as políticas de formação de estrato pós-graduado no Brasil.

Em relação ao quesito “motivações para realização do mestrado” os resultados deste estudo mostraram que,

Levando em conta essa multiplicidade de profissões e situações, as motivações básicas pra a realização do mestrado poderiam se revelar bastante diferenciadas. Contudo, não foi isto o que ocorreu. Indagados sobre os fatores que pesaram nessa decisão os entrevistados centraram suas respostas na busca de uma diferenciação e uma melhor inserção no mercado de trabalho (através da melhoria da sua competitividade ou do seu desempenho acadêmico/profissional assim como, de uma ampliação das oportunidades), na aspiração de ingressar ou avançar na carreira acadêmica ou de se capacitar como pesquisador. A perspectiva de um aumento de renda, a correção de deficiências do ensino de graduação e o incentivo de bolsa mostram-se bem menos relevantes. (CARVALHO, 2002, p. 393)

Quanto a estudos sobre egressos que abrangem de forma particular algumas áreas do conhecimento, ou mais especificamente, de determinados programas de pós-graduação, pode-se citar os de Barbosa (1997) e Viana (2000) e ainda com mais aproximação com a presente pesquisa os de Silva (1982) e o de Araújo (1982).

A pesquisa de Barbosa (1997) teve como objetivo analisar a situação do egresso do mestrado em Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, quanto a sua trajetória profissional e qualidade de vida no trabalho. O período que a pesquisa compreendeu foi o de 1984-1989. O total da população foi de 96 egressos, desses 40 responderam ao questionário (42%). Em relação à metodologia nos explica o pesquisador que:

Dada a natureza da pesquisa, decidiu-se pela realização do tipo “SURVEY” (...), como estratégia metodológica básica de investigação. Com esta intenção, elaborou-se um questionário que foi aplicado, por carta, a todos os indivíduos matriculados no CEPEAD, no período de 1984 a 1989. Optou-se também por realizar algumas entrevistas tanto para se certificar do real entendimento das questões pelos respondentes como para colher impressões e sentimentos às vezes não expressos nas respostas escritas. (BARBOSA, 1997, p. 51)

É válido salientar que no tocante à metodologia, o estudo de Barbosa (1997) guarda grande proximidade com a presente pesquisa, dada a forma de coleta de dados centrar tanto no survey, como em entrevistas, na perspectiva de melhor apreensão do objeto de pesquisa, como já foi discutido no capítulo de Introdução da presente dissertação.

Em relação a atuação profissional dos egressos pesquisados por Barbosa,

Observou-se que o magistério é a principal área de atuação do egresso do CEPEAD (40%), seguida das áreas de Serviços (25%) e Administração Pública (17,5%). Isto sem contar um percentual de 7,5% que atuam nessas duas últimas áreas e exercem, concomitantemente, atividades de magistério, elevando a atuação nessa área para 47,5%. Dessa forma, tem-se que a maioria dos egressos (65%), então, atua na administração pública e no magistério, o que permite concluir-se que o CEPEAD tem cumprido o seu importante papel de formação de docentes para o ensino superior. (BARBOSA, 1997, p. 62)

A pesquisa de Viana (2000) foi uma avaliação dos egressos do curso de mestrado e doutorado na área de Ciências Médicas. O estudo teve como objetivos: a) caracterizar os egressos; b) identificar as motivações que os levaram à procura da pós-graduação; c) avaliar a qualidade do programa teórico dos cursos; d) avaliar o desenvolvimento da pesquisa para fins de dissertação ou tese e o papel do orientador; e) avaliar o impacto dos cursos de pós-graduação nas atividades profissionais, no desempenho das atividades acadêmicas de docência e de pesquisa. A pesquisa compreendeu os anos de 1979-1985. O total de egressos no período foi

de 399, entretanto a amostra foi de 260. Desse total 182 (70%) eram mestres e 78 (30%) eram doutores. Em relação à idade ao término do curso, 20% concluiu com menos de 30 anos, 50% com idade entre 26 a 35 anos. Entre os doutores mais especificamente, aproximadamente 60% se titularam até os 40 anos. Em relação à carreira profissional 63,2% dos mestres e 84,6% dos doutores avaliou que houve um progresso na carreira profissional com a titulação (VIANA, 2000). No que diz respeito a motivação para a realização do curso constatou-se que,

O interesse pela carreira docente foi o motivo mais alegado para fazer a pós-graduação, tanto pelos egressos do mestrado (61,5%) como do doutorado (55,1%). Para os mestres, 22% referiram a necessidade de melhorar o nível profissional como motivação, constituindo-se em 30,8% das respostas dos doutores; a segunda razão mais referida. Aprimorar-se em metodologia da pesquisa e realizar pesquisa foram também motivos relatados como importantes. O curso de pós-graduação como complementação da graduação, que não é objetivo da pós-graduação, foi pontuado por 5,3% dos egressos do mestrado. (VIANA, 2000, p. 97)

É importante assinalar que mesmo ciente das diferenças no que concerne às áreas médicas das ciências sociais aplicadas, no caso mais específico a Ciência da Informação, tem-se na pesquisa de Viana (2000) possibilidades de perceber como se deu o desenvolvimento da mesma, o que vem a somar para o presente estudo, já que *egressos* é uma categoria central em ambas as pesquisas.

Em relação a dois trabalhos realizados no âmbito do IBICT, especificamente sobre egressos, pode-se citar a pesquisa de Araújo (1982) que teve como questão central analisar a atuação profissional dos egressos do curso de mestrado em Ciência da Informação do IBICT, fazendo um paralelo entre a atuação desses com estudos realizados sobre atuação profissional na Inglaterra e Estados Unidos. Já a pesquisa de Silva (1982) visa ao estudo do impacto dos cursos do IBICT sobre a atividade profissional dos egressos, tanto do curso de mestrado em

Ciência da Informação, quanto os do curso de Especialização em Documentação Científica. O mesmo não se constituiu de pesquisa de dissertação e, sim, de um projeto intitulado “Projeto Avaliação”, realizado pelo próprio IBICT, que teve como objetivo caracterizar as atividades profissionais dos egressos e as suas respectivas opiniões sobre os cursos.

Na pesquisa de Silva (1982) pretendeu-se uma análise sobre a ocupação anterior à realização do curso do IBICT e a atuação profissional posterior à realização do curso, no intuito de verificar o impacto do curso do IBICT na ascensão profissional dos egressos. O estudo utilizou a metodologia de “*survey*”, sendo aplicado a uma população de 340 egressos, tendo um retorno de 280, correspondendo assim, a 83% da população. Os resultados demonstraram que de fato houve certa mudança na atuação profissional e que esta pode ser creditada a alguns fatores, sobretudo, ao curso do IBICT.

A pesquisa de Araújo (1982), como já mencionada, realizou um estudo sobre a atuação profissional dos egressos do mestrado do IBICT. O período avaliado foi o de 1970-1979, com um total de 121 sujeitos. É importante perceber que neste estudo, considerou-se para fins da pesquisa, que os sujeitos do universo seriam aqueles indivíduos que I) defenderam suas dissertações e II) aqueles que completaram os créditos exigidos mas que não apresentaram ou defenderam a dissertaram. A metodologia baseou-se em entrevista com os sujeitos, que estavam distribuídos em diversos estados brasileiros e a taxa de resposta foi de 89% das entrevistas. É necessário assinalar que as entrevistas foram conduzidas por pessoas diferentes em cada estado.

No que se refere ao estudo comparativo realizado pela pesquisadora, a mesma aponta questões importantes para o seu trabalho quanto a formação e atuação profissional, tanto na

Inglaterra como nos Estados Unidos, para mais adiante realizar algumas comparações. Quanto aos estudos de egressos realizados na Inglaterra, nos diz a autora que,

Desde 1969, por recomendação do Departamento de Educação e Ciência (DES) da Inglaterra, os egressos dos cursos de Biblioteconomia, tanto a nível secundário como os de graduação e pós-graduação, são solicitados a responderem a um questionário, aproximadamente dois meses após o término do curso. Esses estudos de acompanhamento investigam a situação empregatícia dos egressos e têm como objetivo principal verificar as perspectivas de trabalho na área na Inglaterra. (ARAÚJO, 1982, p. 42)

Quanto a pesquisa sobre os egressos realizada nos Estados Unidos, o mesmo foi de âmbito nacional, estabelecido na Universidade de Pittsburgh, cujo tema foi o ‘profissional da informação nos Estados Unidos’. A condução do estudo ficou a cargo da School of Library and Information Science da mesma universidade, datando do início da década de 1980.

O projeto enfatiza a necessidade de se conhecer a composição dos profissionais da informação nos Estados Unidos em função, primeiramente, do crescente reconhecimento sobre a importância da informação como um recurso nacional, seguido da constante preocupação para o estabelecimento de política nacional de informação e do aumento no número de programas desenvolvidos nas Universidades e “Colleges”, no treinamento de profissionais da informação. (ARAÚJO, 1982, p. 47)

Em relação aos resultados da pesquisa realizada com os egressos do IBICT, diz a pesquisadora que:

Como resultado global encontramos um total de 67% de egressos desenvolvendo suas atividades profissionais em bibliotecas ou centros de informação, 47% dos egressos em instituições de ensino superior e 44% envolvidos em projetos de pesquisa nas instituições onde trabalham (...). Cabe ressaltar que os índices se referem ao total de atividades exercidas, podendo ser encontradas mais de uma para alguns indivíduos. (ARAÚJO, 1982, p. 62-63)

Em termos das instituições de trabalho, tem-se que o trabalho principal dos egressos do IBICT estava assim dividido: “56% encontram-se empregados em instituições governamentais, 40% em instituições de ensino, e apenas 2% em instituições empresarias. (...) as instituições vinculadas ao estado alcançam 87% e as instituições privadas 10%”. (ARAÚJO, 1982, p. 63)

Quanto ao setor de trabalho “os dois setores básicos onde os egressos encontram empregados dentro das instituições são o de biblioteca/centro de informação e departamento de ensino com 54% e 30% de ocorrências, respectivamente, considerando o principal trabalho.” (ARAÚJO, 1982, p. 63-64). Quanto ao setor de bibliotecas tem-se que “as instituições governamentais e de ensino superior empregam, respectivamente, 34% e 17% dos egressos, ficando as instituições empresarias com 2%”. (ARAÚJO, 1982, p. 64)

Em contraposição aos resultados obtidos na pesquisa no Brasil, as comparações com as pesquisas realizadas nos Estados Unidos e Inglaterra mostram que naqueles países,

(...) o setor de emprego principal é o industrial (71% e 33% respectivamente (...)). A economia desses países é apoiada, principalmente, na iniciativa privada. O setor industrial possui uma autosuficiência de produção e comercialização em relação ao estado, de uma maneira geral, e, especificamente em informação. (ARAÚJO, 1982, p. 70)

Em relação aos Estados Unidos especificamente “as funções que ocupam maior parcela de profissionais da informação são aquelas relacionadas com a manipulação da informação identificadas com funções operacionais, de intermediários e de especialistas em sistemas de informação e possuem uma distribuição entre as instituições patronais mais ou menos equilibradas.” (ARAÚJO, 1982, p. 76)

Enfim, em relação ao estudo de Araújo (1982) tem-se que o mesmo fez parte de um projeto

maior conduzido pelo IBICT, e mostrou-se de grande relevância em relação a um mapeamento da atuação profissional dos egressos do IBICT naquele momento. Certamente que os dados colhidos pela pesquisa são de interesse para percebermos quais as aproximações com os resultados da pesquisa com os egressos do PPGCI/UFMG, resguardando porém as diferenças temporal, de escopo, objetivos e outros.

É importante perceber que, conforme nos mostra a pesquisa de Araújo (1982), estudos sobre egressos de cursos de Ciência da Informação acontecem em países desenvolvidos há bastante tempo. Isso nos leva a perceber a necessidade dos estudos de egressos na área de Ciência da Informação, como forma de melhor conhecer aqueles que se titularam nos programas em CI no país, de maneira a mapear os destinos profissionais e mesmo a interrelação desses egressos com a própria área de CI, o que certamente só vem a acrescentar para o desenvolvimento da mesma.

3.2. Perfil dos egressos do PPGCI/UFMG

Neste tópico apresenta-se o perfil dos egressos do PPGCI/UFMG, com base nos questionários respondidos, de modo que os dados analisados serão mostrados em forma tanto de tabelas quanto de gráficos. É importante salientar que a análise dos dados engloba tanto os respondentes do mestrado quanto do doutorado num único estrato, salvo em algumas tabelas, onde a separação foi realizada de modo a acentuar algumas especificidades.

Vale acrescentar que as tabelas apresentam parte das respostas dadas pelos respondentes do questionário, com exceção de algumas que foram realizadas a partir da análise do universo da pesquisa como um todo, na expectativa de comparações entre o universo e a amostra. Em

relação a essas, os dados foram coletados diretamente na secretaria do PPGCI/UFMG, e as tabelas foram organizadas pelo pesquisador. Como pode ser percebido pelo questionário (apêndice B) respondido pelos egressos, dado os objetivos e nível de abrangência da pesquisa, o instrumento de coleta de dados contou com um expressivo número de questões, o que inevitavelmente, gera um considerável número de tabelas (apêndice C). Na tentativa de diminuir o excesso das mesmas algumas darão lugar às explicações no próprio corpo do texto. Ainda em relação ao questionário é interessante mostrar que o tempo médio de resposta foi de 49,4 minutos no geral, sendo que a distribuição entre homens (49,2 min.) e mulheres (49,6 min.) foi praticamente a mesma (Tabela 1 – Anexo C).

Como se pode perceber, dado o caráter abrangente do instrumento de coleta de dados, os respondentes precisaram dispor de tempo considerável para que o preenchimento do questionário estivesse a contento. Em relação à diferença de tempo de resposta, têm-se que o questionário que foi respondido em menor tempo acusou 10 minutos e o que marcou o maior tempo acusou 108 minutos, gerando assim uma amplitude de 98 minutos. É importante levantar mais especificamente em relação a este intervalo de tempo que o questionário que teve um maior investimento de tempo foi respondido por um egresso do mestrado ao passo que o questionário onde se percebeu menor investimento de tempo foi respondido por um egresso do doutorado.

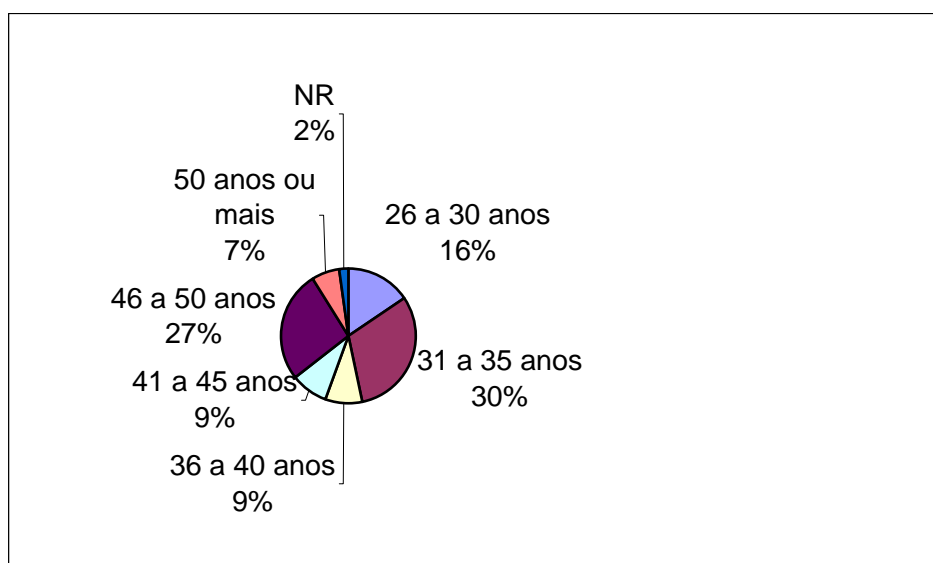
Em relação ao perfil coletado do egresso do PPGCI/UFMG através do questionário têm-se que a distribuição entre sexo demonstrou um número maior de mulheres do que de homens, sendo 58% e 42% respectivamente.

Se comparado ao universo da pesquisa como um todo percebe-se que a amostra é de fato bem

representativa, pois dos 157 egressos do nível de mestrado, 94 são mulheres, o que corresponde a 59,9%, e 63 homens, correspondendo a 40,1%. No nível do doutorado o percentual de mulheres tituladas ainda é maior, dos 26 egressos do doutorado, tem-se 17 mulheres e 9 homens, o que corresponde a 65,4% e 34,6% respectivamente.

No que diz respeito à idade de titulação dos egressos, pode-se perceber que a maioria teve sua titulação na faixa de 31 a 35 anos, 30%, seguida da idade de 46 a 50 anos com 27% das respostas.

GRÁFICO 1: Faixa etária dos egressos à época da titulação



No tocante à idade atual dos mesmos a moda está na faixa de idade de 29 a 36 anos, o que demonstra um conjunto de egressos relativamente jovens. As outras faixas de idade se mostram em distribuição bastante equitativa, com exceção para a faixa com menos de 29 anos que aponta apenas 4,4%.

Ainda em relação à idade atual dos respondentes, relacionando-a a variável 'sexo', temos que

a média de idade dos homens é de 41,83 anos e das mulheres 42,4 anos, com uma média geral de 42,16 anos. Numa análise mais apurada faz-se uma melhor distribuição das faixas etárias relacionadas ao sexo dos respondentes, como pode ser percebido na Tabela 1.

TABELA 1: Relação sexo x intervalo de idade dos respondentes

Sexo	Faixa Etária (anos)						NR	TOTAL
	(<) 29	29 a 36	36 a 42	42 a 48	48 a 55	(>) 55		
Masculino	1	6	3	2	2	4	1	19
Feminino	1	8	4	4	5	3	1	26
TOTAL	2	14	7	6	7	7	2	45

Quanto à linha de pesquisa dos respondentes temos que 42,2% (19) destes eram da linha de *Informação, Cultura e Sociedade*, enquanto que 37,8% (17) de *Gestão da Informação e do Conhecimento*, e 20% (9) da linha de *Organização e Uso da Informação*. Quanto ao recebimento ou não de bolsa de pesquisa têm-se que 37,8% (17 pessoas) responderam que receberam bolsa de pesquisa, enquanto que 62,2% (28 pessoas) não receberam. Em relação à natureza das bolsas recebidas, 35,3% foram oferecidas pela CAPES, 29,4% pela FAPEMIG, 23,5% pelo CNPq e 5,9% alegaram ter recebido bolsa de alguma outra fonte e 5,9% não responderam. Quanto ao período de vigência das bolsas pode-se perceber, pela Tabela 2, que 47,1% a receberam num período de 23 a 25 meses, enquanto o menor índice ficou para aqueles que a receberam no intervalo 15 a 17 meses e 17 a 20 meses.

TABELA 2: Período de vigência da bolsa de pesquisa

Meses	n	%
(-) de 15	2	11,8
15 a 17	1	5,9
17 a 20	1	5,9
20 a 23	0	-
23 a 25	8	47,1
25 e acima	2	11,8
NR	3	17,6
TOTAL	17	100

No que diz respeito ao tempo de titulação no curso, agregando-se mestrado e doutorado, tem-se uma média de 34,3 meses. Se analisarmos somente o mestrado a média é de 32,7 meses e somente o doutorado a média é 44,16 meses. É válido lembrar que o tempo regular para a realização do mestrado é de 24 meses e do doutorado de 48 meses. No caso do mestrado, os dados da Tabela 3 nos mostram que apenas 12,8% conseguiram defender suas dissertações no período de até 24 meses, sendo que a maioria realizou a defesa no intervalo de 25 a 30 meses, ou seja, dois anos a dois anos e meio.

TABELA 3: Tempo dispendido para obtenção da titulação no mestrado

Meses	n	%
até 24	5	12,8
25 a 30	16	41,0
31 a 36	9	23,1
(+) de 37	6	15,4
NR	3	7,7
TOTAL	39	100

No caso do doutorado é importante destacar que a amostra contou apenas com 6 (seis) respondentes, o que apesar de perfazer 23,1% do universo dos doutores, mostra-se um número relativamente pequeno de respostas para que possa-se fazer inferências; entretanto, os dados da tabela mostram que 50% conseguiram defender suas teses em até 3,5 anos, ou seja, abaixo do prazo regular, enquanto que 33,3% as defenderam após o prazo.

TABELA 4: Tempo de duração do curso de doutorado

Meses	n	%
(-) de 42	3	50,0
43 a 48	1	16,7
(+) de 49	2	33,3
TOTAL	6	100

Não foi indicado por nenhum dos respondentes, tanto do mestrado quanto do doutorado, a realização de estágio “sandwich” durante a pós-graduação, de modo que 91,1% responderam que não o realizaram e 8,9% não responderam a questão.

Assim, com relação a titulação no nível de graduação dos egressos do PPGCI/UFMG, a Tabela 5 mostra-se bastante oportuna, pois como se pode notar, a mesma arrola os cursos de graduação dos respondentes. Como se percebe o curso que teve um maior número de egressos respondentes é o de biblioteconomia, com 22,2% de resposta em relação à amostra (45), seguido dos egressos dos cursos de comunicação social e psicologia, com 13,3% e 8,9% respectivamente.

TABELA 5: Curso de graduação dos egressos do PPGCI/UFMG respondentes

Curso de graduação	n	%
Administração	1	2,2
Arquitetura	1	2,2
Biblioteconomia	10	22,2
Ciência da Computação	2	4,4
Comunicação social	6	13,3
Comunicação visual	1	2,2
Economia	2	4,4
Educação Física	1	2,2
Engenharia civil	2	4,4
Engenharia de Sistemas	1	2,2
Engenharia Elétrica	2	4,4
Engenharia Industrial	1	2,2
Engenharia Química	1	2,2
Filosofia	1	2,2
História	3	6,7
Letras	1	2,2
Matemática	1	2,2
Museologia	1	2,2
Música	1	2,2
Pedagogia	1	2,2
Psicologia	4	8,9
TPD	1	2,2
TOTAL	45	100

Caso se agregue nesta tabela cursos que são extremamente afins, ou melhor, que façam parte de um mesmo conjunto de saberes e técnicas, ter-se-á algumas diferenças que chamam a atenção, como no caso das engenharias e ainda da ciência da computação com a tecnologia de processamento de dados (TPD). Em relação às engenharias, agregando os cursos ter-se-á um total de 7 (sete) respondentes, o que equivale a 15,5% e no caso da ciência da computação com TPD ter-se-á 3 (três) respondentes, perfazendo um total de 6,7%. Dessa forma, pode-se afirmar que o curso de engenharia passa a ser o segundo em termos de resposta, e o de ciência da computação o quinto ao lado do curso de história, ambos com 6,7%.

Dada a distribuição dos cursos de graduação dos egressos respondentes, observou-se a

existência de um número bastante variado de cursos e ainda, que determinados cursos tiveram um percentual de respostas muito acima de outros. Na expectativa de melhor conhecer os cursos de graduação dos egressos do PPGCI/UFMG, foi realizado levantamento quanto aos cursos de graduação de todo o universo de pesquisa (183 sujeitos). A tabela a seguir traz os cursos de graduação dos que obtiveram o título de mestrado no PPGCI/UFMG (157 sujeitos).

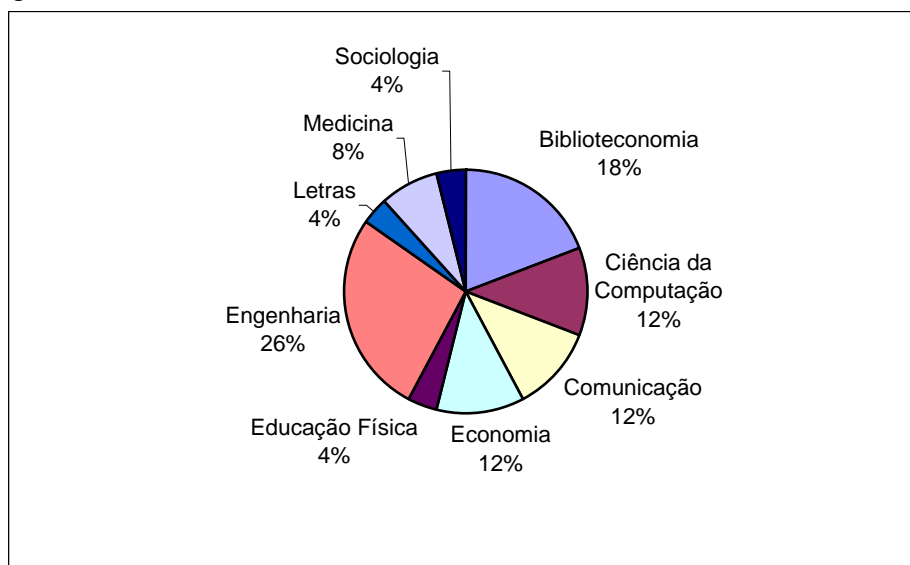
TABELA 6: Curso de graduação relativo ao universo dos egressos do PPGCI/UFMG, nível mestrado

Curso de graduação	n	%
Administração	19	12,1
Arquitetura	1	0,6
Biblioteconomia	31	19,7
Ciência da Computação	16	10,2
Ciências Biológicas	1	0,6
Ciências	1	0,6
Ciências Contábeis	2	1,3
Ciências Econômicas	9	5,7
Ciências Sociais	3	1,9
Comunicação Social	15	9,6
Comunicação Visual	1	0,6
Educação Física	2	1,3
Enfermagem	2	1,3
Engenharia	14	8,9
Filosofia	3	1,9
Física	1	0,6
Historia	7	4,5
Letras	6	3,8
Matemática	1	0,6
Medicina	2	1,3
Museologia	2	1,3
Música	1	0,6
Odontologia	2	1,3
Pedagogia	1	0,6
Psicologia	9	5,7
TPD	4	2,5
Terapia Ocupacional	1	0,6
TOTAL	157	100

Como se pode perceber na Tabela 6, o maior número de egressos que cursaram o mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciência da informação da UFMG, são bacharéis em biblioteconomia 19,7% (31), seguidos da administração 12,1% (19) e ciência da computação 10,2% (16).

Quanto aos doutores, a análise do universo pesquisado (26) mostra que o curso de graduação mais presente é de engenharia (7) seguido de biblioteconomia (5), comunicação social (3), ciências econômicas (3), ciência da computação (3), medicina (2), sociologia (1), educação física (1) e letras (1). O gráfico a seguir traz os percentuais da graduação dos doutores.

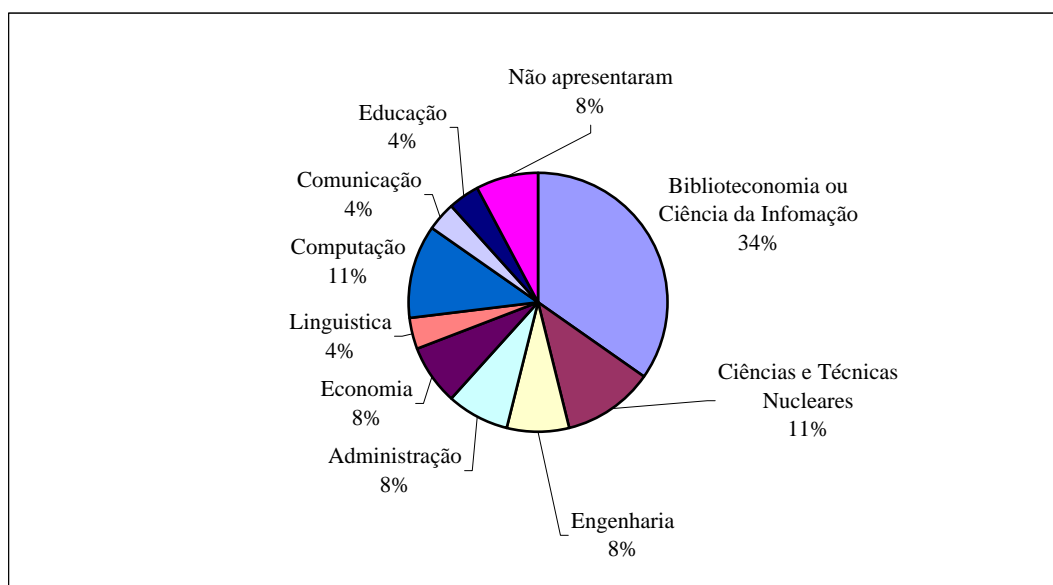
GRÁFICO 2: Distribuição dos cursos de graduação relativo ao universo dos doutores egressos do PPGCI/UFMG



Ainda em relação ao universo dos doutores (26) os cursos de mestrado realizados pelos mesmos podem ser visualizados na tabela a seguir. Percebe-se que os egressos são oriundos, na grande maioria, de mestrados em biblioteconomia e ciência da informação (09), o que demonstra a preocupação desses com aprofundamento nos estudos da área. Na sequência os cursos de mestrado dos egressos do doutorado se distribuem em: ciência da computação (3),

ciências e técnicas nucleares (3), engenharia (2), economia (2), administração (2), comunicação (1), lingüística (1) e educação (1). É importante ressaltar que 2 (dois) egressos do doutorado não apresentaram título de mestrado, o que do ponto de vista legal encontra-se disciplinado no Parecer 977/65.

GRÁFICO 3: Cursos de mestrado dos egressos do doutorado



Quanto ao percentual dos cursos de graduação dos mestres e doutores, a Tabela 7 a seguir, traz dados referentes a toda a população do estudo (183 sujeitos), apontando ainda a distribuição por sexo e respectivo percentual.

TABELA 7: Cursos de graduação de todo o universo da pesquisa, divididos por sexo, incluindo mestres e doutores.

Curso de graduação	Sexo					
			Masculino		Feminino	
	n	%	n	%	n	%
Administração	19	10,4	11	57,9	8	42,1
Arquitetura	1	0,5	1	100	-	-
Biblioteconomia	36	19,7	6	16,7	30	83,3
Ciência da Computação	19	10,4	10	52,6	9	47,4
Ciências Biológicas	1	0,5	-	-	1	100,0
Ciências	1	0,5	-	-	1	100,0
Ciências Contábeis	2	1,1	2	100,0	-	-
Ciências Econômicas	12	6,6	5	41,7	7	58,3
Ciências Sociais	4	2,2	2	50,0	2	50,0
Comunicação Social	18	9,8	8	44,4	10	55,6
Comunicação Visual	1	0,5	1	100,0	-	-
Educação Física	3	1,6	1	33,3	2	66,7
Enfermagem	2	1,1	-	-	2	100,0
Engenharia	21	11,5	13	61,9	8	38,1
Filosofia	3	1,6	2	66,7	1	33,3
Física	1	0,5	-	-	1	100,0
Historia	7	3,8	-	-	7	100
Letras	7	3,8	1	14,3	6	85,7
Matemática	1	0,5	1	100	-	-
Medicina	4	2,2	3	75,0	1	25,0
Museologia	2	1,1	-	-	2	100,0
Música	1	0,5	1	100,0	-	-
Odontologia	2	1,1	-	-	2	100,0
Pedagogia	1	0,5	-	-	1	100,0
Psicologia	9	4,9	2	22,2	7	77,8
Tecnologia em Processamento de Dados	4	2,2	2	50,0	2	50,0
Terapia Ocupacional	1	0,5	-	-	1	100,0
TOTAL	183	100	72	39,3	111	60,7

Como se pode perceber, nas tabelas que trazem os dados em relação a graduação daqueles que cursaram o PPGCI/UFMG (respondentes ou não), é que os cursos de graduação desses egressos são os mais variados, de modo que praticamente todas as áreas do conhecimento estão representadas: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharia e

Tecnologia, Ciências da Saúde, Letras e Artes. É importante ressaltar que esta variedade vai ao encontro da proposta do Programa, que é a de ser um curso interdisciplinar, que tem na diversidade uma rica possibilidade de construção do conhecimento. Por outro lado em face a esta multiplicidade de cursos e de áreas do conhecimento é importante interrogar o que traz estes sujeitos de lugares tão distintos a cursarem uma pós-graduação em comum, e ainda, numa área onde as incertezas sobre suas bases epistemológicas e de atuação conclamam consenso.

Na visão de um dos docentes entrevistado e que exerceu a função de Coordenador do PPGCI/UFMG, pode-se categorizar os participantes do Programa em dois grupos:

Bom, em primeiro lugar a gente tem que separar, daqueles que procuram o Programa tem alguns que são pessoas que, vamos dizer, tem uma formação na área, que tem intenção de trabalhar na área propriamente dito, bibliotecários, seria aí a clientela, clientela básica, os que fizeram curso de graduação em Biblioteconomia. E uma outra parcela, que acho que é uma coisa mais recente, de pessoas que vem se qualificar para o magistério superior, acho que a gente está identificando esta parcela, que eu não vejo realmente assim nenhuma preocupação em trabalhar na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, nem na prática profissional nem na docência, no magistério. Vejo isso, tem que ser muito pragmático. (COORD.1)

Esta questão é certamente intrigante, pois ao passo que alguns cursos de graduação dos egressos demonstram, talvez, uma ligação mais de perto com a área de ciência da informação, ao menos num primeiro momento, outros perpassam mais de longe o entorno interdisciplinar, como o caso da música, terapia ocupacional, educação física, odontologia e outros. Outra questão que se soma à indagação da motivação destes profissionais de áreas tão distintas é saber se os mesmos tiveram suas expectativas de fato realizadas.

Ainda na visão do mesmo entrevistado muitos não pretendem ficar na área de CI, “(...) *desse pessoal de fora eu vejo poucos assim realmente com essa intenção de fazer carreira na área. São pouquíssimos!*” (COORD.1)

Nesta questão da motivação dos egressos à realização da pós-graduação no PPGCI/UFMG outro coordenador traz a seguinte reflexão:

Olha eu tenho observado quando eu estou em sala de aula, eu sempre pergunto principalmente àqueles que vem de outras áreas por que da escolha da Ciência da Informação, e alguns são bem sinceros outros não, uns dizem que tem um problema profissional para resolver e buscam principalmente o mestrado para resolver tais problemas, tanto que eu acho a partir dessa idéia, desse pequeno levantamento que eu faço, que um mestrado profissional em nossa área poderia atender bem, atender melhor a área profissional. Os doutorandos de outras áreas eles vêm muitas vezes porque eles simpatizam com a Ciência da Informação ou porque é mais fácil entrar na Ciência da Informação, e eles precisam do título de doutorado, em geral, já são professores ou pretendem ser, então esta é minha opinião pessoal não é levantamento formal feito pelo PPGCI não, nós não temos esse tipo de estatística. (COORD.2)

Esta questão da motivação que orienta aqueles que buscam o PPGCI/UFMG para realizarem seus cursos de pós-graduação, de fato, é uma indagação importante e instigante. Como percebe-se os coordenadores entrevistados têm uma visão relativamente próximas, ou seja, daqueles que procuram o Programa muitos vêm sem muito compromisso com a área de ciência da informação, sem dizer, que em alguns casos, é possível que uma razoável parcela vem de alguma área do conhecimento, seja qual for e retornam para a mesma muitas vezes levando da ciência da informação apenas o título que os auxiliará em suas carreiras profissionais. Como muito bem destaca um outro coordenador entrevistado;

O elemento motivador que orienta aqueles que procuram o PPGCI/UFMG na minha opinião é o interesse particular, o principal, a pessoa quer ter o doutorado e imagina que por ser um curso interdisciplinar, que tem uma concorrência ainda relativamente pequena, que aqui é o lugar ideal para que a pessoa consiga se capacitar, buscar o título. (COORD. 4)

Sobre esta problemática, o entrevistado ainda corrobora:

ele [o discente] sente que nós não somos muito seguros, o processo de seleção é muito permeável, a gente ainda não conseguiu, a gente sabe que isso ocorre, é exatamente uma organização, uma seleção que privilegie a gente montar uma equipe que vai favorecer o desenvolvimento da área da ciência da informação, então o discente quando ele chega e se confronta com a realidade ele também sente essa falta de organização interna. A gente tenta falar, mas falar também depois que a pessoa já entrou não adianta, aí é até perverso, é até errado, a pessoa não tem obrigação de ficar escutando esses problemas. É ou não é ? no meu modo de ver, não tem, tem que respeitar a pessoa que já entrou. Não tem como pedir para sair, não é? E, você vai falar para a pessoa 'ah você está no lugar errado', ela vai dizer 'se vocês me aceitaram como que eu estou no lugar errado'. Aqui nós estamos procurando pessoas para pesquisa, então a pessoa escolheu errado, 'o meu interesse não é bem esse não', então no fundo o interesse... hoje em dia é muito valorizado o doutorado nas faculdades, a pessoa chega lá com seu título às vezes ele vai atuar até nas áreas de origem dele: advocacia, arquitetura ... (COORD. 4)

E ainda, quanto à participação no desenvolvimento do campo científico da área de ciência da informação, a entrevistada acima citada continua:

[sobre o desenvolvimento do campo científico da CI] Não, isso não, isso pode eventualmente ocorrer em uma ou outra pessoa mas no meu modo de ver o elemento motivador da grande maioria é a possibilidade de ter o título de mestre ou doutor. E como é vista a interdisciplinaridade pelas pessoas que nos procuram fica muito confortável, o curso é interdisciplinar, cabe tudo, então... (COORD. 4)

Quanto a essa polêmica questão, percebe-se pelas falas dos coordenadores entrevistados que os mesmos se mostram bastante conscientes e críticos no tocante ao problema das motivações dos que procuram o PPGCI/UFMG, tendo ainda uma opinião bem formada. Uma fala que chama a atenção é ainda do entrevistado de número quatro, que traz a seguinte declaração sobre as expectativas do Programa em relação aos egressos:

As expectativas deveriam ser formar os núcleos de pesquisa da área, isso no nível macro, no segundo momento ter disponível um cadastro de pesquisadores e professores para ensinar, pesquisar na área, não só aqui na UFMG mas em todos os outros cursos de pós-graduação, isso deveria ser, e obviamente, formar para que as pessoas atuem nos lugares certos, mas atuando na área, tendo condições de organizar, gerenciar, administrar, bibliotecas digitais e sistemas de informação, mas os egressos teriam que atuar na área, como: pesquisadores, acadêmicos, gerentes de alto nível. (COORD. 4)

De fato esta questão é crucial e as falas dos coordenadores, em sua maioria, foram bastante pontuais e críticas. Ainda quanto às falas é importante refletir que essa postura deles se baseia em longa experiência tanto enquanto docentes da área quanto do acompanhamento da trajetória do PPGCI/UFMG.

Entretanto, se as formulações dos entrevistados na função de coordenadores são significativas, torna-se pertinente também citar o disciplinamento regimental do Programa em relação a seleção para ingresso no mestrado e doutorado. No item 6.4. o regulamento do Programa estabelece as condições para admissão dos candidatos ao mestrado, conforme transcreve-se abaixo:

6.4. Para ser admitido como estudante regular no mestrado, o candidato deverá satisfazer as seguintes exigências:

- a) ter concluído curso de graduação;
 - b) comprovar maturidade acadêmica ou experiência profissional, através de *curriculum vitae*;
 - c) ser selecionado através dos seguintes mecanismos: ensaio sobre tema relacionado à Informação; prova de inglês, na qual deverá demonstrar compreensão de literatura técnica ou científica da área; entrevista, durante a qual deverá justificar sua opção por uma das linhas de pesquisa do Curso, e discutir seu pré-projeto, informações contidas em seu *curriculum vitae* e carta de intenção;
 - d) comprovar contribuição ao Fundo de Bolsas ou sua isenção.
- (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 200?, p. 12)

Quanto a admissão para o doutorado, o Regulamento do Programa estabelece:

6.6. Para ser admitido como estudante regular no Doutorado, o candidato deverá satisfazer as seguintes exigências:

- a) ter concluído curso de graduação;
- b) apresentar proposta de pesquisa de acordo com a linha escolhida;
- c) comprovar maturidade acadêmica ou experiência profissional na área de Ciência da Informação, através de *curriculum vitae*;
- d) ser capaz de compreender texto de literatura técnica ou científica na área de Ciência da Informação, em língua inglesa e em uma das seguintes línguas estrangeiras: francês, espanhol, italiano, alemão, a critério do orientador;
- e) submeter-se a entrevista que constará de discussão sobre o projeto inicial de tese;
- f) comprovar contribuição ao Fundo de Bolsas ou sua isenção (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 200?, p. 12-13)

Voltando para os dados do questionário, no que concerne a questão da graduação dos egressos, outra análise que chama a atenção é quanto à natureza do estabelecimento escolar que os mesmos realizaram seus cursos de graduação. Dado o variado número de cursos a análise se centrará nos cursos que obtiveram um maior número de respondentes, sendo: biblioteconomia 22,2%, engenharia 15,5% e comunicação social 13,3%.

Quanto aos egressos graduados em biblioteconomia, 100% da amostra realizou sua graduação em escola pública (federal), ao passo que no caso da engenharia, 85,7% realizaram a graduação em escola pública e 14,3% em escola privada. No caso dos egressos graduados em comunicação social, 83,3% realizaram o curso em escola pública e 16,7% em escola privada.

Em relação ao conjunto da amostra, tem-se que, 77,8% (35) dos egressos respondentes provêm de cursos de graduação em escola pública (federais na maioria) e 22,2% (10) de escolas privadas. A partir da análise do dado pode-se apreender que, provavelmente, o

número de oriundos de escolas públicas seja mais presente na amostra, justificadamente, pelo fato de que as universidades públicas são no Brasil, o lugar onde mais se investe em pesquisa, principalmente através de bolsas de iniciação científica para os estudantes de graduação, de modo que seu ensino foca o desenvolvimento de habilidades profissionais e sobretudo de pesquisa, o que pode levar ao seu estudante uma maior atenção em relação a continuação de pesquisa em nível de pós-graduação.

Entretanto, nas escolas privadas, nem sempre o desenvolvimento de pesquisa é prioridade, como é o caso de instituições privadas de menor porte, como faculdades, onde os esforços são mais concentrados na formação profissional, visando sobretudo, a atuação mais diretamente no mercado de trabalho.

Outra análise possível nessa questão é que historicamente as universidades públicas, principalmente as federais, têm em sua maioria um corpo docente de melhor poder aquisitivo, o que permite a estes, melhores condições de continuação de seus estudos em nível de pós-graduação, enquanto que em faculdades privadas é comum encontrar uma grande parcela de alunos que são sobretudo trabalhadores, que precisam se manter e ainda pagar a faculdade, o que normalmente dificulta a continuação dos estudos em nível de pós-graduação, dado os fatores de tempo, capital cultural e, principalmente, financeiro.

Outro dado interessante é em relação ao fato dos egressos do PPGCI/UFMG terem cursado ou não alguma pós-graduação lato sensu; com base nos dados coletados, 51,1% (23 sujeitos) cursaram algum curso de pós-graduação lato sensu, enquanto que 48,5% (22 sujeitos) não cursaram nenhum tipo de curso lato sensu. Percebe-se que a diferença não é tão significativa, havendo mesmo um equilíbrio bastante equitativo entre aqueles que realizaram e os que não

realizaram pós-graduação lato sensu. Daqueles que realizaram alguma pós-graduação lato sensu (23) temos que 56,5% (13 sujeitos) realizaram em instituição pública, enquanto que 43,5% (10 sujeitos) realizaram em escola privada. Em relação às áreas do conhecimento desses cursos lato sensu, têm-se a seguinte distribuição: 56,5% (13 sujeitos) cursaram alguma especialização na área de ciências sociais aplicadas, 26,1% (6 sujeitos) na área de engenharia e tecnologia, e por fim, 17,4% (4 sujeitos) na área de ciências humanas.

Outra questão que se procurou levantar através do questionário é saber se os egressos estavam, naquele momento, se dedicando a algum tipo de educação continuada, ou seja, foi perguntado aos egressos se eles estavam realizando algum tipo de curso de pós-graduação, tanto no nível lato sensu quanto stricto sensu. Os resultados obtidos mostram que 28,9% (13 sujeitos) estavam realizando algum tipo de curso de pós-graduação, enquanto que 68,9% (31 sujeitos) informaram que não estava naquele momento realizando nenhum tipo de pós-graduação; 2,2% (1 sujeito) não respondeu a esta questão. Na tabela a seguir descreve-se os cursos realizados pelos egressos.

TABELA 8: Cursos de pós-graduação realizados pelos egressos no momento da pesquisa

Curso	n	%
Ciência da Informação	9	69,2
Musicologia	1	7,7
Literatura	1	7,7
História	1	7,7
Cooperativas de crédito	1	7,7
TOTAL	13	100

Em relação aos cursos de pós-graduação realizados por estes egressos, visando a educação continuada, obteve-se que, 92,3% (12) estavam em instituição pública, enquanto que 7,7% (1) em instituição privada. É válido acentuar que coincidentemente aqueles que estavam

realizando pós-graduação em instituição pública estavam cursando o doutorado, ao passo que aquele que respondeu que estava cursando em instituição privada, estava realizando um curso de especialização.

Complementarmente ao já descrito na metodologia da presente pesquisa, foi realizado em paralelo ao questionário um levantamento para saber qual a percentagem de mestres e doutores que têm Currículo Lattes. Apesar de não ser obrigatório, o Currículo Lattes é uma ferramenta utilizada por grande número de pesquisadores em todo o Brasil e que proporciona, de certa forma, uma visibilidade tanto do pesquisador quanto da pesquisa por ele desenvolvida, seja para os seus pares de pesquisa, seja para a sociedade como um todo. Acredita-se que os números relativos ao Currículo Lattes ajudarão a compor o perfil dos egressos do PPGCI/UFMG. O levantamento quanto ao Currículo Lattes foi realizado tendo em vista todo o universo da pesquisa.

Dos egressos do doutorado (26), o levantamento na Plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br>) realizada em 01 de Fevereiro de 2006, demonstrou que 73,1% (19) tinham o Currículo Lattes, enquanto que 26,9% (7) não tinham. Se analisar em relação às linhas de pesquisas, levando em consideração a diferença entre o número de egressos de cada linha, ter-se-á que percentualmente a linha de *Organização e Uso da Informação* é a que concentra a maior frequência em relação aos que tem o Lattes, sendo que 75,% (6) tem o Lattes, enquanto que 25,% (2) não. A linha de pesquisa *Gestão da Informação e do Conhecimento*, é a que concentra o maior número de titulados do doutorado (11), entretanto, está em segundo lugar quanto ao percentual dos que tem o Currículo. Nessa linha, 72,7% (8) tem o Lattes e 27,3% (3) não tem. Na linha de *Informação, Cultura e Sociedade*, 71,4% (5) tem o Lattes, enquanto que 28,6 (2) não tem.

Em relação aos egressos do mestrado (157) a pesquisa na Plataforma Lattes demonstrou que 53,5% (84) têm o Currículo Lattes, enquanto que 46,5% (73) não têm. Numa análise em relação aos egressos do mestrado que tem ou não Lattes e suas respectivas linhas de pesquisa os dados mostram que a linha que percentualmente concentra um maior número de egressos com Currículo Lattes é a de *Organização e Uso da Informação*. Nessa linha 72,2% (13) dos egressos têm o Lattes enquanto que apenas 27,8% (5) não tem. A segunda linha em termos de percentual é de *Informação, Cultura e Sociedade*, onde 54,3% (25) tem Lattes e 45,7% (21) não tem. A linha de *Gestão da Informação e do Conhecimento* é a que concentra o maior número de egressos do mestrado, entretanto, é a que, percentualmente, tem menos pesquisadores com Lattes, apesar de que há praticamente um empate entre aqueles que tem Lattes 49,5% (46) e os que não tem 50,5% (47).

Acentua-se que este levantamento em relação aos egressos no quesito Currículo Lattes não tem, de forma alguma, a intenção de desmerecimento em relação àqueles que não tem seus currículos na base de dados do CNPq, haja vista que esta ferramenta oferecida, pelo referido órgão, não tem função de avaliação, e sim de tornar público informações sobre os pesquisadores e suas linhas de trabalho, contribuindo assim, para uma maior divulgação do conhecimento científico.

Como observado pelo questionário, outros pontos em relação ao perfil dos egressos foram contemplados. Uma questão que mostrou-se bastante oportuna, já que a temática da atuação profissional é presente na pesquisa, foi o levantamento da renda mensal tanto dos egressos individualmente, quanto familiar. Como se pode perceber, no grupo da renda individual, a maioria dos egressos tem renda mensal na faixa salarial entre 10 (dez) a 15 (quinze) salários-mínimos (SM). A segunda maior frequência é verificada na faixa de '07 a 10 SM'.

TABELA 9: Renda mensal dos egressos individualmente e familiar

SM	Faixa salarial dos egressos			
	Renda individual		Renda familiar	
	n	%	n	%
até 05	4	8,9	1	2,2
05 a 07	5	11,1	4	8,9
07 a 10	7	15,6	4	8,9
10 a 15	10	22,2	8	17,8
15 a 20	4	8,9	9	20,0
20 a 25	1	2,2	3	6,7
25 a 30	2	4,4	3	6,7
(+) de 30	2	4,4	5	11,1
NR	10	22,2	8	17,8
TOTAL	45	100	45	100

Em relação a renda familiar dos egressos, o maior percentual está na casa dos ‘15 a 20 SM’, seguida da faixa de ‘10 a 15 SM’, justamente uma casa acima da renda individual.

Através de cruzamento de dados pode-se analisar a relação entre a titulação recebida, ou seja, mestrado ou doutorado, e a faixa salarial individual dos egressos. Observa-se que no caso dos mestres a faixa que contou o maior número de respostas é a de ‘07 a 10 SM’ e ‘10 a 15 SM’, com o mesmo percentual. No caso do doutorado a faixa que obteve o maior índice foi também a de ‘10 a 15 SM’. Tem-se que a taxa de não-resposta é relativamente alta, sendo 22,2% de não-resposta quanto a renda individual e 17,8% quanto a renda familiar.

TABELA 10: Relação entre titulação e renda mensal individual

Titulação	Faixa salarial (SM)									TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30	NR	
Mestre	4	5	7	7	4	1	2	1	8	39
Doutor	0	0	0	3	0	0	0	1	2	6
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

Num cruzamento entre a Linha de pesquisa do egresso e a faixa salarial individual obteve-se os seguintes resultados.

TABELA 11: Relação entre linha de pesquisa do egresso e renda mensal individual

Linha de pesquisa	Faixa salarial (SM)								NR	TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30		
ICS	3	3	3	2	2	0	0	0	6	19
GIC	1	2	1	6	1	1	2	2	1	17
OUI	0	0	3	2	1	0	0	0	3	9
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

Percebe-se que os egressos da linha de *Gestão da Informação e do Conhecimento* são os que apresentam maior faixa salarial, ficando a moda na faixa de ‘10 a 15 SM’, enquanto que na linha de *Informação, Cultura e Sociedade* as faixas que vão de ‘até 05 SM’ a ‘07 a 10 SM’ mostram-se com o mesmo percentual. Na linha de *Organização e Uso da Informação* a moda está na faixa de ‘07 a 10 SM’.

Diante dos dados descritos ao longo deste tópico, pode-se dizer, em relação ao perfil dos egressos do PPGCI/UFMG, que os mesmos são oriundos das mais diversas formações, seja na área de ciências humanas, sociais aplicadas, exatas, engenharia e tecnologia e até mesmo da área de ciências da saúde, ficando a predominância dos oriundos do curso de biblioteconomia. Praticamente a metade dos egressos realizou alguma pós-graduação lato sensu antes de ingressarem no PPGCI/UFMG e que têm, como veremos adiante, um conceito muito bom em relação à formação recebida no curso. A maioria mostra-se favorável em realizar o doutorado no mesmo Programa e cerca da metade optaria por mudar de linha de pesquisa. A renda salarial individual no geral, está na casa dos ‘10 a 15 SM’; quanto aqueles da linha de pesquisa *Gestão da Informação e do Conhecimento* são os que têm, entre as demais linhas, a maior renda média.

Os dados indicaram ainda que a maioria já tinha algum tipo de envolvimento com a área de ciência da informação antes do curso e que a maioria, 77,8%, realizou a graduação em escola

pública, normalmente federal. A maior parte dos egressos, 77% do doutorado e 53,5% do mestrado, tem Currículo na Plataforma Lattes do CNPq. Como veremos adiante a maioria que está atuando atualmente na área de CI exerce docência.

Bibliografia

ARAÚJO, Esther Lück. *Estudo da atuação profissional dos egressos do curso de mestrado de ciência da informação do IBICT, comparativamente à situação dos profissionais da informação na Inglaterra e nos Estados Unidos*, 1982. 120f. (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1982. 120f.

BARBOSA, João Nazário. *A trajetória profissional e a qualidade de vida no trabalho dos egressos do curso de mestrado em administração da FACE/UFMG*. 1997. 108f. Dissertação. (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, Belo Horizonte, 1997. 108f.

CARVALHO, Inaiá M. Moreira de. *Motivações para a realização do mestrado*. In: VELLOSO, Jacques (org.) *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: CAPES, 2002. v. 1, p. 393-398.

CUNHA, Sudário de Aguiar. *Impacto da formação profissional: um estudo de acompanhamento de egressos do SENAI no Centro Industrial de Aratu*. Rio de Janeiro: SENAI, 1990. (Coleção Albano Franco, 16) (Dissertação em Educação da Universidade Federal da Bahia)

MACHADO, Antônio de Souza. *Acompanhamento de egressos: caso CEFET-PR – unidade de Curitiba*. Florianópolis: UFSC, 2001. 146f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.146f.

OLIVEIRA, Nilza Helena de. *O ensino técnico na rede federal de educação tecnológica, segundo egressos*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2004. 152f. (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, 2004. 152f.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. *O impacto dos cursos do IBICT sobre a atividade profissional dos egressos*. Ciência da Informação, v. 11, n. 2, 1982, p. 3-12.

SOUZA JÚNIOR, Hormindo. *Acompanhamento de egressos*. In: Dicionário da educação profissional. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação, 2000. p. 13-14.

SPAGNOLO, Fernando; GÜNTHER, Hartmut. *20 anos de pós-graduação: o que fazem nossos mestres e doutores? Uma visão geral*. Ciência e Cultura, v. 38, n. 10, 1986, p. 1643-1662.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Ciência da Informação. *Regulamento do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, 200?.

VELLOSO, Jacques (org.) *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: CAPES, 2002. v. 1

VIANA, Maria Regina de Almeida. *O mestrado e o doutorado na faculdade de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – 1979 a 1996: uma avaliação pelo egresso*. 2000. 183f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da UFMG, Belo Horizonte, 2000. 183f.

**CAPÍTULO 4 - FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

4.1. Egressos do PPGCI/UFMG: aspectos da formação

No que concerne a formação dos egressos do PPGCI/UFMG, o questionário respondido contava com questões que exploravam alguns pontos que estão diretamente ligados à formação dos mesmos. As tabelas abaixo ajudarão no entendimento das respostas dos egressos tanto no que diz respeito ao Programa, quanto no que se refere às suas motivações para com a área. Inicialmente pode-se destacar a questão da inserção no campo da ciência da informação antes da realização da pós-graduação no PPGCI/UFMG. Praticamente $\frac{3}{4}$ dos egressos, 73,3%, disseram que estavam inseridos de alguma forma na área de ciência da informação antes do ingresso no curso. Uma minoria, 26,7%, respondeu que não estavam inseridos na área

Diante desses números é importante analisar como se dava, na perspectiva dos egressos, esse envolvimento com a área. Como sistematizado na Tabela 12, a maioria declarou que tinha um envolvimento profissional com alguma área do conhecimento bastante próxima, ou ainda, que a sua atividade profissional perpassava por questões ligadas à informação, conforme se destaca na tabela que se segue:

TABELA 12. Forma de inserção na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Relação	n	%
Arquivologia e/ou Biblioteconomia	12	36,4
Informação organizacional e/ou tecnológica	10	30,3
Desenvolvimento de pesquisa na área	3	9,1
Docência na área	3	9,1
Outro tipo	4	12,1
NR	1	3,0
TOTAL	33	100

Isto posto, percebe-se que a ligação com a área de ciência da informação através de algum envolvimento mais voltado para o mercado, ou seja, a atividades além das acadêmicas, contou com 66,7% das respostas dos egressos, enquanto que o envolvimento através de atividades acadêmicas ficou com 18,2% das respostas.

Como possibilidade de uma análise mais acurada, agrupou-se as respostas dadas pelos egressos em relação a questão da inserção. O Quadro 1 têm a função de evidenciar estas atuações na área de informação, seja através das “práticas profissionais” ou do “envolvimento acadêmico”. Ressalta-se que foram elencadas todas as respostas dadas pelos egressos, transcritas conforme exposto pelos mesmos . Como se perceberá, algumas respostas não estão muito claras em relação à atividade desenvolvida, de modo que, nesses casos, foi necessário analisar as demais respostas do questionário do egresso para possibilitar uma análise que melhor permitisse a aproximação a uma dada categoria . Os códigos após as respostas referem-se aos respectivos questionários dos egressos sendo que aqueles que constam (M) referem-se aos egressos do mestrado e aqueles com (D) do doutorado.

Quadro 1: Atuação profissional dos egressos antes da entrada no PPGCI/UFMG

<p>Atuação profissional ligada à área de Arquivologia e/ou Biblioteconomia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhava como bibliotecário (M20) • Projetos de bibliotecas e faculdades de CI (M11) • Trabalhando no Arquivo Público de Belo Horizonte (M33) • Atuação como bibliotecária do sistema de bibliotecas da UFMG (M34) • Trabalhando em unidades de informação (M37) • Consultora em gestão de documentos/informação (M2) • Sim, na medida em que realizava o tratamento de acervos muito especializados, como é o caso de acervos de manuscritos musicais (M15) • Trabalhando na área (D2) • Como profissional e como professor (M29) • Trabalho com áreas da museologia, arquivologia e biblioteconomia (M39) • Trabalhava com Gestão de Documentos, junto ao Arquivo Público Mineiro (M31) • Havia realizado uma especialização em Arquivologia / trabalhava em um arquivo. (M26)
<p>Atuação profissional ligada à área de informação organizacional e/ou tecnológica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atuando profissionalmente (M4) • Minha atuação profissional estava diretamente ligada à busca de informações para a solução de problemas tecnológicos e à gestão da propriedade intelectual. (M17) • Trabalho com comunicação e gestão de informação. (M.18) • Trabalhava com fluxo de informação no Bemge (M.19) • Em minha atuação profissional (M23) • Eu trabalhava como Administrador de Dados em Empresas de Informática, modelando dados para arquitetura de bancos de dados.” (M24) • Trabalhei durante 5 anos (1989/1995) na Prodemge no setor de RH com acompanhamento funcional (M28) • Eu era superintendente de um centro de pesquisas onde a informação era a base para todas as atividades na área, além de ter a responsabilidade de criar e acompanhar indicadores de C&T do Centro (D4) • Gerenciamento de informações e de conhecimentos (M32) • Com análise de sistemas de informação (M38)
<p>Desenvolvimento de pesquisa na área</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhava com pesquisa com campos informacionais (M6) • Pesquisa em documentação esportiva (M13) • Fiz pesquisa de aperfeiçoamento na ECI, após a graduação (M15)
<p>Docência na área</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Professora e pesquisadora da ECI (D6) • Professora no Departamento de Biblioteconomia – UFES (M25) • Ministrando aulas na área de Gerenciamento de informações (M30)
<p>Outro tipo de envolvimento acadêmico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fazendo disciplina isolada (M14) (D3) • Tomei conhecimento do curso em 1992. Tentei, por duas vezes, o processo seletivo, antes de ser aprovado. Nesse ínterim, li alguns textos e inclusive cheguei a fazer um curso durante a Biblos 2000 (abril/2004) com o prof. Ricardo Barbosa sobre Gerência de Informação. (M22) • Participava da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento (D1)

Quando perguntados sobre a motivação que os levou a realizar a pós-graduação no PPGCI/UFMG, foram dadas 8 (oito) opções e ainda um espaço para “outras”. Foi solicitado que o egresso respondesse numa escala de 1 a 9, onde 1 era o que mais o motivou e 9 o que menos motivou na realização do curso. Em relação à motivação 1 as opções de maior frequência foram “Estar diretamente ligada a minha atuação profissional/aprimoramento profissional” e “Desejo de conhecer melhor a área de CI”. As motivações “Programa aberto a diversos campos do conhecimento” e “Possibilidade de pesquisa e/ou docência na área de CI” foram as que tiveram as menores frequências na motivação 1.

No que diz respeito à motivação 2 têm-se em ordem de importância as alternativas “Estar diretamente ligada a minha área de formação” e “Estar diretamente ligada a minha atuação profissional/aprimoramento profissional” em primeiro e segundo lugar respectivamente e em terceiro as opções “Buscar a resolução de problemas organizacionais” e “Desejo de conhecer melhor a área de CI”. As demais colocações podem ser observadas na Tabela 13.

TABELA 13: Motivação à realização da pós-graduação no PPGCI/UFMG

Motivação	Ordem de Importância										TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	NR	
Estar diretamente ligada a minha área de formação	2	14	3	2	1	6	4	5	2	6	45
Estar diretamente ligada a minha atuação profissional/aprimoramento profissional	4	6	8	1	1	2	6	6	0	11	45
Buscar a resolução de problemas organizacionais	2	4	2	5	8	4	5	1	0	14	45
Desejo de conhecer melhor a área de CI	4	4	2	1	1	3	4	6	1	19	45
Participar de sistema de seleção com nº de candidato/vaga menor que em outros programas	2	0	3	3	2	1	2	5	0	27	45
Programa aberto a diversos campos do conhecimento	1	1	1	6	0	1	2	0	0	33	45
Possibilidade de docência	2	0	1	2	4	1	2	1	0	32	45
Possibilidade de pesquisa e/ou docência na área de CI	1	0	0	1	4	0	0	0	0	39	45
Outra	0	0	0	1	2	0	0	1	1	40	45

Outra questão colocada para os egressos que fizeram somente o mestrado, interrogava se eles fariam ou não o doutorado no mesmo Programa, ou seja, no PPGCI/UFMG. A Tabela 14 mostra que a maioria respondeu que sim 38,5% (15), enquanto uma minoria respondeu que não faria, 12,8% (5). É interessante perceber que 25,6% (10) da amostra estavam naquele momento realizando o doutorado no Programa. Esses números levam a entender que o Programa tem muito boa aceitação por parte dos egressos do mestrado no tocante à continuação de estudos no doutorado.

TABELA 14: Disposição à realização do doutorado no PPGCI/UFMG

Resposta	n	%
Sim	15	38,5
Não	5	12,8
Talvez	8	20,5
Atualmente estou realizando	10	25,6
NR	1	2,6
TOTAL	39	100

É interessante perceber que dos egressos que responderam que não fariam o doutorado no Programa, 100,% é do sexo feminino, daqueles respondentes que estão realizando atualmente o doutorado no Programa 50,0% (5) é do sexo masculino e 50,0% (5) do sexo feminino, ao passo que daqueles que certamente fariam o doutorado, 53,3% (8) são do sexo masculino e 46,7% (7) feminino, dentre os indecisos, 75% (6) são do sexo feminino e 25% do sexo masculino (2), o respondente que não respondeu é do sexo masculino, 2,6% (1).

Dentre os que disseram que fariam (ou que possivelmente fariam) o doutorado, tem-se que a maioria disse que continuaria na mesma linha de pesquisa.

TABELA 15: Permanência na mesma linha de pesquisa no doutorado, caso o realizasse no PPGCI/UFMG

Resposta	n	%
Sim	13	56,5
Talvez	9	39,1
Não	1	4,3
TOTAL	23	100

Quanto aos que disseram que não realizariam o doutorado no próprio PPGCI/UFMG, os motivos citados foram:

TABELA 16: Motivação para a não realização do doutorado no PPGCI/UFMG

Motivo	n.	%
Conhecimento suficiente em apenas um nível	1	20,0
Desejo de estudar em outro país	1	20,0
Interesse em diálogo transdisciplinar	1	20,0
O Programa não aborda questões de meu interesse	2	40,0
TOTAL	5	100

Quanto à possibilidade de realização do doutorado no PPGCI/UFMG por parte daqueles que já haviam realizado o mestrado no mesmo, a tabela abaixo mostra as motivações (dentre as disponíveis no questionário) mais citadas pelos egressos, numa escala de 1 para 5, onde 1 é o mais importante e 5 o menos importante. Pelo que se percebe as duas alternativas mais citadas como primeira motivação foram “Aprofundamento no tema de pesquisa” e “Aprofundamento na área”. Essa última aparece como a de maior importância no conjunto da segunda maior motivação. No que diz respeito à quinta e menor motivação a única alternativa citada foi “Bolsa de estudo”.

TABELA 17: Motivação à realização do curso de doutorado no PPGCI/UFMG

Motivo	Ordem de Importância					NR	TOTAL
	1	2	3	4	5		
Aprofundamento na área	7	11	1	1	0	19	39
Aprofundamento no tema de pesquisa	8	5	6	1	0	19	39
Qualidade do programa	4	1	7	27	0	0	39
Aproveitamento dos créditos	0	0	0	6	0	33	39
Bolsa de estudo	0	0	1	0	2	36	39

Em relação àqueles que realizaram o mestrado e também o doutorado no Programa, ou que realizaram o mestrado e que estavam no momento de resposta do questionário realizando o doutorado, a indagação foi sobre a motivação que os levaram à realização dos dois níveis no mesmo Programa. As opções foram as mesmas da questão anterior e a escala motivacional também. Percebe-se que as respostas não variaram muito da tabela anterior.

TABELA 18: Motivação dos que realizaram conjuntamente o mestrado e o doutorado (ou esteja realizando) no PPGCI/UFMG

Motivação	Ordem de importância					TOTAL
	1	2	3	4	NR	
Aprofundamento na área de CI	2	5	1	1	2	11
Aprofundamento no tema de pesquisa	5	4	0	0	2	11
Qualidade do programa	1	0	4	2	4	11
Aproveitamento dos créditos	2	2	0	0	7	11
Bolsa de estudo	1	3	0	0	7	11
Outra	1	1	0	0	9	11

Ainda em relação ao mesmo grupo, isto é, àqueles respondentes que realizaram o mestrado e também realizaram ou estejam cursando o doutorado no PPGCI/UFMG, observa-se que 45,6% permaneceram na mesma linha de pesquisa quando foram para o doutorado enquanto que 54,4% disseram que mudaram de linha de pesquisa.

Quanto a questão da continuidade dos estudos tem-se que apesar do significativo número de egressos que disseram dispostos a fazer o doutorado no PPGCI/UFMG é válido acentuar a observação de um coordenador entrevistado que aponta que “(...) *a quantidade de mestres que nós já formamos nesse país é muito grande e eles se conformam com o mestrado e não buscam o doutorado.*” (COORD.2).

Outra análise foi procurar conhecer a opinião dos egressos no que concerne ao conceito quanto a formação recebida pelos mesmos no PPGCI/UFMG. Foram dadas no questionário as opções: ótima, boa, regular, ruim e péssima. Dessas, as duas últimas não registraram nenhuma frequência, enquanto que a maioria 71,1% (32) disse que a formação foi boa, apenas 6,7% (3) disseram que a formação foi regular. Nesta questão foi computado apenas 1 questionário de não-resposta.

TABELA 19: Conceito em relação à formação no PPGCI/UFMG

Conceito	n	%
Ótima	9	20,0
Boa	32	71,1
Regular	3	6,7
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

Em continuidade buscou-se através de cruzamento de dados, como os egressos das diferentes linhas de pesquisa conceituaram a formação recebida no Programa. Fato que chama a atenção é que 100% da linha de OUI a conceituaram como ‘boa’, enquanto que o maior percentual para o conceito ‘ótima’ é dos egressos da linha de ICS, com 26,3% e a linha de GIC teve seu maior percentual de resposta no conceito ‘boa’.

TABELA 20: Relação entre linha de pesquisa e conceito quanto a formação recebida no PPGCI/UFMG

Linha de Pesquisa	Conceito em relação à formação								TOTAL
	Ótima		Boa		Regular		NR		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
ICS	5	26,3	11	57,9	2	10,5	1	5,3	19
GIC	4	23,5	12	70,6	1	5,9	0	0,0	17
OUI	0	-	9	100,0	-	-	0	0,0	9
TOTAL	9	20,0	32	71,1	3	6,7	1	2,2	45

Ainda em relação à formação recebida pelos egressos no Programa, solicitou-se aos mesmos que assinalassem, dentre as alternativas propostas, quais eram as que mais contribuíram positivamente em sua formação no PPGCI/UFMG. A alternativa mais citada na motivação de número 1 (um), foi “Possibilidades profissionais”, seguida de “Qualidade do corpo docente” e “Possibilidade de diálogo interdisciplinar”. Foi dado o espaço para que o egresso apontasse “Outras”. Nesse caso algumas das características citadas foram: o acesso à biblioteca; diálogo com orientador; possibilidade de reciclagem e atualização profissional.

TABELA 21: Características mais positivas na formação

Características	Ordem de importância						TOTAL
	1	2	3	4	5	NR	
Qualidade do corpo docente	10	19	7	2	2	5	45
Possibilidade de diálogo interdisciplinar	10	15	7	2	2	9	45
Possibilidades profissionais	12	2	10	3	1	17	45
Grade curricular	2	0	5	11	1	26	45
Outras	1	0	1	4	0	39	45

Outra questão colocada aos egressos foi sobre algumas possibilidades de melhoria na formação oferecida pelo PPGCI/UFMG. A tabela a seguir mostra, através de uma ordem de importância de 1 (um) a 7 (sete) as respostas dos mesmos.

TABELA 22: Possibilidades de melhoria na formação oferecida pelo PPGCI/UFMG

Sugestões	Ordem de importância							TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7		
Melhor foco na delimitação das linhas de pesquisa	12	9	9	1	0	5	4	5	45
Realização de uma disciplina obrigatória de cada linha	6	4	5	10	5	5	2	8	45
Participação de professores visitantes	2	3	11	4	1	6	2	16	45
Intercâmbio entre os programas de CI	0	0	6	7	0	1	2	29	45
Implantação de um mestrado profissional	0	0	1	3	0	6	1	34	45
Outra	0	0	2	1	0	1	4	37	45

Pelo que pode-se perceber a sugestão que teve um maior número de respostas favoráveis na primeira ordem de importância é “Melhor foco na delimitação das linhas de pesquisa”, seguida da sugestão “Realização de uma disciplina obrigatória de cada linha”. É interessante que na segunda ordem de importância, as mesmas sugestões são as que aparecem em primeiro e segundo lugar respectivamente. Na terceira ordem de importância a que mais aparece é “Participação de professores visitantes”. Na quarta ordem de importância a sugestão “Realização de uma disciplina

obrigatória de cada linha” aparece como primeira. A mesma como já mencionado apareceu em segundo lugar na primeira e segunda ordem de importância. Essas sugestões são bastante válidas, pois demonstram a partir da visão dos egressos, como o PPGCI/UFMG poderia incrementar sua estrutura. São sugestões que podem ser analisadas e discutidas pelo Programa.

Prosseguindo, procurou-se também conhecer a partir dos egressos qual o conceito que eles têm no que se refere a relação entre o PPGCI/UFMG e os mesmos, ou seja, se a relação que o Programa mantém com os mesmos é satisfatória. A maioria 35,6% (16) disse que esta relação é boa, entretanto o dado que mais chama a atenção é daqueles que disseram que não sabiam, 33,3% (15). Este percentual é no mínimo instigante, pois sendo egresso, não parece compreensível que o mesmo não saiba como se dá a relação, podendo tal fato revelar o desconhecimento e ausência de contato. Por outro lado, pode-se analisar ainda que o fato desses sujeitos não saberem, não quer necessariamente dizer que não exista e sim que ele especificamente não está a par da mesma. As outras respostas estão na tabela a seguir.

TABELA 23: Conceito quanto a relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos

Conceito	n	%
Ótima	1	2,2
Boa	16	35,6
Regular	7	15,6
Ruim	4	8,9
Péssima	1	2,2
Não sei	15	33,3
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

Certamente, no que se refere aos egressos, procurou-se saber ainda qual a percepção que os mesmos têm da importância da relação do PPGCI/UFMG e eles. Foi constatado que 82,2%

(37) dos egressos disseram que uma maior e melhor relação do Programa com eles poderia de alguma forma melhorar o desenvolvimento da área de ciência da informação. Os que desacreditavam na possibilidade de algum tipo de desenvolvimento da área, através de melhoria no vínculo, somaram apenas 11,1% (5), enquanto que 6,7% (3) não responderam.

Como sugestão para que se melhore a relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos, foram propostas 5 (cinco) alternativas pré-determinadas e mais 1 (uma) denominada de 'outra'. As respostas com as respectivas frequências podem ser observadas na Tabela 24.

TABELA 24: Sugestões para a melhoria na relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos

Sugestões	Ordem de importância							TOTAL
	1	2	3	4	5	6	NR	
Convite aos egressos para discussão sobre reestruturação curricular	5	12	5	10	4	1	8	45
Convite para eventos da área de CI ou correlata que venham a ocorrer na ECI	1	12	4	14	7	1	6	45
Informes sobre eventos da área de CI ou correlata a ocorrer em outros locais	5	8	8	11	6	0	7	45
Convite aos egressos para participação em eventos, na função de palestrantes, membros de mesa redonda, cursos e outros	8	1	13	1	6	1	15	45
Identificação e acompanhamento de egressos	6	2	4	1	9	1	22	45
Outra	3	0	1	0	2	5	34	45

Retomando a questão da percepção dos egressos no tocante à formação recebida por eles no PPGCI/UFMG, tem-se que apesar da qualidade da formação recebida no Programa ser considerada boa pela maioria, em alguns casos surgiram colocações críticas quanto a alguns pontos da formação no curso. Acredita-se ser importante registrar e arrolar os fragmentos

discursivos, haja vista, a própria contribuição destes para a melhoria das políticas de formação do referido Programa. Os trechos foram retirados dos questionários, mais precisamente das questões 24 e 58, e merecem ser destacados face a contribuição que pode advir destas colocações, mostrando-se assim, dignas de nota. Na mesma direção as entrevistas com os coordenadores do PPGCI/UFMG trazem questões oportunas, e assim, serão também trazidas à reflexão.

Em um dos trechos, o egresso (M1) leva em consideração mais de uma questão, como um certo desnorreamento por parte de alguns docentes do Programa em relação ao próprio conteúdo das disciplinas. Na mesma fala é colocada a questão da carência de rigor metodológico nos trabalhos de teses e dissertações realizados no Programa. Assim, vejamos:

Acho que o principal é melhorar a qualidade das aulas pois apesar de os professores serem muito qualificados e competentes, muitos ministram disciplinas onde deixam muito claro uma insegurança em relação ao conteúdo da mesma, ficando as aulas por conta dos alunos e algumas vezes não se chegando a lugar algum. Acho também que o Programa deve investir em uma estrutura de capacitação de metodologia da pesquisa científica, tanto para alunos quanto para professores, acho que isso deve ser feito em caráter de urgência, os trabalhos precisam alcançar um maior rigor metodológico. É lastimável também a apresentação gráfica de dissertações e teses produzidos na Escola, onde, muitas vezes, se percebe uma ausência total ou parcial de elaboração no tocante às normas da ABNT. (...) o que presenciamos é um relaxamento quase total na apresentação dos trabalhos, com pouquíssimas exceções. (M1)

As críticas colocadas anteriormente pelo egresso (M1) são bastante pontuais. Entretanto no tocante à questão metodológica mais especificamente, é bom suscitar que várias são as teses/dissertações que têm um rigor metodológico bastante elevado, isso é corroborado, pelo fato de que teses/dissertações defendidas no Programa são normalmente indicadas para o Prêmio ENANCIB de melhor tese. É importante esta contraposição já que percebe-se que atualmente o nível das teses/dissertações tem cada vez mais se elevado.

Uma outra questão que chama a atenção como ponto crítico, por um dos coordenadores, é a alternativa de melhor acompanhamento na orientação das pesquisas por parte dos professores. O coordenador chama a atenção para a possibilidade da orientação se dar através não somente de um orientador, e sim de uma comissão, o que a seu ver traria grande contribuição na formação:

eu acho que talvez uma política de orientação falte, sabe, o quê que é, eu sugeri uma vez que a gente tivesse orientação por um grupo, por uma comissão, nós chegamos a implantar mas não deu certo (...) cada um [orientador] uma sistemática e então fica assim uma coisa meio fluída, o Programa não dá pelo menos algumas coordenadas, essa comissão acho que seria ótima!, essa orientação assídua desde o princípio, uma coisa que não deixasse o aluno muito solto, que ele vai pensando o problema dele no início da disciplina, seria um avanço muito grande. (COORD. 3)

De fato esta pode ser uma possibilidade, cabendo certamente ao Programa, em conjunto com todos os professores, avaliar os pontos positivos e críticos em relação a esta sugestão.

Voltando às questões das aulas e dos professores, outro egresso apresenta o seguinte questionamento:

Durante o curso de mestrado na ECI alguns professores limitavam suas disciplinas a apresentação de colegas sobre um tema determinado. Bom, penso que estava lá para aprender com um doutor e não para ouvir colegas falando. Fica aí uma crítica construtiva... (M21)

A categoria de análise “docentes do PPGCI/UFMG” apareceu algumas vezes nas respostas dos egressos; essas colocações chamam bastante a atenção e ficam como reflexão para o próprio Programa. É possível aventar que a falta de articulação com a área apresentadas por alguns dos docentes (ao menos do que se depreende das falas dos egressos), esteja ligada a

própria interdisciplinaridade da ciência da informação, e daí, a origem dos professores do Programa ser dos mais variados campos do conhecimento, haja vista que muitos não têm graduação, mestrado ou doutorado, na área de ciência da informação. De um lado isso é extremamente enriquecedor, de outro, pode ser um complicador, quando o corpo de professores não consegue ter uma linguagem única e ainda, nem mesmo um consenso, sobre o que é ciência da informação. A esse respeito é muito válida a colocação de um dos coordenadores do PPGCI/UFMG, no que se refere às questões da interdisciplinaridade face ao corpo docente.

(...) a interdisciplinaridade acho que ela não é muito bem conhecida de nós professores, não só daqui, mas de outras áreas, tanto que tem esses conceitos, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade, há aí uma zona meio nebulosa nessa questão, e de vez em quando você ouve alguém reclamar: é preciso lembrar que tem a disciplinaridade. A interdisciplinaridade tem que ter base numa disciplinaridade. Isso é uma dificuldade, mas não é a única, eu acho que tem que ver também com o fato da disciplina ser uma disciplina relativamente nova, a pesquisa na área é uma coisa relativamente nova, e então isso também dificulta ... (COORD.1)

Na perspectiva de um egresso,

A ciência da informação é um campo de difícil delimitação do seu objeto. Talvez em virtude disto, o discurso dos professores não responde claramente às nossas expectativas. Poderia auxiliar, uma maior ênfase na exposição de qual é o objeto de pesquisa de cada professor, qual o seu conceito de informação, para que os mestrandos possam interpretar e transpor os conteúdos das disciplinas para o campo ao qual se dedica. (M33)

Há ainda enfatizado por outro egresso, a necessidade de:

maior interlocução entre os professores e entre os alunos, diálogo. (D5)

O problema do ‘desnorteamento e falta de consenso’, por parte dos docentes, pode ser colocado mais como efeito do que como causa, ou seja, faz parte do reflexo da falta de consenso da própria área de ciência da informação, já que conforme colocado no Capítulo 1, a mesma tem como uma de suas características centrais a interdisciplinaridade e por outro lado, mostra-se como uma ciência ainda pouco madura e que é atravessada por grandes discussões sobre a origem, objeto, métodos e mesmo cientificidade.

Entretanto, no que refere a categoria ‘docentes’ é importante e elucidativa a fala de um dos coordenadores:

o nosso corpo docente tem uma capacidade que eu acho assim, quase mágica, porque são pessoas que trabalham tudo, mesmo os oriundos de outras áreas, eles procuram entender o nosso objeto, os nossos processos de informação, levar a sério, orientar, pesquisar e assumem outras atividades na Escola, então é um corpo docente muito participante, ativo e que consegue fazer muitas coisas, mas a nossa Pós-graduação está sendo muito prejudicada porque, por conta dessas atividades excessivas, nossos pesquisadores quase não têm tempo de pesquisar e de produzir artigos, livros, que é o que nós precisamos. A pós-graduação precisa disso, produção científica e os nossos professores estão assoberbados e não têm tempo de parar para escrever. Olha, nós precisamos de maior socialização entre nós, nos reunirmos mais vezes para termos um entendimento comum sobre a nossa graduação, a nossa pós, a nossa Escola, onde é que nós queremos levar a nossa Escola, até que ponto que nós podemos progredir em ensino, pesquisa e extensão. E essas reflexões são boas porque são nessas reflexões é que se faz a harmonização de idéias, pensamentos, políticas, conflitos... (COORD.2)

Um outro ponto que chama a atenção é a questão do desconhecimento dos candidatos em relação ao que é a área, de modo que muitos só vão conhecer de fato a ciência da informação depois que já estão inseridos no Programa. Como sugestão de solucionar esta questão nos aponta um egresso:

palestras de esclarecimento e apresentação dos professores e suas áreas de pesquisa aos candidatos ao curso, antes do exame de seleção. (M17)

Esta questão traz, de certa forma, alguma complexidade, haja vista, o fato de que se espera, daqueles que procuram um curso de pós-graduação, principalmente *stricto sensu*, certo amadurecimento em relação aos objetivos de sua escolha. A atitude de procurar um curso de pós-graduação, seja em nível de mestrado ou doutorado, sem nem sequer saber quais são as questões que perpassam tal campo de conhecimento é, no mínimo, desaconselhável.

Uma última sugestão elencada neste tópico é a de um egresso que chama a atenção para as questões profissionais da área. O egresso registra que sentiu falta no curso de algum aspecto da prática profissional em ciência da informação.

oferecimento de disciplinas semestrais mais focadas para parte prática do exercício de funções relacionadas à Ciência da Informação. (M30)

Apesar de o curso não ser profissionalizante, e sim acadêmico, algumas disciplinas poderiam, efetivamente, contemplar aspectos mais prático/profissional da área. Não obstante, em dadas disciplinas, as questões postas contemplam um ponto de vista mais ligado ao avanço científico na área, mas normalmente sobre atividades que já estão fundamentadas em práticas, como principalmente disciplinas nas linhas de pesquisa de OUI e GIC.

Em relação a esses fragmentos de respostas dos egressos destacados enquanto dados da pesquisa, acredita-se ser de suma importância trazê-los à tona, dada a expectativa não só de apontar as críticas, como de dar voz a elas; na esperança que elas possam trazer à luz reflexões válidas para o próprio PPGCI/UFMG.

4.2. Atuação profissional dos egressos

Como já exposto, um dos pilares da pesquisa consistiu em mapear as atividades profissionais dos egressos. As questões solicitavam aos egressos que informassem dados relativos às atividades **antes** do ingresso no PPGCI/UFMG, **durante** e talvez o mais importante, o que fazem **atualmente**, ou seja, após a realização do curso no PPGCI/UFMG. Os dados foram tabulados de acordo com a apresentação que se segue.

Quanto ao ramo de atividade no qual estavam inseridos os egressos, **antes** de entrarem no PPGCI/UFMG, foi informado que a maioria era servidor público, 44,4% (20), seguido de empregados 31,1% (14), profissional liberal 17,8% (8), e em situação de empate, obteve-se a taxa de resposta de 2,2% (1) para empresário e 2,2% (1) apenas estudante, menciona-se ainda, que 2,2% (1) não respondeu a questão.

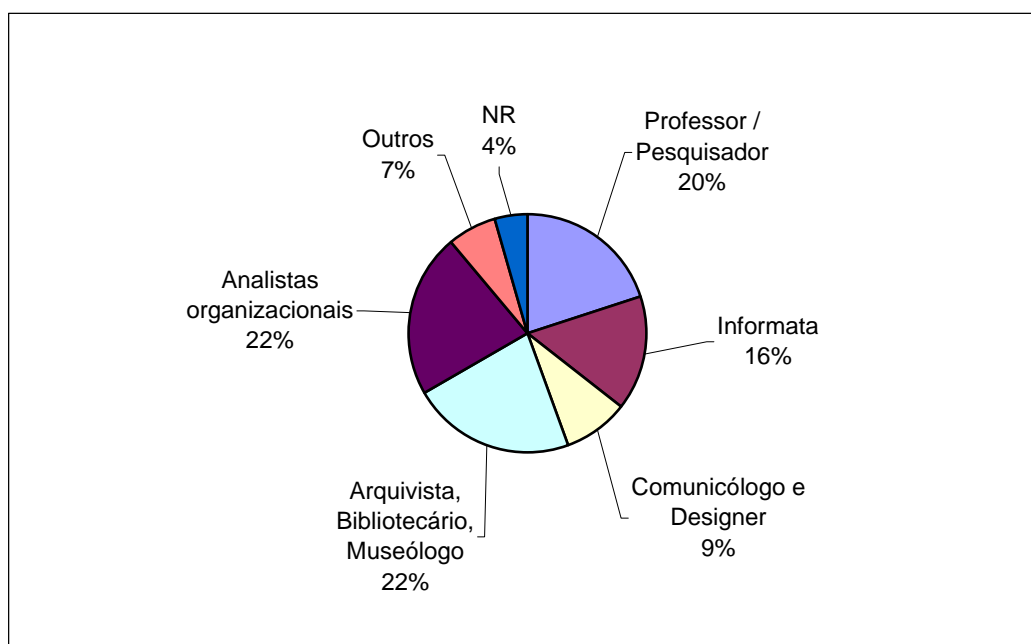
Em relação ao setor de atividades percebeu-se que a maioria estava situado na área da Educação 33,3% (15), seguido da área de Tecnologia da informação com 15,6% (7) e Arquivos e Bibliotecas também com 15,6% (7), conforme tabela abaixo:

TABELA 25: Setor de atividade antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Setor	n	%
Educação	15	33,3
Tecnologia da informação	7	15,6
Comunicação e Arte Gráfica	4	8,9
Arquivo e Biblioteca	7	15,6
Cultura	2	4,4
Engenharia/Indústria	4	8,9
Setor público	1	2,2
Saúde	1	2,2
Outros	2	4,4
NR	2	4,4
TOTAL	45	100

No que diz respeito ao cargo/função, exercido antes do ingresso no PPGCI/UFMG, a maioria informou exercer o cargo de ‘Arquivista, Bibliotecário, Museólogo’ 22,2% (10). Constando ainda com o mesmo percentual tem-se os denominados ‘Analistas organizacionais’ com 22,2% (10). No grupo citado de “Analistas organizacionais” foi incluído diversos cargos/funções (como os de gerentes, analistas, supervisores e outros) com a característica principal de serem todas atividades ligadas ao nível de gestão em organizações. Na sequência, o cargo de professor/pesquisador com 20,0% (9). O menor número ficou com o grupo denominado de ‘outros’, que inclui neste caso os cargos/funções de psicanalista, historiador e musicólogo com 6,7% (3). As distribuições dos percentuais estão no gráfico a seguir:

GRÁFICO 4: Cargo/Função dos egressos antes do ingresso no PPGCI/UFMG



Uma questão que chama bastante atenção é saber se as atividades profissionais exercidas pelos egressos, antes do ingresso na pós-graduação no PPGCI/UFMG, estavam relacionadas com a área de ciência da informação. Surpreendentemente a taxa de resposta foi de 73,3%

(33) para aqueles que disseram que sim e 24,4% (11) para os que disseram que não. A taxa de não-resposta foi de 2,2% (1). Esses percentuais chamam a atenção pois mostram que ao ingressarem no PPGCI/UFMG a grande maioria já trabalhava, ou mesmo, tinha algum contato com atividades ligadas à ciência da informação.

Assim sendo, é importante saber, quais eram as atividades desenvolvidas pelos egressos que disseram ter alguma ligação com a área de ciência da informação antes do ingresso no PPGCI/UFMG. Dado a proximidade nas respostas, elas foram agrupadas para melhor visualização conforme se observa na tabela abaixo:

TABELA 26: Principais atividades desenvolvidas antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Atividades	n	%
Tratamento da Informação	6	18,2
Arquivística, biblioteconomia e museologia	7	21,2
Docência e pesquisa na área de informação	2	6,1
Informação no contexto da Comunicação	4	12,1
Informação Organizacional e/ou de TI	10	30,3
NR	4	12,1
TOTAL	33	100

Como se pode notar, as atividades relacionadas a área de ciência da informação antes do ingresso no PPGCI/UFMG, concentram-se em sua maioria naquelas ligadas à informação no contexto organizacional e/ou de tecnologia da informação (TI) com 30,3% (10), seguida das atividades ligadas à “arquivística, biblioteconomia e museologia”, com 21,2% (7); o menor grupo é aquele das atividades ligadas à comunicação com 12,1% (4). Quando perguntados por que as atividades desenvolvidas estavam ligadas à área de ciência da informação, obteve-se os seguintes grupos de respostas:

TABELA 27: Motivo que leva a atividade desenvolvida antes do ingresso no PPGCI/UFMG estar ligada à CI

Motivo	n	%
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas ao processo de tratamento da informação	8	24,2
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas a Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia	5	15,2
Porque desenvolvo atividades de docência na área de CI	2	6,1
Porque as atividades desenvolvidas contemplam uma interface da Informação com a Comunicação	4	12,1
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas com a informação no contexto organizacional	9	27,3
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas aos sistemas informatizados de informação	2	6,1
NR	3	9,1
TOTAL	33	100

Percebe-se, pelos dados, que os egressos do PPGCI/UFMG eram sujeitos que de forma bastante representativa estavam inseridos de alguma forma na área de ciência da informação. Isso é um indicativo muito positivo e demonstra que a grande maioria procura o curso por perceber que ele está ligado a atividades que já fazem parte de seu dia-a-dia; o que só vem a somar para o PPGCI/UFMG e ainda para a própria ciência da informação.

Outro foco de atenção foi saber o que faziam os egressos **durante** o curso no PPGCI/UFMG. As respostas abaixo indicam que a maioria continuava a ser servidor público 40,0% (18), enquanto que a taxa daqueles que eram empregados antes do curso caiu significativamente para 15,6% (7) e a percentagem dos que se disseram apenas estudantes sobe para 26,7% (12). Apenas 2,2% (1) informou ser outro o ramo de atividade, entretanto, não especificou.

TABELA 28: Atividade profissional durante o PPGCI/UFMG

Atividade	n	%
Profissional liberal	6	13,3
Servidor público	18	40,0
Empregado	7	15,6
Apenas estudante	12	26,7
Outro	1	2,2
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

Com os dados que os egressos informaram, no tocante aos setores profissionais onde se encontravam antes de entrarem no PPGCI/UFMG, observa-se que durante o curso os setores citados permanecem os mesmos, e ainda, a ordem dos mais citados tem pouca alteração. O setor de Educação permanece como o mais citado com 24,4% (11) e Tecnologia da informação com 11,1% (5) seguido dos Arquivos e Bibliotecas com 6,7% (3).

TABELA 29: Setor de atividade durante o PPGCI/UFMG

Setor de atividade	n	%
Educação	11	24,4
Tecnologia da informação	5	11,1
Comunicação e Arte	2	4,4
Arquivo e Biblioteca	3	6,7
Cultura	1	2,2
Engenharia/Indústria	1	2,2
Setor público	1	2,2
Saúde	1	2,2
Outros	3	6,7
NR	17	37,8
TOTAL	45	100

Dentre os cargos/funções exercidos pelos egressos durante o curso observa-se que o de Professor/pesquisador contou com 24,4% (11). Os menos citados foram os de Comunicólogo/Designer com 4,4% (2) e Outros com 4,4% (2).

TABELA 30: Cargo/Função durante o PPGCI/UFMG

Cargo/Função	n	%
Professor / Pesquisador	11	24,4
Informata	6	13,3
Comunicólogo e Designer	2	4,4
Arquivista, Bibliotecário, Museólogo	3	6,7
Analistas organizacionais	4	8,9
Outros	2	4,4
NR	17	37,8
TOTAL	45	100

Diante do mapeamento das atividades profissionais exercidas antes, e mesmo durante o curso no PPGCI/UFMG, foram levantadas as atividades profissionais exercidas pelos egressos **atualmente**, ou seja, durante o momento da pesquisa. Obteve-se que 80,0% (36) dos egressos desenvolvem atividades profissionais ligadas à área de ciência da informação enquanto que apenas 20,0% (9) disseram que não exercem atividades no momento em CI.

Assim, constata-se que o percentual daqueles que exercem atividades profissionais no momento é bastante próximo daquele levantado quando foi perguntado se os mesmos exerciam atividade profissional na área antes do ingresso no PPGCI/UFMG (73,3%). Dos que exercem atividades profissionais na área de CI (36), 86,1% (31) disseram ser esta a principal ocupação profissional enquanto que 11,1% (4) disseram não ser a principal, 2,8% (1) não respondeu.

Utilizando-se de um cruzamento de dados observa-se, na tabela abaixo, a relação entre aqueles que informaram que desenvolvem atualmente atividades profissionais em CI e o fato de terem sido bolsistas ou não durante o curso. Daqueles que disseram que foram bolsistas durante o curso, 76,5% (13) atualmente desenvolvem atividade profissional em CI, ao passo que daqueles que não foram bolsistas 82,1% (23) desenvolvem atualmente atividade

profissional em CI. Se analisado sob a perspectiva da atividade profissional, os números nos mostram que 36,1% (13) daqueles que desenvolvem atividade em CI foram bolsista ao passo que 63,9% (23) que desenvolvem atualmente não o foram. O que leva a constatação de que ser, ou não, bolsista durante o curso, não implica, necessariamente, o exercício profissional ligada à área posteriormente; sendo que conforme mostram os dados, a percentagem dos não bolsistas é superior ao dos bolsistas.

TABELA 31: Relação entre os bolsistas e o desenvolvimento de atividade profissional na área de CI no momento

Bolsista	Atividade profissional		TOTAL
	Sim	Não	
Bolsista	13	4	17
Não-bolsista	23	5	28
TOTAL	36	9	45

A fim de verificar ainda, a relação daqueles que se disseram inseridos na área de CI, antes do ingresso no PPGCI/UFMG, e os que desenvolvem, atualmente, atividade profissional ligada à mesma, os dados da tabela abaixo são esclarecedores, apontando um percentual bastante elevado daqueles que estavam inseridos na área antes e que desenvolvem atividade profissional em CI no momento - 80,6% (29). Esse fato pode levar, ainda, a reflexão de que o real motivo de muitos dos que ingressaram no PPGCI/UFMG foi o de querer solucionar problemas ligados à prática profissional, ou seja, como já tinham uma atividade que estava ligada a área de informação, e tinham problemas profissionais a serem resolvidos procuraram uma pós-graduação na área para a resolução desses problemas. Dessa forma, é esperado que após a titulação permaneçam exercendo funções na área.

TABELA 32: Relação entre os que estavam inseridos na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG e o exercício de atividade profissional ligado à área no momento da pesquisa

Inserção	Atividade profissional em CI		
	Sim	Não	TOTAL
Sim	29	4	33
Não	7	5	12
TOTAL	36	9	45

Em outro cruzamento, explorou-se o percentual daqueles egressos do mestrado (39) que indicaram uma predisposição à realizar o doutorado no PPGCI/UFMG e o exercício de atividade profissional em CI. Desses, o conjunto dos que disseram que fariam o doutorado e que exercem atualmente atividade em CI é de 35,5%, enquanto que aqueles que disseram que não continuariam no Programa corresponde a 12,9% do montante dos que desenvolvem atividade em CI no momento. Caso se analise somente o conjunto daqueles que disseram que não fariam o doutorado no Programa (5) perceberá que 80,0% (4) informaram que atualmente desenvolvem atividade profissional na área. É no mínimo intrigante, já que se desenvolvem atividades na área, o por quê da não continuidade em estudos da área ?

TABELA 33: Relação entre os que fariam ou não o doutorado e o exercício de atividade profissional na área de CI

Fariam o doutorado	Exercício de atividade profissional em CI		
	Sim	Não	TOTAL
Sim	11	4	15
Não	4	1	5
Talvez	7	1	8
Estou realizando	8	2	10
NR	1	0	1
TOTAL	31	8	39

Quanto ao setor de atividade da CI em que os egressos se ocupavam profissionalmente, no momento da pesquisa, têm-se que o setor 'Educação' foi o mais citado com 61,1% (22), seguido do setor 'Arquivo e Biblioteca' com 13,9% (5). Os demais setores expressaram uma

taxa relativamente baixa. Os dados podem ser observados na tabela a seguir:

TABELA 34: Setor de atividade dos egressos no momento da pesquisa

Setor	n	%
Educação	22	61,1
Tecnologia da informação	1	2,8
Comunicação e Arte	2	5,6
Arquivo e Biblioteca	5	13,9
Cultura	2	5,6
Engenharia/Indústria	1	2,8
Setor público	1	2,8
Saúde	0	0
Outros	1	2,8
NR	1	2,8
TOTAL	36	100

Num cruzamento entre o setor de atividades e a faixa salarial individual dos egressos, no momento da pesquisa, o setor que apresenta o maior índice salarial é o da ‘Educação’. A faixa salarial desse setor se mostrou bastante dispersa, variando entre ‘até 05 SM’ e ‘acima de 30 SM’, porém a moda ficou na faixa de ‘10 a 15 SM’. Essa mesma faixa é a que conta o maior número de frequências no geral, como pode ser percebido pela Tabela 35.

TABELA 35: Relação entre o setor de atividade dos egressos que desenvolvem atividade profissional em CI no momento da pesquisa e a renda mensal individual

Setor de atividade	Faixa salarial (SM)									TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30 (+)	de 30	NR	
Educação	1	3	2	5	2	1	0	1	7	22
Tecnologia da informação	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Comunicação e Arte	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
Arquivo e Biblioteca	3	0	2	0	0	0	0	0	0	5
Cultura	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
Engenharia/Indústria	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Setor público	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Outros	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
NR	0	2	1	2	0	0	1	1	3	10
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

Quanto ao cargo/função atual dos egressos respondentes que declararam atuarem na área de CI (36) a grande maioria 63,9% (23) informou ser ‘Professor/pesquisador’, seguido dos ‘Analistas organizacionais’ com 16,7% (6).

TABELA 36: Cargo/função dos egressos no momento da pesquisa

Cargo/Função	n	%
Professor / Pesquisador	23	63,9
Informata	1	2,8
Comunicólogo e Designer	1	2,8
Arquivista, Bibliotecário, Museólogo	4	11,1
Analistas organizacionais	6	16,7
Outros	1	2,8
TOTAL	36	100

Em relação a importância da formação em CI para o desenvolvimento da atividade profissional, ligada à área no momento, 72,2% (26) disseram que a formação em CI foi ‘Muito importante’ e 27,8% (10) disseram que foi “Importante”.

Quanto às atividades desenvolvidas por aqueles que informaram terem uma prática profissional ligada à ciência da informação (36), 50,0% (18) disse que desenvolve atividade

de ‘Docência e pesquisa’, enquanto que o grupo que teve menor frequência foi ‘Informação no contexto da Comunicação’ com 2,8% (1).

TABELA 37: Principais atividades desenvolvidas pelos egressos no momento da pesquisa

Atividades	n	%
Tratamento da Informação	4	11,1
Arquivística, Biblioteconomia e Museologia	4	11,1
Docência e pesquisa	18	50,0
Informação no contexto da Comunicação	1	2,8
Organizacional e de TI	4	11,1
NR	5	13,9
TOTAL	36	100

Quando perguntados como a atividade profissional informada se vincula à CI, as respostas dos egressos foram variadas, entretanto procedeu-se o agrupamento das mesmas de modo a facilitar a análise.

TABELA 38: Motivo que leva a atividade desenvolvida no momento da pesquisa estar ligada à área de CI

Motivo	n	%
Atividades ligadas ao processo de tratamento da informação	3	8,3
Atividades ligadas a Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia	6	16,7
Atividades de docência na área de CI	13	36,1
Atividades que contemplam uma interface da Informação com a Comunicação	1	2,8
Atividades desenvolvidas ligadas com a informação no contexto organizacional	6	16,7
Atividades ligadas aos sistemas informatizados de informação	2	5,6
NR	5	13,9
TOTAL	36	100

Foi perguntado, aos egressos, de que maneira a formação em CI contribuiu para o desenvolvimento de alguma atividade profissional; sendo ligadas à área de CI ou não. Na tabela abaixo pode-se observar as respostas com os respectivos percentuais.

TABELA 39: Contribuição da formação em CI para o desenvolvimento de alguma atividade profissional

Resposta	n	%
Aprimoramento da prática profissional, através da formação em CI	10	22,2
Fundamentação teórica	2	4,4
Possibilidade de docência	4	8,9
Pesquisa e diálogo interdisciplinar	4	8,9
NR	25	55,6
TOTAL	45	100

Numa das questões do questionário, mais precisamente a de número 42, foi dado o espaço para que os egressos respondessem quais as sugestões que eles dariam para que os profissionais da área de ciência da informação tivessem uma melhor participação/inserção no mercado de trabalho. A análise das respostas mostrou-se matéria bastante interessante, com diferentes pontos de vista dos egressos.

Como se sabe, a questão da inserção profissional é relevante para qualquer grupo profissional e certamente o é para os egressos do PPGCI/UFMG, apesar de não ser um curso profissionalizante e sim acadêmico, há expectativas, não só acadêmicas/científicas; quando se procura a pós-graduação, anseia-se uma melhor inserção no mercado de trabalho *vis-à-vis* a titulação recebida. As respostas foram agrupadas na tabela que se segue, com os respectivos percentuais, em seguida os trechos textuais das respostas dos egressos são arroladas em um quadro, possibilitando-se assim, melhor análise.

TABELA 40: Sugestões dos egressos para uma maior inserção dos profissionais de CI no mercado de trabalho

Sugestão	n	%
Melhor divulgação das práticas profissionais junto ao mercado	8	17,8
Melhor Desenvolvimento acadêmico	5	11,1
Formação mais voltada às questões empresariais	2	4,4
Interdisciplinaridade	2	4,4
NR	28	62,2
TOTAL	45	100

A maior taxa, como se percebe é daqueles que acreditam que para uma melhor inserção no mercado de trabalho é necessário uma ‘melhor divulgação das práticas profissionais’ junto ao mercado, correspondendo a 17,8% (8) das respostas. A questão da ‘Interdisciplinaridade’ aparece como a opção de menor destaque, ao lado da opção ‘Formação mais voltada às questões empresariais’ com 4,4% (2) cada uma.

Por outro lado, é interessante perceber, com relação ao desenvolvimento do campo científico, que a questão da interdisciplinaridade é um dos pontos mais centrais para a área de ciência da informação; o que não acontece quando a análise passa pela inserção no mercado de trabalho. Em relação à outra opção de menor frequência, analisa-se que uma formação que seja mais focada nas questões empresariais encontraria espaço mais fecundo num curso de pós-graduação *stricto sensu* profissionalizante; de modo que, para um curso de pós-graduação acadêmico esta opção mostra-se limitada.

Entretanto, o que chamou mais a atenção nessa questão de inserção profissional, é que, de fato, o maior percentual é daqueles que optaram por não responder a questão, 62,2% (28), o parece demonstrar uma dificuldade de reflexão em torno da problemática da formação

vivenciada e/ou desinteresse pelo assunto. De qualquer forma, é preocupante, já que a grande maioria dos egressos respondentes se eximiram de um posicionamento frente a esta problemática. O Quadro 2 traz as respostas dos egressos em relação a esta questão.

Quadro 2: Sugestões dos egressos em relação a uma melhor inserção dos profissionais em CI no mercado de trabalho

<p>Melhor divulgação das práticas profissionais junto ao mercado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Sei que as possibilidades dessa área são teoricamente muito grandes, mas na prática acho que não conseguimos ainda enxergar uma luz no fim do túnel (M1) • Definindo com clareza a competência e papel desse profissional (M4) • Divulgação das possibilidades de atuação desse profissional e de suas habilidades (M21) • Esclarecer as potencialidades deste profissional junto a empresas públicas e privadas / Estabelecer pequenas consultorias para atender inclusive a demandas particulares (M22) • Divulgação do espaço de atuação dos profissionais (M27) • Maior disseminação das possíveis funções do profissional formado na área de Ciência da Informação (M30) • Valorização do profissional frente à sociedade / Preparação destes profissionais para atuação no mercado (D5)
<p>Melhor Desenvolvimento acadêmico</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo à investigação acadêmica em áreas menos exploradas, formação de núcleos de estudo (M15) • Uma boa estratégia é a sistematização do contato e interação com os egressos em forma de grupos de discussão (...) para debates em seminários e mini-cursos nos eventos da CI/UFMG. (M28) • Participação em eventos da área (D2) • Mais palestras, seminários e discussões públicas sobre o tema (D3) • Quando eu iniciei o meu doutorado na CI, a área de gestão do conhecimento era uma grande oportunidade para a CI. Hoje eu vejo a Administração com mais presença neste debate do que a própria CI. Acho que a CI precisa ser mais agressiva e estar mais presente nos fóruns de discussão. (D4)
<p>Formação mais voltada às questões empresariais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uma formação que contemple uma visão gerencial para o negócio informação (M2) • Esse é um problema muito sério, pois a função do profissional da área de CI está sempre vinculada a questões de longo prazo (não é possível produzir, armazenar, recuperar, tratar e utilizar informação de forma eficaz em curto espaço de tempo) e a nossa cultura empresarial, econômica e política está sempre vinculada ao curto prazo. (M17) • Disseminação dos conhecimentos e possibilidades de soluções para os problemas com a informação. (M33)
<p>Interdisciplinaridade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Abertura para interdisciplinaridade (M6) • Precisam sempre assumir uma postura interdisciplinar (M24)

De um modo geral, diante dos dados apresentados sobre a atuação profissional dos egressos do PPGCI/UFMG, pode-se inferir a partir do percentual de egressos que informaram ter, no momento, uma atuação ligada à área de CI, 80%, que apesar do curso ser acadêmico, os seus egressos encontram no mesmo, subsídios que os favorecem em sua prática profissional. Desse modo, conseguem transpor a dicotomia mercado versus academia, e aliar as discussões e pesquisas, na área da CI, às suas atividades; ou mesmo, trabalhar, diretamente, nos contextos de produção e/ou uso de informação, o que demonstra ser muito positivo para a área de CI.

Não obstante, a partir da análise das respostas dadas pelos egressos no tocante a atuação profissional, ligada à área de CI, acredita-se ser interessante investigar se pelo fato da CI ter como uma de suas marcas distintivas a interdisciplinaridade e de dada atuação estar relacionada, de alguma forma, com a informação, é justificável qualificá-la, especificamente, como uma prática profissional em ciência da informação?

Quanto a percepção dos coordenadores entrevistados obteve-se idéias esclarecedoras a esse respeito, na visão de um dos coordenadores:

Olha, as características próprias e genuínas da Ciência da Informação estão escritas nos conceitos de (...) Ciência da Informação, não de informação, porque conceito de informação você tem da Comunicação, da Administração, Biologia, Ciência da Informação é diferente. É o conceito de Ciência da Informação que circunscreve o objeto informação, e como ele é visto pelos participantes e profissionais, pelos participantes da área: profissionais e pesquisadores. Então nós lidamos com a produção do documento ou da informação, os seus fluxos, a sua disseminação e o seu uso. Isso aí é grosso modo, pois entre um e outro você encontra várias sub-temáticas, mas em geral é com a produção de conhecimento da ciência ou de saberes. Porque o cientista da informação pode trabalhar com outros tipos de saberes que não o científico, mas em geral, é da produção do conhecimento até o uso. (COORD.2)

Outro coordenador entrevistado é bastante enfático:

Informática trabalha com informação, comunicação trabalha com informação, nós temos essa dificuldade com esse termo informação, é um problema esse termo, então você fala assim, atividade que lide com informação... O Conselho Federal de Biblioteconomia, queria fazer uma lei que tirava livros, documentos e colocava informação, vieram logo os Conselhos todos e diziam o quê que é isso, nós trabalhamos com informação também, lembro da engenharia, 'nós trabalhamos com informação também', isso é verdade, todo mundo trabalha com informação. Nesse sentido de que você vai fazer uma pesquisa em engenharia você tem que usar informação, você produz informação como resultado da pesquisa. Então esse negócio de falar informação simplesmente é um dos nossos problemas porque você fala assim "trabalho com informação", todo mundo trabalha com informação. (...) essa informação precisa ser qualificada, então nós trabalhamos com o quê ? Nós trabalhamos com organização da informação. (COORD.1)

Outro coordenador entrevistado coloca sua visão a respeito da questão:

Para nós profissionais da ciência da informação a diferença é que a informação tem que ser em um sistema de informação registrada, que seja naqueles meios tradicionais, digitais ou híbridos, então é muito peculiar. (...) Os profissionais que trabalham naquele sistema de informação devem ser capacitados para este tipo de coisa. (...) Se a pessoa for um gerente, - de um modo geral, essas pessoas com mestrado, doutorado, que vem aqui, eles acabam se transformando em coordenadores, gerentes, - tem que ter nítida essa visão, se ele não for operador ele tem que ter sua equipe e tem que ter um perfil adequado e se não tiver esse tipo de organização com as bases da ciência da informação, se o negócio for organização amadora, empírica, com estratégias que realmente são preconizadas, que facilita queimar etapas, fazer esses sistemas realmente de qualidade eu vejo que a pessoa não é da área não. Se for um sistema de informação que só tem o nome e não tem nenhum profissional, a pessoa que é o gerente se trabalha com gente que não é da área para indexar, que nunca ouviu falar em usuário, nunca atendeu, nunca fez uma referência, não sabe, porque o nosso aluno é que tem que ser um agente operacional, se quiser que o sistema seja procedente mesmo vinculado a área de ciência da informação tem que se uma pessoa que saiba fazer as coisas, dentro do clássico, dentro daquilo que é usado pela área. (...) se for feito de uma forma amadora, a coisa está toda atomizada lá dentro, não tem esse nível de coordenação, a pessoa não tem nem a visão do todo, está nas mãos erradas e não é ciência da informação no meu modo de ver. (COORD. 4)

Certamente que pela simples análise das respostas dos egressos quanto a questão da atuação profissional na área, fica extremamente complicado afirmar se, realmente, o que eles citam ser uma atuação em ciência da informação, de fato, o é. O simples fato de o trabalho envolver informação não quer dizer, necessariamente, que seja uma atividade da ciência da informação. Entretanto, cabe um estudo de maior aprofundamento, onde melhor se delimite os possíveis fazeres prático-profissionais de um profissional em ciência da informação, para compará-los à atividade dos egressos, identificando a real coincidência com a ciência da informação. Desse modo, fica como sugestão para estudos futuros, pesquisas que privilegiem especificamente a análise das atividades profissionais em ciência da informação.

4.2.1. Docência

No tocante às questões profissionais, é importante ressaltar que grande parte daqueles que realizam o mestrado e mesmo o doutorado, têm o intuito da docência em nível de terceiro grau. Essa opção é bastante legítima, dado que, conforme exposto em outro momento, uma das funções básicas do mestrado é a de formar mão-de-obra qualificada para o exercício do magistério em cursos superiores. O doutorado, que tem como função básica formar pesquisadores, qualifica, ainda mais, para este quadro de mão-de-obra, já que, em muitas universidades, o professor doutor exerce tanto o papel de professor quanto o de pesquisador.

Em relação aos dados colhidos pela presente pesquisa, tem-se que a maior parte dos egressos do PPGCI/UFMG, 64,4% (29), exercem, ou já exerceram docência em nível superior em disciplina ligada à área de ciência da informação e 35,6% disseram que não exerceram (16). Entretanto, é importante ressaltar que o exercício das disciplinas pode ter sido em contextos

diversos, como: professores contratados, substitutos, efetivos, estágio docente e outros. Esta questão não foi levantada. Não obstante, aprofundando a análise, verificou-se que dos egressos que informaram terem exercido docência em CI (29), apenas 18 (dezoito) exercem atualmente alguma disciplina, enquanto que 7 (sete) já exerceu, mas não exerce atualmente e 4 (quatro) não especificaram. Desse modo, pode-se dizer que 62,1% exerce atualmente (no momento da coleta de dados) alguma disciplina na área de CI, enquanto que 24,1% já exerceu.

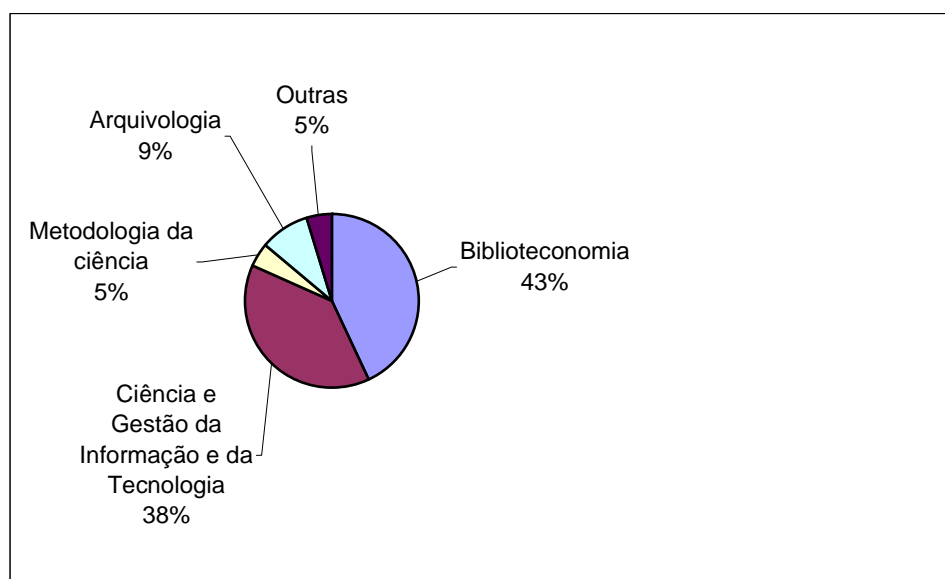
Uma grande parcela de egressos tem na docência uma atividade profissional, que provavelmente foi possibilitada, ou mesmo reforçada, face a titulação da pós-graduação. Quanto ao nível do ensino, observa-se que os egressos exerceram docência tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, sendo que 76,9% (50) das disciplinas foram em nível de graduação, enquanto que 13,8% (9) na pós-graduação, ao passo que 9,2% (6) das disciplinas não tiveram especificadas o nível. É válido acentuar que a docência refere-se à disciplinas ligadas à área de CI.

No tocante ao estabelecimento de ensino onde foram ministradas as disciplinas, a maior parte concentra-se na rede privada, 50,8% (33), enquanto que 46,2% (30) se localizaram na rede pública, sendo ainda que 1,5% (1) informou que a disciplina foi oferecida tanto na rede privada quanto pública e 1,5% (1) não respondeu.

Foi questionado, em relação às disciplinas, se elas estavam sendo exercidas (no momento da pesquisa), ou se já haviam sido exercidas em outro momento. Para esta pergunta, obteve-se que 41,5% (27) das disciplinas estavam sendo exercidas, enquanto que 35,4% (23) já haviam sido exercidas em outro momento; 23,1% (15) das disciplinas não trouxeram elementos

suficientes para se obter a resposta. Ao analisar as disciplinas informadas pelos egressos, como lecionadas, optou-se por agrupá-las de acordo com a proximidade dos temas das mesmas, de modo a facilitar a análise.

GRÁFICO 5: Disciplinas na área de CI ministradas pelos egressos distribuídas por áreas do conhecimento



Como é visualizado no gráfico acima, o grupo que concentra um maior número de disciplinas lecionadas é o da biblioteconomia, 43,1% (28), seguida do grupo da ciência e gestão da informação e da tecnologia com 38,5% (25).

No que concerne mais especificamente aos cursos, houve o seguinte agrupamento:

TABELA 41: Cursos a qual são (foram) ministradas disciplinas pelos egressos

Cursos	n	%
Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação	34	52,3
Ciência da Informação e Sistemas de Informação	18	27,7
Ciências Administrativas e Ciências Jurídicas	13	20,0
TOTAL	65	100

Mais uma vez, os cursos do núcleo de arquivologia, biblioteconomia e documentação mostram-se em maior número.

Quando perguntados se além das disciplinas citadas lecionam ou já lecionaram outras disciplinas em CI, um percentual de 44,8% (13) responderam que sim e 41,4% (12) responderam que não, enquanto que 13,8% (4) não responderam.

Em relação à importância da formação em CI para o exercício da docência, 65,5% (19) responderam que a formação em CI foi ‘muito importante’, 17,2% (5) disseram que foi ‘importante’, 6,9% (2) que foi pouco importante e 10,3% (3) não responderam. É importante ressaltar que, em relação àqueles que não exercem, ou não exerceram, docência em CI, 93,8% (15) disseram ter o interesse em exercer e 6,3% (1) não respondeu.

Como foi analisado em 3.2 ‘Perfil dos egressos’, é interessante utilizar-se da tabela de renda mensal individual relacionando o exercício de docência na área com as respectivas faixas salariais, pois a docência é a principal atividade profissional dos egressos.

TABELA 42: Relação entre exercício de docência na área de CI e renda mensal individual

Docência	Faixa salarial (SM)								NR	TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30		
Sim	2	4	4	6	3	1	1	1	7	29
Não	2	1	3	4	1	0	1	1	3	16
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

Percebe-se, dentre os que exercem ou já exerceram docência em CI, uma maior frequência salarial na faixa de ‘10 a 15 SM’, seguida da faixa de ‘05 a 07 SM’ e ‘07 a 10 SM’ com mesma frequência. Quanto aos que informaram que não exercem ou nunca exerceram docência na área de CI, a maior frequência coincidentemente também se concentra na faixa de

‘10 a 15 SM’, seguida da faixa de ‘07 a 10 SM’. Desta forma, pode-se perceber que não há grandes discrepâncias no tocante à renda mensal individual daqueles que exercem e daqueles que não exercem docência na área.

Outra questão interessante, ao se cruzar os dados, é pensar se há alguma relação entre ser ou não bolsista e o exercício de docência na área. Os números podem ser observados na tabela a seguir:

TABELA 43: Relação entre aqueles que receberam bolsa de pesquisa e docência na área de CI

Bolsista	Docência		
	Sim	Não	Total
Bolsista	12	5	17
Não-bolsista	17	11	28
TOTAL	29	16	45

A partir da tabela depreende-se que em relação aos que exercem ou exerceram docência em CI, o número daqueles que foram bolsistas (41,4%) é inferior ao dos que não foram bolsistas, 58,6%. Desse modo, infere-se que o fato de ter recebido bolsa de pesquisa não significa, necessariamente, que haverá uma maior propensão à docência na área.

Outro cruzamento possível é o do eventual exercício de docência na área com a respectiva linha de pesquisa. Na Tabela 44 percebe-se a distribuição.

TABELA 44: Relação entre o exercício de docência com a linha de pesquisa dos egressos

<u>Linha de Pesquisa</u>	<u>Exerce ou já exerceu docência em CI</u>		TOTAL
	Sim	Não	
ICS	11	8	19
GIC	10	7	17
OUI	8	1	9
TOTAL	29	16	45

Pautando-se a análise pelo montante de respondentes de cada linha de pesquisa, ter-se-á que os egressos da linha de OUI são os que acusaram maior percentual de exercício de disciplinas na área de CI, de modo que, 88,9% (8) dos respondentes afirmaram já ter exercido docência em CI ao passo que somente 11,1% (1) não exerceu. Na seqüência, na linha de GIC, 58,8% (10) afirmaram ter exercido e 41,2% (7) não ter exercido. Na linha de ICS, os percentuais se aproximam bastante da anterior, sendo que 57,9% (11) exerceram e 42,1% (8) não exerceram. Caso a análise seja pelo montante daqueles que exerceram disciplina (29) independente do percentual de variação entre os respondentes por linha, ter-se-á que a linha de ICS apresenta o maior número de egressos que exerceram docência em CI, com 37,9% (11), a linha de GIC com 34,5% (10) e OUI com 27,6% (8).

Em relação às disciplinas da área de CI exercidas pelos egressos, procede-se a seguir a denominação das mesmas, de acordo com os grupos expostos no Gráfico 5.

Do agrupamento que foi considerado mais próximo da **biblioteconomia**, as disciplinas citadas pelos egressos foram: Normalização bibliográfica, Administração de unidades de informação, Bibliotecas Digitais, Gestão de bibliotecas digitais, Fontes de informação geral, Disseminação

da informação, Estratégia de disseminação de informação das fontes, Estudo de usuários, Organização da informação, Linguagens de indexação, Formação e desenvolvimento de coleções, Produção dos Registros do conhecimento, Fundamentos de Biblioteconomia, Produção e preservação de materiais especiais, Técnicas básicas de conservação de livros, Leitura e formação do leitor, Tratamento da informação, Representação do conhecimento e Bases teóricas do processo classificatório.

Quanto ao grupo intitulado de **Ciência e gestão da informação e da tecnologia**, as disciplinas citadas foram: Fundamentos teóricos da informação, Informação e processos cognitivos, Qualidade da informação, Gerência de recursos informacionais, Gestão da Informação, Gestão estratégica da informação, Gestão do conhecimento, Administração de Sistemas de Informação, Informática nas organizações, Memória organizacional, Introdução a TI, Banco de dados, Modelagem de dados, Modelos de informação, Novas perspectivas em qualidade da informação, Modelagem conceitual para sistemas de hipertexto, Softwares para automação de bibliotecas.

Quanto ao terceiro grupo denominado de **Metodologia da ciência**, as disciplinas foram: Metodologia de pesquisa e Análise da Produção Científica.

O quarto grupo é de **Arquivologia**, e as disciplinas citadas são: Arquivos, Paleografia, Política de arquivos, Arquivo intermediário e Gestão documental.

O quinto e último grupo, englobando informações que não se enquadram nas denominações anteriores, é identificado em “**Outras**” e compõe-se das seguintes disciplinas: Tópicos especiais – Introdução à Linguagem Cinematográfica, Prática profissional e Produção cultural

para a criança.

Por fim, como se pode notar, o percentual de egressos que informaram que exercem ou já exerceram docência em CI é bem considerável, e ainda, o leque de cursos e sobretudo de disciplinas citadas é bastante variado. A pesquisa indica que a docência na área tem sido o principal setor de atividade profissional dos egressos do PPGCI/UFMG.

Embora os números mostrarem que uma grande parcela está ligada ao exercício de docência, um dos coordenadores entrevistados levanta uma questão muito importante envolvendo as oportunidades de trabalho para professores doutores.

(...) hoje nós temos uma quantidade enorme de vagas nas universidades federais e elas não são preenchidas, principalmente os nossos doutores não estão preenchendo esses requisitos. Eu imagino que possa ser uma dificuldade do curso, em um espaço de quatro anos nivelar essa quantidade de candidatos oriundos de diferentes áreas e também uma falta de pesquisa, de reflexão, de estudo, de aprofundamento em áreas específicas que eles não estão querendo fazer. (...) Tratamento da informação é o que mais necessita de professores doutores no Brasil. E quem consegue preencher essas vagas são os oriundos da Biblioteconomia, porque é um campo temático que exige anos e anos de estudo pra ter domínio dessa competência, então a meu ver os dois anos mais os quatro de doutorado não tem sido o suficiente, ou nós não estamos ministrando essas competências de forma adequada. (COORD. 2)

Na mesma direção outro coordenador corrobora o ponto de vista do entrevistado acima e esclarece que:

(...) quando abrimos concurso aí para professor, vamos ser bem diretos, aparece um ou dois candidatos, não aparecem candidatos e nós, assim substancialmente, não estamos formando as pessoas necessárias para avançar a área, pesquisar na área, haja vista a dificuldade que nós temos para selecionar novos docentes. É difícil! (COORD. 4)

Interessante notar que, se por um lado, os dados colhidos na pesquisa apontam que uma

grande parcela dos egressos declara exercer ou mesmo já ter exercido docência em disciplinas na área de ciência da informação, por outro lado, na opinião dos coordenadores entrevistados, há uma grande dificuldade em encontrar professores para o preenchimento de vagas nas escolas onde há cursos de biblioteconomia e ciência da informação. Uma explicação aceitável é que os egressos que atuam com docência tenham optado pelo exercício em escolas privadas, em detrimento de escolas públicas federais, onde se concentra a maioria dos cursos citados, acarretando a falta de pessoas qualificadas para o preenchimento dessas vagas, o que é lastimável, já que grande parte das pesquisas desenvolvidas no país concentra-se nas universidades públicas.

Também não se pode furta à análise de que as condições na universidade pública vêm, a cada dia, piorando; a falta de incentivos, os baixos salários e o acúmulo de serviços têm contribuído para afastar muitos candidatos que optam pelas escolas privadas.

CAPÍTULO 5 - DESENVOLVIMENTO DO CAMPO CIENTÍFICO

Analisar o desenvolvimento do campo científico da área de ciência da informação passa, necessariamente, pela observância tanto da participação em eventos científicos quanto de publicação, seja em periódicos da área ou mesmo de áreas correlatas que exponham conteúdos trabalhados pela ciência da informação. Em relação a este desenvolvimento nos diz Spagnolo & Günther (1986):

Avaliar a pós-graduação através do impacto que o trabalho dos pós-graduados tem no contexto do desenvolvimento do país não é tarefa fácil, pois esbarra em problemas conceituais e metodológicos complexos. Além do mais, não se deve esquecer que, diferentemente de outros empreendimentos humanos, a atuação (tanto quanto a omissão) em ciência e educação geralmente tem um efeito retardado. Podemos considerar, entretanto, como um dos resultados mais imediatos do treinamento pós-graduado a discussão e a circulação de novas idéias, tanto nas atividades de sala de aula, como, e sobretudo, através das publicações científicas. Aferir este “resultado” é significativo pois frequentemente é do debate acadêmico que surgem grandes projetos. **Uma forma de avaliar a “produtividade” dos pós-graduados pode ser então a análise de seus trabalhos em termos de publicações, apresentações em congressos, patentes, bem como na formação de profissionais através de orientação de teses e dissertações.** (SPAGNOLO; GÜNTHER, 1986, p. 1658) (Grifo meu)

Dessa forma, pretende-se analisar a produtividade dos egressos do PPGCI/UFMG através da participação em eventos científicos/profissionais, buscando conhecer qual o grau de atuação nestes encontros; se apresentaram trabalhos, qual tipo de apresentação, se os mesmos foram publicados em anais, qual a natureza desses encontros - científicos ou profissionais - e ainda, se houve participação em encontros correlatos à área de ciência da informação, posto que essa é uma ciência interdisciplinar e seu desenvolvimento passa, necessariamente, pela participação em diversas áreas.

É importante, também, traçar ainda alguns paralelos como: qual a relação entre aqueles que publicaram artigos e seus respectivos cursos de origem (graduação); se existe uma relação entre aqueles que participam de eventos na área e os que publicam em artigos de periódicos.

Enfim, traçar um paralelo referente à inserção desses profissionais egressos e à participação nos fóruns de discussão da área.

Da mesma forma, analisar-se-á qual a relação dos egressos com a publicação na área de CI, investigando se os mesmos têm publicado, se sim, em quais periódicos, a que área do conhecimento esses periódicos estariam mais ligados e, ainda, qual o conceito e o nível de abrangência dos mesmos.

Através do questionário, procedeu-se também ao levantamento da participação dos egressos em pesquisas na área de CI, com exceção da pesquisa de suas respectivas teses/dissertações, e ainda, se os mesmos participam de alguma lista de discussão na área de CI.

É importante lembrar que a análise realizada, na presente dissertação, parte da constatação de que uma área científica desenvolve-se, sobretudo, através da realização de pesquisas e da divulgação das mesmas, seja nos periódicos especializados, ou mesmo na divulgação de seus resultados em fóruns de discussão como encontros, congressos, seminários e outros - além da comunicação entre os pares.

Assim, procedeu-se ao levantamento de forma a mapear qual a contribuição dos egressos para o desenvolvimento do campo científico da área de CI. Ainda, visando a abarcar uma maior cobertura tanto da literatura quanto dos eventos da área, procedeu-se a um levantamento destes dados paralelamente ao questionário. Esse levantamento se deu pelo pesquisador, na tentativa de evidenciar se os egressos que fazem parte de todo o universo de pesquisa (183 sujeitos), e não só da amostra (45), haviam publicado artigos nas revistas da área de ciência da informação que tem conceito “A” e nível “nacional” na listagem Qualis, e ainda, se os

mesmos publicaram algum trabalho que foi divulgado nos anais dos seis ENANCIB's – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. A escolha dessas categorias deu-se, em primeiro lugar, porque os periódicos que foram analisados são considerados no Brasil, os de maior relevância na área, e em segundo, o ENANCIB é o principal fórum de discussão dos pesquisadores em CI no país.

Dessa forma, os resultados das questões colocadas acima serão trabalhados através de tabelas, gráficos e informações textuais. A questão dos eventos científicos será exposta inicialmente, seguida do desenvolvimento de pesquisa e listas de discussão, e por último, mas não menos importante, a publicação em periódicos.

5.1. Eventos científicos

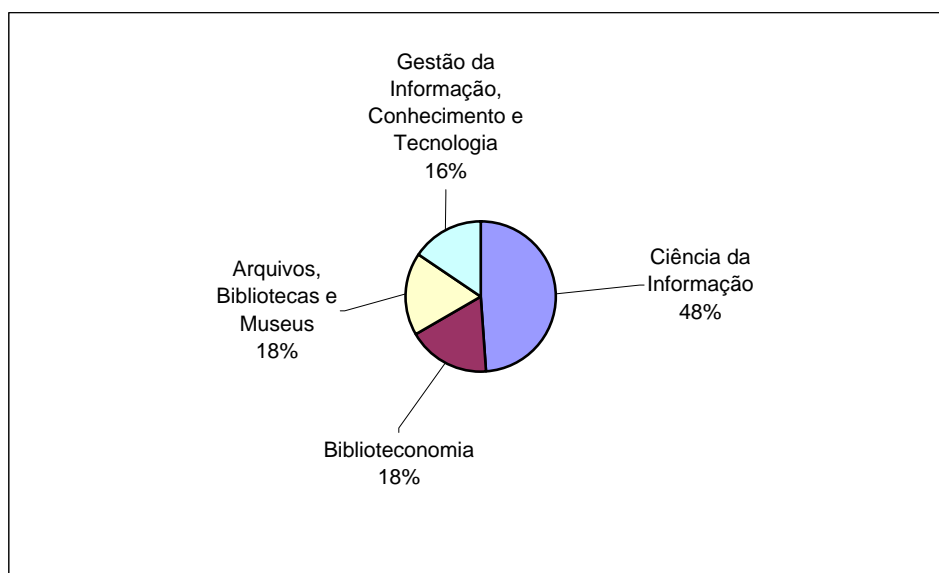
Em relação aos eventos científicos, foi perguntado aos egressos se os mesmos participam de **eventos científicos/profissionais da área de CI**; em caso afirmativo que citassem os considerados mais importantes e/ou mais atuais. Como resposta obteve-se que 60,0% (27) dos respondentes disseram que participavam e 40,0% (18) disseram que não participavam.

Os egressos citaram 29 (vinte e nove) eventos diferentes, em que houve participação; entretanto, em termos de frequência, obteve-se 45 (quarenta e cinco), já que em alguns eventos houve a participação de vários egressos concomitantemente. Da frequência dos encontros citados 88,9% (40) eram de nível nacional e 11,1% (5) internacional. Quando perguntados sobre a natureza dos encontros, 35,6% (16) disseram que os mesmos eram encontros científicos, enquanto que 11,1% (5) informaram que era profissional, 53,3% (24) não responderam. O encontro que teve a maior frequência de egressos respondentes foi o V

ENANCIB (realizado em Belo Horizonte/MG), de modo que 28,9% (13) dos egressos respondentes registraram participação.

Os eventos foram agrupados em algumas áreas para facilitar a análise. A distribuição das áreas pode ser observada pelo gráfico a seguir:

GRÁFICO 6: Áreas da CI em que os eventos que houveram participação dos egressos estão mais vinculados

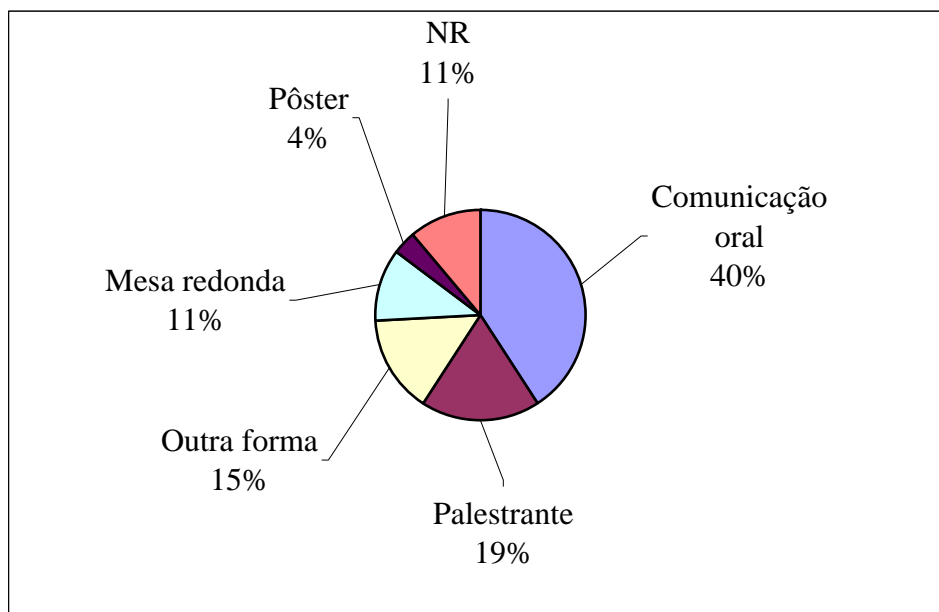


Discrimina-se, a seguir, os encontros citados pelos egressos em que houve participação dos mesmos, a partir das respectivas áreas de agrupamento. *Ciência da Informação* (22): V ENANCIB 2003; IV ENANCIB 2000; VI ENANCIB 2005; IV Simpósio Internacional de CI Prof. Paulo Tarcísio Mayrink 2004; Cinform 2005. Do agrupamento intitulado de *Biblioteconomia* (8) os eventos citados foram: CBBB 2005, Seminário de Bibliotecas Digitais, Biblos 1994, Colóquio Iberoamericano “Del Papiro a la Biblioteca Virtual” 2001, II Salão do livro de Belo Horizonte, IX Encontro de Bibliotecários da UEMG 2005, Encontro de Indexadores 2004. O outro grupo foi o de *Arquivos, bibliotecas e Museus* (8), cujos eventos

foram assim citados: Seminário “Patrimônio cultural, memória e obras raras”; Convergingo - I Seminário Nacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus 2003; II SADC Seminar for Libraries 1998; V Seminário de Gestão de Documentos: Gestão e Preservação de Documentos 2004; I Congresso Nacional de Arquivologia 2004; Seminários de Gestão de documentos (APCBH) 2001, 2002, 2003; Integrar – Congresso de Arquivos, Museus e Bibliotecas; IV Encontro de Documentalistas da Justiça do Trabalho. Por fim o grupo denominado de *Gestão da Informação, Conhecimento e Tecnologia* (7), que teve os seguintes eventos: KM Minas 2003; TIC 2003/2004; Km Brasil 2003; Ibersid; IAMOT; Simpósio de Inovação Tecnológica da USP 2000 – 2004.

Em relação aos eventos citados anteriormente, é importante fazer a ressalva de que o nome e datas dos mesmos foram discriminados de acordo com o registrado nos questionários. O agrupamento e a respectiva distribuição dos eventos é de inteira responsabilidade do pesquisador. Este recurso foi utilizado na tentativa de melhor facilitar a visualização dos eventos; dessa forma, tem-se a plena consciência de que, talvez, não seja a melhor distribuição, já que, em alguns casos, determinados eventos podem ser melhor encaixado em um outro grupo, ou ainda, fazer parte de um grupo que não foi criado. Guardada as deficiências o agrupamento é meramente para ilustrar uma distribuição, não referindo-se a nenhuma forma de distribuição oficial.

Quanto a participação nesses eventos, em 60,0% (27) houve apresentação de algum tipo de trabalho, enquanto que em 40,0% (18) da frequência citada de participação não registrou nenhuma apresentação de trabalhos. Com relação aos percentuais dos trabalhos apresentados tem-se a seguinte distribuição: Comunicação oral (11), Pôster (1), Mesa redonda (3), Palestrante (5), Outra forma (4), NR (3).

GRÁFICO 7: Tipos de apresentação nos eventos em CI

Quanto à publicação (ou não) dos trabalhos em anais, 59,3% (16) informou que sim, 14,8% (4) que não e 25,9% (7) não responderam.

Em seguida, fez-se o cruzamento da distribuição de egressos participantes em eventos científicos da área de CI com os cursos de graduação dos quais se originam os participantes.

(Como pode ser visualizado na Tabela 45 que se segue.)

TABELA 45: Relação entre curso de graduação dos egressos e participação em eventos científicos/profissionais em CI

Curso	Participação em evento		TOTAL
	Sim	Não	
Administração	1	0	1
Arquitetura	0	1	1
Biblioteconomia	7	3	10
Ciência da Computação	0	2	2
Comunicação social	4	2	6
Comunicação visual	0	1	1
Economia	1	1	2
Educação Física	0	1	1
Engenharia civil	1	1	2
Engenharia de Sistemas	1	0	1
Engenharia Elétrica	1	1	2
Engenharia Industrial	0	1	1
Engenharia Química	1	0	1
Filosofia	1	0	1
História	3	0	3
Letras	1	0	1
Matemática	1	0	1
Museologia	1	0	1
Música	0	1	1
Pedagogia	0	1	1
Psicologia	2	2	4
TPD	1	0	1
TOTAL	27	18	45

Outra análise possível, é através do cruzamento dos que informaram participarem de eventos na área de CI com as linhas de pesquisas desses egressos. Pelo que se percebe, a linha que tem um maior número de egressos que participam de eventos, na área de CI, é a de ICS, onde 68,4% dos egressos declararam participar desse tipo de evento. A linha que tem a menor taxa de participação é a de GIC, onde 47,1% disseram participar de eventos na área.

TABELA 46: Relação entre aqueles que participam de eventos na área de CI e linha de pesquisa

<u>Linha de pesquisa</u>	<u>Participação em eventos na área de CI</u>				TOTAL
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
ICS	13	68,4	6	31,6	19
GIC	8	47,1	9	52,9	17
OUI	6	66,7	3	33,3	9
TOTAL	27		18		45

É interessante ainda, analisar a tabela abaixo:

TABELA 47: Relação entre participação em encontros na área de CI e publicação na área de CI

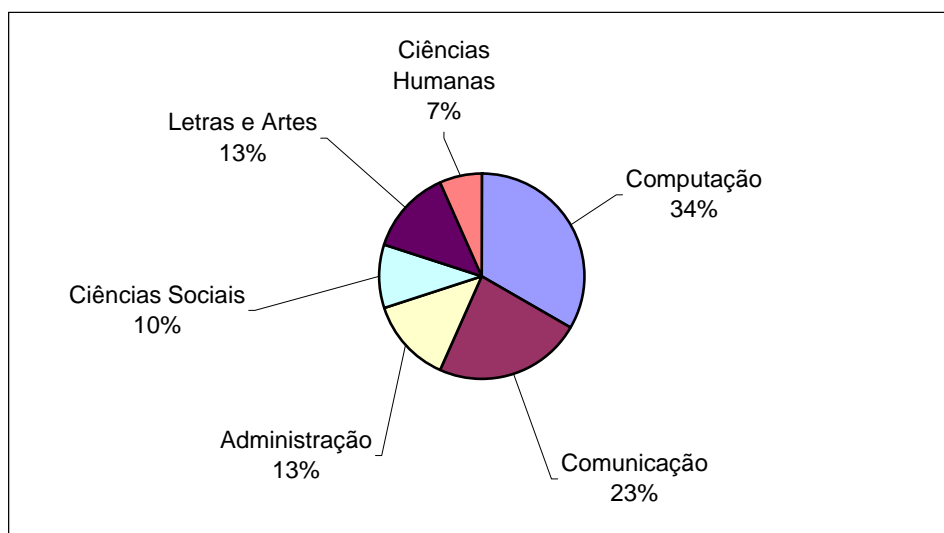
<u>Encontro</u>	<u>Publicação</u>		
	Sim	Não	NR
Sim	17	9	1
Não	8	9	1
TOTAL	25	18	2

Pela análise da tabela, percebe-se que há uma frequência bastante significativa (68%) dos que participam de encontros e os que publicam, de modo que esta confluência em muito favorece o desenvolvimento do campo científico da área.

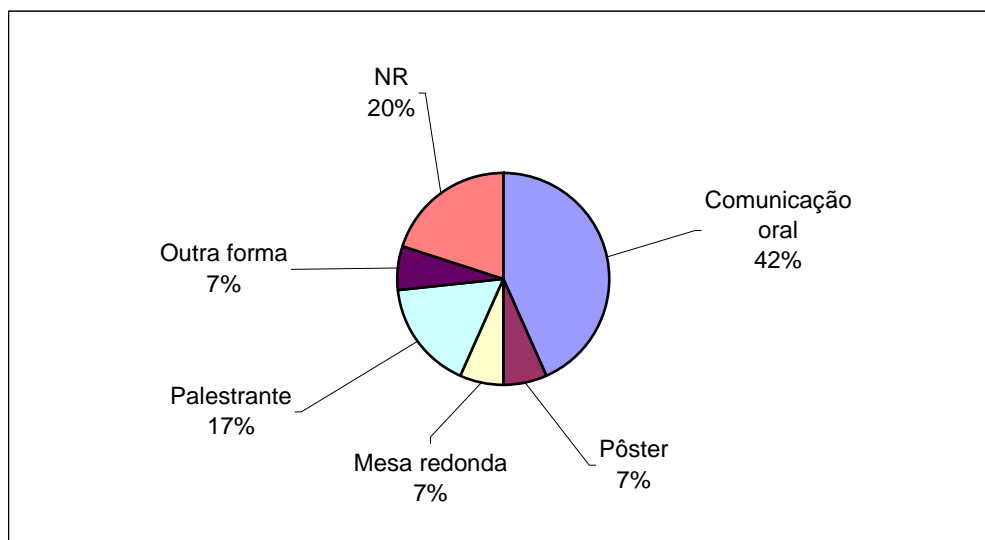
Quanto à participação em eventos, nas **áreas correlatas à ciência da informação**, a taxa de respostas dos egressos foi de 44,4% (20) que sim e 55,6% (23) que não. Os eventos citados se distribuíram nas seguintes áreas: ciência da computação (10), comunicação (7), administração (4), ciências sociais (3), letras e artes (4), ciências humanas (2). As percentagens

correspondentes são melhor visualizadas no gráfico que se segue:

GRÁFICO 8: Eventos em áreas correlatas agrupados por áreas do conhecimento



Dentre os respondentes, 90,0% (27) informou ter participado de encontros nacionais e 6,7% (2) de internacionais, 3,3% (1) não-respondeu. No tocante a apresentação de trabalhos nesses eventos, 83,3% (25) informaram que publicaram algum tipo, enquanto que 13,3%(4) disseram que não publicaram, 3,3% (1) não-respondeu. Desses, 73,3% (22) acusou publicação em anais e 3,3% (1) não teve a publicação nos anais do encontro, ainda, 23,3% (7) não-responderam. Os tipos de apresentações ficaram assim distribuídos: Comunicação oral (13), Pôster (2), Mesa redonda (2), Palestrante (5), Outra forma (2), não-responderam (6). O Gráfico 9 ilustra melhor a distribuição.

GRÁFICO 9: Tipo de apresentação de trabalhos em eventos correlatos à CI

Segue a relação de encontros citados pelos participantes, agrupados por áreas: *Computação* (8): Congresso Nacional de Informática Pública – CONIP 2004, 2005; II Simpósio Mineiro de Sistemas de Informação 2005; Simpósio Mineiro de Sistemas de Informação 2004; Fórum Internacional de Software Livre 2005; Congressos de Computação da SBC; Congressos de Banco de dados; Seminário sobre Inclusão Digital 2005; Congresso Nacional de Informática em Saúde 2005.

Comunicação (8): Intercom 2005; Bienal de Comunicacion 2005; I EBEC 2005; Intercom / Endocom; Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação 1995, 97, 98, 99, 2000; Intercom 2000, 01, 03; Fórum Nacional de Professores de Jornalismo 2001; Seminário Informação e Trabalho no Terceiro Setor.

Administração (3): Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Administração (EnANPAD) 2002, 2005; Balas (Madrid) 2005; KM Brasil 2004.

Ciências Sociais (2): Congresso Brasileiro de Sociologia 2005; Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) 2005.

Letras e Artes (4): VIII Congresso Associação Brasileira de Literatura Comparada 2002; Jogo do livro infantil 1999; Simpósio Interinstitucional Referenciação Estudos da Tradução; I Seminário nacional de cinema e educação.

Ciências Humanas (3): II Congresso Mundial da Transdisciplinaridade; I Encontro mineiro de museus; XIV Encontro Regional de História 2004.

Quanto a relação desses encontros com a área de CI, as respostas informaram que 43,3% (13) tinham grande relação, 36,7% (11) média relação, 10,0% (3) pequena relação, 6,7% (2) nenhuma relação e 3,3% (1) não respondeu.

Pode-se, ainda, observar a distribuição das linhas de pesquisa quanto a participação em eventos correlatos à área de CI. Nota-se, pela Tabela 48, que a linha que apresenta o maior percentual de participação em eventos correlatos é a de OUI, onde 55,6% dos respondentes informaram ter participação nesse tipo de evento.

Assim, como observado na Tabela 46, onde é demonstrada a relação entre as linhas de pesquisa e a participação em eventos da área de CI, mais uma vez a linha de GIC é que apresenta a menor taxa de participação em eventos de área correlata, onde 47,1% dos egressos respondentes da linha informaram ter participação.

TABELA 48: Relação entre a participação em eventos correlatos à CI e linha de pesquisa dos egressos

Linha de pesquisa	Participação em eventos correlatos à CI				TOTAL
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
ICS	9	47,4	10	52,6	19
GIC	8	47,1	9	52,9	17
OUI	5	55,6	4	44,4	9
TOTAL	22		23		45

Enfim, de um modo geral, depreende-se pela leitura dos dados apresentados, que há um maior percentual daqueles que participaram de eventos na área de CI, 60,%, em relação aos que têm participação em eventos correlatos, 48,9%. Certamente que a participação, nesses dois tipos de fóruns de discussão, em muito contribuem para o desenvolvimento da área de CI.

Quanto aos eventos da área de CI, a participação é de extrema importância. Isto posto, mesmo percebendo que a maioria afirmou já ter participado de algum evento, acredita-se que a taxa poderia ser ainda maior, o que certamente em muito contribuiria com a área. No tocante aos eventos de áreas correlatas à CI, o avanço da área passa também por estes fóruns, haja vista, a interdisciplinaridade da ciência da informação. Neste caso, tem-se também que a participação poderia melhorar em muito, já que somente uma minoria disse participar desses eventos.

Em relação a questão do desenvolvimento do campo científico, é relevante apontar as visões dos docentes que exerceram a coordenação do PPGCI/UFMG, conforme indicado a seguir:

Olha eu costumo dizer que a consolidação do campo científico envolve três premissas básicas. Primeiro tem que ter instituições fortes, tem que ter processo de comunicação bem desenvolvidos e tem que ter recursos humanos qualificados em número também. Então o que são as instituições fortes, são as áreas de formação daquele campo, por exemplo, com a pós-graduação no Brasil, muitas áreas que não tinham expressão nenhuma passaram a ter porque o governo possibilitou através da criação de universidades e de curso de pós-graduação que essas áreas emergissem. Os processos de comunicação, são as revistas científicas e a publicação de uma maneira geral, então se um campo científico não publica ele não existe, por isso que a pós-graduação fica na luta para publicar porque se não publicarmos o nosso campo não cresce e para isso, para que haja publicação é preciso que tenha muitos recursos humanos qualificados e esse é um problema na nossa área, porque nós estamos formando mestres e doutores e a produção científica não está acontecendo. Então o conhecimento só é científico quando ele é publicado. (COORD.2)

A importância dos eventos, científicos e/ou profissionais, para uma área de conhecimento é vital, dado a validade desses fóruns na divulgação de pesquisas, e ainda, de trocas de informações sobre a área por parte dos pesquisadores, o que também contribui para o avanço da área.

Ainda tendo em mente a questão da participação em eventos, procedeu-se a análise nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB's. O procedimento buscou levantar como, em cada ano do encontro (seis até o presente momento) se configurava a participação dos egressos do PPGCI/UFMG no tocante a apresentação de trabalhos.

Em relação aos anais do I e do II ENANCIB's, ocorridos nos anos de 1994 e 1995, respectivamente, não foi encontrado, através dos anais, nenhum trabalho apresentado pelos egressos. Quanto ao III ENANCIB, que data de 1997, detectou-se que 03 (três) egressos apresentaram trabalho naquele encontro. Na análise quanto às linhas de pesquisa dos mesmos, observou-se que coincidentemente 01 (um) era da linha de ICS, 01 (um) da linha de GIC e 01

(um) da linha de OUI. Em relação aos cursos de graduação desses, obteve-se que 01 (um) era graduado em biblioteconomia, 01 (um) em letras e 01 (um) em sociologia.

Quanto ao IV ENANCIB, ocorrido no ano de 2000, a participação dos egressos deu um grande salto quantitativo, de modo que foram registrados 12 (doze) egressos que publicaram artigos naquele evento. Desse montante, 11 (onze) eram egressos do mestrado ao passo que 01 (um) era do doutorado. O do doutorado era da linha de OUI e graduado em biblioteconomia. Quanto a distribuição dos egressos do mestrado, em relação às linhas de pesquisa, percebeu-se que: 03 (três) eram de ICS, 01 (um) de OUI e 07 (sete) de GIC. Quanto aos cursos de graduação, os mesmos se distribuíram como se segue: economia 03 (três), administração 02 (dois), biblioteconomia 01 (um), comunicação 01 (um), letras 01 (um), matemática 01 (um), psicologia 01 (um) e sociologia 01 (um). Nesse caso tem-se que os egressos do curso de economia foram os mais participativos em relação a apresentação de trabalhos.

Em relação ao V ENANCIB, ocorrido em 2003, a participação na apresentação de trabalhos por parte dos egressos do PPGCI/UFMG ficou muito próxima do IV, pois se neste o número de egressos que apresentaram trabalho foi de 12 (doze), no V o número total foi de 14 (quatorze). Esse fato chama a atenção, já que o V ENANCIB ocorreu justamente na Escola de Ciência da Informação da UFMG. Percebe-se que, ao contrário do esperado, a não necessidade de deslocamento para a apresentação de trabalhos, não foi fator motivador a uma participação mais efetiva. Nesse encontro, a distribuição das linhas de pesquisa dos egressos se deu da seguinte forma: ICS 01 (um), GIC 10 (dez) e OUI 03 (três). A frequência da linha de GIC nesse caso é 10 (dez) vezes maior do que da linha de ICS, de certo, um fato que chama a atenção.

É importante ressaltar que no caso específico desse encontro, o tema era: *Informação, Conhecimento e Transdisciplinaridade*, temática que está ligada a área como um todo, mas que sem dúvida é uma discussão que perpassa a linha de *Informação, Cultura e Sociedade* mais de perto. Quanto aos participantes obteve-se que 07 (sete) eram do mestrado e 07 (sete) do doutorado, certamente uma grande coincidência. Quanto aos cursos de graduação daqueles que apresentaram trabalho naquele evento, a distribuição foi: administração 01 (um), biblioteconomia 04 (quatro), computação 01 (um), economia 02 (dois), engenharia (03), letras 02 (dois), sociologia 01 (um). Observa-se que, nesse encontro, os egressos do curso de biblioteconomia foram os que mais apresentaram trabalhos, seguidos daqueles da engenharia.

O VI ENANCIB, que data de fins de 2005, teve um número considerável de participantes; 18 (dezoito) que apresentaram trabalhos, sendo que 14 (quatorze) eram egressos do mestrado e apenas 04 (quatro) do doutorado. Dentre os do doutorado, 02 (dois) eram da linha de ICS e 2 (dois) da linha de OUI. A distribuição por graduação mostrou que 02 (dois) eram da engenharia, 01(um) da biblioteconomia e 01 (um) da computação. Quanto àqueles do mestrado a divisão por linha trouxe que 02 (dois) eram da linha de ICS, 04 (quatro) de OUI e 08 (oito) de GIC. Os cursos de graduação dos mestres foram: administração 03 (três), biblioteconomia 01 (um), computação 05 (cinco), economia 01 (um), engenharia 01 (um), museologia 01 (um) e tecnologia de processamento de dados 02 (dois). Nesse ENANCIB observou-se que os egressos do curso de computação foram aqueles que marcaram uma maior presença na apresentação de trabalhos.

Diante dos números expostos, e no tocante à participação dos egressos nos ENANCIB's, tem-se que no I (1994) e no II (1995) ENANCIB's não houve nenhuma participação de egressos do PPGCI/UFMG. Quanto aos números dos egressos que apresentaram trabalhos no III, IV, V

e VI, percebe-se que dos números gerais, ou seja, incluindo os egressos do mestrado e do doutorado num único estrato houve, do III para o IV ENANCIB, um aumento bastante significativo no número de trabalhos, da ordem de 400%, já que no III teve-se 03 (três) egressos e no IV 12 (doze) egressos.

Quanto a situação do IV para o V (14 egressos), pode-se dizer que os números continuaram subindo, entretanto de maneira bastante tímida, se considerada a última comparação, pois neste caso (IV para o V) o aumento foi de apenas 16,7%. Do V para o VI (18 egressos) observa-se que os números mais uma vez subiram, agora com uma taxa significativa em relação ao último encontro, de modo que o crescimento ficou em 28,6% aproximadamente. Se se isola os números, especificamente aqueles que se referem aos egressos do doutorado, a análise mostra que nos eventos I, II e III não teve nenhum trabalho apresentado por egressos desse nível, o que é perfeitamente entendido pelo fato de que o curso de doutorado no PPGCI/UFMG teve início no ano de 1997 e o primeiro a defender sua tese o fez no ano de 2000; assim os 03 (três) primeiros ENANCIB's ocorreram antes da titulação de doutores pelo referido Programa. Entretanto no IV ENANCIB houve a apresentação de 01 (um) egresso do doutorado, no V ENANCIB de 07 (sete) e no VI ENANCIB de 04 (quatro). Percebe-se que do IV para o V ENANCIB, houve um aumento da ordem de 600% na apresentação de trabalhos por parte dos doutores; entretanto, do V para o VI, houve um decréscimo de aproximadamente 57,14% na apresentação de trabalhos por parte dos egressos desse nível.

De um modo geral, percebe-se que a participação dos egressos do PPGCI/UFMG, através da apresentação de trabalhos no principal fórum de discussão da área, o ENANCIB, tem aumentado a cada ano. Contudo, deve-se levar em conta que a cada edição do encontro, o número de titulados pelo referido Programa aumenta significativamente, o que sugere a

possibilidade de aumento na participação. Por outro lado, o crescimento tem sido importante para se perceber que o envolvimento dos egressos, com esse fórum, é bastante salutar, já que contribui diretamente para o desenvolvimento do campo científico da área de ciência da informação.

Percebeu-se, entretanto, que a participação dos egressos do doutorado não tem sido tão satisfatória. Essa pouca participação pode ser analisada como um ponto frágil, já que nesse nível a formação de pesquisadores é a principal preocupação; e perceber que esses pesquisadores doutores têm tido uma contribuição, relativamente, modesta é, provavelmente, algo frustrante para o Programa, que certamente espera um maior comprometimento, por parte dos doutores, com a pesquisa e a divulgação da mesma na área de CI.

Diante do exposto, analisa-se que, mesmo tendo ocorrido apresentação de trabalhos em quase todos as edições do ENANCIB, e mesmo com crescimento a cada ano, espera-se que haja uma maior preocupação dos egressos com este fórum. Entretanto, é válido observar que, sendo o mesmo um evento de divulgação científica, os artigos normalmente são frutos de pesquisa e, como será observado no tópico que se segue, o número dos egressos que disseram realizar pesquisas na área é relativamente baixo, 28,9%, o que leva a uma certa preocupação já que pesquisa e divulgação são indissociáveis. Desse modo, é necessário um maior investimento na pesquisa, e conseqüentemente, na divulgação de seus resultados.

5.2. Pesquisas e listas de discussão

Procurou-se saber se os egressos desenvolviam ou já haviam desenvolvido algum tipo de pesquisa, com exceção da pesquisa de mestrado/doutorado. A prática de pesquisa faz parte, indubitavelmente, do desenvolvimento de um campo científico, pois para publicar e apresentar trabalho, em algum evento, a prática da pesquisa é condição fundamental. A resposta encontrada foi que 28,9% (13) dos egressos disseram já ter participado de alguma pesquisa e 51,1% (23) que não, 20,0% (9) não responderam. As pesquisas citadas foram em número de 15 (quinze), tendo egresso que informou ter desenvolvido mais de uma. Desse total, 28,9% (13) eram acadêmicas e 4,4% (2) de outro tipo; nenhuma das pesquisas foram consideradas pelos egressos como ‘pesquisa de mercado’.

Verificou-se a relação entre aqueles que disseram ter realizado algum tipo de pesquisa e aqueles que exercem ou exerceram docência em CI. A tabela abaixo traz este cruzamento.

TABELA 49: Relação entre o desenvolvimento de pesquisa e a docência na área de CI

Pesquisa	Docência		TOTAL
	Sim	Não	
Sim	9	4	13
Não	15	8	23
NR	5	4	9
TOTAL	29	16	45

Pelo que se pode perceber, o número daqueles que exercem docência e ainda participaram de pesquisa foi bem inferior (31,0%) ao dos que exercem ou já exerceram docência em CI sem ter desenvolvido nenhuma pesquisa na área, 51,7%.

Foi perguntado, ainda, se além das pesquisas citadas na área de CI os egressos já haviam desenvolvido alguma outra pesquisa. A taxa de respostas foi de 38,5 % (5) que sim, 46,2% (6) que não, enquanto que 15,4% (2) não responderam.

Outra forma de envolvimento com a área, são os fóruns de discussão eletrônicos, ou seja, as listas ou grupos de discussão na Internet. No que tange a **participação em listas de discussão**, 35,6% (16) responderam que participam de alguma lista de discussão ligada à área de CI, 40,0% (18) que não participam e 24,4% (11) não responderam. As listas citadas foram: Lista da Ancib, IBICT, Aldo Barreto, Lista de turma de pós-graduação, IndexBr e uma lista intitulada de Biblio_mst.

A participação dos egressos do PPGCI/UFMG no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas diretamente ligadas à área de ciência da informação e ainda na participação em fóruns eletrônicos de discussão na área, mostrou-se, através dos números acima, bastante tímida. Em ambos os casos a participação ficou em torno de 30%, evidenciando que, em relação a estas modalidades, muito se tem a caminhar.

Um dos coordenadores entrevistados expõe o que o Programa espera de seus egressos; e como se evidencia, a questão da pesquisa é algo bastante importante.

(..) a nossa expectativa [é] de que eles pesquisem e continuem escrevendo, mesmo dando aula, que gerem produtos, porque (...) o perfil do grupo que vem para Escola é muito diversificado, é uma riqueza, assim, se todos trabalhassem isso ia ser um bom desenvolvimento da área. (...) muito positivo, se é bem entendido, porque tem gente que não entende não essa interdisciplinaridade, acha que é só uma superposição e não é (...) [é] uma construção, mesmo que eles vêm, trabalhem a teoria do curso e depois vão fazer pesquisa na outra área, isso é uma coisa muito importante, boa pra Ciência da Informação. (COORD. 3)

Entretanto, os números apontam que a grande maioria não tem realizado pesquisa; e assim, o desenvolvimento da área não se efetiva da forma esperada. É válido acentuar que o desenvolvimento de pesquisa nem sempre está ligado a pesquisa de maneira institucional. O exercício da pesquisa pode, de fato, ser desenvolvido no próprio ambiente de trabalho, como expõe um dos coordenadores do PPGCI/UFMG ao ser indagado sobre como se dá o desenvolvimento do campo científico. A resposta foi:

Basicamente pesquisando, então os bibliotecários que estão trabalhando em bibliotecas, em empresas, laboratórios, por que eles não pesquisam ? Porque se eles pesquisassem no próprio ambiente de trabalho, porque trabalhar com informação é você trabalhar sempre com um objeto em movimento. Então ele está sempre com uma coisa empírica que ele pode refletir sobre isso e escrever alguma coisa e os nossos mestres não fazem isso. (COORD.2)

Outro coordenador, também entrevistado, expõe sobre a necessidade da pesquisa para o avanço do campo; e ainda traz uma reflexão sobre problemas reais da pesquisa.

(...) a pesquisa só de nossos orientandos não é suficiente; você tem que ter a sua própria e os orientandos tem que engajar ali na sua e aqui é tudo muito livre, até agora o aluno traz seu tema e a gente se contorce para se adequar ao tema e deveria ser o contrário, a gente apoiar alunos que queiram se engajar nos temas que já estejam em andamento para que possa fazer mergulho no segmento daquele tema para que possa haver avanço, sem o aprofundamento nos temas não há avanço, aí nós temos um problema, os alunos se engajarem em segmentos que sejam bem claros e que precisam se desenvolver e nós temos o problema de dar crédito aos pesquisadores [professores] para que eles possam ter um mínimo de tempo suficiente para a pesquisa, (...) então eu vejo que o campo se desenvolve assim, se não tiver uma pesquisa intensa e a pesquisa não for acumulativa, ficar pulando de galho em galho não dá, a pesquisa tem que ser verticalizada num veio, e as várias saídas daquele veio bem intencionais, olhando o que já fez antes, a coisa tem que ser intencional, nós temos que ser inteligentes, porque se ficar atirando para todos os lados não há avanço. O avanço é quando verticaliza. (COORD. 4)

Outro coordenador levanta a questão dos grupos de pesquisa, justamente para que melhor se efetive o aprofundamento nas pesquisas. Eis sua visão:

Acho que a gente precisa formar grupos de pesquisa; nós nunca conseguimos fazer isso. Seria uma facilidade para a gente caso conseguíssemos. (COORD. 3)

De fato, as questões colocadas são bem oportunas; percebe-se que os projetos de pesquisa dos discentes são, algumas vezes, muito díspares dos temas dos docentes; e nem sempre há uma continuação nas pesquisas. A esse respeito um docente entrevistado acrescenta:

um ponto crítico é uma dificuldade que nós temos de solidificação das linhas de pesquisa, e isso de certa forma faz com que haja uma certa dispersão nos temas tratados, nos temas que os próprios alunos vão tratar, o corpo docente não chegou num nível assim de amadurecimento, de consolidação das nossas linhas de pesquisa. A linha de pesquisa é um conceito muito importante porque precisa ter uma linha de pesquisa muito bem articulada, muito bem clara, professores bem situados nessas linhas de pesquisa, então acho que isso é um ponto crítico. E isso é muito importante na formação do corpo discente, porque isso vai dar densidade às pesquisas, às teses e dissertações que é o mais importante nessa formação do discente. (COORD.1)

Essas questões precisam ser bem examinadas pelo PPGCI/UFMG para que a pesquisa possa contribuir, mais efetivamente, para o avanço da área.

5.3. Publicações

Outro ponto investigado, pela presente pesquisa, foi em relação a publicação de artigos pelos egressos em periódicos da área de CI ou da temática de CI em algum outro periódico. A publicação científica faz parte do desenvolvimento do campo científico de uma área do conhecimento, e no caso da CI não é diferente. À medida que se publica, os pares de pesquisa conseguem visualizar as pesquisas e mesmo as reflexões que têm surgido por parte dos outros pesquisadores; trabalhando, assim, para uma maior socialização do conhecimento e difundindo ainda mais a área de CI.

Questionados sobre a publicação de algum artigo em periódico da área de CI ou da temática de CI em algum outro periódico, 55,6% (25) dos egressos responderam que sim, que já haviam publicado, enquanto que 40,0% (18) informaram que nunca haviam publicado, e ainda, 4,4% (2) não responderam a pergunta. Como se percebe, o percentual de diferença entre os que publicaram e os que não publicaram é bastante significativo, ficando na casa de 15,6%.

Foram indicados 31 (trinta e um) artigos publicados. Para facilitar a análise, os periódicos onde ocorreram as publicações foram divididos em grupos - por áreas do conhecimento. A distribuição dos periódicos configura-se da seguinte maneira: ciência da informação 80,6% (25), ciências humanas 12,9% (4), informática 3,2% (1) e gestão 3,2% (1). Quanto ao local de publicação, 90,3% (28) dos artigos foram publicados em periódicos nacionais e 6,5% (2) foram publicados em periódicos estrangeiros, e 3,2% (1) não indicou a localidade do periódico. Desses 31 (trinta e um) artigos citados, 54,8% (17) foram publicados em parceria, enquanto que 38,7% (12) publicaram seus artigos sem parcerias e 6,5% (2) não responderam.

À pergunta se já haviam publicado mais algum artigo além dos citados, 44,0% (11) informaram que não haviam publicado, 16,0% (4) disseram que sim, ou seja, que haviam publicado e 40,0% (10) não responderam. É importante ressaltar que esses artigos não foram identificados.

Em relação aos periódicos que foram citados, pelos egressos, como canais de publicação de seus artigos procedeu-se, extra-questionário, uma análise do conceito desses periódicos na lista Qualis¹¹ do CNPq. A seguir, o Quadro 3 contém o nome dos periódicos citados pelos

¹¹ A lista Qualis editada pelo CNPq arrola uma listagem de periódicos dividida por áreas do conhecimento, indicando o conceito dado ao periódico e ainda o nível de abrangência do mesmo, ou seja, internacional,

egressos com os respectivos dados colhidos na listagem Qualis.

Quadro 3: Listagem de periódicos onde houve publicação de egressos e respectivo conceito Qualis.

Periódico	Qualis	Conceito	Nível
Perspectivas em CI	Sim	A	Nacional
Encontros Bibli	Sim	A	Nacional
Informação e Sociedade	Sim	A	Nacional
Ciência da Informação	Sim	A	Nacional
Transinformação	Sim	A	Nacional
Revista da Esc.de biblioteconomia da UFMG	-	-	-
SCIRE 2002 (Internacional)	-	-	-
Informática			
Informática Pública	Sim	A	Nacional
Ciências Humanas			
Revista Digital Os Urbanistas (Revista de Antropologia Social)	-	-	-
Revista Nova Atenas de Educação Tecnológica	-	-	-
Releitura	-	-	-
Caderno de debates: Plural	-	-	-
Gestão			
Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão	-	-	-

Percebe-se, através do quadro acima, que dos 7 (sete) periódicos da área de CI 5 (cinco) têm conceito 'A' e nível 'Nacional', enquanto que 2 (dois) não constam na listagem Qualis¹². Em relação aos títulos das demais áreas, somente o periódico de Informática consta na listagem Qualis.

Realizou-se um cruzamento entre os egressos que informaram que estavam inseridos na área de CI antes do ingresso na pós-graduação e os que publicaram artigos da temática da área de CI, conforme analisado anteriormente. Do cruzamento de dados, obteve-se a tabela que se

nacional, regional ou local. A listagem Qualis mostra-se atualmente como importante instrumento para consulta do periódico quanto a categoria do mesmo.

¹² O periódico Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG foi substituído pelo periódico Perspectivas em Ciência da Informação.

segue.

TABELA 50: Relação entre os que estavam inseridos na área de CI antes da realização do curso no PPGCI/UFMG e publicação de artigos da temática de CI

Inserção	Publicação			
	Sim		Não	
	n	%	n	%
Sim	17	68,0	15	83,3
Não	8	32,0	3	16,7
TOTAL	25	100	18	100

Note-se que dos 25 egressos que publicaram algum artigo da área de CI, 68% (17) alegaram estarem inseridos na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG; dos que não publicaram nenhum artigo da área, (18 egressos) 83,3% (15) também pertenciam ao grupo de inseridos na área antes do ingresso no Programa. Se a análise se der pelo número total de egressos que estavam inseridos (32), tem-se que 53,1% (17) publicaram algum artigo e 46,9% (15) não publicaram. Os dados mostram-se, relativamente, favoráveis aos que alegaram estarem inseridos na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG. Entretanto, a diferença não é tão alta.

A análise sobre a publicação na área, certamente, dará apenas um retrato da situação que foi demonstrado pelos egressos respondentes. Entretanto, para se ter uma visão mais apurada da publicação realizada pelos egressos do PPGCI/UFMG no período de 1992-2005, o pesquisador optou por realizar uma varredura à parte do questionário. Assim, buscou-se analisar em todos os periódicos da área de ciência da informação, constantes na listagem Qualis com conceito A e de nível nacional, se existiam artigos publicados pelos egressos do universo da pesquisa (183 pessoas). A análise se deu nos sumários dos periódicos abaixo e cobriu os anos de 1991-2005.

Quadro 4: Periódicos em CI analisados no levantamento documental

Periódico	ISSN	Qualis	Conceito	Nível	Endereço eletrônico
Ciência da Informação	0100-1965	Sim	A	Nacional	www.ibict.br
DataGramaZero	1517-3801	Sim	A	Nacional	www.dgz.org.br
Encontros Bibli	1518-2924	Sim	A	Nacional	www.encontros-bibli.ufsc.br
Informação e Sociedade	0104-0146	Sim	A	Nacional	www.informacaoesociedade.ufpb.br
Perspectivas em CI	1413-9936	Sim	A	Nacional	www.eci.ufmg.br
Transinformação	0103-3786	Sim	A	Nacional	http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/

É importante relatar, para fins de metodologia do levantamento, que o pesquisador observou manualmente em cada artigo, resenha, comunicação e outras partes dos periódicos, se o (s) nome (s) constante (s) nesses fazia parte da listagem de nomes do universo da pesquisa e considerou apenas aqueles egressos que já haviam defendido sua tese/dissertação. Assim, não se computou artigo publicado por sujeitos do universo da pesquisa que, no momento da publicação, ainda não haviam defendido a tese/dissertação; já que o escopo da pesquisa é avaliar a publicação dos egressos como mestres ou doutores, e não acompanhar se publicaram, ou não, enquanto pós-graduandos. Segue quadros com as respectivas frequências de anos em que houve publicação de egressos, no período de 1992-2005, nível mestrado e doutorado.

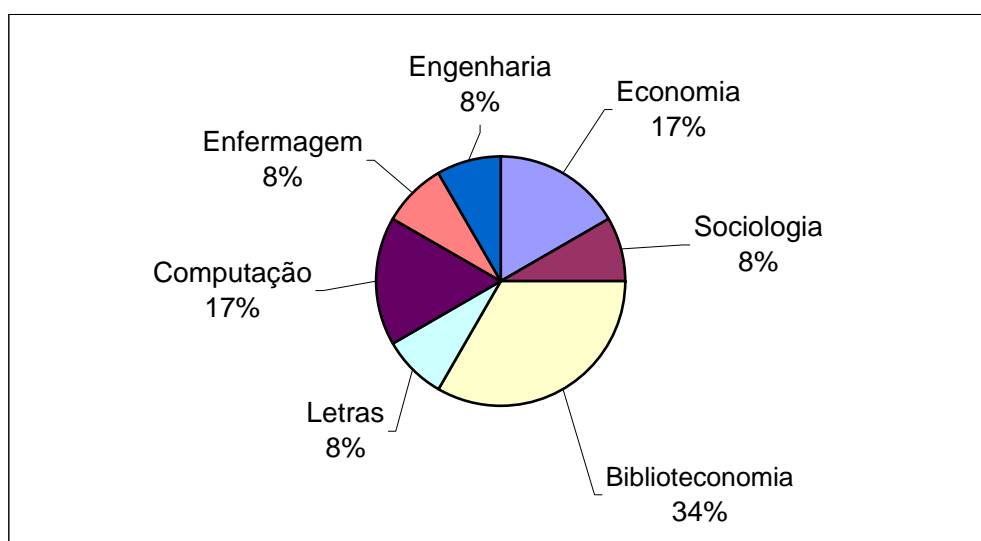
Quadro 5: Análise do periódico Ciência da Informação. (v. 21, n. 1, 1992 ao v. 34, n.1, 2005)

Ciência da Informação														
Ano	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Egressos Mestrado	-	-	-	-	1	-	2	2	-	-	1	2	1	1
Egressos Doutorado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-
TOTAL	-	-	-	-	1	-	2	2	-	-	2	2	2	1

Ressalta-se que quando do levantamento dos dados no periódico, Dezembro de 2005, o volume 34, números 2 e 3 ainda não estavam disponíveis.

Verificou-se, no periódico *Ciência da Informação*, que o número de publicação, por parte dos egressos é de 12. Quanto a distribuição dos egressos de acordo com as linhas de pesquisa nas quais defenderam suas teses/dissertações tem-se: *Organização e Uso da Informação*, 3 egressos; *Gestão da Informação e do Conhecimento*, 9 egressos e na linha de *Informação, Cultura e Sociedade*, nenhum egresso. Pelo Quadro 5, percebe-se que as publicações no referido periódico se tornaram mais freqüentes a partir do ano de 2002, havendo praticamente 2 (duas) freqüências por ano. Os egressos do doutorado foram os que menos publicaram; houve apenas 2 (duas) freqüências de publicação por parte dos mesmos no período analisado. Foi observado, ainda, a graduação dos egressos que publicaram no referido periódico. No Gráfico 10 tem-se a distribuição em porcentagem.

GRÁFICO 10: Cursos de graduação dos egressos que publicaram no periódico *Ciência da Informação*.



Os egressos de biblioteconomia foram os que mais publicaram artigos na revista, 34% (4); seguidos do curso de economia, 17% (2); computação, 17% (2) e 8% (1) cada um dos demais cursos.

A seguir a revista Datagramazero.

Quadro 6: Análise do periódico Datagramazero (n.. 0 de 1997 ao v. 6, n. 6 de 2005)

Datagramazero							
Ano	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Egressos Mestrado	-	-	-	-	-	1	2
Egressos Doutorado	-	-	-	-	1	-	-
TOTAL	-	-	-	-	1	1	2

A revista Datagramazero apresenta um total de 3 (três) egressos, sendo 1 (um) com dois artigos. A distribuição por linha de pesquisa foi: *Organização e Uso da Informação*, 2 (dois) egressos e *Gestão da Informação e do Conhecimento*, 1 (um) egresso. Na linha de *Informação, Cultura e Sociedade*, nenhum egresso publicou artigo. Houve um total de 4 (quatro) artigos publicados. 2 (dois) dos egressos que publicaram artigo têm formação em computação e 1 (um) em biblioteconomia.

Em relação à revista Encontros Bibli, os dados mostram 5 (cinco) artigos, de 6 (egressos). A distribuição por linhas de pesquisa ficou assim: *Gestão da Informação e do Conhecimento*, 4 (quatro); *Organização e uso da Informação*, 1 (um) egresso e a linha de *Informação, Cultura e Sociedade*, 1 (um) egresso.

Quadro 7: Análise do periódico Encontros Bibli. (n. 1, 1996 ao n. 20 de 2005)

Encontros Bibli										
Ano	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Egressos Mestrado	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Egressos Doutorado	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	3	1	2

Os egressos que publicaram neste periódico são 3 (três) graduados em biblioteconomia, 2 (dois) em computação e 1 (um) em engenharia.

Quanto ao periódico Informação e Sociedade, a distribuição é a que se segue no Quadro 8:

Quadro 8: Análise do periódico Informação e Sociedade. (v.2, n.1, 1992 ao v.15, n.2, 2005)

Informação e Sociedade														
Ano	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Egressos Mestrado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	-	1
Egressos Doutorado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	-	1

Identificou-se um total de 4 (quatro) artigos. A distribuição por linha de pesquisa é a seguinte: *Gestão da Informação e do Conhecimento*, 2 (dois); *Informação, Cultura e Sociedade*, 2 (dois) egressos e *Organização e Uso da Informação*, 1 (um) egresso. Quanto a graduação dos egressos que publicaram neste periódico tem-se: biblioteconomia, 2 (dois); odontologia, 1 (um); administração, 1(um) e engenharia 1 (um). Nota-se, pelo quadro, que o ano de 2003 foi o que apresentou maior número de egressos publicando no periódico, e ainda, que não foi registrada nenhuma publicação de egresso do doutorado.

A seguir, a análise de outro periódico, a revista *Perspectivas em Ciência da Informação*. Como se perceberá, este periódico é o que apresenta maior número de publicação de egressos, no total de 17 (dezesete) egressos e 21 (vinte e um) artigos.

Quadro 9: Análise do periódico *Perspectivas em Ciência da Informação* (v.1, n.1, 1996 ao v.10, n.2, 2005)

Perspectivas em Ciência da Informação										
Ano	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Egressos (Mestrado)	1	-	1	3	6	-	-	1	-	3
Egressos (Doutorado)	-	-	-	-	-	3	1	-	1	2
TOTAL	1	-	1	3	6	3	1	1	1	5

Na divisão por linhas de pesquisa, temos: *Gestão da Informação e do Conhecimento*, 10 (dez) egressos; *Informação, Cultura e Sociedade*, 4 (quatro) egressos e *Organização e Uso da Informação*, 3 (três) egressos. Há um número bastante representativo de egressos do doutorado, sendo o ano de 2001 o que apresentou maior frequência para publicação dos doutores e o ano de 2000 maior incidência de publicação por parte dos egressos do mestrado. O ano de 2005 foi o único em que houve egressos tanto do mestrado quanto do doutorado. Quanto à relação entre a graduação dos egressos e a publicação no referido periódico, a distribuição é a que se segue: biblioteconomia, (5); engenharia, (4); administração, (3); sociologia, (1); matemática, (1); computação, (1); medicina, (1) e comunicação (1).

Por fim, a análise da revista *Transinformação*, trouxe a participação de 6 (egressos), publicando 4 (quatro) artigos. Desses apenas 1 (um) é de egresso do doutorado. A divisão por linha mostra: *Informação, Cultura e Sociedade*, 4 (quatro) egressos; *Gestão da Informação e do Conhecimento*, 2 (dois) egressos e *Organização e Uso da Informação* não houve nenhum

egresso que publicasse.

Quadro 10: Análise do periódico Transinformação (v.4, n. 1/3, 1991 ao v. 17, n.2, 2005)

Transinformação														
Ano	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Egressos Mestrado	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	4	-	-	-
Egressos Doutorado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	4	-	-	1

Informa-se que no período da coleta dos dados no periódico, o volume 17, n. 3 de 2005, ainda não estava disponível.

Quanto à distribuição por graduação, obteve-se que os egressos que publicaram no periódico Transinformação, são provenientes dos seguintes cursos: economia, 2 (dois); biblioteconomia, 2 (dois); computação, 1 (um) e engenharia 1 (um).

Dado o caráter e importância que as publicações têm no mundo científico, é relevante a existência de publicações de egressos do PPGCI/UFMG em, praticamente, todas as revistas brasileiras da área de ciência da informação, que têm conceito 'A' e são de nível nacional. Algumas revistas têm números de publicações e de egressos de determinadas linhas de pesquisa maior que em outras revistas. Isso, a princípio não se mostra tão problemático, dado que estes percentuais variam de linha de acordo com o periódico. É válido observar, ainda, que cada revista tem uma linha editorial própria, que está mais de acordo com a publicação de trabalhos de determinadas linhas.

Como já sabido, o PPGCI/UFMG é um dos programas de pós-graduação na área de CI de

maior destaque, tanto que as avaliações realizadas pela CAPES são sempre muito positivas. Atualmente, o Programa é um dos que têm a melhor nota de avaliação no país. Deste modo, espera-se que seus egressos possam contribuir de maneira ainda mais significativa, com publicações em periódicos de diversas áreas, sobretudo, com maior investimento na publicação de artigos nas revistas citadas, já que estas são consideradas os principais veículos de divulgação científica da área de Ciência da Informação no Brasil.

Não é propósito da pesquisa adentrar na questão do conteúdo destes artigos, entretanto, a contribuição advinda da publicação de artigos seria ainda mais significativa, se os mesmos fossem cada vez mais baseados em pesquisas e não só de cunho exploratórios e/ou opinativos. Boa iniciativa seria, justamente, a publicação de artigos que relatassem os resultados de suas teses e dissertações. Seqüencialmente, outros artigos poderiam ser publicados a partir de outras pesquisas realizadas pelos egressos, já que uma das finalidades da pós-graduação é formar pesquisadores, assim, os mesmos devem realizar pesquisas e publicar seus resultados.

5.4. Egressos: sugestões para o desenvolvimento da área

Foi perguntado aos egressos quais as sugestões que eles tinham para um melhor desenvolvimento da área da ciência da informação. As respostas foram bastante variadas, entretanto, foi possível agrupar as sugestões de modo a facilitar a análise. Optou-se por transcrever todas as respostas dadas pelos egressos nos questionários. As mesmas podem ser visualizadas no quadro que se segue.

QUADRO 11 - Sugestões dos egressos para o desenvolvimento do campo da ciência da informação

<p>Pesquisa e fundamentação teórica</p>	<p>“Acho que o caminho a trilhar é muito estudo e pesquisa. Acho também que o intercâmbio entre escolas de CI (nacionais e internacionais) também é muito relevante para o desenvolvimento da área. Intercâmbio de estudantes, professores, de publicações, de palestras etc. Acho também que a área deve evoluir mais as grandes questões teóricas e se prender menos às imediatistas, ligadas apenas à resolução de problemas profissionais.” (M1)</p> <p>“Estímulo à pesquisa e à construção teórica” (M27)</p> <p>“Construção de uma terminologia da área / Desenvolvimento de estudos teóricos que sirvam de embasamento para pesquisas na área” (D2)</p> <p>“A perspectiva de casos específicos de solução de problemas não auxilia o desenvolvimento do campo” (M33)</p> <p>“Incentivo a realização de novas pesquisas. (M35)</p> <p>“Abrir-se a outras áreas procurando fortalecer suas bases teóricas com mais vigor” (M14)</p> <p>“Fazer mais pesquisas epistemológicas para construir um campo teórico mais bem definido” (M20)</p> <p>“As pesquisas de mestrado e doutorado poderiam ser mais relacionadas umas com as outras, com o intuito de dar continuidade aos estudos” (M12)</p> <p>“Desenvolvimento de uma terminologia e metodologias próprias, fundamentadas em literatura reconhecidamente científica, e não em modismos da “Administração da Auto Ajuda”. / Definição das áreas de pesquisa de forma a priorizar aquelas realmente voltadas para a Ciência da Informação / Discussão mais aprofundada dos projetos de pesquisa, com vistas a vinculá-los teoricamente à Ciência da Informação” (M31)</p>
<p>Publicação</p>	<p>“Acredito que a publicação de mais artigos relatando as experiências na área poderiam contribuir, no sentido de apontar tendências e também de mostrar o que já foi feito até agora. Publicamos muito pouco na área de CI e às vezes, a experiência, o conhecimento, que já foi construído acaba não sendo divulgado.” (M2)</p> <p>“Maior produção de publicações voltadas para a informação e com predominância de discussões teóricas. (M33)</p> <p>“Aumento da oferta de publicações impressas e eletrônicas para os alunos dos programas. (M35)</p>
	<p>“Maior interdisciplinaridade” (M6) (M7)</p> <p>“Maior integração com a área de computação para o desenvolvimento de filosofias e métodos de busca e recuperação de informação digital.” (M11)</p>

<p>Interdisciplinaridade</p>	<p>“Livrar-se da hegemonia verbal” (M7)</p> <p>“a única que me ocorre no momento é que a área de CI promova estudos sobre eventos acadêmicos que são realizados em áreas específicas de conhecimento no Brasil e procure estimular uma articulação interdisciplinar entre eles, assim como uma forma de participar deles, ao mesmo tempo em que busque, nos eventos da área de CI (que não podem ser “específicos”) estimular a participação de profissionais de outras áreas.” (M16)</p> <p>“Tenho a opinião de que os campos do conhecimento tendem, cada vez mais, a se interpenetrarem e serem interdependentes, sendo, por isso, cada vez mais difícil separar profissões. Vejo isso, por exemplo, quando tendo explicar a um leigo no assunto a diferença entre informática (ou computação) e CI. Para os especialistas em CI faz sentido dizer que Informática sem CI é um mero gigantesco amontoado de dados sem possibilidade de uso prático. Para o leigo, não. Cada vez mais só se terá possibilidade de produzir alguma coisa com equipes multidisciplinares nas quais cada um de seus membros terão uma especialização que compartilhe uma enorme interface com os demais membros. O profissional em CI precisa compreender isso e não se preocupar em compartimentar sua área de conhecimento.” (M17)</p> <p>“Maior integração com a Comunicação, especialmente nos eventos acadêmicos (M22)</p> <p>“Acredito que Ciência da Informação é um campo interdisciplinar, se não multidisciplinar, e deveria cada vez mais buscar configurar seus pontos de pesquisa na ciência, delimitando seu espaço frente à outras áreas do conhecimento. Acredito que como área interdisciplinar, deveria incorporar outras metodologias de pesquisa, como o caso do experimento enquanto pesquisa interdisciplinar com a área de computação, Nós, profissionais de CI, deveríamos ter também uma atitude mais agressiva na pesquisa e na publicação Acho que programas de pós-graduação deveriam incentivar e mesmo exigir isto.” (M24)</p> <p>“Ampliação da perspectiva ‘trans/interdisciplinar’.” (M25)</p> <p>“Acredito que se se fizesse um melhor mapeamento das possibilidades do relacionamento entre a CI e as diversas outras áreas do conhecimento já sedimentadas, poderia haver um maior aproveitamento do potencial da CI. Por ser uma ciência eminentemente transdisciplinar, a CI tem que mostrar a que veio, a sua importância e não ficar num segundo plano, como se fosse apenas um instrumento técnico auxiliar às outras áreas de pesquisa.” (M38)</p> <p>“Maior presença dos pesquisadores da CI, nos fóruns de discussão correlatos, a exemplo do ENANPAD, Simpósio de Inovação da USP, etc.” (D4)</p>
<p>Melhor delimitação do campo e objeto de estudo</p>	<p>“Maior definição dos limites de cada linha de pesquisa e do escopo da área por cada programa de pós-graduação, evitando que os projetos em andamento sejam completamente diferentes uns dos outros. Sem, no entanto, perder a diversidade, um dos grandes diferenciais da área.” (M10)</p> <p>“Seria importante mais ênfase no caráter de ciência social aplicada. Vejo um esvaziamento da área em oposição ao uso da tecnologia da informação considerada a ‘minha flor’ dos encontros e embates da escola” (M15)</p> <p>“Centrar no fenômeno informação (M18)</p>

	<p>“Definir linhas de pesquisa mais claras.” (M20)</p> <p>“Maior integração do corpo docente, reuniões, discussões e criação de uma terminologia consensual” (M21)</p> <p>“Acredito que o exercício de refletir sobre as disciplinas que compõem esta área seria uma forma de ampliar este campo de conhecimento que “anda” muito voltado a refletir somente o aspecto interdisciplinar..” (M26)</p> <p>“Maior diálogo entre os pesquisadores que atuam na área, para que haja um núcleo maior de preocupações, autores e conceitos comuns; delimitação mais precisa de seus limites e diferenças em relação a áreas próximas como Comunicação, Computação, Administração. Definição da área como uma CIÊNCIA SOCIAL, assumindo todas as conseqüências dessa definição. Maior rigor no desenvolvimento de pesquisas e avaliação de teses e dissertações.” (D5)</p> <p>“Maior rigor no uso/definição de conceitos do campos” (M25)</p> <p>“Maior integração ente as unidades de pesquisa no país sobre o assunto, com intercâmbio entre alunos e professores.” (M23)</p> <p>“Delinear, organizar e consolidar conceitos próprios e elaborar os temas da pesquisa sobre esses conceitos”. (M29)</p> <p>“Atenção na possibilidade de construção de paradigmas” (D3)</p> <p>“Conseguir fazer com que essa concepção seja incorporada pelos professores do campo, pois a clareza do significado da “área em construção” dimensiona o desafio para os profissionais que se formam e atuam na área. A falta dessa clareza e sua efetiva representação na formação profissional muitas vezes desqualifica os conteúdos e os procedimentos inter e transdisciplinar. O que é efetivamente uma área em construção de natureza interdisciplinar? Além de responder com segurança essa questão o corpo docente consegue traduzir isso em desafio para o campo? Mobiliza o corpo discente de forma a engajá-lo na construção do campo? Tenho a impressão que não. Muitas vezes a confusão no corpo docente é muito grande e faz que o processo de ensino-aprendizagem seja tão confuso quanto. Se não bastasse a “angústia” natural de uma ciência pós-moderna, nos deparamos com um corpo docente não tão qualificado para lidar com essa natureza.” (M4)</p>
--	---

Como se percebe, as sugestões foram agrupadas em: ‘Pesquisa e fundamentação teórica’, ‘Publicação’, ‘Interdisciplinaridade’, ‘Melhor delimitação do campo e objeto de estudo’. Como observado, alguns grupos têm um maior número de sugestões, sendo que a mais citada foi ‘Melhor delimitação do campo e objeto de estudo’, seguido das sugestões sobre ‘Interdisciplinaridade’, ‘Pesquisa e fundamentação teórica’ e por último, mas não menos importante, ‘Publicação’. De fato, todas as colocações são oportunas e devem ser levadas em consideração.

CONCLUSÃO

Conclusões

Tendo como foco os egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, percebeu-se, através dos dados, que diferentes questões puderam ser visualizadas no tocante à atuação profissional e à contribuição do campo científico da ciência da informação.

Acredita-se que a pesquisa conseguiu trazer elementos suficientes para responder, se não na totalidade, ao menos em parte, os objetivos a que se propôs.

Como mencionado na Introdução da dissertação, o objetivo geral da pesquisa era o de *“Investigar como se relaciona a contribuição dos egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG em termos do desenvolvimento do campo científico da Ciência da Informação, e de sua atuação profissional.”* Fundamentalmente nos capítulos que trouxeram os dados da pesquisa de forma mais específica, a referida relação foi demonstrada, seja em forma de texto, tabelas, gráficos ou quadros.

Os dados analisados demonstraram o nível de envolvimento dos egressos na questão profissional, e sua contribuição para o campo científico da área. Os números se mostraram bastante pontuais e os cruzamentos de dados realizados possibilitaram um bom entendimento dos objetivos colocados inicialmente.

Em relação às hipóteses iniciais da presente pesquisa, percebeu-se que as mesmas se confirmaram em parte, mas não na totalidade. A primeira hipótese era a de que existia *“Pouca vinculação dos egressos com a área de Ciência da Informação, em relação a pesquisas, participação em eventos, fóruns de discussão, publicação de artigos, livros e*

outras manifestações pertinentes à área, o que parece indicar pouca contribuição dos mesmos para o desenvolvimento do campo científico da Ciência da Informação.” Os dados apresentados já foram discutidos ao longo do texto, inclusive seguidas de análises, entretanto se arrolará os mesmos a seguir, de acordo com o enunciado na hipótese.

Desenvolvimento de pesquisas: 28,9% (13) dos egressos disseram que já haviam participado de alguma pesquisa e 51,1% (23) que não, 20,0% (9) não responderam. É importante ressaltar que desse montante (13), 2 (dois) realizaram pesquisa quando ainda não eram egressos, ou seja, realizaram em outro momento, como na graduação por exemplo, em 4 (quatro) casos, não foi possível identificar (pelos dados oferecidos) se a pesquisa foi realizada antes ou depois da conclusão do curso no PPGCI/UFMG e 7 (sete) realizaram pesquisa já como egressos. Assim, a análise mostra que ao invés de 28,9% (13), pode-se afirmar que apenas 15,6% (7) dos egressos realizaram pesquisas na área de CI. Essa perspectiva é importante na presente pesquisa, posto que se analisou os sujeitos enquanto egressos e não enquanto discentes.

Participação em eventos da área de CI: 60,0% (27) dos respondentes disseram que participam e 40,0% (18) disseram que não participam. Desse montante de 27 (vinte e sete), o número dos que participaram em eventos da área, enquanto egressos, foi de 19 (dezenove); ao passo que 4 (quatro) ainda não eram egressos quando participaram e 4 (quatro) não trouxeram elementos suficientes para se analisar. Desse modo, a taxa de 60,0% (27) dos que participaram de evento em CI cai para 42,2% (19).

Participação em eventos de áreas correlatas à CI: 44,4% (20) disseram que sim e 55,6% (25) que não. Nesse caso, 15 (quinze) sujeitos participaram enquanto egressos; 1 (um) ainda estava

em curso e 4 (quatro) não trouxe dados suficientes para esta análise. Isto posto, a taxa de 44,4% (20), quando depurada, chega a 33,3% (15).

Participação em listas de discussão: 35,6% (16) responderam que sim; 40,0% (18) que não e 24,4% (11) não responderam.

Publicação de artigo ligado à área de CI: 55,6% (25) responderam que sim; 40,0% (18) informaram que nunca haviam publicado e 4,4% (2) não responderam. Nesse caso, dos 25 (vinte e cinco) que responderam positivamente, apenas 12 (doze) publicaram como egressos; 7 (sete) publicaram antes e 5 (cinco) não informaram dados suficientes para a análise. Dessa forma, pode-se dizer que apenas 26,7% (12) dos egressos publicaram artigo ligado à área de CI.

Publicação de livro ou capítulo de livro ligado à área de CI: 20,0% (9) disseram que sim; 66,7% (30) que não e 13,3% (6) não respondeu.

Publicação diretamente ligada à tese/dissertação: 51,1% (23) disseram que sim; 20,0% (9) que não e 28,9% (13) não responderam. Dos que disseram que sim (23), 52,2% (12) informaram que publicaram artigo em periódico; 17,4% (4) capítulo de livro, 13,0% (3) outra forma de publicação (não citaram); 4,3% (1) livro na íntegra e 13,0% (3) não responderam.

Quanto à hipótese referente à contribuição para o desenvolvimento do campo científico da área de CI, os dados demonstram que, de fato, a participação dos egressos fica a desejar, mostrando uma situação bastante frágil, o que pode ser traduzido em uma participação modesta e carente de investimento. Essa situação é, verdadeiramente, problemática; a análise

da amostra da pesquisa, a participação dos egressos na publicação de artigos nas revistas da área, nos ENANCIB's (I ao VI) e no Currículo Lattes, mostra que a contribuição dos egressos não tem respondido à necessidade de avanço da área.

Desta forma, torna-se patente que a parte científica do campo tem sido pouco explorada por aqueles que buscam o PPGCI/UFMG para realizarem seus estudos pós-graduados; isso pode sugerir que a grande maioria tem, no Programa, uma forma de conquistar um grau acadêmico que lhes possibilite ou a manutenção de um certo *status*, ou uma promoção, ou mesmo a garantia de uma situação profissional. Os números mostram que a pesquisa e, conseqüentemente, o avanço da área, não têm sido suficientemente fomentados pelos egressos, já que as evidências dão indícios de que o lado profissional é o grande objetivo desses sujeitos.

A outra hipótese de trabalho partia da idéia de que: *“As ocupações profissionais dos egressos continuam centradas em suas áreas de origem, mesmo após a pós-graduação em Ciência da Informação. A formação em Ciência da Informação os capacitou a um olhar diferenciado sobre a questão da informação em nossa sociedade mas as atividades exercidas continuam centradas na formação inicial.”*

Mostram-se, para facilitar a análise da questão, os dados relativos às ocupações profissionais dos egressos antes de ingressarem no PPGCI/UFMG e atualmente (no momento de resposta ao questionário).

Os dados colhidos mostram que os *setores* citados com maior freqüência (onde os egressos estavam vinculados antes do PPGCI/UFMG) eram o de Educação, com 33,3% das respostas;

o de Tecnologia da Informação, com 15,6%; Arquivo e Biblioteca, com 15,6% e Engenharia/indústria, com 8,9%. Os *cargos/funções* mais citados foram os de ‘Arquivista, Bibliotecário, Museólogo’ e ‘Analistas organizacionais’, ambos com 22,2% das respostas cada; seguidos do cargo de ‘Professor/pesquisador’, com 20,0%. As *principais atividades desenvolvidas* antes do ingresso no PPGCI/UFMG foram: Atividades no contexto Organizacional e de TI, com 30,3%; seguido de atividades de Arquivística, Biblioteconomia e Museologia, com 21,2%; Tratamento da informação, com 18,2% e Informação no contexto da Comunicação, com 12,1%.

A resposta dos egressos, no que tange as atividades profissionais, traz que a maioria (80,0%) declarou desenvolver alguma atividade profissional ligada a área de ciência da informação no momento da pesquisa. Em relação ao Setor de trabalho informado por estes egressos (que segundo os mesmos está ligada à área de CI), tem-se o setor de Educação com maior frequência, 61,1%; seguido do setor de Arquivo e biblioteca, com 13,9%; Cultura, 5,6%; Comunicação e Arte, 5,6% e os demais (Tecnologia da informação, Engenharia/Indústria, Público e Outros), com 2,8% cada um.

Assim, o setor de Educação continua sendo o mais citado, só que, agora, com percentual praticamente duas vezes maior; em segundo lugar continua o de Arquivo e Biblioteca, porém, o de Tecnologia da informação que antes do ingresso no PPGCI/UFMG estava emparelhado como o segundo mais citado, agora figura numa das últimas colocações. Quanto aos *cargos/funções* mais citados no momento da pesquisa estão: Professor/pesquisador, com 63,9%; Analistas organizacionais, 16,7% e Arquivista, Bibliotecários, Museólogos com 11,1%. Nota-se uma certa inversão, já que o cargo de Professor/pesquisador encontrava-se em terceiro lugar antes do ingresso no PPGCI/UFMG e, agora, figura como o primeiro, ao passo

que os cargos de Analistas e Bibliotecários figuravam em segundo lugar empatados e, agora, o de Analistas é o segundo e o de Bibliotecários o terceiro.

Quanto às *atividades realizadas*, tem-se como mais citadas ‘Docência e pesquisa’, com 50,0% e empatados, em segundo lugar, as atividades de: ‘Tratamento da informação’, ‘Arquivística, Biblioteconomia e Museologia’, e ‘Informação no contexto organizacional e de TI’, todas com 11,1%. A atividade de ‘Informação no contexto da comunicação’ ficou com 2,8%. No caso das atividades exercidas no momento da pesquisa e das desenvolvidas antes do ingresso no PPGCI/UFMG, percebe-se que uma atividade não citada antes, aparece neste momento em primeiro lugar, a Docência, inclusive com metade do percentual. A atividade de informação no contexto organizacional, que antes do ingresso no PPGCI/UFMG era a primeira, agora, figura empatada com, praticamente, todas as demais, em segundo lugar. Desta forma, as atividades de Arquivística e Biblioteconomia, de Tratamento da informação e mesmo de Informação no contexto da comunicação, aparecem com percentual bem menor do que antes, sendo que a última citada foi a que teve menor taxa de resposta no momento. Esse rearranjo se deu considerando o fato de que o mais citado foi a Docência. Isto chama bastante à atenção, levando a conclusão de que muitos dos egressos do PPGCI/UFMG têm tido na docência sua principal atividade profissional; o que, provavelmente, é devido à realização do curso de pós-graduação. Essa situação, por um lado, é interessante, pois grande parte dos egressos está na docência; por outro, é digna de reflexão, conforme o que se segue.

Dado a própria crise que se percebe no ensino público superior, com problemas de infraestrutura, salários incompatíveis com a função e cortes nos recursos para a pesquisa, muitos docentes buscam exercer sua atividade de professor/pesquisador em instituições privadas, onde os salários são mais atraentes para a função do que nas instituições públicas. Assim, tem

sido cada vez mais comum a massa de mestres e doutores, formados pelas universidades públicas, mal pegarem seus títulos e se empregarem em escolas particulares, onde muitas vezes, a função exercida é apenas a de sala de aula, ou seja, professor, - em vez de professor/pesquisador.

Pode-se inferir, a partir dos elementos acima, que os doutores, que são formados, sobretudo, para a pesquisa, não se interessam pela universidade pública que concentra um maior investimento nesse tipo de atividade; eles procuram escolas no âmbito privado e, quase sempre, acabam sub-aproveitados, pois têm formação de pesquisador e não a exercem.

Desse modo, é comum ainda, obter-se um título de mestre ou doutor mais por exigência do mercado, e acaba-se por exercer a docência em disciplinas distantes de sua formação pós-graduada, e mais condizente com a graduação; ou, em alguns casos, uma disciplina que lhe é totalmente estranha. Certamente que exercer docência em sua área de origem não constitui problema algum, pelo contrário, é salutar, entretanto, a questão está em que o sujeito tem um título de mestre e/ou doutor em ciência da informação, e trabalha com disciplinas visivelmente de outra área; e aí o discurso da interdisciplinaridade cai como uma luva, pois se a ciência da informação é interdisciplinar não tem problema algum; independente do lugar onde estiver o profissional, estará realizando ciência da informação – essa é uma questão sobre a qual se deve refletir.

Recuperando as questões levantadas pelo questionário, quanto a atuação profissional, teve-se que grande parte dos egressos declaram estarem inseridos na área de ciência da informação atualmente; esse fato, somado a formação em nível de pós-graduação recebida na área, atesta que os mesmos podem ser considerados ‘Profissionais da informação’, conforme constatado

por Muller (2004):

O uso dos termos profissões da informação e profissionais da informação se tornou comum nas últimas décadas na literatura especializada, refletindo a compreensão de que, na realidade atual, os serviços de informação apresentam enorme complexidade, demandando mais que o trabalho isolado de qualquer profissão. Entretanto, o entendimento do significado exato dos termos não é claro em relação aos profissionais, trabalhos ou serviços a que se referem. Certamente há um consenso de que certas características mínimas são comuns a todos os chamados profissionais da informação, o que permite o uso da designação em diversos contextos, mas o entendimento parece depender de quem usa o termo e da audiência à qual se dirige. Em geral, parece haver consenso que entre os profissionais incluídos estão os bibliotecários, os arquivistas e os **mestres e doutores formados nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação**. (MULLER, 2004, p. 23-24)

Como nos diz a autora acima, os profissionais oriundos dos programas de ciência da informação *stricto sensu* podem ser considerados profissionais da informação, entretanto, é importante ressaltar que não há consenso a respeito do termo e fundamentalmente quem seriam de direito esses profissionais da informação.

No Brasil, ao menos do ponto de vista legal, a Classificação Brasileira de Ocupações de 2002 – CBO – informa que os profissionais da informação são especificamente os bacharéis em Biblioteconomia (BRASIL, 2002), não obstante, é válido acentuar que se os pós-graduados na área não são “Profissionais da informação” *stricto sensu*, podem ao menos serem considerados de forma mais genérica, já que conforme nos diz Le Coadic o grupo dos “Profissionais da informação” pode ser dividido em três, a saber: os especialistas da informação, empresários da informação e os cientistas da informação.

No caso dos egressos, os dados levam ao entendimento de que uma grande parte se não todos se aproxima, mais do perfil dos especialistas da informação. Quanto aos especialistas nos diz Le Coadic (1996);

Esta categoria, muito ampla inclui pessoas que não trabalham, em geral, no ambiente da 'biblioteca' tradicional, se bem que possam freqüentemente recorrer a técnicas bibliotecárias. Processam a informação recorrendo às técnicas eletrônicas de informação que utilizam os computadores e as redes de telecomunicação. Estão mais voltados para a análise, comunicação e uso da informação do que para o armazenamento e a conservação das coleções de documentos e objetos. (LE COADIC, 1996, p. 107)

Quanto aos cientistas da informação o autor descreve que,

É a comunidade científica formada por pesquisadores e docentes que pesquisam e ensinam na área da ciência da informação. Trabalham em universidades, centros de pesquisa ou para grandes empresas que implantaram programas de pesquisa, visando a estudar as propriedades da informação e desenvolver novos sistemas e produtos de informação. (LE COADIC, 1996, p. 108)

Dada a reflexão do referido autor, somada aos dados da presente pesquisa, percebe-se que se de um lado os egressos podem ser considerados especialistas em ciência da informação, por outro, fica dúvidas quanto ao fato de serem cientistas da informação, já que os dados mostram que os mesmos têm uma tímida participação na pesquisa, na publicação e em fóruns de discussão da área de ciência da informação.

Quanto a formação básica, ou seja, a nível de graduação, os egressos apresentaram grande diversidade, o que certamente vem a contribuir com a área, e isso é possível dado a interdisciplinaridade que perpassa a área como um todo. Entretanto, como pode ser percebido pelos dados citados na pesquisa, alguns grupos têm um maior destaque, como é o caso dos bacharéis em biblioteconomia que têm o maior percentual dos que realizaram o PPGCI/UFGM. Este grupo destaca-se como aqueles que mais publicaram nos periódicos da área e também nos ENANCIB's, além de estarem, como mostrado no Capítulo 1 numa área extremamente próxima do nascedouro da CI. Observa-se que o núcleo duro da ciência da

informação passa, fundamentalmente, pelas questões de tratamento da informação, expertise esta praticada há muito pelos bibliotecários. Isto leva a perceber que a ciência da informação tem ligação com diversas áreas do conhecimento e com a biblioteconomia não é diferente, pelo contrário, têm uma relação mesmo de simbiose.

Voltando à questão do desenvolvimento do campo científico da ciência da informação, têm-se que esta é uma preocupação central dos coordenadores do PPGCI/UFMG entrevistados. Quanto à pergunta sobre o que o Programa espera de seus egressos e qual deveria ser a contribuição deles, um dos coordenadores respondeu:

Bom, acho que é dando continuidade ao trabalho que eles fizeram aqui, então, seja no mestrado seja no doutorado eles estão trabalhando numa área e fazem pesquisa, e o melhor que eles podem fazer para contribuir é dar continuidade a isso mesmo fora daqui. Como pesquisador, mesmo que seja em posição de docente, mesmo que seja trabalhando na biblioteca, pode continuar, nada impede que eles continuem fazendo pesquisa, acompanhando a área, participando de congressos, então eu acho que essa é uma forma importante não é, acho que isso precisava ser mais motivado ser mais estimulado em nossos egressos. (COORD. 1)

Infelizmente como demonstrado, anteriormente, pelos dados, entre o anseio dos coordenadores entrevistados e o que de fato os egressos têm realizado, percebe-se uma boa distância, pois os investimentos no desenvolvimento do campo científico, por parte dos egressos, têm sido pouco condizente com o esperado pela ótica institucional.

Finalmente, espera-se que esta pesquisa possa, de fato, vir a contribuir com um melhor entendimento sobre os destinos profissionais e científicos daqueles que cursaram o PPGCI/UFMG; também que os dados descritos e analisados possam servir como subsídio para o próprio Programa, que diante de um retrato de seus egressos, reflita sobre sua prática e cada vez mais atinja graus de excelência.

Recomendações e pesquisas futuras

Uma das principais marcas da ciência é saber que a verdade por ela encontrada só é válida até que outra pesquisa proponha nova luz e nova leitura para o problema em questão, instaurando assim, uma nova verdade face à realidade. Desse modo, o pesquisador deve estar consciente de que os resultados obtidos são apenas uma pequena parte na construção de um todo – a soma dos esforços é que dará corpo à realidade. Neste sentido, o esforço empregado pela presente pesquisa propõe, a partir das análises realizadas, algumas recomendações e também esforços futuros, no sentido de melhor compreensão do fenômeno estudado.

Quanto as recomendações, sugere-se que o PPGCI/UFMG, após reflexões de sua coordenação e corpo docente, crie algum mecanismo para melhor conhecer tanto aqueles que ingressam, quanto aqueles que se titulam em seus cursos. Por exemplo: uma base alimentada com dados que mapeiem melhor o perfil dos pós-graduandos, como experiência profissional, interesse pelo curso, expectativas, se tem algum contato com a área e como chegou até o Programa; outros dados julgados pertinentes, também poderão ajudar a conhecer melhor aqueles que ingressaram.

Sugere-se, ainda, que ao término do curso, ou seja, após a defesa, crie-se um instrumento que permita analisar e avaliar o período de formação do discente no Programa; tentando evidenciar, através do ponto de vista daquele discente, os pontos positivos na formação, os pontos críticos, as lacunas em termos de disciplinas e de quadro docente, as sugestões de melhoria, e talvez, as possibilidades de atuação profissional enxergadas por ele. Os dados poderiam ensejar, inclusive, uma base de currículos e de competências de profissionais da área de ciência da informação que certamente atenderia variadas finalidades. Enfim, em

relação aos instrumentos, tanto de ingresso quando de saída do discente, ressalta-se que as questões colocadas são simplesmente sugestões, cabendo ao Programa a análise da melhor maneira de as efetivar.

Uma outra idéia, seria um seminário ao final do curso, onde os discentes expusessem sua percepção em relação à formação recebida. Isso daria margem à discussão e à reflexões conjuntas.

Espera-se que o referido estudo, apesar de ser o primeiro realizado sobre os egressos do PPGCI/UFMG, possa servir como subsídio na implementação de políticas de formação de seus mestres e doutores.

Quanto às pesquisas futuras, propõe-se estudos que contemplem a análise das atividades profissionais dos egressos. Especificamente, na tentativa de compor essas atividades com as atividades próprias da ciência da informação, verificando qual é a real relação existente.

Propõe-se, ainda, estudo de maior amplitude sobre egressos, contemplando mais cursos de pós-graduação em ciência da informação no Brasil. Traçaria-se assim, um perfil mais condizente com a realidade do país e não de um dado Programa em particular. Esse estudo poderia utilizar-se da combinação de metodologia quantitativa e qualitativa, com instrumentos de coleta como questionário e entrevista, já que esta opção mostrou-se bastante válida na presente pesquisa; haja vista, serem estas formas consagradas para coleta de dados.

Propõe-se pesquisa sobre o conteúdo das publicações realizadas na área de ciência da informação; poder-se-ia analisar as publicações realizadas por egressos de Programas de Pós-

graduação em Ciência da Informação no país, no intuito de demonstrar o desenvolvimento da pesquisa realizada por aqueles que se iniciam na área. Uma possibilidade de análise das publicações seria estudos que demonstrassem tendências temporais, metodológicas ou outras.

Outro estudo possível e interessante, seria o de análise da rede social estabelecida pelos egressos do PPGCI/UFMG. A metodologia de análise de rede tem crescido bastante na ciência da informação e o estudo da rede formada pelos egressos certamente mostra-se como uma possibilidade estimulante.

Por fim, acredita-se que os próprios dados da presente pesquisa, através de cruzamentos e análises futuras, possam trazer novas perspectivas em relação ao estudo dos egressos do PPGCI/UFMG.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. 3 ed. Lisboa: Presença, 1980.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. O fenômeno informacional na Ciência da Informação: abordagem teórico-conceitual. In: CASTRO, César Augusto (org). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luís: EDFAMA/EDUFMA, 2002. Cap. 2, p. 11-34.

ARAÚJO, Esther Lück. *Estudo da atuação profissional dos egressos do curso de mestrado de ciência da informação do IBICT, comparativamente à situação dos profissionais da informação na Inglaterra e nos Estados Unidos*, 1982. 120f. (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1982. 120f.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. *Escolas da área de CI*. Disponível em: < <http://www.abecin.org.br/Escolasbrasil.htm> > acessado em: 01 de Junho de 2005.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. *Programas de pós-graduação*. Disponível em < <http://www.ancib.org.br> > Acessado em: 17 de Maio de 2005.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BARBOSA, João Nazário. *A trajetória profissional e a qualidade de vida no trabalho dos egressos do curso de mestrado em administração da FACE/UFMG*. 1997. 108f. Dissertação. (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, Belo Horizonte, 1997. 108f.

BARRETO, Aldo. O penúltimo trem já partiu e não embarcamos. *Datagramazero*, v. 6, n. 3, jun. 2005. Disponível em: < <http://www.dgz.org.br> > Acessado em 30 de Julho de 2005.

BAUER, Martins; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som: um manual prático*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORKO, H. Information science: what is it ? *American Documentation*, Maryland, v. 19, n. 1, p. 3-5, Jan. 1968.

BRASIL. CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer 977/65*. 1965.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Plano Nacional de Pós-Graduação 2005-2010*. Brasília, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Brasília: MTb, 2002. (CD-Rom).

BUFREM, Leilah Santiago. Complementaridade qualitativo-quantitativa na pesquisa em informação. *Transinformação*, v. 13, n. 1, p. 49-55, jan./ jun., 2001.

BUSH, Vannevar. As we may think. *The Atlantic Monthly*, v. 176, n. 1, p. 101-108, July. 1945.

CARVALHO, Inaiá M. Moreira de. Motivações para a realização do mestrado. In: VELLOSO, Jacques. (org.) *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: CAPES, 2002. v. 1, p. 393-398.

COSTA, Antônio Felipe Corrêa da. Ciência da informação: o passado e a atualidade. *Ciência da Informação*, v.19, n. 2, p. 137-143, jul./dez. 1990.

CUNHA, Mirim Vieira da; CRIVELLARI, Helena M. Tarchi. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia. (org.) *Atuação profissional em Ciência da Informação*. Polis: São Paulo, 2004, Cap. 2, p. 41-54.

CUNHA, Sudário de Aguiar. *Impacto da formação profissional: um estudo de acompanhamento de egressos do SENAI no Centro Industrial de Aratu*. Rio de Janeiro: SENAI, 1990. (Coleção Albano Franco, 16) (originalmente Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia)

DEMO, Pedro. *Ambivalências da sociedade da informação*. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

_____. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 5, n. especial, p. 67-80, jan./jun. 2000.

_____. O específico da Ciência da Informação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 87-99.

DIAS SOBRINHO, José. Pós-graduação, escola de formação para magistério superior. *Universidade e Sociedade*. São Paulo, v. 4, n. 7, Junho, 1994, p. 92-97.

DOMINGUES, Ivan. Em busca do método. In: _____. (org.) *Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 17-40.

FONSECA, Edson Neri da. *Bibliometria: teoria e prática*. São Paulo: Cultrix, 1986.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha (org.) *Ciência da Informação ou informática ?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 52-69.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Conferências do Georgia Institute of Technology e a Ciência da Informação. *Informação e Sociedade: estudos*, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.nformacaoesociedade.ufpb.br>>. Acessado em: 15 de Dezembro de 2005.

GATTI, Bernadete Angelina. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 18, Set/Nov, 2001, p. 108-116

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* São Paulo: Atlas, 1996.

_____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

GUTIÉRREZ, Francisco. *Educação como práxis política*. São Paulo: Summus, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA.

Histórico: Ensino e Pesquisa no IBICT. Disponível em < www.ibict.br >. Acessado em 17 de Maio de 2005.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Ideologia, p. 126; Política, p. 178.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade pós-industrial à pós-moderna*: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LE COADIC, Yves-François. *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MACHADO, Antônio de Souza. *Acompanhamento de egressos*: caso CEFET-PR – unidade de Curitiba. Florianópolis: UFSC, 2001. 146f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.146f.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1985. Cap. 2.

MARTINS, Ricardo C. de Rezende. A pós-graduação no Brasil: uma análise do período 1970-90. *Educação Brasileira*, Brasília, v. 13, n. 27, 1991, p. 93-119.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKYI, R. S. Estrutura e principais propriedades da informação científica: a propósito do escopo da informática. In: GOMES, Hagar Espanha (org.) *Ciência da Informação ou informática ?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 70-89.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Uma profissão em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott – proposta de estudo. In: GALVÃO, Sofia Baptista; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. *Profissional da informação*: o espaço de trabalho. CID/UnB: Brasília, 2004, p. 23-54.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *Educação e política no Brasil de hoje*. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Marlene. *A investigação científica na Ciência da Informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq*. 1998. 198f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). – Universidade de Brasília, Brasília, 1998. 198f.

_____; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Os paradigmas da biblioteconomia e da ciência da informação e os novos contextos da informação. In: CASTRO, César Augusto (org). *Ciência da Informação e Biblioteconomia: múltiplos discursos*. São Luís: EDFAMA/EDUFMA, 2002. Cap. 2, p. 35-49.

OLIVEIRA, Nilza Helena de. *O ensino técnico na rede federal de educação tecnológica, segundo egressos*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2004. 152f. (Mestrado em Educação Tecnológica). Centro Federal de Educação Tecnológica, Belo Horizonte, 2004. 152f.

PAIM, Isis. A Ciência da Informação na UFMG: a trajetória do programa de Pós-Graduação. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 5, n. especial, jan/jun, 2000, p. 105-110

_____. O curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UFMG: análise e perspectivas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, março 1985, p. 146-153.

_____ et al. *Avaliação do curso de pós-graduação em Biblioteconomia da UFMG: a realidade em aberto*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1988.

PAIVA, Cláudio Cardoso. O campo híbrido da informação e da comunicação. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (org). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 165-197.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. 1997. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1997.

_____. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: AQUINO, Mirian de Albuquerque. (org.). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p 61-86.

_____; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Políticas públicas de C & T, ICT e de pós-graduação e o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. In: *Cinform*, Salvador, 200?.

PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, v. 1.

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DO CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UFMG. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1997.

REIS, Alcenir Soares dos. *A história da pós-graduação em biblioteconomia no Brasil: a interação texto/contexto*. 1990. 208 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Bibliotecas) - Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, 1990. 208f.

_____; REIS, Andréa Hollerbach Siqueira. Análise do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Escola de Biblioteconomia da UFMG: a ótica discente. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, mar., 1985, p. 123-145.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. *Ensaio: avaliação, políticas públicas e educação*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, out/dez, 2002, p. 479-492.

_____. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 627-641, ago., 2003.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996

SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. History foundations of Informations Sciences. *Annual Review of Information Science and Technology*. New York, 12, p. 249-275, 1997.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. O impacto dos cursos do IBICT sobre a atividade profissional dos egressos. *Ciência da Informação*, v. 11, n. 2, p. 3-12, 1982.

SMIT, Johanna; TÁLAMO, M. F.; KOBASHI, Nair. A determinação do campo científico da ciência da informação: uma abordagem terminológica: In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 5., 10-14 nov. 2003. *Anais...* Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. (1 Cd-Rom)

SOUZA JÚNIOR, Hormindo. *Acompanhamento de egressos*. In: *Dicionário da educação profissional*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação, 2000. p. 13-14.

SPAGNOLO, Fernando; GÜNTHER, Hartmut. 20 anos de pós-graduação: o que fazem nossos mestres e doutores? Uma visão geral. *Ciência e Cultura*, v. 38, n. 10, . 1643-1662, 1986, p.

SUCUPIRA, Newton. Antecedentes e primórdios da pós-graduação. *Fórum educacional*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 3-18, out/dez,1980.

TAYLOR, Robert S. Professional aspects of information science and technology. *Annual Review of Information Science and Technology*, New York, v. 1, p. 15-40, 1966.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Escola de Ciência da Informação. *Regulamento do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, 200?.

VELLOSO, Jacques (org.) *A pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: CAPES, 2002. v. 1

VIANA, Maria Regina de Almeida. *O mestrado e o doutorado na faculdade de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – 1979 a 1996: uma avaliação pelo egresso*. 2000. 183f. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da UFMG, Belo Horizonte, 2000. 183f.

VIEIRA, Ana da Soledade Vieira. A Pós-Graduação na EB/UFMG: memória e perspectivas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, v. 19, n. especial, p. 68-76, mar. 1990.

_____; LIMA, E. A pós-graduação em biblioteconomia e a formação de uma liderança nacional. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 125-135, set. 1977.

YUEXIAO, Zhang. Definitions and Sciences of Information. *Information Processing & Management*. New York, v. 24, n, 4, p. 479-491, 1988.

APÊNDICE A - Pós-graduações em Ciência da Informação no Brasil

INSTITUIÇÃO	CURSO	NÍVEL	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	LINHAS DE PESQUISA	Sítio na Web
IBICT	Programa de pós-graduação em ciência da informação	mestrado e doutorado	O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento	Teoria, epistemologia, interdisciplinaridade e ciência da informação Representação, gestão e Tecnologia da informação informação, conhecimento e sociedade	http://www.uff.br/ppgci/ppgci_areas.htm
USP	Programa de pós-graduação em ciência da informação	mestrado e doutorado	Cultura e informação	Acesso à informação Mediação e ação cultural	www.eca.usp.br
UFMG	Programa de pós-graduação em ciência da informação	mestrado e doutorado	Produção, organização e utilização da informação.	Gestão da informação e do conhecimento Informação, cultura e sociedade Organização e uso da informação	http://www.eci.ufmg.br/ppgci/
PUC CAMP	Pós-graduação em ciência da informação	mestrado	Administração da informação	Gestão da informação Produção e disseminação da informação	http://www.puc-campinas.edu.br/pos/curso.asp?id=2
UFPB	Pós-graduação em ciência da informação	mestrado	Informação e sociedade	Informação e cidadania Informação para o desenvolvimento regional	Não tem

	Pós-graduação em ciência da informação e documentação	mestrado e doutorado	Planejamento e gerência de unidades de informação (mestrado) Transferência da informação (doutorado)	Gestão da informação e do conhecimento Arquitetura da informação Comunicação da informação	http://www.cid.unb.br/pos/
UFBA	Pós-graduação em ciência da informação	mestrado	Informação e conhecimento na sociedade contemporânea	Informação e conhecimento em ambientes organizacionais Informação e contextos socio-econômicos	http://www.posici.ufba.br/
UNESP	Pós-graduação em ciência da informação	mestrado e doutorado	Informação, tecnologia e conhecimento	Informação e tecnologia Organização da informação	http://www.marilia.unesp.br/ensino/pos-grad/ciencia_informacao/apresentacao
UFSC	Pós-graduação em ciência da informação	mestrado	Gestão da informação	Fluxo da informação Profissionais da informação	http://www.cin.ufsc.br/pgcin/pgcin.htm

Fonte: Páginas na Internet das Pós-graduações em Ciência da Informação no Brasil.

Acesso em: 09 de Dezembro de 2005

APÊNDICE B – Questionário enviado aos egressos

Questionário

Prezado (a) Sr.(a),

Este questionário destina-se a coleta de dados para a pesquisa de mestrado intitulada: “*Egressos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG: contribuição para o campo científico e atuação profissional*”. A pesquisa tem como objetivo investigar as características dos egressos do PPGCI/UFMG, no período de 1992-2005, nível mestrado e doutorado, sob a orientação da Prof^a Dr^a Alcenir Soares dos Reis. O questionário conta com questões objetivas e abertas, e será enviado para todos os egressos do referido período.

Para o pleno êxito da pesquisa os questionários devem ser devidamente preenchidos e reenviados, o mais rápido possível.

Informo-lhes que a referida coleta de dados tem o caráter eminentemente de subsídio à pesquisa de mestrado, não sendo portanto, nenhum tipo de avaliação, resguardando-se também, o anonimato dos participantes.

Conto com sua participação, pois a mesma é vital para o desenvolvimento da pesquisa.

Desde já agradeço pela colaboração

Joéffisson Saldanha dos Santos
Mestrando do PPGCI/UFMG
(xx) xxxx-xxxx – (xx) xxxx-xxxx
joefisson@yahoo.com.br

Perfil do egresso

Tempo de resposta: _____ min.

1. Nome: _____

2. Tel. () _____ Celular: () _____
e-mail: _____

3.: () Masculino () Feminino 4. Idade: _____

(Caso tenha recebido os títulos de mestre e doutor pelo PPGCI/UFMG, no período compreendido entre 1993-2004, gentileza marcar nas questões de 5 a 11.2 “M” para mestrado e “D” para doutorado)

5. Titulação recebida pelo PPGCI/UFMG: () Mestre () Doutor

6. Linha de pesquisa no PPGCI/UFMG:

- () () Informação e Sociedade (*atual Informação, Cultura e Sociedade*)
() () Informação Gerencial e Tecnológica (*atual Gestão da Informação e do Conhecimento*)
() () Tratamento da Informação e Bibliometria (*atual Organização e Uso da Informação*)

7. Mês e ano de ingresso: _____/_____(M) _____/_____(D)

8. Mês e ano de defesa: _____/_____(M) _____/_____(D)

9. Faixa etária em que você se titulou

- () 21 a 25 () 26 a 30 () 31 a 35 () 36 a 40 () 41 a 45 () 46 a 50 () 50 ou mais

10. Foi bolsista: () Sim () Não

10.1. Agência Financiadora: () CAPES () CNPQ () FAPEMIG () Outra: _____

10.2. Período de vigência da bolsa (mês e ano): _____ / _____ a _____ / _____ (M)
 _____ / _____ a _____ / _____ (D)

11. Fez estágio “sandwich” durante o curso? () Sim () Não

11.1. Onde: _____

11.2 . Período (mês e ano): _____ / _____ a _____ / _____

12. Curso de graduação: _____

Ano que se graduou: _____ Escola: _____

13. Você tem alguma pós-graduação lato sensu ? () Sim () Não

13.1 Curso: _____ Ano: _____

Escola: _____

14. Você tem alguma outra pós-graduação strictu sensu ? () Sim () Não

14.1. Curso: _____ Ano: _____

Escola: _____

Nível: () Mestrado () Doutorado () Pós-doutorado

15. Atualmente está realizando algum curso de pós-graduação? () Sim () Não

15.1. Curso: _____

Escola: _____

Nível: () Especialização () Mestrado () Doutorado () Pós-doutorado

16. Caso tenha algum outro curso de graduação ou de pós-graduação, gentileza especificar:

16.1. Curso: _____ Ano: _____

Escola: _____

Nível: () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Pós-doutorado

16.2. Curso: _____ Ano: _____

Escola: _____

Nível: () Graduação () Especialização () Mestrado () Doutorado () Pós-doutorado

Sobre a formação no PPGCI/UFMG

17. Qual a motivação que o levou a realizar a pós-graduação no PPGCI/UFMG ? (enumere em ordem de importância, onde 1 é o mais importante e 9 o menos importante, não sendo obrigatório marcar todas as alternativas)

- () Estar diretamente ligada a minha área de formação
- () Estar diretamente ligada a minha atuação profissional/aprimoramento profissional
- () Buscar a resolução de problemas organizacionais
- () Desejo de conhecer melhor a área de CI
- () Participar de sistema de seleção com nº de candidato/vaga menor que em outros programas
- () Programa aberto a diversos campos do conhecimento
- () Possibilidade de docência
- () Possibilidade de pesquisa e/ou docência na área de CI
- () Outra: _____

18. Antes do ingresso no curso você estava inserido de alguma forma na área de CI ?

() Sim () Não

18.1. Caso afirmativo, de que forma: _____

19. Caso tenha realizado somente o mestrado no PPGCI/UFMG, você faria o doutorado no mesmo programa? () Sim () Não () Talvez () atualmente estou realizando o doutorado no Programa (Caso negativo ou já esteja realizando, vá para questão 19.4)

19.1. Caso “Sim” ou “Talvez”, o que mais o motivaria (enumere em ordem de importância, onde 1 é o mais importante e 5 o menos importante, não sendo obrigatório marcar todas as alternativas)

() aprofundamento na área de CI () aprofundamento no tema de pesquisa () qualidade do programa () aproveitamento dos créditos () bolsa de estudo () outra: _____

19.2. Caso fizesse o doutorado no PPGCI/UFMG, você continuaria na mesma linha de pesquisa?

() Sim () Não () Talvez

19.3. Por que? _____

19.4. Caso negativo, Por que? _____

21. Tendo em vista o curso realizado no PPGCI/UFMG, enumere em ordem de importância as principais características consideradas *positivas* para sua formação (enumere em ordem de importância, onde 1 é o mais importante e 5 o menos importante)

() qualidade do corpo docente () possibilidade de diálogo interdisciplinar () possibilidades profissionais () grade curricular () Outras: (cite e enumere) _____

22. Caso tenha realizado o mestrado e o doutorado (ou esteja realizando) no PPGCI/UFMG, o que o motivou (enumere em ordem de importância, onde 1 é o mais importante e 5 o menos importante, não sendo obrigatório marcar todas as alternativas)

() aprofundamento na área de CI () aprofundamento no tema de pesquisa () qualidade do programa () aproveitamento dos créditos () bolsa de estudo () outra: _____

22.1. Você permaneceu na mesma linha de pesquisa? () Sim () Não

22.2. Por que? _____

23. Em relação à formação recebida no PPGCI/UFMG, você a considera:

() ótima () boa () regular () ruim () péssima

24. De que maneira você acredita que a atuação do PPGCI/UFMG pode ser melhorada (enumere em ordem de importância, onde 1 é o mais importante e 6 o menos importante, não sendo obrigatório marcar todas)

() melhor foco na delimitação das linhas de pesquisa () realização de uma disciplina obrigatória de cada linha de pesquisa por todos os alunos () participação de professores visitantes () intercâmbio entre os Programas de CI () implantação de um mestrado profissional () cooperação entre o curso e empresas visando incentivos como bolsas, consultorias, etc. () outra: _____

25. Atualmente, como você avalia a relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos ?

() ótima () boa () regular () ruim () péssima () não sei

26. Você acredita que uma maior relação entre o PPGCI/UFMG e o egresso poderia incentivar de alguma forma o desenvolvimento da área de CI ? () Sim () Não () Não sei

26.1. Quais as sugestões para que esta relação (escola x egresso) melhor se efetive: (enumere de 1 a 6 onde 1 é o mais importante e 6 o menos importante)

() convite aos egressos para discussão sobre reestruturação curricular do curso

() convite para eventos (palestras, encontros, seminários, outros) da área de CI ou correlata que venham a ocorrer na ECI

() informes sobre eventos (palestras, encontros, seminários, outros) da área de CI ou correlata a ocorrer em outros locais

() convite aos egressos para participação em eventos, na função de palestrantes, membros de mesa redonda, consultoria, cursos, e outros, na escola ou em outros locais

() Identificação e acompanhamento em relação a situação dos egressos, visando a formulação de políticas de formação

() outra – especificar: _____

Ocupações profissionais e a área de Ciência da Informação

27. Antes do ingresso no PPGCI/UFMG, qual era a sua principal atividade profissional:

() empresário () profissional liberal () servidor público () empregado () apenas estudante

() outro: _____

27.1. Setor de atividade: _____

27.2. Cargo / Função: _____

27.3. Esta atividade estava ligada a área de CI? () Sim () Não (Caso negativo, questão 29)

28. Área da CI em que a mesma se vincula: () Produção da informação () Organização da informação

() Disseminação da informação () Uso da informação () Outra: _____

28.1. Quais as principais atividades: _____

28.2. Por que você a considera ligada a área de CI: _____

29. Durante o curso no PPGCI/UFMG qual era a sua principal atividade profissional:

() empresário () profissional liberal () servidor público () empregado () apenas estudante

() outro: _____

29.1. Setor de atividade: _____

29.2. Cargo / Função: _____

30. Esta atividade estava ligada a área de CI ? () Sim () Não (Caso negativo, questão 31)

30.1. Área da CI em que a mesma se vincula::

() Produção da informação () Organização da informação () Disseminação da informação

() Uso da informação () Outra: _____

30.2. Quais as principais atividades: _____

30.3. Por que você a considera ligada a área de CI: _____

31. **Atualmente**, você desenvolve atividades profissionais diretamente ligada à sua formação na área de CI? () Sim () Não (*Caso negativo, questão 40*)

Caso afirmativo

32. Cite:

32.1. Setor de atividade: _____

32.2. Cargo / Função: _____

33. A importância da formação em CI para o desenvolvimento da atividade exercida foi:
 () muito importante () importante () pouco importante () sem importância

34. Área da CI em que a atividade se vincula:

() Produção da informação () Organização da informação () Disseminação da informação

() Uso da informação () Outra: _____

35. Quais as principais atividades desenvolvidas: _____

36. Por que você a considera ligada a área de CI: _____

37. Essa é a sua principal ocupação profissional: () Sim () Não (*caso afirmativo, questão 39*)

38. Caso não seja a sua principal ocupação profissional, cite a principal:

38.1. Setor de atividade: _____

38.2. Cargo/função: _____

38.3. Área do conhecimento que está mais vinculada: _____

39. Há quanto tempo desenvolve atividade da área de CI: _____ (anos) _____ (meses)

Caso negativo

40. Caso não desenvolva atividade diretamente ligada à área de CI, qual sua principal ocupação profissional?

40.1. Setor de atividade: _____

40.2. Cargo/função: _____

40.3. Área do conhecimento em que a atividade está mais vinculada: _____

41. A formação em CI contribuiu para o exercício dessa ou de alguma outra atividade profissional?
 () Sim () Não

41.1. Caso afirmativo, de que forma: _____

42. Você tem alguma sugestão para uma maior participação dos profissionais da área de CI no mercado de trabalho: _____

43. Gentileza especificar sua renda mensal individual e a renda familiar (*use 1 para renda individual e 2 para renda mensal familiar*) (*Base de cálculo: Salário mínimo de R\$ 300,00, vigente em Agosto de 2005*)

- () () até 05 SM - ... a R\$ 1.500,00
 () () de 05 a 07 SM – R\$ 1.501,00 a R\$ 2.100,00
 () () de 07 a 10 SM – R\$ 2.101,00 a R\$ 3.000,00
 () () de 10 a 15 SM – R\$ 3.001,00 a R\$ 4.500,00
 () () de 15 a 20 SM – R\$ 4.501,00 a R\$ 6.000,00
 () () de 20 a 25 SM – R\$ 6.001,00 a R\$ 7.500,00
 () () de 25 a 30 SM – R\$ 7.5001,00 a R\$ 9.000,00
 () () acima de 30 SM – R\$ 9.0001,00 a

Docência

44. Você exerce ou já exerceu docência na área de CI ? () Sim () Não (*Caso negativo, questão 46*)

44.1. Caso afirmativo, (*Cite no máximo as 3 que julgar mais importantes e/ou mais atuais*)

Disciplina: _____
 Curso: _____ Escola: _____
 Tempo de exercício: _____ (anos) _____ (meses) () exerce atualmente () já exerceu
 () Graduação () Pós-graduação

Disciplina: _____
 Curso: _____ Escola: _____
 Tempo de exercício: _____ (anos) _____ (meses) () exerce atualmente () já exerceu
 () Graduação () Pós-graduação

Disciplina: _____
 Curso: _____ Escola: _____
 Tempo de exercício: _____ (anos) _____ (meses) () exerce atualmente () já exerceu
 () Graduação () Pós-graduação

44.2. Além dessas, você leciona ou já lecionou outras disciplinas da área de CI ? () Sim () Não

45. Caso exerça ou já tenha exercido disciplina na área de CI, qual a importância da formação recebida para o exercício da disciplina:

- () muito importante () importante () pouco importante () sem importância

46. Caso não exerça ou não tenha exercido docência na área de CI, tem interesse em exercer ?

- () Sim () Não () Não se aplica

Participação no Desenvolvimento do campo científico da área de Ciência da Informação

47. Você participa de eventos científicos/profissionais da área de CI (Congresso, Encontro, Seminário)
 () Sim () Não

48. Caso já tenha participado, (*Cite no máximo os 4 que julgar mais importantes e/ou mais atuais*)

Evento: _____
 Local: _____ Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 () Encontro Científico () Encontro Profissional

Evento: _____
 Local: _____ Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 () Encontro Científico () Encontro Profissional

Evento: _____
 Local: _____ Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 () Encontro Científico () Encontro Profissional

Evento: _____
 Local: _____ Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 () Encontro Científico () Encontro Profissional

48.1. Além desses, você tem mais participações neste tipo da área ? () Sim () Não - Quantos: _____

49. Você participa de eventos de áreas correlatas a Ciência da Informação? () Sim () Não

49.1. Caso afirmativo, gentileza especificar (*Cite no máximo 3 que julgar mais importantes ou mais atuais*)

Evento: _____
 Local: _____ Área de conhecimento: _____
 Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 Qual a relação deste com a área de CI
 () grande relação () média relação () pequena relação () nenhuma relação

Evento: _____
 Local: _____ Área de conhecimento: _____
 Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 Qual a relação deste com a área de CI
 () grande relação () média relação () pequena relação () nenhuma relação

Evento: _____
 Local: _____ Área de conhecimento: _____
 Ano: _____ Apresentou algum trabalho () Sim () Não
 Se sim, especifique: () Comunicação oral () Pôster () Mesa redonda () Palestrante
 Outra forma: _____ Foi publicado em anais: () Sim () Não
 Qual a relação deste com a área de CI
 () grande relação () média relação () pequena relação () nenhuma relação

49.2. Além desses, você tem mais participações em eventos correlatos à área ? () Sim () Não

50. Você publicou algum artigo em periódico da área de CI **ou** da temática da área de CI em algum outro periódico ? () Sim () Não

(Caso afirmativo, cite no máximo 3, considerando os mais atuais ou que julgue mais importantes)

50.1. Caso afirmativo:

Periódico: _____
 Local de edição: _____ Volume: _____ Nº: _____ Ano: _____
 Título do artigo: _____

Autoria com mais pessoas Sim Não - Periódico da área de CI Periódico de área correlata
 Área da CI que o artigo mais se vincula Produção da informação Organização da informação
 Disseminação da informação Uso da informação Outra: _____

Periódico: _____
 Local de edição: _____ Volume: _____ Nº: _____ Ano: _____
 Título do artigo: _____

Autoria com mais pessoas Sim Não - Periódico da área de CI Periódico de área correlata
 Área da CI que o artigo mais se vincula Produção da informação Organização da informação
 Disseminação da informação Uso da informação Outra: _____

Periódico: _____
 Local de edição: _____ Volume: _____ Nº: _____ Ano: _____
 Título do artigo: _____

Autoria com mais pessoas Sim Não - Periódico da área de CI Periódico de área correlata
 Área da CI que o artigo mais se vincula Produção da informação Organização da informação
 Disseminação da informação Uso da informação Outra: _____

50.2. Além desses você tem mais publicações em periódicos pertinentes à área ? Sim Não

50.3. Se sim, quantos: _____

51. Você participa de alguma lista de discussão da área de CI ? Sim Não

51.1. Caso afirmativo:

Qual: _____ Status na lista: moderador participante
 Endereço da lista: _____

Qual: _____ Status na lista: moderador participante
 Endereço da lista: _____

52. Você publicou algum livro ou capítulo de livro que esteja ligado a área de CI? Sim Não

52.1. Caso afirmativo: (Cite no máximo 3, sendo os mais atuais ou que você julgue mais importantes)

Título do livro: _____
 Editora: _____ Ano de publicação: _____
 livro na íntegra organização compilação capítulo
 Área da CI que o livro/capítulo mais se vincula: Produção da informação Organização da
 informação Disseminação da informação Uso da informação Outra: _____

Título do livro: _____
 Editora: _____ Ano de publicação: _____
 livro na íntegra organização compilação capítulo
 Área da CI que o livro/capítulo mais se vincula: Produção da informação Organização da
 informação Disseminação da informação Uso da informação Outra: _____

Título do livro: _____

Editora: _____ Ano de publicação: _____

livro na íntegra organização compilação capítulo

Área da CI que o livro/capítulo mais se vincula: Produção da informação Organização da informação Disseminação da informação Uso da informação Outra: _____

53.2. Além desses, você tem mais algum? Sim Não – **53.4.** Se Sim, quantos: _____

54. Algum outro tipo de publicação diretamente ligada a área de CI:

resenha artigo de jornal outro nenhuma - Quantas: _____

54.1. Área da CI que essas outras publicações se vincula(m):

Produção da informação Organização da informação Disseminação da informação

Uso da informação Outra: _____

55. Você fez alguma publicação diretamente ligada a sua tese/dissertação ? Sim Não

55.1. Caso afirmativo,

livro na íntegra capítulo de livro artigo de periódico Outra: _____

56. Você realiza ou já realizou pesquisa que esteja diretamente ligada a área de CI ? (*exceção da pesquisa de mestrado ou doutorado*) Sim Não

56.1. Caso afirmativo, cite: (*Cite no máximo as 2 mais atuais e/ou que você julgue mais importantes*)

Título da pesquisa: _____

Órgão financiador: _____ Período da pesquisa: _____ / _____ a _____ / _____

Pesquisa acadêmica Pesquisa de mercado Outra : _____

Motivo da pesquisa: _____

Título da pesquisa: _____

Órgão financiador: _____ Período da pesquisa: _____ / _____ a _____ / _____

Pesquisa acadêmica Pesquisa de mercado Outra : _____

Motivo da pesquisa: _____

56.2. Além dessas você desenvolveu mais alguma pesquisa ? Sim Não – Se sim quantas: _____

57. Sendo a área de CI considerada como um campo do conhecimento ainda em construção, quais as sugestões que você daria para o desenvolvimento da mesma enquanto campo de conhecimento:

58. Explícite no espaço abaixo aspectos não contemplados no questionário e que você gostaria de apontar: _____

APÊNDICE C - Tabulação dos dados do questionário

TABELA 1. Tempo de resposta do questionário

Sexo	T (min)
Masculino	49,2
Feminino	49,6
CONJUNTO	49,4

TABELA 2. Distribuição dos respondentes por sexo

Sexo	n	%
Masculino	19	42,2
Feminino	26	57,8
TOTAL	45	100

TABELA 3. Idade dos respondentes por intervalos

Intervalo (anos)	n	%
(-) de 29	2	4,4
de 29 a 36	14	31,1
de 36 a 42	7	15,6
de 42 a 48	6	13,3
de 48 a 55	7	15,6
55 e acima	7	15,6
Não-resposta	2	4,4
TOTAL	45	100

TABELA 4. Intervalo de idade relacionado ao sexo dos respondentes

Sexo	Média
Masculino	41,83
Feminino	42,4
CONJUNTO	42,16

TABELA 5. Relação entre sexo e faixa etária dos entrevistados

Sexo	Faixa Etária (anos)						NR	TOTAL
	(<) 29	29 a 36	36 a 42	42 a 48	48 a 55	(>) 55		
Masculino	1	6	3	2	2	4	1	19
Feminino	1	8	4	4	5	3	1	26
TOTAL	2	14	7	6	7	7	2	45

TABELA 6. Titulação recebida pelo PPGCI/UFMG

Título	n	%
Mestre	39	86,7
Doutor	6	13,3
TOTAL	45	100

TABELA 7. Relação entre titulação e renda mensal individual dos egressos

Titulação	Renda mensal (individual)								NR	TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(>) 30		
Mestre	4	5	7	7	4	1	2	0	8	39
Doutor	0	0	0	3	0	0	0	2	2	6
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

TABELA 8. Linha de pesquisa no PPGCI/UFMG dos respondentes

Linha	n	%
ICS	19	42,2
GIC	17	37,8
OUI	9	20,0
TOTAL	45	100

TABELA 9. Relação entre linha de pesquisa e a faixa salarial (SM) dos egressos

Linha	Faixa salarial								NR	TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(>) 30		
ICS	3	3	3	2	2	0	0	0	6	19
GIC	1	2	1	6	1	1	2	2	1	17
OUI	0	0	3	2	1	0	0	0	3	9
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

TABELA 10. Tempo de titulação dos egressos (mestres e doutores)

Intervalo (meses)	n	%
menos de 27	9	20,0
27 a 36	19	42,2
36 a 45	6	13,3
45 a 54	4	8,9
54 a 63	3	6,7
63 e acima	1	2,2
NR	3	6,7
TOTAL	45	100

TABELA 11. Tempo de titulação dos mestres

Intervalo (meses)	n	%
até 24	5	12,8
25 a 30	16	41,0
31 a 36	9	23,1
(+) de 37	6	15,4
NR	3	7,7
TOTAL	39	100

TABELA 12. Tempo de titulação dos doutores

Intervalo	n	%
(-) de 42	3	50,0
43 a 48	1	16,7
(+) de 49	2	33,3
TOTAL	6	100

TABELA 13. Faixa etária de titulação, mestres e doutores

Faixa etária (anos)	n	%
21a 25	0	0
26 a 30	7	15,6
31 a 35	14	31,1
36 a 40	4	8,9
41 a 45	4	8,9
46 a 50	12	26,7
(+) de 50	3	6,7
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 14. Distribuição dos que receberam bolsa de pesquisa

Bolsista	n	%
Sim	17	37,8
Não	28	62,2
TOTAL	45	100

TABELA 15. Agência financiadora de bolsas de pesquisa

Agência	n	%
CAPES	6	35,3
CNPq	4	23,5
FAPEMIG	5	29,4
Outra	1	5,9
NR	1	5,9
TOTAL	17	100

TABELA 16. Período de vigência das bolsas de pesquisa

Período	n	%
menos de 15	2	11,8
15 a 17	1	5,9
17 a 20	1	5,9
20 a 23	0	-
23 a 25	8	47,1
25 e acima	2	11,8
NR	3	17,6
TOTAL	17	100

TABELA 17. Relação entre o período de recebimento de bolsa de pesquisa e sexo dos egressos

Sexo	Média (meses)
Masculino	19,83
Feminino	23,38
CONJUNTO	21,86

TABELA 18. Realização de estágio ‘sandwich’ durante o curso

Estágio	n	%
Sim	0	0
Não	41	91,1
NR	4	8,9
TOTAL	45	100

TABELA 19. Curso de graduação realizado pelos egressos respondentes

Graduação	n	%
Administração	1	2,2
Arquitetura	1	2,2
Biblioteconomia	10	22,2
Ciência da Computação	2	4,4
Comunicação social	6	13,3
Comunicação visual	1	2,2
Economia	2	4,4
Educação Física	1	2,2
Engenharia civil	2	4,4
Engenharia de Sistemas	1	2,2
Engenharia Elétrica	2	4,4
Engenharia Industrial	1	2,2
Engenharia Química	1	2,2
Filosofia	1	2,2
História	3	6,7
Letras	1	2,2
Matemática	1	2,2
Museologia	1	2,2
Música	1	2,2
Pedagogia	1	2,2
Psicologia	4	8,9
TPD	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 20. Natureza do estabelecimento escolar onde se cursou a graduação

Natureza	n	%
Pública	35	77,8
Privada	10	22,2
TOTAL	45	100

TABELA 21. Realização de curso de pós-graduação lato sensu pelos egressos antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Curso	n	%
Sim	23	51,1
Não	22	48,9
TOTAL	45	100

TABELA 22. Realização de alguma outra pós-graduação stricto sensu

Curso	n	%
Sim	7	15,6
Não	37	82,2
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 23. Realização de algum curso de pós-graduação no momento da pesquisa

Cursando	n	%
Sim	13	28,9
Não	31	68,9
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 24. Curso de pós-graduação realizado no momento da pesquisa

Curso	n	%
Ciência da Informação	9	69,2
Musicologia	1	7,7
Literatura	1	7,7
História	1	7,7
Cooperativas de crédito	1	7,7
TOTAL	13	100

TABELA 25. Natureza do estabelecimento de ensino onde está se realizando o curso de pós-graduação no momento da pesquisa

Instituição	n	%
Pública	12	92,3
Privada	1	7,7
TOTAL	13	100

TABELA 26. Tipo de curso de pós-graduação realizado no momento da pesquisa

Nível	n	%
Especialização	1	7,7
Doutorado	12	92,3
TOTAL	13	100

TABELA 27. Motivação a realização da Pós-graduação no PPGCI/UFMG

Motivação	Ordem de Importância									NR	TOTAL
	1	2	3	4	5	6	7	8			
Estar diretamente ligada a minha área de formação	2	14	3	2	1	6	4	5	6	45	
Estar diretamente ligada a minha atuação profissional/aprimoramento profissional	4	6	8	1	1	2	6	6	11	45	
Buscar a resolução de problemas organizacionais	2	4	2	5	8	4	5	1	14	45	
Desejo de conhecer melhor a área de CI	4	4	2	1	1	3	4	6	19	45	
Participar de sistema de seleção com nº de candidato/vaga menor que em outros programas	2	0	3	3	2	1	2	5	27	45	
Programa aberto a diversos campos do conhecimento	1	1	1	6	0	1	2	0	33	45	
Possibilidade de docência	2	0	1	2	4	1	2	1	32	45	
Possibilidade de pesquisa e/ou docência na área de CI	1	0	0	1	4	0	0	0	39	45	
Outra	0	0	0	1	2	0	0	1	40	45	

TABELA 28. Inserção na área de CI antes da realização do curso no PPGCI/UFMG

Inserção	n	%
Sim	33	73,3
Não	12	26,7
TOTAL	45	100

TABELA 29. Forma de inserção na área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Relação	n	%
Arquivologia e/ou Biblioteconomia	12	36,4
Informação organizacional e/ou tecnológica	10	30,3
Desenvolvimento de pesquisa na área	3	9,1
Docência na área	3	9,1
Outro tipo	4	12,1
NR	1	3,0
TOTAL	33	100

TABELA 30. Disposição dos mestres em Ciência da Informação a realizarem o doutorado no PPGCI/UFMG

Resposta	n	%
Sim	15	38,5
Não	5	12,8
Talvez	8	20,5
Estou realizando	10	25,6
NR	1	2,6
TOTAL	39	100

TABELA 31. Motivações a realização do doutorado no PPGCI/UFMG

Motivo	Ordem de Importância					NR	TOTAL
	1	2	3	4	5		
Aprofundamento na área	7	11	1	1	0	19	39
Aprofundamento no tema	8	5	6	1	0	19	39
Qualidade do programa	4	1	7	27	0	0	39
Aproveitamento dos créditos	0	0	0	6	0	33	39
Bolsa de estudo	0	0	1	0	2	36	39

TABELA 32. Permanência na mesma linha de pesquisa no doutorado

Permanência	n	%
Sim	13	56,5
Não	1	4,3
Talvez	9	39,1
TOTAL	23	100

TABELA 33. Motivos para a não realização do doutorado no PPGCI/UFMG

Motivo	N	%
Conhecimento suficiente em apenas um nível	1	20,0
Desejo de estudar em outro país	1	20,0
Interesse em diálogo transdisciplinar	1	20,0
O Programa não aborda questões de meu interesse	2	40,0
TOTAL	5	100

TABELA 34. Características mais relevantes da formação no PPGCI/UFMG

Características	Ordem de importância						TOTAL
	1	2	3	4	5	NR	
Qualidade do corpo docente	10	19	7	2	2	5	45
Diálogo interdisciplinar	10	15	7	2	2	9	45
Possibilidades profissionais	12	2	10	3	1	17	45
Grade curricular	2	0	5	11	1	26	45
Outra	1	0	1	4	0	39	45

TABELA 35. Motivação apresentada pelos que realizaram conjuntamente o mestrado e o doutorado (ou esteja realizando) no PPGCI/UFMG

Motivação	Grau de motivação					TOTAL
	1	2	3	4	NR	
Aprofundamento na área de CI	2	5	1	1	2	11
Aprofundamento no tema	5	4	0	0	2	11
Qualidade do programa	1	0	4	2	4	11
Aproveitamento de créditos	2	2	0	0	7	11
Bolsa de estudo	1	3	0	0	7	11
Outra	1	1	0	0	9	11

TABELA 36. Motivação para a permanência ou não dos mestres na mesma linha de pesquisa no doutorado

Motivo	n	%
Aprofundar no tema	4	36,4
Mudanças no projeto/pesquisa	3	27,3
Outros	4	36,4
TOTAL	11	100

TABELA 37. Conceito em relação à formação recebida no PPGCI/UFMG

Conceito	n	%
Ótima	9	20,0
Boa	32	71,1
Regular	3	6,7
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 38. Relação entre conceito sobre a formação no PPGCI/UFMG e linha de pesquisa

Linha de Pesquisa	Conceito em relação à formação								TOTAL
	Ótima		Boa		Regular		NR		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
ICS	5	26,3	11	57,9	2	10,5	1	5,3	19
GIC	4	23,5	12	70,6	1	5,9	0	0,0	17
OUI	0	-	9	100,0	-	-	0	0,0	9
TOTAL	9	20,0	32	71,1	3	6,7	1	2,2	45

TABELA 39. Possibilidades de melhoria na formação oferecida pelo PPGCI/UFMG, na visão dos egressos

Atuação	Grau de importância							NR	Total
	1	2	3	4	5	6	7		
Melhor foco na delimitação das linhas de pesquisa	12	9	9	1	0	5	4	5	45
Realização de uma disciplina obrigatória de cada linha	6	4	5	10	5	5	2	8	45
Participação de professores visitantes	2	3	11	4	1	6	2	16	45
Intercâmbio entre os programas de CI	0	0	6	7	0	1	2	29	45
Implantação de um mestrado profissional	0	0	1	3	0	6	1	34	45
Outra	0	0	2	1	0	1	4	37	45

TABELA 40. Conceito em relação à interação entre o PPGCI/UFMG e os egressos

Relação	n	%
Ótima	1	2,2
Boa	16	35,6
Regular	7	15,6
Ruim	4	8,9
Péssima	1	2,2
Não sei	15	33,3
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 41. Possibilidade no avanço da área através da relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos

Resposta	n	%
Sim	37	82,2
Não	5	11,1
Não sei	0	0,0
NR	3	6,7
TOTAL	45	100

TABELA 42. Sugestões para uma melhor relação entre o PPGCI/UFMG e os egressos

Sugestão	Grau de importância							TOTAL
	1	2	3	4	5	6	NR	
Convite aos egressos para discussão sobre reestruturação curricular	5	12	5	10	4	1	8	45
Convite para eventos da área de CI ou correlata que venham a ocorrer na ECI	1	12	4	14	7	1	6	45
Informes sobre eventos da área de CI ou correlata a ocorrer em outros locais	5	8	8	11	6	0	7	45
Convite aos egressos para participação em eventos, na função de palestrantes, membros de mesa redonda, cursos e outros	8	1	13	1	6	1	15	45
Identificação e acompanhamento de egressos	6	2	4	1	9	1	22	45
Outra	3	0	1	0	2	5	34	45

TABELA 43. Atividade profissional dos egressos antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Ramo de atividade	n	%
Empresário	1	2,2
Profissional liberal	8	17,8
Servidor público	20	44,4
Empregado	14	31,1
Apenas estudante	1	2,2
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 44. Setor de atividade dos egressos antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Setor	n	%
Educação	15	33,3
Tecnologia da informação	7	15,6
Comunicação e Arte Gráfica	4	8,9
Arquivo e Biblioteca	7	15,6
Cultura	2	4,4
Engenharia/Indústria	4	8,9
Setor público	1	2,2
Saúde	1	2,2
Outros	2	4,4
NR	2	4,4
TOTAL	45	100

TABELA 45. Cargo/Função antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Cargo/Função	n	%
Professor / Pesquisador	9	20,0
Informata	7	15,6
Comunicólogo e Designer	4	8,9
Arquivista, Bibliotecário, Museólogo	10	22,2
Analistas organizacionais	10	22,2
Outros	3	6,7
NR	2	4,4
TOTAL	45	100

TABELA 46. Relação entre a atividade profissional desenvolvida com a área de CI antes do ingresso no PPGCI/UFMG

Relação	n	%
Sim	33	73,3
Não	11	24,4
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 47. Principais atividades desenvolvidas antes do ingresso no PPGCI/UFMG, que estavam ligadas à área de CI

Atividades	n	%
Tratamento da Informação	6	18,2
Arquivística, biblioteconomia e museologia	7	21,2
Docência e pesquisa na área de informação	2	6,1
Informação no contexto da Comunicação	4	12,1
Organizacional e de TI	10	30,3
NR	4	12,1
TOTAL	33	100

TABELA 48. Por que a atividade desenvolvida antes de ingressar no PPGCI/UFMG estava ligada à CI

Motivo	n	%
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas ao processo de tratamento da informação	8	24,2
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas a Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia	5	15,2
Porque desenvolvo atividades de docência na área de CI	2	6,1
Porque as atividades desenvolvidas contemplam uma interface da Informação com a Comunicação	4	12,1
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas com a informação no contexto organizacional	9	27,3
Porque as atividades desenvolvidas estão ligadas aos sistemas informatizados de informação	2	6,1
NR	3	9,1
TOTAL	33	100

TABELA 49. Atividade profissional durante o PPGCI/UFMG

Atividade	n	%
profissional liberal	6	13,3
servidor público	18	40,0
empregado	7	15,6
apenas estudante	12	26,7
outro	1	2,2
NR	1	2,2
TOTAL	45	100

TABELA 50. Setor de atividade durante o PPGCI/UFMG

Setor de atividade	n	%
Educação	11	24,4
Tecnologia da informação	5	11,1
Comunicação e Arte	2	4,4
Arquivo e Biblioteca	3	6,7
Cultura	1	2,2
Engenharia/Indústria	1	2,2
Setor público	1	2,2
Saúde	1	2,2
Outros	3	6,7
NR	17	37,8
TOTAL	45	100

TABELA 51. Cargo/Função durante o PPGCI/UFMG

Cargo/Função	n	%
Professor / Pesquisador	11	24,4
Informata	6	13,3
Comunicólogo e Designer	2	4,4
Arquivista, Bibliotecário, Museólogo	3	6,7
Analistas organizacionais	4	8,9
Outros	2	4,4
NR	17	37,8
TOTAL	45	100

TABELA 52. Vínculo da atividade desenvolvida durante o PPGCI/UMG com a área de Ciência da Informação

Vínculo	n	%
Sim	24	53,3
Não	8	17,8
NR	13	28,9
TOTAL	45	100

TABELA 53. Principais atividades desenvolvidas

Atividade	n	%
Tratamento da Informação	3	6,7
Arquivística, biblioteconomia e museologia	3	6,7
Docência e pesquisa na área de informação	5	11,1
Informação no contexto da Comunicação	2	4,4
Organizacional e de TI	8	17,8
NR	24	53,3
TOTAL	45	100

TABELA 54. Motivo pelo qual a atividade desenvolvida enquanto cursava o PPGCI/UFMG estava ligada a área de Ciência da Informação

Resposta	n	%
Atividades ligadas ao processo de tratamento da informação	7	15,6
Atividades ligadas a Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia	3	6,7
Atividades de docência na área de CI	3	6,7
Atividades que contemplam uma interface da Informação com a Comunicação	1	2,2
Atividades desenvolvidas ligadas com a informação no contexto organizacional	5	11,1
Atividades ligadas aos sistemas informatizados de informação	2	4,4
NR	24	53,3
TOTAL	45	100

TABELA 55. Desenvolvimento de atividade profissional ligada à formação na área de CI, no momento da pesquisa

Resposta	n	%
Sim	36	80,0
Não	9	20,0
TOTAL	45	100

TABELA 56. Relação entre bolsistas e o desenvolvimento de atividade profissional na área de CI no momento da pesquisa

Bolsista	Atividade profissional		
	Sim	Não	TOTAL
Bolsista	13	4	17
Não-bolsista	23	5	28
TOTAL	36	9	45

TABELA 57. Relação entre os que estavam inseridos na área de CI antes da realização do curso no PPGCI/UFMG e o exercício de atividade profissional ligado à área de CI no momento

Inserção	Atividade profissional em CI		
	Sim	Não	TOTAL
Sim	29	4	33
Não	7	5	12
TOTAL	36	9	45

TABELA 58. Relação entre os que fariam ou não o doutorado e o exercício de atividade profissional na área de CI no momento

Fariam o doutorado	Exercício de atividade profissional em CI		
	Sim	Não	TOTAL
Sim	11	4	15
Não	4	1	5
Talvez	7	1	8
Estou realizando	8	2	10
NR	1	0	1
TOTAL	31	8	39

TABELA 59. Setor de atividade dos que desenvolvem atividade profissional ligada a CI no momento da pesquisa

Setor	n	%
Educação	22	61,1
Tecnologia da informação	1	2,8
Comunicação e Arte	2	5,6
Arquivo e Biblioteca	5	13,9
Cultura	2	5,6
Engenharia/Indústria	1	2,8
Setor público	1	2,8
Saúde	0	-
Outros	1	2,8
NR	1	2,8
TOTAL	36	100

TABELA 60. Relação entre o setor de atividade dos que desenvolvem atividade profissional em CI no momento e a renda mensal individual

Setor de atividade	Faixa salarial (SM)								NR	TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30		
Educação	1	3	2	5	2	1	0	1	7	22
Tecnologia da informação	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Comunicação e Arte	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
Arquivo e Biblioteca	3	0	2	0	0	0	0	0	0	5
Cultura	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
Engenharia/Indústria	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Setor público	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Saúde	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Outros	0	2	1	2	0	0	1	1	3	10
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

TABELA 61. Cargo/função dos egressos que desenvolvem atividade profissional na área de CI no momento

Cargo/Função	n	%
Professor / Pesquisador	23	63,9
Informata	1	2,8
Comunicólogo e Designer	1	2,8
Arquivista, Bibliotecário, Museólogo	4	11,1
Analistas organizacionais	6	16,7
Outros	1	2,8
TOTAL	36	100

TABELA 62. Importância da formação em Ciência da Informação para o desenvolvimento da atividade profissional ligada à área, exercida no momento

Importância	n	%
Muito importante	26	72,2
importante	10	27,8
TOTAL	36	100

TABELA 63. Principais atividades desenvolvidas nos cargos/função ligadas a área de Ciência da Informação no momento

Atividades	n	%
Tratamento da Informação	4	11,1
Arquivística, biblioteconomia e museologia	4	11,1
Docência e pesquisa	18	50,0
Informação no contexto da Comunicação	1	2,8
Organizacional e de TI	4	11,1
NR	5	13,9
TOTAL	36	100

TABELA 64. Motivo pelo qual a atividade desenvolvida atualmente pode ser vinculada à Ciência da Informação

Motivo	n	%
Atividades ligadas ao processo de tratamento da informação	3	8,3
Atividades ligadas a Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia	6	16,7
Atividades de docência na área de CI	13	36,1
Atividades que contemplam uma interface da Informação com a Comunicação	1	2,8
Atividades desenvolvidas ligadas com a informação no contexto organizacional	6	16,7
Atividades ligadas aos sistemas informatizados de informação	2	5,6
NR	5	13,9
TOTAL	36	100

TABELA 65. Atividade profissional na área de CI desenvolvida no momento como principal ocupação profissional

Principal atividade	n	%
Sim	31	86,1
Não	4	11,1
NR	1	2,8
TOTAL	36	100

TABELA 66. Principal atividade profissional, caso a atividade ligada à área de CI não seja a principal

Setor	n	%
Educação	1	25,0
Tecnologia da informação	1	25,0
NR	2	50,0
TOTAL	4	100

TABELA 67. Principal cargo/função daqueles que a atividade profissional ligada à área de Ciência da Informação não é a principal

Cargo/Função	n	%
Professor / Pesquisador	1	25,0
Informatas	1	25,0
Outros	1	25,0
NR	1	25,0
TOTAL	4	100

TABELA 68. Área do conhecimento que a principal atividade desenvolvida, quando não da Ciência da Informação, está mais vinculada

Área	n	%
Ciência da Computação	1	25,0
Saúde	1	25,0
NR	2	50,0
TOTAL	4	100

TABELA 69. Setor de atividade dos que não desenvolvem atividade em CI

Setor	n	%
Tecnologia da informação	3	33,3
Educação	2	22,2
Gestão	1	11,1
Sem vínculo	2	22,2
NR	1	11,1
TOTAL	9	100

TABELA 70. Cargo/Função dos que não desenvolvem atividade em CI

Cargo/Função	n	%
Informata	3	33,3
Professor	2	22,2
Consultor	1	11,1
NR	3	33,3
TOTAL	9	100

TABELA 71. Área do conhecimento que a atividade exercida, que não se vincula à Ciência da informação, está vinculada

Área	n	%
Ciência da Computação	2	22,2
Educação Física	1	11,1
Comunicação	1	11,1
Administração	1	11,1
Arquitetura	1	11,1
NR	3	33,3
TOTAL	9	100

TABELA 72. Contribuição da formação em Ciência da Informação no desenvolvimento de alguma atividade após a conclusão do curso

Resposta	n	%
Sim	20	44,4
NR	25	55,6
TOTAL	45	100

TABELA 73. Contribuição da formação obtida no PPGCI/UFMG para o desenvolvimento de alguma atividade

Forma de contribuição	n	%
Aprimoramento da prática profissional	10	22,2
Fundamentação teórica	2	4,4
Possibilidade de docência	4	8,9
Pesquisa e diálogo interdisciplinar	4	8,9
NR	25	55,6
TOTAL	45	100

TABELA 74. Sugestões para uma melhor inserção dos profissionais de Ciência da Informação no mercado de trabalho

Sugestão	n	%
Melhor divulgação das práticas profissionais junto ao mercado	8	17,8
Melhor Desenvolvimento acadêmico	5	11,1
Formação mais voltada às questões empresariais	2	4,4
Interdisciplinaridade	2	4,4
NR	28	62,2
TOTAL	45	100

TABELA 75. Renda mensal individual dos egressos em salários-mínimos

Renda (SM)	n	%
até 05	4	8,9
05 a 07	5	11,1
07 a 10	7	15,6
10 a 15	10	22,2
15 a 20	4	8,9
20 a 25	1	2,2
25 a 30	2	4,4
(+) de 30	2	4,4
NR	10	22,2
TOTAL	45	100

TABELA 76. Renda mensal familiar dos egressos em salários-mínimos

Renda	n	%
até 05 SM	1	2,2
05 a 07	4	8,9
07 a 10	4	8,9
10 a 15	8	17,8
15 a 20	9	20,0
20 a 25	3	6,7
25 a 30	3	6,7
(+) de 30	5	11,1
NR	8	17,8
TOTAL	45	100

TABELA 77. Relação entre graduação e faixa salarial individual dos egressos

Curso	Faixa salarial (SM)									TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30	NR	
Administração	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Arquitetura	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Biblioteconomia	1	2	3	3	0	0	0	0	1	10
Ciência da Computação	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2
Comunicação social	1	0	0	1	0	0	1	0	3	6
Comunicação visual	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Economia	0	0	0	1	0	1	0	0	0	2
Educação Física	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Engenharia civil	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2
Engenharia de Sistemas	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Engenharia Elétrica	0	0	0	1	1	0	0	0	0	2
Engenharia Industrial	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Engenharia Química	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Filosofia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
História	1	0	0	0	0	0	0	0	2	3
Letras	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Matemática	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Museologia	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Música	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Pedagogia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Psicologia	0	1	0	1	2	0	0	0	0	4
TPD	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

TABELA 78. Relação entre os que desenvolvem atividade profissional em CI no momento e a faixa salarial individual

Atividade em CI	Faixa salarial (SM)									TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30	NR	
Sim	4	4	6	8	4	1	1	1	7	36
Não	0	1	1	2	0	0	1	1	3	9
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

TABELA 79. Exercício de docência na área de CI, atualmente ou em outro momento

Docência	n	%
Sim	29	64,4
Não	16	35,6
TOTAL	45	100

TABELA 80. Disciplinas exercidas na área de CI distribuídas por áreas

Área	n	%
Biblioteconomia	28	43,1
Ciência e Gestão da Informação e da Tecnologia	25	38,5
Metodologia da ciência	3	4,6
Arquivologia	6	9,2
Outras	3	4,6
TOTAL	65	100

TABELA 81. Cursos para os quais foram ministradas disciplinas da área de CI

Cursos	n	%
Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação	34	52,3
Ciência da Informação e Sistemas de Informação	18	27,7
Ciências Administrativas e Ciências Jurídicas	13	20,0
TOTAL	65	100

TABELA 82. Natureza do estabelecimento escolar onde as disciplinas da área de CI são (foram) ministradas

Natureza	n	%
Público	30	46,2
Privado	33	50,8
Público/Privado	1	1,5
NR	1	1,5
TOTAL	65	100

TABELA 83. Situação em relação ao exercício da docência das disciplinas em CI

Situação	n	%
Exerce	27	41,5
Exerceu	23	35,4
NR	15	23,1
TOTAL	65	100

TABELA 84. Nível de ensino em que as disciplinas se vinculam

Nível	n	%
Graduação	50	76,9
Pós-graduação	9	13,8
NR	6	9,2
TOTAL	65	100

TABELA 85. Relação entre exercício de docência na área de CI e renda mensal individual

Docência	Faixa salarial (SM)								NR	TOTAL
	até 05	05 a 07	07 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	(+) de 30		
Sim	2	4	4	6	3	1	1	1	7	29
Não	2	1	3	4	1	0	1	1	3	16
TOTAL	4	5	7	10	4	1	2	2	10	45

TABELA 86. Relação entre aqueles que receberam bolsa de pesquisa e docência na área de CI

Bolsista	Docência				TOTAL
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Bolsista	12	70,6	5	29,4	17
Não-bolsista	17	60,7	11	39,3	28
TOTAL	29		16		45

TABELA 87. Relação entre exercício de docência e linha de pesquisa dos egressos

Linha de Pesquisa	Exerce ou já exerceu docência em CI				TOTAL
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
ICS	11	57,9	8	42,1	19
GIC	10	58,8	7	41,2	17
OUI	8	88,9	1	11,1	9
TOTAL	29		16		45

TABELA 88. Relação entre graduação dos egressos e docência na área de CI

Curso	Docência		TOTAL
	Sim	Não	
Administração	1	0	1
Arquitetura	0	1	1
Biblioteconomia	9	1	10
Ciência da Computação	1	1	2
Comunicação social	3	3	6
Comunicação visual	1	0	1
Economia	2	0	2
Educação Física	0	1	1
Engenharia civil	2	0	2
Engenharia de Sistemas	1	0	1
Engenharia Elétrica	1	1	2
Engenharia Industrial	0	1	1
Engenharia Química	1	0	1
Filosofia	0	1	1
História	2	1	3
Letras	1	0	1
Matemática	1	0	1
Museologia	0	1	1
Música	0	1	1
Pedagogia	0	1	1
Psicologia	3	1	4
TPD	0	1	1
TOTAL	29	16	45

TABELA 89. Exercício de outras disciplinas em CI além das citadas

Resposta	n	%
Sim	13	44,8
Não	12	41,4
NR	4	13,8
TOTAL	29	100

TABELA 90. Importância da formação em CI para a disciplina lecionada na área

Conceito	n	%
Muito importante	19	65,5
Importante	5	17,2
Pouco importante	2	6,9
NR	3	10,3
TOTAL	29	100

TABELA 91. Interesse em exercer disciplina em CI, caso não exerça ou não tenha exercido

Resposta	n	%
Sim	15	93,8
NR	1	6,3
TOTAL	16	100

TABELA 92. Participação em eventos científicos/profissionais em CI

Participação	n	%
Sim	27	60,0
Não	18	40,0
TOTAL	45	100

TABELA 93. Relação ente curso de graduação dos egressos e participação em eventos científicos/profissionais em CI

Graduação	Participação		
	Sim	Não	TOTAL
Administração	1	0	1
Arquitetura	0	1	1
Biblioteconomia	7	3	10
Ciência da Computação	0	2	2
Comunicação social	4	2	6
Comunicação visual	0	1	1
Economia	1	1	2
Educação Física	0	1	1
Engenharia civil	1	1	2
Engenharia de Sistemas	1	0	1
Engenharia Elétrica	1	1	2
Engenharia Industrial	0	1	1
Engenharia Química	1	0	1
Filosofia	1	0	1
História	3	0	3
Letras	1	0	1
Matemática	1	0	1
Museologia	1	0	1
Música	0	1	1
Pedagogia	0	1	1
Psicologia	2	2	4
TPD	1	0	1
TOTAL	27	18	45

TABELA 94. Relação entre linha de pesquisa dos egressos e participação em eventos na área de CI

Linha de pesquisa	Participação em eventos na área de CI				
	Sim		Não		TOTAL
	n	%	n	%	
ICS	13	68,4	6	31,6	19
GIC	8	47,1	9	52,9	17
OUI	6	66,7	3	33,3	9
TOTAL	27		18		45

TABELA 95. Relação entre participação em encontros na área de CI e publicação na área

Eventos	Publicação		
	Sim	Não	NR
Sim	17	9	1
Não	8	9	1
TOTAL	25	18	2

TABELA 96. Distribuição dos eventos da área de CI em que houve participação dos egressos por áreas

Área	n	%
Ciência da Informação	22	48,9
Biblioteconomia	8	17,8
Arquivos, Bibliotecas e Museus	8	17,8
Gestão da Informação, Conhecimento e Tecnologia	7	15,6
TOTAL	45	100

TABELA 97. Eventos em CI em que houve participação dos egressos, segundo o tipo

Nível	n	%
Nacional	40	88,9
Internacional	5	11,1
TOTAL	45	100

TABELA 98. Apresentação de trabalho nos eventos da área de CI

Resposta	n	%
Sim	27	60,0
Não	18	40,0
TOTAL	45	100

TABELA 99. Trabalhos apresentados nos eventos em CI, por categoria

Categoria	n	%
Comunicação oral	11	40,7
Pôster	1	3,7
Mesa redonda	3	11,1
Palestrante	5	18,5
Outra forma	4	14,8
NR	3	11,1
TOTAL	27	100

TABELA 100. Publicação em anais dos trabalhos apresentados em eventos em CI

Resposta	n	%
Sim	16	59,3
Não	4	14,8
NR	7	25,9
TOTAL	27	100

TABELA 101. Natureza dos encontros em que houve participação na área de CI

Natureza	n	%
Encontro científico	16	59,3
Encontro Profissional	5	18,5
NR	6	22,2
TOTAL	27	100,0

TABELA 102. Outras participações em eventos da área de CI, além das citadas

Resposta	n	%
Sim	9	33,3
Não	9	33,3
NR	9	33,3
TOTAL	45	100

TABELA 103. Participação em eventos correlatos à CI

Resposta	n	%
Sim	20	44,4
Não	25	55,6
TOTAL	45	100

TABELA 104. Eventos em áreas correlatas à CI em que houve participação dos egressos

Área	n	%
Ciência da		
Computação	10	33,3
Comunicação	7	23,3
Administração	4	13,3
Ciências Sociais	3	10,0
Letras e Artes	4	13,3
Ciências Humanas	2	6,7
TOTAL	30	100

TABELA 105. Eventos em áreas correlatas à CI, por tipo

Nível	n	%
Nacional	27	90,0
Internacional	2	6,7
NR	1	3,3
TOTAL	30	100

TABELA 106. Apresentação de trabalho em eventos correlatos à CI

Apresentação	n	%
Sim	25	83,3
Não	4	13,3
NR	1	3,3
TOTAL	30	100

TABELA 107. Trabalhos apresentados em eventos correlatos à CI, por categoria

Tipo	n	%
Comunicação oral	13	43,3
Pôster	2	6,7
Mesa redonda	2	6,7
Palestrante	5	16,7
Outra forma	2	6,7
NR	6	20,0
TOTAL	30	100

TABELA 108. Publicação em anais dos trabalhos apresentados em eventos correlatos à CI

Publicação	n	%
Sim	22	73,3
Não	1	3,3
NR	7	23,3
TOTAL	30	100

TABELA 109. Relação dos eventos correlatos com a área de CI

Relação	n	%
Grande relação	13	43,3
Média relação	11	36,7
Pequena relação	3	10,0
Nenhuma relação	2	6,7
NR	1	3,3
TOTAL	30	100

TABELA 110. Relação entre participação em eventos correlatos à CI e linha de pesquisa dos egressos

Linha de pesquisa	Participação em eventos correlatos à CI				TOTAL
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
ICS	9	47,4	10	52,6	19
GIC	8	47,1	9	52,9	17
OUI	5	55,6	4	44,4	9
TOTAL	22		23		45

TABELA 111. Outras participações em eventos correlatos à área de CI, além das citadas

Participação	n	%
Sim	5	11,1
Não	11	24,4
NR	29	64,4
TOTAL	45	100

TABELA 112. Publicação de artigo da área de CI

Publicação	n	%
Sim	25	55,6
Não	18	40,0
NR	2	4,4
TOTAL	45	100

TABELA 113. Área do conhecimento dos periódicos em que houve publicação

Área	n	%
Ciência da Informação	25	80,6
Informática	1	3,2
Ciências Humanas	4	12,9
Gestão	1	3,2
Total	31	100

TABELA 114. Nível dos periódicos em que houve publicação dos egressos

Nível	n	%
Nacional	28	90,3
Internacional	2	6,5
NR	1	3,2
Total	31	100

TABELA 115. Artigos publicados da área de CI quanto a publicação em parceria

Autoria com outro (s) pesquisador (es)	n	%
Sim	17	54,8
Não	12	38,7
NR	2	6,5
Total	31	100

TABELA 116. Publicação dos egressos na área de CI ou outras áreas

Periódico de CI	n	%
Sim	23	74,2
Não	5	16,1
NR	3	9,7
Total	31	100

TABELA 117. Outras publicações em periódicos pertinentes à área de CI, além das citadas

Resposta	n	%
Sim	4	8,9
Não	11	24,4
NR	30	66,7
TOTAL	45	100

TABELA 118. Relação entre os que estavam inseridos na área de CI antes da realização do curso no PPGCI/UFMG e publicação de artigos da área de CI

Inserção	Publicação			
	Sim		Não	
	n	%	n	%
Sim	17	68,0	15	83,3
Não	8	32,0	3	16,7
TOTAL	25	100	18	100

TABELA 119. Participação em lista de discussão da área de CI

Resposta	n	%
Sim	16	35,6
Não	18	40,0
NR	11	24,4
TOTAL	45	100

TABELA 120. Publicação de livro ou capítulo ligado à área de CI

Resposta	n	%
Sim	9	20,0
Não	30	66,7
NR	6	13,3
TOTAL	45	100

TABELA 121. Outras publicações em forma de livro ou capítulo ligado à área de CI, além dos citados

Resposta	n	%
Não	4	8,9
NR	41	91,1
TOTAL	45	100

TABELA 122. Outro tipo de publicação diretamente ligada à área de CI

Publicação	n	%
Resenha	2	4,4
Artigo de jornal	3	6,7
Outro	4	8,9
Nenhuma	10	22,2
NR	26	57,8
TOTAL	45	100

TABELA 123. Publicação diretamente ligada à tese/dissertação

Resposta	n	%
Sim	23	51,1
Não	9	20,0
NR	13	28,9
TOTAL	45	100

TABELA 124. Forma da publicação da dissertação/tese

Publicação	n	%
Livro na íntegra	1	4,3
Capítulo de livro	4	17,4
Artigo de periódico	12	52,2
Outra	3	13,0
NR	3	13,0
TOTAL	23	100

TABELA 125. Realização de pesquisa na área de CI

Pesquisa	n	%
Sim	13	28,9
Não	23	51,1
NR	9	20,0
TOTAL	45	100

TABELA 126. Tipo de pesquisa realizada por egressos

Pesquisa	n	%
Acadêmica	13	28,9
Mercado	0	-
Outra	2	4,4
TOTAL	15	33

TABELA 127. Desenvolvimento de outras pesquisas além das citadas

Resposta	n	%
Sim	5	38,5
Não	6	46,2
NR	2	15,4
TOTAL	13	100

TABELA 128. Relação entre o desenvolvimento de pesquisa e docência na área de CI

Pesquisa	Docência		TOTAL
	Sim	Não	
Sim	9	4	13
Não	15	8	23
NR	5	4	9
TOTAL	29	16	45

TABELA 129. Sugestões para o desenvolvimento científico da área de CI

Sugestão	n	%
Pesquisa e fundamentação teórica	7	15,6
Publicação	2	4,4
Interdisciplinaridade	10	22,2
Melhor delimitação do campo e objeto de estudo	9	20,0
Desenvolvimento profissional	4	8,9
NR	13	28,9
TOTAL	45	100

TABELA 130. Relação entre os que exercem docência em CI, ou já exerceram, e sugestão para o desenvolvimento do campo

Docência	Sugestões para o desenvolvimento da área de CI												
	Interdiscipli_		Delimitação do		Pesquisa e		Desenvolvimento		Publicação		NR		TOTAL
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Sim	4	13,8	1	3,4	6	20,7	8	27,6	4	13,8	6	20,7	29
Não	3	18,8	1	6,3	4	25,0	1	6,3	0	0	7	43,8	16
TOTAL	7		2		10		9		4		13		45

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista com docentes que exerceram cargo de coordenação do PPGCI/UFMG

Entrevista semi-estruturada

Formação

1. Sob sua ótica, quais são os elementos motivadores (interesses e expectativas) que orientam aqueles que procuram o PPGCI/UFMG para realizarem seus cursos de pós-graduação ?
 - 1.1. Como são apresentados pelos discentes o confronto entre suas expectativas iniciais e a realidade acadêmica do Curso ?
2. Considerando a proposta de formação do PPGCI/UFMG quais as expectativas do mesmo em relação a seus egressos ?
 - 2.1. Sob a ótica do Programa, de que forma os egressos poderiam contribuir no desenvolvimento do campo científico da Ciência da Informação ?
3. Analisando a estrutura do PPGCI/UFMG indique quais são os pontos positivos e os pontos críticos em relação à formação oferecida ao corpo discente.
 - 3.1. Quais são, sob seu ponto de vista, as alternativas possíveis para sanar os pontos críticos?

Atuação profissional

4. Do seu ponto de vista, o fato de um profissional trabalhar com alguma atividade que lide com informação esta atividade por si o qualifica como um profissional da Ciência da Informação ? Caso negativo, quais são as atividades que permitem classificar a atuação profissional enquadrando-a na área de CI?
 - 4.1. Partindo do pressuposto de que o exercício/atividades das áreas do entorno interdisciplinar convergem com a CI, quais são os critérios a se utilizar para distinguir a atuação e a especificidade dos profissionais da área de CI estrito senso?

Desenvolvimento do campo científico

5. Na sua perspectiva, como se dá o desenvolvimento do campo científico de uma área do conhecimento ? E do campo da Ciência da Informação, como tem se efetivado no Brasil ?
 - 5.1. Como você avalia a inserção do PPGCI/UFMG no desenvolvimento da área de Ciência da Informação no Brasil ? Quais as contribuições você destacaria ?
6. Você gostaria de fazer alguma outra observação em relação às questões colocadas ?